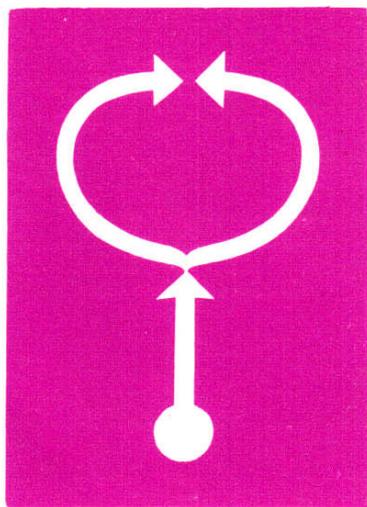


WILHELM
REICH

A
REVOLUÇÃO
SEXUAL

8^a
edição



ZAHAR



EDITORES

PSYCHE

WILHELM REICH

REVOLUÇÃO SEXUAL

Oitava edição

Tradução:
Ary Blaustein

ZAHAR EDITORES

RIO DE JANEIRO

Translated from *Die Sexuelle Revolution: Zur Charakterlichev Selbststeuerung des Menschen* published by Europäische Verlaganstalt in a new edition with corrections, © 1966 by Mary Boyd Higgins as trustee of The Wilhelm Reich Infant Trust Fund. Originally published in German as *Die Sexualität im Kulturkampf* copyright 1936 by SexpolVerlag, Kopenhagen. English language edition published by Farrar, Straus & Giroux, Inc. under the title *The Sexual Revolution: Toward a Self-Governing Character Structure*, copyright © 1945, 1962 by Mary Boyd Higgins as trustee of The Wilhelm Reich Infant Trust Fund.

© 1968 Zahar Editores

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada
desta publicação, no todo ou em parte,
constitui Violação do copyright. (Lei 5.988)

Edições brasileiras: 1969, 1974, 1976, 1977, 1978, 1980, 1981

Direitos exclusivos para a língua portuguesa Copyright by

ZAHAR EDITORES S.A.

Travessa do Ouvidor, 11

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040

1982-5 4 3 2

Reservados todos os direitos.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de partes do mesmo,

sob quaisquer formas ou por quaisquer meios

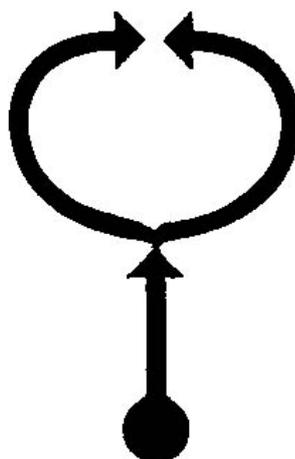
(eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, ou outros), sem permissão expressa da Editora.

Sumário

Prefácio da 4ª Edição (1949).....	7
Prefácio da 3ª Edição (1945).....	9
Prefácio da 2ª Edição (1936).....	12
PRIMEIRA PARTE O FIASCO DA MORAL SEXUAL.....	18
CAPÍTULO I	
OS FUNDAMENTOS CLÍNICOS DA CRITICA SEXUAL-ECONÔMICA.....	19
1. DO PRINCÍPIO MORAL AO ECONÔMICO-SEXUAL.....	19
2. UMA CONTRADIÇÃO DA TEORIA CULTURAL DE FREUD.....	22
a) Repressão sexual e abstinência impulsional.....	22
b) Satisfação e abstenção de impulsos.....	25
3. IMPULSO SECUNDÁRIO E REGULAMENTAÇÃO MORAL.....	28
4. "MORAL" SEXUAL-ECONÔMICA.....	31
CAPÍTULO II	
O FRACASSO DA REFORMA SEXUAL.....	34
CAPÍTULO III	
A INSTITUIÇÃO DO CASAMENTO COMO BASE	
DAS CONTRADIÇÕES DA VIDA SEXUAL.....	36
CAPÍTULO IV	
A INFLUENCIA DA MORAL SEXUAL CONSERVADORA.....	39
1. CIÊNCIA "OBJETIVA, APOLÍTICA".....	39
2. A MORAL DO CASAMENTO COMO EMPECILHO A QUALQUER REFORMA SEXUAL	
.....	45
3. O BECO SEM SAÍDA DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	51
CAPÍTULO V	
A FAMÍLIA COMPULSÓRIA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO.....	58
1. A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA SOCIAL.....	59
2. A ESTRUTURA TRIANGULAR.....	60
CAPITULO VI	
O PROBLEMA DA PUBERDADE.....	63
1. O CONFLITO DA PUBERDADE.....	63
2. EXIGÊNCIA SOCIAL E REALIDADE SEXUAL.....	65
3. UMA CONSIDERAÇÃO MÉDICA, NÃO-ÉTICA, SOBRE AS RELAÇÕES SEXUAIS DA	
JUVENTUDE.....	75

CAPÍTULO VII	
CASAMENTO COMPULSÓRIO E RELAÇÃO SEXUAL PERMANENTE.....	83
1. AS RELAÇÕES SEXUAIS PERMANENTES.....	84
2. O PROBLEMA MATRIMONIAL.....	90
SEGUNDA PARTE A LUTA PELA «NOVA VIDA» NA UNIÃO SOVIÉTICA.....	102
REAÇÃO SEXUAL NA RÚSSIA.....	103
CAPITULO I	
A "ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA".....	106
CAPITULO II	
A REVOLUÇÃO SEXUAL.....	110
1. LEGISLAÇÃO DE TENDÊNCIA PROGRESSISTA.....	110
2. OS OPERÁRIOS PREVINEM.....	113
CAPÍTULO III	
O REFREAMENTO DA REVOLUÇÃO SEXUAL.....	120
1. AS PRESSUPOSIÇÕES PARA O REFREAMENTO.....	120
2. MORALIZAR, EM VEZ DE RECONHECER E DOMINAR.....	122
3. CAUSAS OBJETIVAS DO REFREAMENTO.....	127
CAPÍTULO IV	
LIBERAÇÃO E REFREAMENTO DO CONTROLE DA NATALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE.....	130
1. CONTROLE DA NATALIDADE.....	130
2. A REINTRODUÇÃO DA CLÁUSULA DA HOMOSSEXUALIDADE.....	137
CAPÍTULO V	
O REFREAMENTO NAS COMUNAS DA JUVENTUDE.....	140
1. JUVENTUDE REVOLUCIONÁRIA.....	140
2. COMUNAS DA JUVENTUDE.....	141
3. PRESSUPOSIÇÕES ESTRUTURAIS NECESSÁRIAS.....	153
CAPÍTULO VI	
ALGUNS PROBLEMAS DA SEXUALIDADE INFANTIL.....	155
1. ESTRUTURAÇÃO COLETIVA.....	155
2. REESTRUTURAÇÃO NÃO-AUTORITÁRIA NO BEBÊ.....	158
3. FALSOS REVOLUCIONÁRIOS, EDUCAÇÃO PASTORAL.....	162
4. NOVAMENTE A QUESTÃO DOS DELINQUENTES.....	165
CAPÍTULO VII	
O QUE SE CONCLUI DA LUTA SOVIÉTICA POR UMA "NOVA VIDA".....	169

*Amor, trabalho e saber são as fontes
de nossa existência.
Deverão regê-la também.*



O redator do Garnrolle, que apresentou a pergunta: "Para que vivemos?", parece ter vontade de aventurar-se no emaranhado da Filosofia. Talvez tenha sido tomado por um grande temor ante a insignificância da existência humana. No primeiro caso, ainda bem; no segundo, muito mal. Isso pela seguinte razão: "Viver para viver" é a única resposta à pergunta feita, por esquisito e unilateral que isso possa parecer. Toda a finalidade, todo o sentido da vida, para o homem, consiste na própria vida, no processo da vida. A fim de apreender a finalidade e o sentido da vida, é preciso amar a vida por ela mesma, inteiramente; mergulhar, por assim dizer, no redemoinho da vida; somente então apreender-se-á o sentido da vida, compreender-se-á para que se vive. A vida é algo que, ao contrário de tudo criado pelo homem, não necessita de teoria; quem apreende a prática da vida também assimila a sua teoria.

(Do diário do aluno Kostya Ryabtsev)

Prefácio da 4ª Edição (1949)

Vinte anos se passaram desde que foi reunido o material da primeira parte deste livro na Áustria e entregue para publicação do "Muenster-Verlag" em Viena sob o título Geschlechtsreife, Enthalttsamkeit, Ehemoral. Vinte anos contam pouco no campo biológico; entretanto, nesta metade tormentosa do século XX a sociedade humana tem sido assolada por mais males que nos séculos anteriores. Podemos dizer que todos os conceitos estabelecidos pelo homem para a nítida compreensão de sua existência nestas últimas duas décadas começaram a liquefazer-se. Entre estes conceitos nenhum parece ter desmoronado mais do que o da moral sexual compulsória que, há ainda pouco mais de trinta anos, regia inabalável a vida humana. Estamos vivendo em meio a uma verdadeira reviravolta e inversão de todos os valores que se relacionam com a vida sexual humana. Entre estes os mais violentamente atingidos são os que se relacionam com a vida sexual infanto-juvenil.

Quando, em 1928, fundei em Viena a "Sociedade Socialista para o Conselho e Pesquisa Sexual", os direitos genitais das crianças e dos jovens eram tabu. Era inadmissível que os pais tolerassem jogos genitais infantis, muito menos ainda que os considerassem como exteriorizações de um desenvolvimento natural e sadio. A simples idéia de que os jovens satisfizessem sua necessidade de amor num abraço natural era horrenda. A difamação atingia aquele que apenas ousasse mencionar esses direitos. Na luta contra as primeiras medidas para a segurança da vida amorosa infanto-juvenil, grupos humanos que em outros campos se combatiam com ódio mútuo conciliavam: membros de igrejas de todas as confissões, socialistas, comunistas, psicólogos, médicos, psicanalistas etc. Nos meus consultórios sexual-higiênicos e nas reuniões de higiene mental, que ainda devem estar na lembrança de bom número de austríacos, apresentavam-se éticos e sofistas, que profetizavam o fim da humanidade baseados na imortalidade; políticos, que prometiam às massas de maneira irresponsável o céu sobre a terra, nos afugentavam de suas organizações porque defendíamos os direitos das crianças e dos jovens ao seu amor natural. Essa representação puramente médica das exigências biológicas teve naturalmente conseqüências graves imediatas para a totalidade da estrutura social e econômica da sociedade: moradias para jovens; subsistência assegurada para pais; reestruturação do caráter dos educadores; crítica de todas as tendências políticas que baseavam sua atividade e existência no desamparo essencial do homem; auto-suficiência interna básica do homem e, por conseguinte, das massas humanas; auto-orientação na educação infantil e, dessa forma, paulatinamente, a emancipação dos adultos; eram os primórdios originais duma reviravolta significativa na constituição biológica do homem.

A pressão exercida de todos os lados sobre esse trabalho social-higiênico era tão grande que resolvi transferir-me para a Alemanha. Em setembro de 1930, acabei com a minha florescente clínica médica em Viena, bem como com o magistério psicanalítico, e mudei-me para Berlim. Desde então, revi a Áustria uma única vez, em abril de 1933. Durante essa curta estada, por ocasião de uma reunião de estudantes universitários vienenses, pude tirar algumas conclusões do meu trabalho sobre o fascismo: a catástrofe alemã me pareceu, como psiquiatra e biólogo, resultado das massas humanas tornadas biologicamente indefesas, que haviam caído sob o domínio de alguns poucos bandidos sedentos de poder. Fiquei agradecido pela compreensão que encontrei na ocasião por parte da juventude acadêmica vienense. Não havia um único dos políticos dominantes que prestasse ouvidos a isso.

O problema da biologia do animal humano, desde então, cresceu desproporcionalmente. Hoje, em março de 1949, nos Estados Unidos da América, nos encontramos em meio à acirrada luta pelo reconhecimento da revolução biológica, que há alguns decênios tomou conta da humanidade. Neste ponto, seria demasiado entrar em detalhes. Uma única circunstância, no entanto, deve ser

acentuada energeticamente.

Aquilo que de 1920 a 1930 parecia tão estranho e perigoso na Áustria, hoje, em 1949, é assunto de debate público acalorado na América. A reviravolta deu-se aproximadamente em 1916 logo depois do término da Segunda Guerra Mundial. Assinalou-se Pelo fato de que os jornais traziam cada vez mais artigos em torno da naturalidade da auto-satisfação genital das crianças. O vasto movimento da higiene mental apoderou-se da consciência pública na América. Sabe-se hoje na América que o futuro da humanidade depende da solução da estrutura característica do homem. Nos últimos dois anos, especialmente, o slogan da auto-orientação na educação infantil alastrou-se enormemente e começa a avançar para as grandes massas. Evidentemente, existem aqui, como alhures, hipócritas sexuais em altos postos — funcionários públicos que se escandalizam quando ouvem falar em auto-orientação e que constituem a pior espécie de políticos sedentos de poder. No entanto, não se pode duvidar mais do avanço do movimento da- higiene mental em massa e da afirmação da sexualidade biológico-natural das crianças e dos jovens. Tal movimento não pode mais ser detido. A ideologia da negação da vida e a da sua afirmação contrapõem-se.

Não afirmo que a vitória já tenha sido conquistada. Ainda haverá choques e debates acirrados durante decênios. Declaro, entretanto, que a afirmação básica da vida amorosa natural se encontra em marcha e não pode mais ser detida, apesar de muitos inimigos poderosos do ser vivo. Até onde conheço, a América é também o único país em que "a vida, a liberdade e a busca da felicidade" ("life, liberty and the pursuit of happiness") são elementos básicos de sua constituição. Asseguro ao leitor também que estou plenamente consciente das correntes reacionárias nos Estados Unidos. Entretanto aqui, como em nenhum outro lugar, existe a possibilidade de lutar-se em favor da busca da felicidade e dos direitos do ser vivo. O livro de Alexander Neill, The Problem Family, que defende integralmente o princípio sexual-econômico na educação, vendeu milhares de exemplares imediatamente após a publicação. O presente livro, A Revolução Sexual, também antes havia sido aceito positivamente. Existem, na América, poderosas e reconhecidas organizações de pais e professores que defendem o princípio da auto-orientação, e conseqüentemente da economia sexual da criança. Nas universidades ensina-se o princípio da vida inclusive o elemento sexual; cá e lá existem hesitações, silêncio, inimizade mesmo, mas a higiene sexual das massas é uma realidade.

Eu gostaria de ter ampliado este livro, tornando-o atual, de acordo com o ponto de evolução do conhecimento de hoje. Mas tive que privar-me disso. As relações sexual-políticas da década de vinte formam uma imagem que constitui um todo integral; essa imagem ainda é essencialmente válida. Os conhecimentos científicos e médicos, colhidos a partir de 1930 no campo da economia sexual, foram publicados em trabalhos detalhados; agora está sendo planejada a publicação deste novo desenvolvimento em língua alemã. Apresento, assim, A Revolução Sexual em versão quase inalterada. É necessário salientar, enfaticamente, que há mais de 17 anos meu trabalho é independente de quaisquer tendências político-partidárias. Tornou-se agora uma obra que trata da vida humana e que freqüentemente entra em antagonismo marcante com a ameaça política à vida humana.

WILHELM REICH

Forest Hills, Nova York, em março de 1949

Prefácio da 3ª Edição (1945)

A presente 3ª edição do meu livro Die Sexualität im Kulturkampf (1ª edição 1930, 2ª edição, ampliada, 1936) aparece, graças aos grandes esforços do Dr. Theodore P. Wolfe, pela primeira vez em língua inglesa. Não contém quaisquer alterações das exposições pertinentes. Na terminologia, entretanto, foi necessário proceder a muitas modificações:

O movimento liberal europeu, em cujo contexto a matéria deste livro foi originalmente colhida entre 1918 e 1935, laborava no erro de que a orientação autoritária se confundia com o processo de vida da "burguesia" e a orientação liberal com o do "proletariado". O movimento liberal europeu esboroou-se neste erro fundamental. Os acontecimentos sociais dos últimos doze anos o corrigiram com ensinamentos sanguinolentos: Orientação autoritária e liberal nada têm que ver com os limites econômicos de classe, bem definidos. A ideologia de uma camada social não é um reflexo imediato de sua situação econômica. Às excitações emocional e mística das massas deve ser atribuído um significado no mínimo tão amplo, se não muito mais lato, na engrenagem social, do que aos interesses puramente econômicos. A prática da compulsão autoritária atravessa em todos os sentidos todas as camadas sociais de todas as nações, assim como o pensamento e a ação liberais. Não existem limites, no que concerne à estrutura do caráter, como existem limites de situação econômica ou de posição social. Não se trata de "lutas de classes" entre proletários e burgueses, como a Sociologia teórica mecanística preconiza. Não: trabalhadores liberalmente estruturados lutam contra trabalhadores autoritariamente estruturados e contra os parasitas da sociedade; membros liberalmente estruturados das camadas sociais mais elevadas lutam com o empenho de toda a sua existência pelo direito de todos os trabalhadores contra ditadores oriundos do proletariado. A Rússia Soviética, que surgiu dum revolução proletária, é hoje, 1944 — lamento profundamente ter que declará-lo — sexual-politicamente reacionária, ao passo que a América, que surgiu dum revolução burguesa, sexual-politicamente deve pelo menos ser classificada como progressista. Os conceitos sociais do século XIX, com sua definição puramente econômica, já não mais se aplicam à estratificação ideológica que vemos nas lutas culturais da sociedade humana do século XX. As lutas sociais, para reduzi-las à fórmula mais simples, hoje se travam entre os interesses da segurança e afirmação da vida e os interesses da destruição e repressão da vida. A questão de consciência social hoje não mais pergunta em primeiro lugar: "És pobre ou rico?", mas: "És e lutas pela segurança e liberdade máximas possíveis da vida humana? Fazes praticamente tudo ao teu alcance para tornar os milhões de massas humanas tão autônomos em pensamento, ação e modo de viver que a autonomia completa da vida social — e em tempo não muito remoto — se torne regra axiomática?"

Está completamente claro que a questão social básica, posta de tal forma concreta, é o funcionamento vivo de cada membro da sociedade, inclusive do mais pobre. E nesta conotação a importância, que tive que conceder à repressão sexual social há quinze anos, assume proporções gigantescas. A repressão da vida amorosa infanto-juvenil provou, graças às pesquisas da economia sexual e individual, ser o mecanismo básico da criação de indivíduos submissos e escravos econômicos. Portanto, não se trata mais de apresentar uma carteira de filiação partidária branca, amarela, preta ou vermelha para provar essa, aquela ou qualquer outra ideologia. Trata-se, inequivocamente sempre sem qualquer possibilidade de mistificação social, de se afirmar integralmente, de ajudar e assegurar, as manifestações livres e sadias da vida dos recém-nascidos, das crianças, dos adolescentes, das mulheres e dos homens, ou de se reprimi-las ou aniquilá-las, seja com que ideologia ou pretexto, seja no interesse deste ou daquele Governo, "proletário" ou "capitalista", seja ainda em nome desta ou daquela religião, judaica, cristã ou budista. Isso vale inequivocamente em qualquer lugar e enquanto houver vida, se é que se quer acabar de uma vez por todas com o embuste organizado das massas humanas trabalhadoras; se é que se quer demonstrar

pela ação que os ideais democráticos o são a sério.

A necessidade de uma modificação radical das condições de vida sexuais já permeou o pensamento social em geral e está-se alastrando rapidamente. A atenção compreensiva da vida amorosa infantil constantemente conquista círculos mais amplos. Embora a afirmação social da vida amorosa do adolescente ainda não exista na prática, embora a ciência educacional oficial ainda evite pegar nas "batatas quentes" apresentadas pelo problema sexual da puberdade, a idéia de que as relações sexuais do adolescente é uma exigência natural e lógica não parece mais tão horrenda como em 1929, quando a apresentei pela primeira vez. O sucesso desfrutado hoje pela economia sexual em tantos países deve-se aos inúmeros bons educadores e pais compreensivos para os quais as necessidades sexuais das crianças e dos adolescentes parecem completamente naturais e justificadas. É verdade que ainda existem a vergonha da legislação sexual medieval e tão nefastas instituições como os reformatórios, que fazem um mal desmedido. Mas foi aberto o caminho para a idéia racional da vida amorosa infanto-juvenil.

Um novo período de esclarecimento terá que lutar contra os poderosos resquícios do irracionalismo medieval. É certo que ainda existem representantes da "degeneração hereditária" e da "criminalidade inata"; mas o reconhecimento da motivação social do crime e da doença emocional está-se difundindo cada vez mais. É certo que ainda há muitos médicos que recomendam amarrar as mãos das crianças para evitar o onanismo (masturbação); mas já se escreve muito contra isso na imprensa diária. Certo é que muitos jovens ainda vão parar nos reformatórios porque exercem funções amorosas naturais; mas já existem muitos juízes que sabem que tal legislação e tais instituições são crimes sociais. Certo é que ainda existem ampla moralidade e intromissão religiosa que condena a sexualidade natural como obra do diabo; mas há um número cada vez maior de estudantes de Teologia que realizam serviço social prático sem dar importância a esse falso moralismo. Já existem até mesmo bispos que defendem o controle da natalidade, embora o limitem ao matrimônio legal. É verdade que muitos jovens ainda sofrem as conseqüências ruins da difícil luta pela felicidade amorosa; mas já acontece que um pai é admoestado publicamente pelo rádio quando amaldiçoa a filha por ter dado à luz uma criança sem a respectiva certidão de casamento. É verdade que ainda existem leis compulsórias de matrimônio que possibilitam fazer do casamento um caso de chantagem, mas a repulsa a tais leis e processos de divórcio cresce e está-se generalizando cada vez mais.

O que estamos vivendo é uma revolução real e de alcance profundo da vida cultural, a qual ocorre sem desfiles, uniformes, medalhas, rufarem de tambores ou salvas de canhões; mas as suas vítimas não são em menor número do que as das guerras civis de 1818 ou 1917. Os sentidos do animal humano para as suas funções vitais naturais estão despertando de sono secular. A reviravolta em nossa vida atinge a raiz de nossa existência emocional, social e econômica.

As reviravoltas na vida familiar, o calcanhar de Aquiles da sociedade, realizam-se de forma caótica. São caóticas porque nossa estrutura familiar autoritária, herdada do antigo patriarcado, foi profundamente abalada e se encontra em via de dar lugar a uma forma familiar melhor e mais natural. Este livro não condena as relações familiares de origem natural, ataca, porém, a forma autoritária da família, preservada por leis rígidas, pela mentalidade reacionária e pela opinião pública irracional. Os acontecimentos na União Soviética no decorrer da revolução social, depois de 1917, dos quais tratamos na segunda parte deste livro, mostram o caráter emocional e socialmente perigoso dessas reviravoltas. A crise da família que a Rússia Soviética tentou resolver num curto espaço de tempo, na década de 1920, ocorre agora em todo o mundo, de modo muito mais lento, mas também muito mais radical. Quando falo de "revolução de alcance profundo da nossa vida cultural", refiro-me principalmente à substituição das autoridades patriarcal-autoritárias pela forma natural familiar. Entretanto, é precisamente essa forma natural de relações entre marido e mulher ou entre pais e filhos que tem que lutar contra obstáculos extremamente perigosos.

A palavra revolucionário nesta, como em outras obras sexual-econômicas, não significa o uso

de dinamite, mas o uso da verdade; não significa reuniões secretas e a distribuição de folhetos clandestinos, mas advertência aberta e pública da consciência humana sem tergiversações ou pretextos; não significa gangsterismo político, execuções, nomeações, assinaturas ou rompimentos de pactos, mas significa "racionalmente revolvente, agarrando as coisas pela raiz". A economia sexual é revolucionária no sentido das reviravoltas causadas pela descoberta dos micróbios e da vida psíquica inconsciente, na Medicina; da descoberta das leis mecânicas e da eletricidade, na técnica; da descoberta da existência da força produtiva, da força de trabalho, na Economia. A economia sexual age de forma revolvente porque revela as leis da formação do caráter do homem e porque baseia os esforços humanos no sentido da liberdade não mais em slogans empíricos, mas nas leis funcionais da energia biológica. Somos revolucionários por encararmos o processo da vida com os métodos da Ciência Natural, e não de maneira mística, mecanística ou política. A descoberta da energia orgânica cósmica, que funciona nos organismos vivos como energia biológica, dá às nossas aspirações sociais um fundamento sólido na Ciência Natural.

O desenvolvimento da nossa época, em toda parte, é no sentido de uma comunidade planetária dos cidadãos terrestres e de um internacionalismo sem condições e sem restrições. O domínio dos povos pelos políticos deve ser substituído pela orientação científica dos processos sociais. O que importa é a sociedade humana, não o Estado. O que importa é a verdade, não a tática. A Ciência Natural enfrenta seu maior problema: assumir finalmente e definitivamente a responsabilidade pelo destino futuro desta humanidade atormentada. A política desgastou-se definitivamente. Os naturalistas terão, quer queiram, quer não, que assumir a direção dos processos de vida social, e os políticos aprenderão, por bem ou por mal, a prestar serviço útil. Auxiliar a afirmação da nova ordem de vida racional e científica, pela qual em toda parte se luta encarniçadamente, tornar o seu nascimento e seu crescimento mais indolores e menos sacrificados é uma das tarefas desta obra. Quem, no sentido do ser vivo, for digno e socialmente cômico de suas responsabilidades, não pode deixar de compreender isso, nem o usará indevidamente.

WILHELM REICH

Novembro de 1944

Prefácio da 2ª Edição (1936)

Em outubro de 1935, trezentos dos mais afamados psiquiatras chamaram o mundo à razão. A Itália acabava de invadir a Abissínia. Milhares de pessoas, entre os quais mulheres, anciãos e crianças, foram trucidadas, indefesas. Obtinha-se uma idéia das proporções do assassinato em massa em caso de uma nova, guerra mundial.

O fato de uma nação como a italiana, em que massas da população passavam fome, seguir com tanto fanatismo o chamado às armas, sem qualquer rebelião, já estava sendo esperado, mas não é compreensível. Serviu para reforçar a crença geral de que não somente o mundo em alguns lugares é governado por indivíduos nos quais os psiquiatras têm forçosamente de descobrir sintomas de doença mental; mais ainda, os homens de toda parte do mundo na realidade são mentalmente enfermos; reagem mentalmente de forma anormal, acham-se em conflito com os seus próprios desejos e possibilidades reais. Eis alguns sintomas de reações anormais: morrer de fome na abundância; expor-se ao frio, à chuva e à neve, apesar da abundância de carvão, máquinas de construção, milhões de quilômetros de área livre etc.; acreditar que um poder divino de longas barbas brancas rege tudo e que se está à mercê desse poder, para o bem ou para o mal; matar pessoas inocentes com entusiasmo e acreditar ter de conquistar uma terra da qual nunca ouviu falar; andar esfarrapado e ao mesmo tempo sentir-se como representante da "grandeza da nação" a que se pertence; querer a sociedade sem classes e considerá-la a "comunidade do povo" com os caçadores de lucros; esquecer o que prometeu um político antes de se tornar líder da nação; delegar a qualquer indivíduo, mesmo que seja um chefe de Estado, um poder quase absoluto sobre a própria vida e destino; não ser capaz de pensar que também os tais grandes líderes do Estado dormem, comem, têm distúrbios sexuais, satisfazem suas necessidades orgânicas, são dominados por impulsos emocionais inconscientes e incontrolados, exatamente da mesma forma que os simples mortais; considerar o castigo das crianças no interesse da "cultura" coisa evidentemente normal; negar a felicidade da união sexual a jovens na flor da idade. Poder-se-ia continuar ao infinito.

O apelo dos 300 psiquiatras foi uma ação pragmática por parte de uma ciência que geralmente se considera não-pragmática. Mas essa ação foi incompleta. Não atacou as raízes dos fenômenos que estavam corretamente sendo apontados. Não formulou a pergunta a respeito da natureza da enfermidade mental do homem de hoje. Não perguntou pelas causas da imensurável disposição ao sacrifício da massa em prol dos interesses de alguns poucos politikeiros. Não estabeleceu a diferença entre a satisfação real das necessidades e a satisfação ilusória proporcionada pelo entusiasmo nacionalista, satisfação bem próxima do estado extasiado dos fanáticos religiosos. A fome e miséria das massas, juntamente com a produtividade crescente da economia, em vez de levar à planificação econômica racional da vida, levou à afirmação da fome e à deterioração espiritual da própria massa trabalhadora. O movimento liberal ficou em segundo plano. O problema aqui não é a psicologia dos homens de Estado, mas a das massas.

Os estadistas de hoje são irmãos, amigos, primos, sogros, dos grandes capitalistas ou dos ditadores. O fato de que a massa dos homens que pensam, isto é, dos homens cultos e instruídos, não se apercebe disso, nem reage de forma adequada, é que constitui o problema. Não pode ser resolvido por "investigações psicodiagnósticas" individuais. As perturbações mentais, entre as quais o embotamento do pensamento racional, a resignação, a vassalagem, a crença incondicional na liderança etc., são reduzidas à expressão mais simples, é a manifestação de urna harmonia perturbada da vida vegetativa, especialmente da sexual, provocada pela mecanização social da vida.

As grotescas visões dos doentes mentais são apenas distorções toscas e ampliações do comportamento místico-crente, como o de massas populacionais que procuram evitar a guerra por meio de preces. Nos manicômios do mundo, que abrigam cerca de quatro em cada mil pessoas, não

se dá mais atenção à regulamentação da vida sexual do que na política. Na ciência oficial, o capítulo Sexualidade ainda não foi escrito. Apesar disso, hoje não se pode duvidar mais da causa de reações psíquicas anormais pela orientação doentia de energia sexual insatisfeita (= excitação do vago).

Vamos, portanto, à raiz da doença psíquica da massa, quando enfrentamos a questão da regulamentação social da vida sexual do homem.

A energia sexual é a energia biológica construtora do aparelho psíquico que constitui a estrutura sensorial e de pensamento humana. "Sexualidade" (fisiologicamente, função do vago) é simplesmente a energia vital produtiva. Sua repressão significa, não somente no campo médico, mas de forma ampla e geral, perturbação das funções vitais fundamentais; a expressão socialmente mais importante desse fato é a ação ineficaz (irracional) do homem, sua loucura, seu misticismo, sua disposição para a guerra etc. A política social deve, portanto, partir da pergunta: Por que motivo se reprime a vida amorosa humana?

Procuremos resumir brevemente de que maneira a economia sexual estabelece a relação entre a vida mental humana e a ordem econômica social. As necessidades humanas são formadas, transformadas e especialmente também subjugadas pela sociedade; assim se forma a estrutura psíquica do homem. Essa estrutura não é inata, mas se desenvolve em cada membro isolado da sociedade no decorrer da luta constante entre necessidade e sociedade. Não existe uma estrutura de impulsos inata; essa estrutura é adquirida no decorrer dos primeiros anos de vida. Inata é apenas uma maior ou menor quantidade de energia. Pela influência da abstenção sexual surge a estrutura do vassalo, que ao mesmo tempo obedece servilmente e se rebela. Queremos o homem "livre"; temos que saber, portanto, não somente como é que foi estruturado o homem de hoje, mas também como os homens livres devem ser estruturados, que forças devem ser utilizadas para tal fim.

O âmago da psicologia político-prática é a política sexual; pois o âmago do funcionamento mental é a função sexual. Isso lá está provado pela literatura e pelo cinema: 90% de todos os romances, de toda a arte poética lírica, 99% de todos os filmes e peças de teatro são produções que apelam para necessidades sexuais não-satisfeitas.

As necessidades biológicas, a alimentação e o desejo sexual, determinam fundamentalmente a necessidade da organização social dos homens. As "relações de produção" assim criadas modificam as necessidades fundamentais, sem, no entanto, jamais matá-las, e assim criam novas necessidades. As modificadas e recém-criadas necessidades, por sua vez, determinam o desenvolvimento posterior da produção, dos meios de produção (ferramentas e máquinas) e conseqüentemente o das relações sócio-econômicas dos homens entre si. Com base nessas relações de produção dos homens entre si desenvolvem-se certos conceitos em torno da vida, da moral, da filosofia etc. Tais conceitos correspondem aproximadamente à situação do desenvolvimento técnico num determinado momento, isto é, à capacidade de compreender-se profundamente a existência humana. A "ideologia" social assim estabelecida, por seu lado, forma a estrutura humana. Desse modo, torna-se uma força material, conservando-se na estrutura do homem como "tradição". O desenvolvimento posterior depende inteiramente de que a sociedade como um todo participe da produção da ideologia social, ou de que apenas uma minoria o faça. Se uma minoria detém o poder político, detém também o poder da produção ideológica e da formação da estrutura geral. Conseqüentemente, na sociedade autoritária, o pensamento dos homens corresponde aos interesses dos potentados políticos e econômicos. Em contrapartida a isso, na sociedade democrático-trabalhista, na qual não existem interesses de poder duma minoria, a ideologia social produzida corresponderia aos interesses vitais de todos os membros da sociedade.

Até aqui considerava-se a ideologia social somente uma soma de conceitos que se formavam "na cabeça dos homens" sobre o processo econômico. Depois da vitória da reação política alemã na mais profunda das crises, e depois das experiências do comportamento irracional das massas, a

ideologia não pode mais ser considerada como um simples reflexo das condições econômicas. Desde que uma ideologia se apodera e forma a estrutura do homem, torna-se uma força material e social. Não há processo sócio-econômico de significado histórico que não se baseie na estrutura psíquica das massas e que não se manifeste no modo de comportamento das massas. Não existe a rigor um "desenvolvimento das forças de produção em si", mas somente um desenvolvimento da inibição da estrutura humana, do seu pensamento e do seu sentimento, baseado em processos econômico e social. O processo econômico, isto é, o desenvolvimento das máquinas, é funcionalmente idêntico ao processo da estrutura psíquica dos homens que o criam, move, param e são por ele influenciados. A economia sem uma estrutura humana emocional ativa é inconcebível; o mesmo acontece com o sentimento, pensamento ou ação humano sem base e consequência social. A unilateralidade de ambos os conceitos leva ao psicologismo ("Somente as forças psíquicas dos homens fazem história") bem como ao economismo ("Somente o desenvolvimento técnico faz história"). Dever-se-ia falar menos em dialética e compreender melhor as inter-relações vivas e cambiantes entre grupos de pessoas, natureza e máquinas. Elas funcionam como uma unidade e ao mesmo tempo condicionam-se umas às outras; mas, em hipótese alguma, será possível dominar-se o atual processo cultural praticamente se não se compreender que a estrutura psíquica é, em seu âmago, a estrutura sexual, e que o processo cultural é primordialmente um processo de necessidade sexual, que se desenrola condicionado pela preservação da vida.

A vida sexual, pequena, aflita e propaladamente "apolítica" do homem deve ser investigada e dominada, em princípio, em entrosamento com as questões da sociedade autoritária. A alta política na realidade não se desenrola na hora do café dos diplomatas, mas nessa pequena vida cotidiana. É por isso que a consciência social da vida cotidiana é indispensável. Se todos os 1.800 milhões de habitantes da Terra compreendessem a atividade dos cem principais diplomatas, tudo estaria bem; não haveria orientação da sociedade e regulamentação da satisfação das necessidades humanas de acordo com os interesses armamentistas e as exigências políticas. Entretanto, esses 1.800 milhões de pessoas não poderão controlar o seu próprio destino enquanto não tiverem consciência de sua própria e modesta vida pessoal. As forças internas que as impedem chamam-se moral sexual e misticismo religioso.

A ordem econômica dos últimos 200 anos modificou muito a estrutura humana; no entanto, essa modificação é insignificante, comparada com o amplo empobrecimento humano, desde que há milênios este mundo foi assolado pela supressão da vida natural, especialmente da sexualidade natural. A subjugação milenar da vida impulsiva criou o solo para o temor psicológico das massas à autoridade e a submissão a esta, para a incrível humildade, de um lado, e a brutalidade sadista, de outro lado, e foi com base nisso que a economia de lucros capitalista dos últimos 200 anos pôde expandir-se e sobreviver. Não esqueçamos, contudo, que foram processos sociais e econômicos que, há milhares de anos, deram início a essa modificação da estrutura humana. Não se trata mais, pois, do problema de uma indústria de máquinas de 200 anos de idade, mas de uma estrutura humana de cerca de 6.000 anos, que até hoje demonstrou ser inadequada para colocar as máquinas a seu serviço. Por grandiosa e revolucionária que tenha sido a descoberta das leis da economia capitalista, ela sozinha não tem poder suficiente para resolver o problema da submissão do homem à autoridade. Embora, em todos os lugares, grupos de homens, partes das classes subjugadas, lutam por "pão e liberdade", a maioria predominante fica de lado e reza, ou luta pela liberdade do lado dos subjugadores. Que esta massa sofre miséria inaudita, ela mesma a experimenta diariamente e a todo momento. O fato de se querer dar a ela apenas pão, e não todos os prazeres da vida, fortalece a sua humildade. O que a liberdade de fato é, pode ser ou poderá chegar a ser, até agora não foi explicado às massas concretamente de forma compreensível. Não lhe foram apresentadas as possibilidades de uma felicidade geral de vida de maneira palpável. Onde isso foi tentado, foi feito em forma de divertimento patológico, permeado de sentimento de culpa, modesto, dos botequins e dos mafuás da pequena-burguesia. O cerne da felicidade da vida é a felicidade sexual. Nisso, pessoa alguma com algum peso político ousou tocar. A sexualidade era um assunto particular e nada tinha que ver com políticas conforme a, opinião geral. A reação política pensa diferente!

O tradutor francês do meu livro Geschlechtsreife, Enthaltbarkeit, Ehemoral (La crise sexuelle, Paris, 1934) confronta o marxismo freudiano com o marxismo e acha que a maneira de pensar especificamente psicanalítica modifica o questionário marxista. "Para Reich", escreve ele, "a crise sexual não é, em primeiro lugar, resultado do conflito entre a moral e o capitalismo decadente, de um lado, e as novas tendências sociais, a nova moral proletária, do outro, mas o resultado do conflito entre as eternas necessidades sexuais naturais e a ordem social. capitalista."

Tais objeções são sempre instrutivas e produtivas. Sua ponderação leva sempre a maior precisão e ampliação da formulação original.

O crítico aqui faz distinção entre a diferença de classes e o conflito entre necessidade e sociedade. Não obstante, esses dois elementos opostos são explicáveis como um todo e não podem ser simplesmente vistos em sua antítese. É verdade que, embora encarada objetivamente do ponto de vista classista, a crise sexual é uma manifestação do conflito entre o declínio capitalista e a ascensão revolucionária. Ao mesmo tempo, é a manifestação do conflito entre a necessidade sexual e a sociedade mecanística. Como é possível conciliar isso? Muito simplesmente; o fato do próprio crítico não ter encontrado a solução pode ser explicado em virtude da distinção rigorosa entre o lado subjetivo e o objetivo do fenômeno social ser incomum, embora axiomática: objetivamente a crise sexual é uma manifestação da diferença de classes; mas como é que ela se manifesta subjetivamente? Que quer dizer essa "nova moral proletária"? A moral capitalista de classes é contra a sexualidade e cria, assim, primeiro o conflito; o movimento revolucionário elimina o conflito, criando primeiro uma ideologia afirmativa sexual, e fortalecendo depois também legislativamente e por nova regulamentação a defesa da nova vida sexual. Isto é, o capitalismo e a repressão social sexual estão num lado, enquanto a "moral" revolucionária e a satisfação das necessidades sexuais estão no outro lado. Quando falamos de "nova moral revolucionária" não dizemos nada; essa nova moral se torna concreta apenas pelo fato de ter regulamentada a satisfação das necessidades, e não somente no campo da sexualidade. Se a ideologia revolucionária não reconhece que é este — entre outras coisas — seu conteúdo concreto, apesar de falar de nova moral, fica na realidade atolada em fatos antigos. Esse conflito pode ser demonstrado nitidamente na ideologia e realidade da União Soviética. Se a nova moral deve ter algum sentido só pode ser o de tornar desnecessária a regulamentação moral e estabelecer a auto-regulamentação da vida social. No roubo, ou seja, na moral contra o roubo, isso se torna insofismavelmente visível, podendo assim ser transportado para a prática: Quem não passa, fome não tem necessidade de roubar e portanto não necessita de nenhuma moral que o impeça. A mesma lei fundamental se aplica também à sexualidade: Quem vive satisfeito não sente impulso para violentar e também não necessita de uma moral contra tal impulso. A "auto-regulamentação econômico-sexual" entra no lugar da regulamentação normativa. O comunismo, em conseqüência da ignorância das leis da sexualidade, procura conservar a forma da moral burguesa e modificar os seus conteúdos; surge, na União Soviética, por assim dizer, uma "nova moral" que substitui a velha. Fatualmente, isso é inexato. Assim como o Estado não modifica apenas a sua forma, mas "desaparece" completamente (Lénin), assim também a moral compulsiva não somente modifica a sua forma, mas igualmente desaparece.

O segundo equívoco do nosso crítico consiste em acreditar que assumimos uma sexualidade absoluta, que entra em conflito com a sociedade hodierna. É, por exemplo, um erro básico da Psicanálise considerar os impulsos como fenômenos biológicos absolutos; mas isso não se deve à natureza da Psicanálise, que é especificamente dialética, mas ao pensamento mecanístico dos analistas, que, por outro lado, como sempre, é limitado por teses metafísicas. Os impulsos também surgem, modificam-se e desaparecem. Os espaços de tempo, no entanto, em que se realizam as modificações biológicas são de tal forma dilatados, ao passo que os dos processos sociais são tão reduzidos em relação às primeiras, que estas nos impressionam como fenômenos absolutos, aqueles, porém, como relativos e transitórios. Para o exame dos processos sociais concretos, estritamente limitados no tempo, basta a constatação de um conflito entre um impulso biológico dado e a maneira como a ordem social o trata. Para as leis biológicas do processo sexual com suas épocas

seculares, isso de forma alguma basta; têm que ser elaboradas nitidamente a relatividade e a mutabilidade impulsional. Se temos, pois, que tomar o processo de vida dos indivíduos como primeira premissa de todo fenômeno social, basta presumir que a vida, com as suas necessidades, existe. Mas essa própria vida não é absoluta, ela surge e desaparece já na forma da sucessão de gerações e, simultaneamente, é preservada na formação das células sexuais, que seguem vivendo de geração para geração. A vida como um todo é — até onde são levadas em conta épocas cósmicas — algo que surgiu do enorgânico e que, se a teoria da mutabilidade do curso dos astros for verdadeira, se transformará novamente em coisa inorgânica, isto é, desaparecerá como um todo — premissa compulsória do pensamento dialético. Talvez nenhum outro ponto de vista seja mais bem adequado para transmitir o integral reconhecimento de como são infinitamente pequenas e insignificantes as ilusões dos homens sobre a sua tarefa "mental" e "transcendental", e como é preponderante o entrosamento da vida vegetativa humana com a da natureza. Isso poderia ser interpretado de forma que as lutas sociais parecessem insignificantes em comparação com os processos cósmicos dos quais o homem e a sociedade são apenas uma parte bem pequena; como é ridículo, poder-se-ia dizer, que homens se matem uns aos outros para acabar com o desemprego ou para guindar Hitler ao poder e em seguida promovam procissões nacionalistas de graças, quando no espaço se movem as estrelas, e por isso seria bem mais racional que se dedicassem ao gozo da natureza. Tal interpretação seria errônea, pois justamente o ponto de vista naturalista é contra a reação e a favor da democracia do trabalho; a primeira procura comprimir o cosmos infinito e o sentimento da natureza, pelo qual é refletido nos seres humanos, no arcabouço da idéia infinitamente pequena da abstinência sexual e sacrifício para fins patrióticos, o que nunca poderá suceder; a democracia do trabalho por sua vez experimenta — como ideologia — enquadrar a vida humana infinitamente pequena e sua vida social na órbita infinitamente grande do processo natural geral; procura eliminar o conflito criado por um "desenvolvimento errôneo" da natureza — 6.000 anos de exploração, misticismo e repressão sexual — embora tenha sido "necessário"; enfim, toma posição a favor da sexualidade e contra a ética sexual antinatural, a favor da economia planejada internacional e contra a exploração e o estabelecimento de fronteiras nacionais.

Na ideologia nacional-socialista, encontra-se um cerne racional, que dá grande impulso ao movimento reacionário e se expressa na frase da "vinculação pelo sangue e pelo solo"; a prática nacional-socialista, porém, utiliza todas as forças sociais que contradizem o fundamento do movimento revolucionário — a unidade entre a sociedade, a natureza e a técnica; continua a adotar o princípio da divisão das classes, que não pode ser eliminado por nenhuma ilusão da unidade do povo, da propriedade privada dos meios de produção e que não pode ser banido do mundo por nenhuma "idéia comunitária". O nacional-socialismo se exprime misticamente em sua ideologia, naquilo que é contido no movimento revolucionário como núcleo racional, ausência de classes e vida em harmonia com a natureza. O movimento revolucionário, por outro lado, embora ainda não se tenha apercebido do seu conteúdo ideológico, apresenta, porém, com nitidez as condições econômicas e sociais para a realização de sua concepção racional da vida, a realização da felicidade da vida na Terra.

Do ponto de vista da experiência adquirida no exercício da Medicina no campo sexual econômico, evolveram-se no decorrer dos anos uma crítica do estado de coisas sexual, hoje prevalecente, e pontos de vista reunidos nesta obra. A Primeira Parte deste livro ("O Fiasco da Moral Sexual") apareceu há cerca de seis anos sob o título "Geschlechtsreife, Enthaltensamkeit, Ehemoral", em francês sob o nome "La crise sexuelle". Foi ampliada em pontos isolados, mas de resto permanece inalterada. A Segunda Parte ("A Luta pela 'Nova Vida' na União Soviética") foi acrescentada com base em material coletado durante os últimos dez anos. A apresentação da inibição da revolução sexual soviética esclarecerá por que sempre me referi à União Soviética nos meus primeiros trabalhos sexual-políticos. Durante os últimos três ou quatro anos, muita coisa que era correta não o é mais. Em conexão com os retrocessos gerais dos princípios autocráticos da ordem social na Rússia Soviética, as conquistas da revolução sexual estão sendo gradativamente abandonadas.

O presente trabalho está longe de, mesmo aproximadamente, ter apreendido e muito menos solucionado todas as questões pertinentes. Uma crítica dos atuais ensinamentos sobre doenças mentais deveria ter sido incluída aqui, bem como um tratamento extensivo da religião. Isso, no entanto, não foi possível, pois a problemática é inesgotável, e o livro se tornaria um calhamaço indigesto. A política sexual do fascismo e da Igreja como organização sexual-política do patriarcado foi tratada no meu livro Massenpsychologie des Faschismus (Psicologia-das-Massas do Fascismo). O presente trabalho não é um compêndio sexológico nem uma história da crise sexual da atualidade. Limita-se conscientemente a mostrar as características fundamentais gerais dos conflitos da vida sexual de hoje, com exemplos típicos isolados. Os conceitos sexual-econômicos aqui apresentados não são resultados de trabalho em escrivania; sem um contato íntimo durante décadas com a juventude, sem constante controle das experiências realizadas durante o trabalho clínico com pacientes, não teria sido possível escrever frase alguma deste livro. Isso é o que quero desde já dizer em vista de certo tipo de crítica. A discussão é uma coisa proveitosa e necessária; mas é um desperdício de tempo e energia sem qualquer sentido, se os críticos não se transportam pessoalmente aos locais da vida social, nos quais pode ser encontrado o manancial vivo da experiência imediata da ciência sexual; a vida das massas pouco instruídas ou erroneamente Instruídas, das pessoas que sofrem e que freqüentemente lutam, dos sub-homens, coma são chamados pelos líderes, nacionais pela graça de Deus. Com base nas minhas experiências práticas na Alemanha e na Áustria, e no meu trabalho clínico, pude presumivelmente formar uma opinião sobre o desenrolar da revolução sexual na União Soviética, sem ter pessoalmente acompanhado os acontecimentos ali ocorridos. É bem possível que uma ou outra coisa na descrição das condições sexual-econômicas da União Soviética esteja apresentada com algum exagero. Mas o objetivo não era pronunciar verdades absolutas, mas apresentar fundamentalmente as tendências gerais de desenvolvimento e os conflitos. É claro que levarei em conta qualquer corrigenda de fatos pertinentes nas próximas edições deste trabalho.

Finalmente, quero dizer aos meus amigos preocupados, que me advertem deixar a "política perigosa" e dedicar-me exclusivamente ao trabalho naturalista, que a economia sexual não se inclina, até onde merece este nome, para a esquerda ou para a direita, mas se move para a frente, isto é: racionalmente dirigida e revolvente, quer queira ela, quer não. Quem poderia, numa casa em pleno incêndio, escrever tranqüilamente tratados estéticos sobre o sentido das cores dos grilos?

WILHELM REICH

Novembro de 1935

PRIMEIRA PARTE
O FIASCO DA MORAL SEXUAL

CAPÍTULO I

OS FUNDAMENTOS CLÍNICOS DA CRÍTICA SEXUAL-ECONÔMICA

1. DO PRINCÍPIO MORAL AO ECONÔMICO-SEXUAL

Os pontos de vista sexual-econômicos aqui apresentados baseiam-se em observações clínicas e conhecimentos adquiridos em pacientes que, no decorrer de um tratamento caráter-analítico, experimentam uma modificação da estrutura psíquica. Com toda a razão indagar-se-á se os conhecimentos da reestruturação de um indivíduo neurótico para um sadio podem, sem mais nem menos, ser aplicados aos problemas da estrutura de massa e sua reeducação. Em lugar de considerações teóricas, deixemos que os fatos falem por si mesmos. De modo algum é possível adquirir uma compreensão das exteriorizações inadequadas, irracional-inconscientes das massas, a não ser com base em observações feitas no doente neurótico individual. Afinal de contas, o princípio é o mesmo utilizado no combate duma epidemia. Procura-se dominá-la pelo exame minucioso das vítimas isoladas da epidemia, a fim de determinar-se o bacilo bem como seus efeitos que são basicamente os mesmos em todas as vítimas da epidemia. A comparação ainda pode ser acompanhada por mais um trecho. Também no caso de uma epidemia um dano externo influi sobre um organismo originariamente sadio. No caso de cólera, por exemplo, não nos daremos por satisfeitos com a cura de um único doente, mas trataremos de isolar simultaneamente o local de onde se realiza a difusão do bacilo e de exterminá-lo como fonte da epidemia. O comportamento patológico do homem médio das massas mostra claramente a semelhança com o dos nossos pacientes individuais; seja a ojeriza sexual generalizada; a impulsividade das exigências morais, que ocasionalmente se avoluma até a brutalidade crassa (S.A.); a incapacidade de imaginar que uma satisfação dos impulsos pode ser conciliada com o desempenho proveitoso de trabalho; a crença que aparece, como que determinada pela natureza, de que a sexualidade das crianças e dos adolescentes é uma aberração patológica; a inadmissibilidade de outra forma sexual que não a monogamia vitalícia; a descrença na própria força e capacidade de julgamento, e a conseqüente aspiração de uma figura paternal onisciente e orientadora etc. Os indivíduos da massa experimentam todos os conflitos fundamentalmente idênticos, que no entanto diferem entre si por motivo de desenvolvimentos diferenciados. Quando alguém pretende aplicar às massas os conhecimentos adquiridos pelo exame de alguns indivíduos isolados, somente poderá utilizar aqueles conhecimentos que se referem aos conflitos típicos, que a todos atingem coletivamente. Nesse caso, as observações concernentes à modificação na estrutura do indivíduo poderão ser corretamente aplicadas às massas.

Os doentes mentais se dirigem a nós com sinais típicos de distúrbios mentais. A capacidade de trabalho fica sempre reduzida em maior ou menor proporção, e o desempenho real nem corresponde às exigências que a pessoa em questão faz a si mesma, nem às que a sociedade lhe faz, nem tampouco à capacidade que sente nele mesmo. A capacidade de satisfação sexual encontra-se, sem exceção, fortemente reduzida, se não destruída. No lugar da capacidade de satisfação genital natural sempre entraram modalidades não-genitais (pré-genitais), imaginações sadistas do ato, fantasias de violentação etc. Fica-se convencido, de forma completamente indiscutível, de que a transformação do caráter e do comportamento sexual do doente invariavelmente por volta do 4º ao 5º ano de vida assumiu esboços e formas nítidas; a perturbação do desempenho mental em sentido social e sexual aparece visivelmente em cada um mais cedo ou mais tarde. Cada doente traz em si, sob condições da supressão neurótica sexual, um conflito insolúvel entre impulso e moral. As exigências morais que faz a si mesmo sob constante influência social incrementam o represamento de suas exigências sexuais e vegetativas em geral. Quanto maior o dano causado à sua potência genital, tanto mais se eleva a desproporção entre a *necessidade* e sua *capacidade* de satisfação. Isso por sua vez aguça mais

a pressão moral que se torna necessária para reprimir as quantidades impulsivas armazenadas. Já que todo o conflito, em seus aspectos mais importantes, é inconsciente, incompreensível para o interessado, de modo algum ele poderá resolvê-lo por si só.

No conflito entre impulso e moral, eu e mundo exterior, o organismo psíquico fica obrigado a *armar-se* tanto contra o impulso quanto contra o mundo exterior, a tornar-se "*frio*". Essa *armadura* do organismo pressupõe uma restrição mais ou menos ampla de toda a capacidade e atividade vital. Não é demais acentuar que a maioria dos indivíduos sofre sob essa armadura rígida; entre eles e a vida encontra-se um muro. É a base mais importante do isolamento de tantas pessoas em meio à vida coletiva.

O tratamento caráter-analítico tem, pois, a tarefa de libertar as energias vegetativas dos seus liames da armadura psíquica. Com isso se reforçam *em primeiro lugar* as necessidades anti-sociais, perversas e cruéis, e com as mesmas também o temor social e a inibição moral. Quando, entretanto, se seccionam simultaneamente, também, as ligações infantis à casa paterna, às experiências da tenra infância, aos mandamentos anti-sexuais, assimilados então, flui cada vez mais energia vegetativa para o sistema orgânico genital; em outras palavras, as necessidades genitais naturais ou despertam para nova vida ou são estabelecidas pela primeira vez. Quando, em seguida, se eliminam as inibições e temores genitais, cria-se assim para o doente a capacidade para a satisfação orgástica completa e, se ele tem a ventura de encontrar um parceiro adequado, observa-se em regra uma modificação de longo alcance, e em muitos casos surpreendente, no comportamento geral do doente. As mais importantes dessas modificações são as seguintes:

Se toda a ação e pensamento do indivíduo em questão antes se encontravam sob a influência mais ou menos acentuada e perturbadora de motivos inconscientes, irracionais, agora cada vez mais se amplia a sua capacidade de reagir, não mais por motivos irracionais, mas por motivos correspondentes à realidade. No curso desses processos perdem-se, por exemplo, automaticamente, sem que se "eduque" o doente para isso, a tendência para o misticismo, a religiosidade, a dependência infantil, as crenças supersticiosas etc.

Se o doente antes se encontrava sob forte armadura, sem contato consigo mesmo e seu meio ambiente, ou somente era dotado de funções substitutas *não-naturais*, cada vez mais adquire a capacidade para um contato imediato, tanto com os seus impulsos quanto com o mundo. A consequência *desse* processo é um restabelecimento nitidamente visível de comportamento imediato, natural, no lugar do anterior não-natural.

Observamos na maioria dos doentes, por assim dizer, uma vida dupla. Exteriormente, eles parecem artificiais e esquisitos, mas por trás da fachada patológica é possível vislumbrar claramente o que é sadio. A chamada diferença individual entre os homens *é hoje*, preponderantemente, a manifestação de maneiras de comportamento transbordante, neurótico. Chama agora a atenção o fato de que, no decorrer desse processo de convalescença, tal diferença individual se diversifica grandemente, dando lugar a uma *simplificação* no comportamento geral. Tal simplificação faz que os convalescentes se tornem parecidos entre si em seus traços básicos, sem, no entanto perderem as suas características individuais. Cada doente oculta, por exemplo, sua perturbação de trabalho de forma muito diversa. Perdendo agora a sua perturbação de trabalho e adquirindo confiança em suas funções do ego, ele também perde todos os traços de caráter que tornam válido o sentimento de inferioridade. A autoconfiança, entretanto, que se baseia em desempenho de trabalho livremente fluente, é fundamentalmente a mesma em todos os homens.

O mesmo vale para o modo de encarar a vida sexual. Quem eliminou a própria sexualidade desenvolve formas muito diversificadas de autodefesa moral e estética. Se os doentes readquirem o contato com suas necessidades sexuais, também as diferenciações neuróticas desaparecem. A reação diante duma vida sexual natural em todos se torna mais ou menos equivalente; isso vale principalmente para a afirmação do prazer e perda do sentimento de culpa sexual. O conflito

anteriormente insolúvel entre exigência impulsional e inibição moral obrigava o doente a pautar todas as suas ações de acordo com os ditames duma norma que pousava acima ou além de sua pessoa. Tudo o que fazia e pensava era medido pelo padrão moral que tinha estabelecido para si; ao mesmo tempo ele protestava contra isso. Se agora, no curso de sua reestruturação, não somente a necessidade, mas também o caráter imprescindível da satisfação do impulso genital é reconhecido, perde-se a camisa-de-força moral e com ela o represamento de suas necessidades impulsionalas. Se antes a moral supertensa tornou o impulso mais vigoroso, ou seja, anti-social, e o impulso reforçado exigiram o reforço da inibição moral, a adaptação da capacidade de satisfação à força do impulso torna desnecessária a regulamentação moral no indivíduo. Com isso, porém, perde-se também o mecanismo anteriormente indispensável do autodomínio; pois o impulso tornado anti-social fica privado das energias mais importantes. Resta pouco mais para ser dominado. O indivíduo sadio praticamente não contém mais moral, mas tampouco tem impulsos que determinariam uma inibição moral. O domínio de impulsos anti-sociais, porventura ainda existentes, realiza-se com facilidade sob condição da satisfação das necessidades genitais básicas. Isso também fica demonstrado pelo comportamento do homem tornado orgasticamente potente. As relações sexuais com uma prostituta tornam-se impossíveis; as fantasias sadistas perdem a sua força e significado. Forçar um parceiro ou violentá-lo para o amor torna-se estranho e inconcebível. O mesmo acontece com os impulsos porventura antes existentes de desencaminhar crianças. Perversões anais exibicionistas e outras cedem completamente e com isso desaparecem também os sentimentos de medo e culpa sociais. A ligação incestuosa aos pais ou irmãos fica destituída de interesse, e assim se liberta também a energia que ela anteriormente havia suprimido. Numa palavra, os fenômenos aqui descritos devem na sua totalidade ser considerados indícios de que o organismo mental se *autogoverna*.

Fica demonstrado que pessoas que adquirem a capacidade de satisfação orgástica se tornam muito mais capazes de relações monogâmicas do que aquelas cuja capacidade de descontraimento se encontra perturbada. No entanto, seu comportamento monogâmico não se baseia na inibição de impulsos poligâmicos ou em considerações morais, mas no princípio sexual-econômico de experimentar o verdadeiro prazer e satisfação sexual sempre de novo com o mesmo parceiro. Condição para isso é a compatibilidade sexual absoluta com a parceiro. Não foi possível constatar clinicamente qualquer diferença entre homem e mulher. No entanto, na ausência do parceiro adequado, o que, sob as condições reinantes da vida sexual, parece ser a regra, a capacidade para a monogamia se transforma no seu oposto, na procura irrefreável de um parceiro adequado. Quando o parceiro adequado é encontrado, o comportamento monogâmico fica restabelecido e se conserva enquanto perduram a harmonia, e satisfação sexuais. Pensamentos e desejos por outros parceiros ou não aparecem ou não são postos em ação, em virtude do interesse no parceiro. As velhas relações, entretanto, desmoronam inapelavelmente quando se deterioram e quando outro novo parceiro promete mais prazer. Essa realidade inabalável encontra-se em contradição insolúvel com toda a ordem sexual da sociedade de hoje, onde ligações materiais e consideração pelos filhos contradizem o princípio sexual-econômico. Dessa forma, sob as condições da ordem social negadora da sexualidade, são justamente as pessoas mais sadias as que estão expostas aos maiores sofrimentos subjetivos. O comportamento dos homens orgasticamente *perturbados*, ou seja, da maioria, é diferente. Já que do ato sexual deriva menos prazer, estão mais capacitados a passar mais ou menos tempo sem parceiro sexual, ou são menos exigentes: o ato para eles não significa muita coisa. A indiscriminação nas relações sexuais aqui, pois, é consequência de perturbação sexual. Tais indivíduos sexualmente perturbados são mais capazes de se conformarem com as condições de um matrimônio vitalício; a sua fidelidade, no entanto, não se baseia em satisfação sexual, mas em inibições moralistas.

Quando o convalescente eventualmente encontra o parceiro adequado para a vida sexual, fica patenteado que não somente perde ele todos os sintomas nervosos — mais do que isso, com espantosa facilidade consegue agora, coisa que lhe era desconhecida antes, ordenar sua vida, resolver conflitos de modo não-neurótico, e desenvolve uma segurança automática na orientação dos seus impulsos e das suas relações sociais. Com isso, segue absolutamente o princípio da alegria de viver.

A simplificação de sua visão da vida, em estrutura, pensamento e sentimento, elimina muitas fontes de conflito da sua existência. Ao mesmo tempo, ele adquire uma posição crítica perante a ordem moral de hoje.

O princípio da regulamentação moral contrapõe-se então ao do autogoverno sexual-econômico.

Na atual sociedade sexualmente deteriorada, que se recusa a prestar qualquer auxílio nesse campo, a realização desse trabalho de cura freqüentemente encontra obstáculos quase insuperáveis, um dos quais é a escassez de pessoas sexualmente sadias que poderiam ser parceiros adequados para o indivíduo curado. Além disso, ainda se fazem sentir as barreiras gerais da moral sexual. Poder-se-ia dizer que aquele que se tornou genitalmente sadio deve forçosamente deixar de ser um hipócrita inconsciente e tornar-se um hipócrita consciente em relação a todas essas instituições e às condições sociais que impedem o desenvolvimento da sua sexualidade sadia, natural. Outras pessoas desenvolvem a capacidade de transtornar seu meio ambiente de tal forma que os obstáculos impostos pela ordem social vigente se tornam insignificantes.

Tive que limitar-me aqui à apresentação mais sumária; explicações minuciosas são dadas em *Die Funktion des Orgasmus* e *Charakteranalyse*. Foi possível tirar conclusões das experiências clínicas citadas sobre a situação *social*, em princípio. As perspectivas amplas dessas conseqüências, seja na questão da prevenção de neuroses, da luta contra a mística e superstição ou do velho problema da alegada contradição entre natureza e cultura, de impulso e moral, a princípio surpreenderam e confundiram; mas após anos de exame dessas conclusões, estribado em material etnológico e sociológico, firmou-se a convicção sólida de que as conclusões do princípio de autogoverno *moral* reestruturado em *sexual-econômico* são corretas. Se algum movimento social conseguisse transformar a situação social de tal modo que em lugar da negação sexual de hoje se colocasse novamente a afirmação sexual generalizada (com todas as suas condições econômicas) a aplicação do princípio da reeducação das massas poder-se-ia tornar realidade. Naturalmente isso não quer dizer que nesse caso seria possível tratar todos os membros da sociedade. Aliás, a idéia básica da economia sexual tem sido mal interpretada. Os conhecimentos adquiridos pela reestruturação individual somente nos servem para derivar diretrizes básicas para uma educação diferente da criança e do adolescente. Natureza e cultura, indivíduo e sociedade, sexualidade e socialidade, não mais se encontrariam em oposição.

No entanto, as experiências terapêuticas e seus resultados teóricos, possibilitados pela introdução do estudo do orgasmo na psicoterapia, contradiziam e contradizem aproximadamente todos os pontos de vista que os campos científicos em questão até então tinham podido elaborar. A antítese absoluta entre sexualidade e cultura domina toda a moral, filosofia, cultura, ciência, psicologia, psicoterapia, como um dogma inatacável. A posição mais significativa aqui é assumida, inquestionavelmente, pela Psicanálise de Freud que, apesar de suas descobertas clínico-naturalistas originais, ainda se atém à antítese absoluta já citada. É indispensável descrever sucintamente as contradições das quais padecia a teoria cultural psicanalítica e que fez que seu trabalho científico degenerasse em trabalho metafísico.

2. UMA CONTRADIÇÃO DA TEORIA CULTURAL DE FREUD

a) Repressão sexual e abstinência impulsional

Uma discussão séria das conseqüências sociológicas da Psicanálise demanda, inicialmente, esclarecimento sobre se a chamada Sociologia Psicanalítica e *Weltanschauung*, como apresentadas nos últimos trabalhos de Freud e em ensaios de alguns dos ex-alunos ainda reconhecidos do mestre,

se condensaram em resultados grotescos, como por exemplo em Roheim, Pfister, Müller-Braunschweig, Kolnai, Laforgue e outros, sendo um desenvolvimento direto e conseqüente da psicologia analítica ou se essa Sociologia e *Weltanschauung* não surgiram justamente por uma quebra dos princípios analíticos da clínica, por uma interpretação errônea ou incompleta dos fatos clínicos. Caso fosse possível demonstrar tal ruptura na própria teoria clínica, poder-se-ia demonstrar ainda a relação existente entre a concepção clínica divergente e o conceito sociológico básico e ter-se-ia encontrado a fonte de erro mais importante da Sociologia analítica. (Outra fonte de erro encontra-se na igualação de indivíduo e sociedade.)

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve seu aparecimento à repressão impulsional, ou seja à abstinência impulsional, o que também procurou demonstrar no problema da invenção do fogo. A idéia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura. Já foi possível provar historicamente que essa concepção não é exata, pois não existem culturas sem repressão sexual e com vida sexual completamente livre.¹

O que é verdade nessa teoria é somente que a repressão sexual constitui a base da psicologia das massas de determinada cultura, isto é, a *cultura patriarcal* em todas as suas formas, mas não a base da cultura e sua formação em si. Mas como foi que Freud chegou a essa concepção? Certamente não pelos motivos *conscientes* políticos e cosmovisuais, mas pelo contrário: antigos trabalhos tais como artigos sobre "moral cultural sexual" justamente apontam na direção de uma crítica cultural sexual-revolucionária. Este caminho Freud nunca mais seguiu; pelo contrário, ele era refratário a tais experiências e certa vez as designou verbalmente como não se encontrando "no meio do caminho da Psicanálise". Justamente minhas experiências sexual-políticas e crítico-culturais dão margem às primeiras divergências significativas.

Freud encontrou, na análise dos mecanismos psíquicos e dos conteúdos da vida mental inconsciente, um inconsciente repleto de excitações impulsionalis associas e anti-sociais. Essa descoberta pode ser confirmada por qualquer pessoa que se utiliza do método analítico adequado. Fantasias de assassinar o pai para possuir a mãe, em seu lugar, encontram-se centralizadas em qualquer homem. Impulsos sadistas encontram-se em todo mundo, inibidos por sentimento de culpa mais ou menos consciente. Na maioria das mulheres, aparecem intenções violentas de castrar homens e apropriar-se elas mesmas do membro, ou anexá-lo por qualquer processo, até mesmo engolindo-o. A inibição desses impulsos resulta não somente em adaptação social, mas também em uma série de distúrbios mentais quando as intenções são fixadas inconscientemente (por exemplo, vômitos histéricos, que os nossos cirurgiões procuram eliminar por operações gástricas). Fantasias sadistas no homem, de machucar a mulher no ato, furá-la, esburacá-la, criam espécies diversas de impotência, quando inibidas por medo, e sentimento de culpa, e fundamentam a ação do crime passional quando o mecanismo de inibição não está funcionando devidamente. Intenções inconscientes de comer excrementos próprios ou alheios preenchem o inconsciente de grande número de pessoas dos nossos círculos culturais, como verificamos durante a análise, independentemente da classe social a que pertencem. A descoberta da Psicanálise de que o excesso de carinho da mãe para com o filho ou da mulher para com o marido se encontra em relação direta com as fantasias inconscientes de assassinato não foi nada conveniente para os defensores ideológicos do "sagrado amor materno" e da "comunhão conjugal". Poderíamos continuar à vontade nos relatos, mas preferimos ficar por aqui para voltar ao nosso tema. Esses conteúdos do inconsciente, ou seja de suas parcelas reprimidas, resultam preponderantemente como resquícios de posições infantis perante o meio ambiente imediato, parentes, irmãos, e assim por diante. A criança teve que superar esses impulsos para se tornar capaz existencial e culturalmente. A maioria das pessoas paga essa superação adquirindo ainda em idade tenra uma neurose mais ou menos séria, isto é, uma restrição significativa de sua capacidade de trabalho e potência sexual.

¹ Ver W. Reich: *Der Einbruch der Sexualmoral* (Ed. Sex-Pol., 1934).

A constatação da natureza anti-social do inconsciente é válida, bem como a da necessidade da abstenção impulsional para o fim da adaptação à existência social. Resultam, entretanto, novamente dois fatos contraditórios entre si: por um lado, a criança tem que reprimir seus impulsos para se tornar culturalmente capaz; pelo outro lado, ela troca, na maioria dos casos, uma satisfação dos impulsos por uma neurose, que por sua vez prejudica a sua capacidade cultural, torna a sua adaptação, mais cedo ou mais tarde, completamente impossível e novamente torna a si mesma anti-social. A fim de adaptar o indivíduo, apesar de tudo, às suas condições de existência, é necessário eliminar as suas repressões, libertar os impulsos; é a pressuposição para a cura, mas ainda não a própria cura, como o confirmam as primeiras formulações terapêuticas de Freud. Mas o que deveria ocupar o lugar da repressão impulsional? É inadmissível que sejam novamente os impulsos liberados da repressão, pois isso significaria novamente incapacidade existencial. Em diversos pontos da literatura analítica encontramos a constatação (que, devemos notar, já constitui uma prática cosmovisual) de que em caso algum o descobrimento e libertação do inconsciente, isto é, a afirmação da sua existência, significam também a afirmação do ato correspondente. Aqui o analista estabelece para a vida bem como para a situação na cura analítica o princípio: "Podem e devem *dizer* o que querem; mas isso não significa que também possam *fazer* o que querem." Permaneceu entretanto — e ainda hoje permanece — a questão sobre o que irá acontecer com os impulsos agora liberados, em todo o seu enorme alcance, ante o analista responsável. A própria informação era: *Sublimar* e *Condenar*. Como, porém, a minoria dos pacientes se mostrava em tal medida capaz de sublimação como o exigiria a cura, novamente a exigência da abstenção impulsional com o auxílio da condenação se justifica. Comenta-se agora que em lugar da repressão deverá colocar-se a condenação. Para a justificação dessa exigência recorre-se agora a que os impulsos, que na época da infância se encontravam diante de um ego fraco, não desenvolvido, que apenas podia reprimir, encontram um ego adulto, forte, que poderia defender-se de sua condenação. Essa fórmula terapêutica, embora contradiga essencialmente a experiência clínica, tornou-se há muito tempo, e ainda constitui hoje, a formulação predominante.

Esse ponto de vista domina também a pedagogia analítica. Anna Freud o defende, por exemplo, na questão sobre o que a criança poderia fazer com os impulsos reprimidos que foram libertados. Entra, ao lado da sublimação, a condenação; portanto, se assim é lícito, dizer "abstenção voluntária" no lugar da repressão.

Como, de acordo com essa concepção, o indivíduo por meio da "abstenção impulsional", em vez de repressão, se torna capaz culturalmente e com isso também portador de cultura, segue-se, levando em conta também a outra concepção fundamental, que a sociedade se comporta como o indivíduo e como tal poderá ser analisada, que a cultura social tem a abstenção impulsional! como premissa e nela se baseia.

Toda a construção parece impecável, goza da concordância da maioria esmagadora não só dos analistas, mas também dos representantes do conceito abstrato de cultura em geral, isto é, do mundo burguês importante. Pois pela substituição descrita da repressão pela abstenção impulsional e condenação, parece eliminar-se um fantasma ameaçador que causou muita inquietação quando Freud apareceu com as suas primeiras descobertas, que constatarem inequivocamente que a repressão sexual não somente torna enfermo o indivíduo, mas também o torna incapaz para a cultura e para o trabalho. O mundo ficou agitado pela ameaça do desaparecimento do recato e da ética, culpavam Freud de pregar, quisesse ou não, a "sobrevivência", a ameaça à cultura, e assim por diante. O alegado antimoralismo de Freud era uma das armas mais poderosas dos seus primeiros adversários. O fantasma cedeu somente quando foi formulada a teoria da condenação; as garantias anteriores de Freud, de que ele estava afirmando "a cultura", de que as suas descobertas não a expunham a perigo etc., fizeram pouca impressão. Isso é demonstrado pela conversa interminável sobre o "pansexualismo" freudiano. A inimidade cedeu apenas a uma aceitação parcial; pois somente quando os impulsos não sobrevivem, do "ponto de vista da cultura" era indiferente se o mecanismo da abstenção impulsional ou o da repressão fazia o papel de Cérbero, que não deixava as sombras do

mundo inferior chegar à superfície. Além disso, ainda podia registrar-se um progresso: o da repressão inconsciente do mal para a abstenção voluntária da satisfação impulsional. Já que a ética verdadeira, de toda forma, não consiste em ser sexual, mas justamente resiste às tentações sexuais, foi possível conciliar-se em todas as direções, e a Psicanálise proibida tornara-se ela própria capaz de cultura — infelizmente por "abstenção impulsional", isto é, pela privação da sua teoria dos impulsos.

Sinto ter que destruir as ilusões de todos os participantes: Em toda a conta acontece encontrar-se um erro facilmente constatável, que a provou falha. Não no sentido de que as constatações da Psicanálise, sobre a qual se fundamentam as conclusões citadas, fossem falsas; pelo contrário, elas são totalmente corretas; apenas são incompletas, e em parte as formulações são abstratas e encobrem por isso as verdadeiras conseqüências.

b) Satisfação e abstenção de impulsos

Os psicanalistas alemães que, seja pelo próprio burguesismo, seja sob a forte pressão da situação política na Alemanha, tentaram realizar a equiparação da Psicanálise se referiram, para justificar o seu comportamento não-científico, justamente a citações tais dos trabalhos freudianos nos quais pensavam ver uma motivação das suas aspirações de equiparação perante Hitler. Em Freud na realidade se encontram formulações que privam as descobertas clínicas psicanalíticas do seu impacto e efeito revolucionário-culturais, que expressam toda a contradição entre o naturalista e o filósofo cultural burguês em Freud. Um dos trechos em questão é o seguinte:

Um mal-entendido maligno e somente desculpável pela ignorância é considerar que a Psicanálise espera conseguir a cura de males neuróticos pela "livre expansão" da sexualidade. Quando na análise a pessoa se torna consciente de desejos sexuais reprimidos talvez consiga dominá-los, o que não era possível com a repressão anterior. Pode-se afirmar com razão que a análise liberta o neurótico das algemas de sua sexualidade. (Freud, vol. XI, pp. 201 e seg.)

Quando a filha dum dignitário nacional-socialista adoece com uma histeria por motivo de desejo reprimido de relações sexuais, preliminarmente tal desejo é reconhecido no tratamento psicanalítico como incestuoso e condenado como tal. Mas que é que acontece com a necessidade sexual? De conformidade com a formulação acima, a moça fica "libertada" das algemas de sua sexualidade. Clinicamente, no entanto, a coisa se apresenta assim: Quando a moça, com o auxílio da análise, se livra do pai, ela apenas se liberta das algemas do seu desejo incestuoso, mas não de sua sexualidade em geral. A formulação freudiana não leva em conta esse fato básico; pode-se dizer que a discussão científica acerca do papel da genitalidade justamente nesse ponto desencadeou o questionário clínico, formando o elemento nuclear das diferenças entre a tese sexual-econômica e a psicanalítica adaptada. A formulação freudiana postula que a moça se abstém de qualquer vida sexual. Dessa forma, a Psicanálise é aceitável também para o dignitário nacional-socialista e se torna para Müller-Braunschweig num instrumento para a "criação do homem heróico". Essa forma, porém, nada tem a ver com a Psicanálise apresentada nos livros que Hitler mandou queimar. *Essa* Psicanálise, que não leva em consideração preconceitos burgueses, estabelece inquestionavelmente que a moça somente pode ficar boa se transferir os desejos genitais em relação ao pai para um amigo com quem os satisfaz. Justamente isso, no entanto, contradiz completamente a ideologia nazista e traz à tona inexoravelmente a questão da ordem sexual social. Para satisfazer as exigências da economia sexual, a moça não somente precisa ter uma livre sexualidade genital; também necessita de um quarto sossegado, anticoncepcionais, um amigo potente, com vitalidade, justamente não nacional-socialista, isto é, não-estruturado na negação do sexo, pais compreensivos e uma atmosfera social sexualmente afirmativa; isso em proporção tanto maior quanto menores forem os recursos materiais disponíveis, para romper as barreiras sociais da vida sexual juvenil.

A questão da substituição do mecanismo da repressão sexual pelo da abstenção impulsional, ou da rejeição no trabalho analítico, seria fácil de resolver se a rejeição das necessidades impulsionalis e

a própria abstenção impulsional não estivessem ligadas à economia da vida impulsional. O aparelho psíquico só pode funcionar sob determinadas condições econômico-sexuais. Do mesmo modo, a sublimação impulsional está ligada a certas pressuposições. A clínica caráter-analítico ensina que a abstenção duradoura de uma excitação impulsional patológica ou associada somente é possível quando a economia sexual está em ordem, quer dizer, quando não existem represamentos sexuais que emprestem vigor à excitação a rejeitar. *A regulamentação da economia psico-energética, no entanto, demanda a possibilidade da satisfação sexual correspondente a qualquer idade.* Isso significa que é possível privar-se de desejos infantis e patogênicos na idade adulta apenas quando o caminho para a satisfação genital normal está livre e quando também se experimenta tal satisfação. Desde que as satisfações perversas e neuróticas, das quais a vida social tem que ser protegida, não passam de satisfações substitutas da vida sexual genital e somente se formam sob condições de sua perturbação ou impedimento, resulta que não podemos falar, de modo geral, de satisfação e de abstenção impulsional, mas temos que perguntar concretamente *que* satisfação impulsional e *que* abstenção impulsional. A cura analítica praticamente só pode conseguir uma privação voluntária das necessidades de satisfação não-correspondentes ao estágio de desenvolvimento ou à idade, se ela nada mais faz do que abolir repressões, sem pregação de moral. Uma moça, por exemplo, na maturidade sexual, que produz fenômenos neuróticos da sua vinculação infantil ao pai, será levada pela mesma à sua rejeição simplesmente por torná-la consciente. Isso ainda não determina a eliminação desses desejos, pois as tentações sexuais constantes continuam pugnando pela descarga. Ela pode ser levada à abstenção da satisfação sexual com companheiros da mesma idade somente com argumentos morais, sem pecar rudemente contra os princípios terapêuticos e intenções de cura. Mas a fixação pelo pai somente poderá ser dissolvida sob a condição de que sua sexualidade encontre outro objeto adequado, *experimentando também satisfação real.* Se isso não acontece, ou a fixação infantil não se desfaz ou ela regride para outros alvos impulsionalistas infantis, e o problema continua de pé. O mesmo vale para qualquer caso de enfermidade neurótica. A mulher insatisfeita no matrimônio inconscientemente reativa exigências sexuais infantis, que somente pode abandonar quando a sua sexualidade encontra de outra forma, fora do matrimônio ou em nova ligação, a sua satisfação. Assim como a própria rejeição dos estímulos impulsionalistas infantis é uma condição para o ajustamento da sexualidade normal, este ajustamento e a satisfação efetiva são condições completamente indispensáveis da substituição definitiva da aspiração doentia. Um criminoso passional somente pode livrar-se dos seus impulsos patológicos se encontrar um meio de normalizar biologicamente a sua vida sexual. A pergunta não é, pois, a alternativa: abstenção ou realização do impulso; e sim onde abstenção e onde satisfação impulsional?

Quando alguém fala abstratamente da natureza maléfica do inconsciente reprimido, encobrem-se não somente os fatos fundamentais da terapia e prevenção das neuroses, mas também de toda a pedagogia. Freud descobriu que o conteúdo do inconsciente dos neuróticos — e estes são em nossos círculos culturais a maioria preponderante da humanidade — consiste em sua essência de impulsos infantis, cruéis, anti-sociais. Isso é verdade, mas obscureceu o fato complementar de que no inconsciente também se encontram exigências que representam as exigências biológicas naturais, como por exemplo a vida sexual dos adolescentes ou das pessoas "presas" num casamento infeliz. A intensidade dos estímulos anti-sociais e infantis, mais tarde, deriva histórica e economicamente da insatisfação dessas exigências naturais; a energia libidinal represada em parte reforça os estímulos primitivos infantis e em parte cria necessidades completamente novas, geralmente anti-sociais, como, por exemplo, a necessidade de exibicionismo, ou seja o impulso do assassinato sexual. A Etnologia nos ensina que tais impulsos inexitem, em sociedades primitivas, até certo ponto do desenvolvimento econômico e somente aparecem depois que a repressão da vida amorosa normal se tornou um hábito consagrado.

Esses estímulos, que resultam da repressão social da sexualidade normal e que tiveram de ser reprimidos porque a sociedade — com razão — proíbe a sua satisfação, na Psicanálise, em sua totalidade, são aceitos como fatos biológicos. Essa conceituação não se encontra muito afastada da de Hirschfeld *de* que o exibicionismo se baseia em hormônios exibicionistas especiais. Esse

biologismo simples, mecanista, é tão difícil de ser revelado porque na nossa sociedade de hoje preenche determinada função, a de transferir o problema do campo sociológico para o biológico onde nada se pode fazer a respeito. Existe, pois, uma *Sociologia do Inconsciente* e da sexualidade anti-social, isto é, uma história social dos estímulos inconscientes, tanto com respeito à quantidade quanto à qualidade dos estímulos reprimidos. Não somente a própria repressão é um fenômeno social, mas também aquilo que provoca a repressão. A pesquisa do aparecimento dos impulsos parciais terá que orientar-se com base em fatos etnológicos, como, por exemplo, que em certas sociedades matriarcais quase não existe a fase anal do desenvolvimento da libido que, em nossa sociedade, se encaixa normalmente entre as fases oral e genital, porque naquelas sociedades as crianças são amamentadas até a idade de três ou quatro anos e entram imediatamente numa fase de intensivas atividades ou brincadeiras genitais.

A concepção psicanalítica dos estímulos impulsivos anti-sociais é absoluta e leva assim a conclusões que entram em litígio com os fatos. Se considerarmos o caráter relativo desses estímulos, chegamos a conclusões basicamente diferentes no que diz respeito não somente à psicoterapia, mas especialmente no que concerne à Sociologia e à economia sexual. A atividade anal de uma criança no primeiro ano de vida absolutamente nada tem a ver com "social" ou "anti-social". Do ponto de vista abstrato da natureza anti-social dos estímulos anais na criança, depreende-se a regra utilizada preferencialmente de tornar a criança, se possível, "capaz de cultura" já no sexto mês de vida, o que mais tarde trará como conseqüência o extremo oposto, isto é, grandes inibições das sublimações anais e distúrbios anal-neuróticos. A concepção mecanística do contraste absoluto entre a satisfação sexual e a cultura determina que mesmo pais analistas tomem medidas contra o onanismo infantil, pelo menos na forma de "suaves desvios". Em ponto algum das obras de Anna Freud, se não me engano, encontra-se expresso o que ela admitiu, particularmente em conversa comigo, ser conseqüência da Psicanálise — que o onanismo infantil deve ser considerado um desenvolvimento fisiológico e portanto *não* deve ser inibido. Partindo do princípio de que é anti-cultural o que é reprimido inconscientemente, é necessário colocar as exigências genitais do adolescente sob a pressão da condenação, o que geralmente se realiza com comentários bem humorados de que o princípio de realidade demanda o adiamento das satisfações impulsivas. O fato de que esse próprio princípio de realidade é relativo, de que hoje serve aos interesses duma sociedade autoritária, sendo por ela determinado, é excluído da discussão por estar dentro da área política e nada ter a ver com a ciência. O fato de que essa exclusão, por sua vez, está também dentro da área política não chega a ser percebido. Tais atitudes puseram em grande perigo a investigação analítica, pois não somente impediram a descoberta de certos fatos, mas impossibilitaram a aplicação prática de fatos definitivamente estabelecidos por interpretá-los erroneamente de acordo com os conceitos culturais reacionários. Desde que a investigação psicanalítica constantemente trata das influências da sociedade sobre o indivíduo bem como dos julgamentos sobre o que é sadio e doente, social e anti-social, não tomando conhecimento entretanto do caráter revolucionário do seu método e dos seus resultados, ela se movimenta num círculo trágico entre a constatação do caráter anti-cultural da repressão sexual, por um lado, e da necessidade cultural dela, pelo outro.

Resumindo os fatos que a investigação analítica deixou de considerar e que contradizem a sua aceção de cultura:

o próprio inconsciente, qualitativa e quantitativamente, é determinado pela cultura;

a rejeição de impulsos infantis e anti-sociais pressupõe a satisfação dos desejos sexuais momentânea e fisiologicamente normais e necessários;

a sublimação como a realização cultural principal do, aparelho psíquico demanda a eliminação de qualquer repressão sexual e, na idade adulta, apenas se aplica aos impulsos pré-genitais, mas não aos impulsos genitais;

a satisfação genital como fator sexual-econômico decisivo na prevenção de neuroses e estabelecimento da capacidade de realização social contradiz em todos os pontos as leis atuais do Estado e de qualquer religião patriarcal;

a eliminação da repressão sexual, que foi introduzida pelos psicanalistas como terapia e igualmente como um fator sociologicamente importante, encontra-se em marcante contradição com os elementos culturais que se baseiam justamente nessa repressão.

Até onde a Psicanálise mantém seu ponto de vista cultural, ela o faz a expensas dos próprios resultados de suas investigações, porque procura resolver o conflito entre a concepção cultural dos pesquisadores analíticos e os resultados científicos, dirigidos contra essa cultura, a favor da cosmovisão. Onde ela não ousa tirar as conseqüências dos resultados de sua pesquisa, protege o caráter alegadamente apolítico ("não-pragmático") da ciência, enquanto cada passo da teoria e prática analítica trata de fatos políticos ("pragmáticos").

Quem investiga as ideologias eclesiástica, fascista e outras retrógradas em seu conteúdo psíquico inconsciente, constata que representam em maior proporção elementos de defesa, oriundos do medo do inferno inconsciente que toda pessoa traz em si. Disso poder-se-ia deduzir uma justificativa da moral ascética e do conceito divino contraposto ao "demoníaco" somente se estivessem presentes, de modo absoluto e biologicamente, os incentivos impulsivos; nesse caso, a reação política teria razão, mas então também qualquer tentativa de eliminação da miséria sexual ficaria isenta de sentido. O mundo conservador, com razão, então alegaria que a deterioração do "elevado", "divino" e "moral" no homem traria o caos ao seu comportamento social e recato. "Kultur bolschewismus" significa, inconscientemente, justamente isso. O movimento revolucionário não reconhece, além de sua ala sexual-política, essa conotação; ele encontra-se, aliás, freqüentemente na mesma frente em companhia da reação política quando se trata da questão dos fundamentos da economia sexual. Volta-se, no entanto, contra a lei sexual-econômica por motivos diversos dos da reação política: ela desconhece essa lei e suas derivações históricas. Da mesma forma, acredita na natureza biológica e absoluta dos impulsos sexuais malignos e assim também na necessidade da regulamentação e inibição morais. Tal como os seus adversários, não dá atenção ao fato de que a regulamentação da vida impulsional cria justamente aquilo que pretende dominar: a vida impulsiva anti-social.

A economia sexual, entretanto, ensina que a vida sexual impulsiva inconsciente do homem de hoje, até onde de fato é anti-social e não somente é assim julgada pelos moralistas, é um produto da regulamentação moral e somente com ela poderá desaparecer. Somente ela poderá eliminar a contradição entre cultura e natureza, removendo juntamente com a repressão impulsional também o impulso perverso e anti-social.

3. IMPULSO SECUNDÁRIO E REGULAMENTAÇÃO MORAL

Na luta entre o chamado "Kultur bolschewismus" e o "antibolchevismo" fascista, cabe papel importante à afirmação de que a revolução social destrói completamente a moral, levando a vida social ao caos sexual. Até o presente envidaram-se esforços para enfraquecer esse argumento com a afirmação de que, justamente ao contrário, o capitalismo deteriorado é que cria esse caos social e de que a revolução social é capaz de restabelecer completamente a segurança na vida social. Afirmação contrapunha-se a afirmação. E na União Soviética a substituição do princípio moral-autoritário pelo autogoverno não-autoritário fracassou.

Tão pouco convincente como a referida contraposição de afirmações é a experiência de enfraquecer esse tão vigoroso argumento político pela concorrência com a reação política no asseveramento do próprio "recato". Antes de tudo, precisamos compreender por que o homem em geral mostra tanto apego ao conceito de moral e porque associa invariavelmente as palavras "revolução social" à imagem do caos sexual e cultural. Parte da resposta a essa pergunta já foi dada na investigação sobre a ideologia do fascismo: ser *Kultur bolschewistisch* significa, para a vida afetiva inconsciente do homem em geral estruturado sexualmente refratário, "vida irrefreada da sensualidade

sexual". Se alguém quisesse defender o ponto de vista de que na revolução social os conhecimentos da economia sexual que colocam a regulamentação moral fora de função podem ser aplicados imediatamente na prática, somente forneceria com isso a prova de que a maneira de pensar da economia sexual havia sido mal compreendida.

Logo que uma sociedade assume a propriedade dos seus meios de produção, invariavelmente se encontra diante da questão de como, a convivência humana deverá ser regulamentada, de agora em diante: moralmente ou "livremente". Apenas uma meditação superficial mostra que não se pode falar de uma libertação da sexualidade ou de uma abolição das normas morais e dos regulamentos. Já verificamos diversas vezes o fato de que o homem não pode, com a sua presente estrutura, regular a si mesmo; que pode estabelecer imediatamente a democracia econômica, mas não a política. Esse é todo o sentido da formulação leninista, de que o Estado somente poderá desaparecer gradativamente. Quando se quer abolir, no entanto, a regulamentação moral e colocar em seu lugar o autogoverno, é preciso saber até onde a velha regulamentação moral era necessária e até onde, encarada pessoal e socialmente, representava e era um mal.

O ponto de vista moral compulsório da reação política vê um contraste absoluto entre o impulso biológico e o interesse social. Em virtude desse contraste, a reação acentua a necessidade de uma regulamentação moral; pois, diz-se, caso se "abolisse a moral", os "impulsos animais" inundariam tudo e "levariam ao caos". Está claro que a fórmula do caos social, que tem papel tão preponderante na política, nada mais representa que o medo dos impulsos humanos. Será que então a moral é necessária? Sim, desde que impulsos realmente ameaçam a convivência humana. Como, então, seria possível abolir a regulamentação moral compulsória?

Esta pergunta é respondida imediatamente quando se recorre ao seguinte reconhecimento da economia sexual: a regulamentação moral reprime e impede a satisfação das necessidades biológicas naturais, o que resulta em impulsos *secundários, doentios, anti-sociais*; e estes, necessariamente, têm de ser refreados. Assim, pois, a moral não surgiu em consequência da necessidade de reprimir impulsos socialmente perturbadores, pois já existia *antes* desses impulsos anti-sociais. Ela surgiu, na sociedade primitiva, de certo interesse de uma camada superior, que se desenvolvia e se tornava economicamente poderosa, de reprimir as necessidades naturais, que em si em *nada* perturbavam a *socialidade*.² A regulamentação moral teve a justificativa de sua existência no momento em que aquilo que ela havia criado começou a ameaçar *realmente* a vida social. A repressão da satisfação correspondente à necessidade natural, por exemplo, criou a tendência para o furto, e esta por sua vez tornou necessária uma regulamentação moral para que não furtasse. Assim, na discussão sobre se a moral é necessária ou se deve ser abolida, se em lugar de uma moral deve ser adotada outra, ou se finalmente a regulamentação moral pode ser substituída pelo autocontrole, não daremos um passo sequer para a frente se não estabelecermos distinção entre os impulsos biológicos *naturais* e os impulsos *secundários* anti-sociais gerados pela moral. A vida mental inconsciente do homem patriarcal está repleta de *ambas* as espécies de impulsos. Está claro: *Se alguém reprime com razão os impulsos anti-sociais, os impulsos biológicos naturais são igualmente sofreados*, pois é impossível uma separação entre ambos. Se agora, como já foi dito, a reação política considera o conceito de impulsos e o conceito de "anti-social" como uma só coisa, a distinção mencionada acima nos oferece uma saída:

Desde que a alteração da estrutura do homem não obteve sucesso até o ponto em que a regulamentação de sua economia de energia biológica excluirá automaticamente qualquer tendência anti-social, também a regulamentação moral não poderá ser abolida. Já que o processo de alteração da estrutura levará previsivelmente muitíssimo tempo, é lícito dizer que a eliminação da regulamentação moral compulsória e sua substituição por uma regulamentação sexual-econômica só será possível até o ponto em que o domínio dos impulsos secundários anti-sociais se estende a

² Ver Der Einbruch der Sexualmoral, 24 edição, 1934.

expensas das necessidades biológicas naturais. Estamos plenamente capacitados a prever isso baseados no processo caráter-analítico do indivíduo isolado durante o tratamento. Também aqui vemos que ele somente desarma as suas compulsões morais à medida que recupera a sua sexualidade natural. O doente, com a regulamentação moral pelo seu consciente, perde também a sua anti-socialidade e torna-se "moral" na mesma medida em que se refaz genitalmente.

O desenvolvimento social, pois, não abolirá a regulamentação moral de hoje para amanhã, mas preliminarmente alterará a estrutura dos homens de forma tal que se tornem capazes de viver dentro dos liames sociais e trabalhar, sem autoridade ou pressão moral, mas como auto-evidência e disciplina realmente voluntária que não pode ser imposta. O refreamento moral evidentemente valerá somente para os impulsos anti-sociais, por exemplo o regulamento de que a sedução de menores por adultos será duramente castigada; não será abolido, enquanto houver na massa humana o impulso estrutural de seduzir menores. Sob este ponto de vista, a situação após a revolução ainda seria idêntica à da sociedade autoritária. A diferença entre as duas sociedades seria que a sociedade não-autoritária ofereceria às necessidades naturais campo completamente livre e garantia para a sua satisfação. Assim, digamos, não proibiria o romance entre dois adolescentes de sexos opostos, mas pelo contrário lhes ofereceria todo o apoio social. Não somente não proibiria o onanismo infantil, mas impediria energicamente que qualquer adulto pusesse dificuldades ao desenvolvimento sexual da criança.

Contudo, não devemos também tomar a concepção do "impulso sexual" de modo absoluto e rígido; pois também o impulso secundário não é determinado unicamente pelo que ele quer, mas pelo período em que se desenvolve e pelas circunstâncias sob as quais procura alcançar sua satisfação. A mesmíssima coisa pode em um caso, de acordo com uma época, ser natural e, em outro e em outra época, ser um impulso anti-social. Para tornar isso mais claro: Se uma criança entre seu primeiro e segundo ano de vida urina na cama ou brinca com seu próprio excremento, isto é um estágio de desenvolvimento natural de sua sexualidade pré-genital. Nessa idade, o impulso de brincar com o próprio excremento é uma função natural e biológica, e castigar a criança por esse ato natural merece castigo ainda mais severo. Se, porém, o mesmo indivíduo com a idade de 14 anos quisesse comer ou brincar com seu excremento, isso já seria um impulso secundário, anti-social e doentio. O indivíduo em causa não devia ser castigado, mas encaminhado a uma casa de saúde. Mas também isso não deveria bastar a uma sociedade livre. Agora teria como tarefa mais importante modelar a educação de forma tal que não existissem mais impulsos para fenômenos dessa natureza.

Para dar outro exemplo: Se um rapaz de quinze anos quisesse ter relações amorosas com uma menina de treze anos, a sociedade livre não se oporia, e ainda o defenderia e protegeria. Se, no entanto, esse mesmo rapaz de quinze anos quisesse induzir meninas de três anos a brincadeiras sexuais ou 'quisesse forçar uma companheira da mesma idade contra a vontade dela, isso seria um comportamento anti-social. Indicaria que ele se encontrava inibido na escolha, por meios sadios, duma garota da mesma idade, isso devido a qualquer causa. Resumindo podemos dizer: *No período de transição da sociedade autoritária para a sociedade livre, a regra seria: Regulamentação moral para os impulsos secundários, anti-sociais; autocontrole para as necessidades biológicas naturais.* O objetivo será colocar gradativamente fora de ação os impulsos secundários, e com eles a compulsão moral, e substituí-los completamente pelo autocontrole sexual-econômico.

Tais formulações sobre os impulsos secundários poderiam *ser* facilmente interpretadas de modo errôneo pelos moralistas ou também por pessoas doentias de forma a servir aos *seus* propósitos e às suas metas. Mas em pouco tempo seria possível estabelecer-se uma diferença tão clara entre impulso natural e secundário que a hipocrisia moral do patriarcado não mais poderá insinuar-se na vida social por alguma porta dos fundos. A existência de princípios morais rigorosos tem sido sempre uma prova de que as necessidades biológicas, especialmente as necessidades sexuais do homem, não estão sendo satisfeitas. Toda regulamentação moral é sexualmente negativa, isto é, nega as necessidades sexuais naturais. Toda moral nega a própria vida, e a revolução social parece não ter

tarefa mais importante do que possibilitar finalmente ao homem, ao ser humano vivo, a satisfação e realização da sua vida.

A economia sexual aspira pois ao "comportamento moral" tanto quanto à regulamentação moral. Quer, porém, fundamentá-la diversamente e compreende por moral coisa inteiramente diversa: não um contraste com a natureza, mas uma completa harmonia com a natureza e a civilização. Combate a regulamentação moral compulsória, não a moral no sentido da afirmação da vida.

4. "MORAL" SEXUAL-ECONÔMICA

Em todo o mundo, aqui sob circunstâncias favoráveis, ali sob circunstâncias desfavoráveis, os homens lutam por uma nova organização da vida social. Travam sua luta não somente sob as condições mais pesadas no campo social e econômico, mas também refreados, confusos e ameaçados pela própria estrutura psíquica, que têm em comum com os homens por eles combatidos. *O alvo de uma revolução cultural é o estabelecimento de pessoas com uma estrutura que as faça capazes de autocontrole.* Os que lutam hoje para alcançar tal objetivo muitas vezes vivem de acordo com princípios que correspondem a esse objetivo, mas não passam de "princípios". importante tornar inteiramente claro que hoje não existem homens com estrutura trabalhada, plenamente desenvolvida e sexualmente afirmativa, pois todos nós fomos influenciados por uma máquina educativa autoritária, religiosa, sexualmente negativa. Apesar disso, lutamos por uma posição, uma atitude na formação de nossa vida pessoal, que pode ser chamada de sexual-econômica. Alguns saem-se bem, outros menos mal, em conseguir essa alteração da estrutura. Quem viveu e trabalhou durante longo tempo numa organização industrial sabe por experiência que entre o seu pessoal se antecipa ocasionalmente um pouco da futura regulamentação sexual-econômica.

Alguns exemplos mostrarão o que é a "moral sexual-econômica" hoje e o que ela antecipa da "moral do futuro". De início, vale salientar que, vivendo assim, não formamos absolutamente uma ilha, mas podemos ter tais pontos de vista e viver assim porque esses modos de comportamento e novos "princípios morais" já começam a fazer parte do processo geral de desenvolvimento da sociedade, o qual ocorre de maneira completamente independente da vontade dos indivíduos e dos *slogans* dos partidos.

Há cerca de 15 ou 25 anos, era vergonha para uma moça solteira não ser virgem. Hoje as moças de todos os círculos e camadas sociais — aqui mais, ali menos, aqui mais claramente, ali mais obscuramente — parecem desenvolver a idéia de que é vergonha ser *ainda* virgem com 18, 20 ou 22 anos.

Há relativamente pouco tempo era considerado contravenção moral, exigindo punição severa, que um casal que pretendia contrair matrimônio se conhecesse sexualmente antes do casamento. Hoje, em amplos círculos, de maneira espontânea, apesar da influência da igreja, da medicina escolástica, filosofias etc., se impõe cada vez mais o ponto de vista de que é ou pode ser anti-higiênico, imprudente ou desastroso que um homem e uma mulher, que pensam em entrar em relações mútuas duradouras, se liguem permanentemente sem antes terem certificado se combinam também na base de sua vida comunal, isto é, em sua vida sexual.

As relações sexuais extramatrimoniais, há alguns anos ainda uma vergonha e perante a lei uma "depravação da natureza", hoje na juventude trabalhista, bem como na da pequena-burguesia alemã, tornou-se uma coisa comum e necessidade vital.

A idéia de que uma moça sexualmente amadurecida de quinze ou dezesseis anos de idade tivesse um amigo há alguns anos parecia absurda, era inadmissível; agora já há discussão em torno

do assunto e daqui a mais alguns anos ficará sendo tão comum quanto hoje o direito reconhecido da mulher não-casada de possuir um companheiro. Dentro de cem anos sorrir-se-á espantado ante a exigência de que as professoras, por exemplo, não devem ter uma vida sexual assim como rimos sobre o tempo em que as mulheres eram obrigadas pelos maridos a usar cintos de castidade.

De modo geral como comportamento ideológico predomina a idéia de que é preciso conquistar uma mulher e que a mulher por si só não pode conquistar. A quem hoje isso não parecerá ridículo?

Que ninguém tem relações sexuais se o parceiro não quiser é coisa desconhecida para a mulher. O conceito do dever conjugal, contido nos livros da lei e que tem também conseqüências funestas, prova isso. No entanto, vemos cada vez mais em nossos consultórios sexuais e em nossa prática médica como se afirma comumente a posição contrária a todas as ideologias sociais de que um homem não tem relações sexuais com sua companheira quando esta não quer; ainda mais, não as realiza quando ela não se encontra genitalmente excitada. Há diversos anos (como ainda hoje), era muito difundido o fato de que a mulher deixava acontecer o ato sexual sem pessoalmente tomar parte nele. É, portanto, parte da moral natural não ter relações sexuais quando não se está em completo preparo sexual; com isso se liquida a ideologia da violentação e a posição da mulher de que esta deva ser conquistada, ou pelo menos suavemente violentada. Há diversos anos (como ainda hoje), o conceito de que se tinha que zelar ciumentamente pela fidelidade do parceiro era muito difundido e a estatística dos crimes passionais nos mostra, à primeira vista, como é imensamente grande a deterioração social nesse campo; mas aos poucos se afirma mais ou menos nitidamente a convicção de que nenhum homem tem o direito de proibir que o seu parceiro mantenha uma comunhão sexual passageira ou permanente com outros. Somente tem o direito de retirar-se ou reconquistar o parceiro ou então tolerá-lo. Essa posição, que está inteiramente de acordo com conhecimentos sexual-econômicos, nada tem a ver com a ideologia hiper-radical de que absolutamente não se deve ter ciúmes, de que "não importa" que o parceiro entre em relações sexuais com outras pessoas. É natural que se sofra ao se pensar que o parceiro *querido* abraça outra pessoa. Esse ciúme natural deve ser distinguido rigorosamente do ciúme de propriedade. É natural não querer um parceiro querido nos braços de outra pessoa; mas é igualmente não-natural e corresponde a um impulso secundário que, por exemplo, num matrimônio ou numa relação duradoura não se tenha mais relações sexuais e apesar disso se proíba ao parceiro que mantenha relações sexuais com outra pessoa.

Estes poucos exemplos devem bastar e afirmamos que a vida pessoal e especialmente sexual do homem, tão complicada como é hoje, se regulamentaria de maneira mais simples, se a estrutura do homem fosse capaz de tirar sozinha todas as conclusões que resultam do interesse da alegria de viver. A essência da regulamentação sexual-econômica encontra-se no fato de evitar exatamente o estabelecimento de regras ou normas absolutas e reconhece os interesses da vontade e da alegria de viver como os reguladores da convivência humana. O fato de que esse reconhecimento hoje se encontra extremamente limitado pela estrutura humana desordenada apenas depõe contra a regulamentação moral que a gerou, não contra o princípio do autocontrole.

Existem, pois, *duas espécies* de "moral", mas apenas *uma* espécie de regulamentação moral. A espécie de "moral" que todo mundo reconhece e afirma ser uma coisa normal (não violentar, não assassinar etc.) só pode ser estabelecida com base na mais plena satisfação das necessidades naturais. Mas a outra espécie de "moral" que negamos (abstinência sexual para crianças e adolescentes, fidelidade eterna absoluta, matrimônio forçado etc.) é ela própria doentia e gera o caos que ela pretende dominar. Contra esta se dirige nossa luta sem trégua.

Acusam a economia sexual de querer destruir a família. Falam do "caos sexual" que a vida com amor livre acarretaria, e as massas dão ouvidos às palavras dessas pessoas e confiam nelas porque usam casaca e óculos de aro dourado, podendo assim falar como líderes. A pessoa deve saber sobre o que está falando. A escravização *econômica* das mulheres e crianças deve ser eliminada. A escravização *autoritária* da mesma forma. Somente quando isso se tornar realidade, o marido amará a mulher, os filhos os pais e os pais os filhos. Não terão mais motivo para se *odiarem* mutuamente. O

que queremos destruir, portanto, é o ódio gerado pela família e pela violentação "apaixonada". Se o amor familiar é o grande bem humano, ele tem que afirmar-se. Se um cachorro amarrado não foge, ninguém por isso o considerará um companheiro fiel. Ninguém, em seu juízo perfeito, falará de amor quando um homem possui uma mulher de pés e mãos amarradas e indefesa. Nenhum homem decente ficará orgulhoso com o amor de uma mulher que ele compra com alimentação ou influência de poder. Nenhum homem correto tomará um amor que não for dado voluntariamente. A moral forçada do dever conjugal e da autoridade familiar é uma moral de covardes dementes da vida e de impotentes incapazes de conseguir pela força natural do amor aquilo que pretendem conseguir por intermédio da polícia e do direito conjugal.

Querem enfiar toda a humanidade na sua própria camisa-de-força por serem incapazes de tolerar nos outros a sexualidade natural. Isso os aborrece e os enche de inveja, porque eles próprios gostariam de viver assim e não conseguem. *Nós* não queremos forçar ninguém a abandonar a vida familiar, mas também não queremos permitir a ninguém que obrigue aquele que *não* a quer a aceitá-la. Quem pode e quer passar toda a vida como monógamo, que o faça; quem, entretanto, não o pode e talvez se arruíne por causa disso, deve ter a possibilidade de organizar a sua vida de outra forma. No entanto, a organização de uma "nova vida" pressupõe o conhecimento das contradições da antiga.

CAPÍTULO II

O FRACASSO DA REFORMA SEXUAL

A reforma sexual pretende eliminar irregularidades da vida sexual social que no final se encontram arraigadas na maneira de existência econômica e encontram expressão nas doenças mentais dos membros da sociedade. Na sociedade autoritária, aumentam, em conexão com os conflitos econômicos e ideológicos, as contradições entre a moral vigente, que é imposta a toda a sociedade pela classe dominante no interesse da preservação e do fortalecimento do seu poder, e as exigências naturais da sexualidade dos indivíduos isolados em determinada época, levando a uma crise insolúvel no contexto da forma social existente. Nunca, entretanto, na história da humanidade, essa contradição levou a conseqüências tão crassas, objetivamente cruéis e até mesmo assassinas, como nos últimos 30 anos. Por isso, em nenhuma outra época se discutiu e se escreveu tanto sobre questões sexuais, também em nenhuma outra época todos os empenhos fracassaram tanto como — apenas aparentemente de modo paradoxal — na "era da técnica e da ciência". A contradição entre a miséria sexual, deterioradora da vida sexual, e o progresso enorme da ciência sexual é um corolário da outra contradição entre a miséria econômica da massa trabalhadora e as enormes conquistas técnicas da nossa época. Também é apenas aparentemente contraditório que, na época das operações assépticas e da arte cirúrgica aperfeiçoada, entre 1920-1932, anualmente, cerca de 20.000 mulheres morreram na Alemanha de aborto e 75.000 mulheres adoeceram gravemente em conseqüência de infecções ocasionadas por aborto. Ou que, com o progresso da racionalização da produção entre 1930-1933, cada vez mais operários industriais ficavam desempregados, soçobrando física e moralmente com suas famílias. Essa contradição, longe de ser irracional, adquire sentido quando não se procura compreendê-la independentemente da estrutura econômica e social dentro da qual foi formada. Temos que demonstrar que tanto a existência da miséria sexual quanto a insolubilidade do problema sexual pertencem à permanência da ordem social à qual devem sua existência.

As lutas em prol da reforma sexual fazem parte da luta geral político-cultural. O liberal, como por exemplo Norman Haire, com a sua reforma sexual, combate apenas uma deficiência da sociedade, sem pretender tocar nela mesma. O socialista pacífico, o "reformista", pretende com isso implantar um pouco de socialismo na sociedade existente. Tenta inverter o processo de desenvolvimento fazendo que a reforma sexual ocorra antes que se verifique a modificação da estrutura econômica.

O moralista jamais compreenderá que a miséria sexual é uma parte integrante da ordem social que ele defende. Não enxerga as causas nem na licenciosidade dos homens nem numa misteriosa "Ananke" (= compulsão sobrenatural) ou numa vontade não menos mística de sofrimento, se não chega a acreditar que a miséria sexual seja tão grande apenas porque as suas formas ascéticas e monógamas não estão sendo seguidas. Não podemos esperar que ele reconheça que é conivente para que ocorra precisamente aquilo que, queremos acreditar, ele quer abolir piedosa embora talvez honestamente com suas reformas. As conseqüências de tal reconhecimento somente poderiam, sob certas circunstâncias, abalar a sua base econômica, fundamentada na qual ele quer empreender a sua reforma. Pois ele ainda não se convenceu de que o fascista de qualquer tipo não admite brincadeiras com coisas sérias e sem hesitação entrega o pacifista liberal às mãos do carrasco, quando a existência dele, fascista, está em jogo.

A reforma sexual procura, há séculos, amenizar a miséria sexual. A questão da prostituição e das doenças venéreas, a miséria sexual, o aborto e os crimes sexuais, bem como a questão das neuroses, estão sempre no centro do interesse público. Nenhuma das medidas tomadas teve qualquer efeito sobre a miséria sexual imperante, mais ainda, *as propostas para a reforma sexual estão sempre atrasadas em comparação com as modificações reais que ocorrem nas relações entre os*

sexos. O decréscimo dos casamentos e o aumento dos divórcios e do adultério impõem a discussão da reforma matrimonial; as relações sexuais extra-matrimoniais conquistam cada vez maior reconhecimento, contra os pontos de vista dos sexologistas de mentalidade ética; relações sexuais entre os jovens de 15 a 18 anos de idade tornam-se um fato comum, ao passo que a reforma sexual ainda se encontra na questão sobre se a abstinência sexual dos adolescentes não deveria continuar acima da idade de 20 anos e se seria lícito reconhecer o onanismo como fenômeno natural. O aborto "criminoso" e o uso de anticoncepcionais abrangem círculos cada vez mais vastos, ao passo que a reforma sexual ainda se debate com a questão sobre se deve ser reconhecida, além da indicação médica, também a social para o aborto.

Esse atraso dos esforços reformadores, bem como o fato de que as modificações concretas na vida sexual estão enérgica e consideravelmente adiantadas em relação às quase insignificantes lides dos reformadores sexuais, demonstram claramente que há algo internamente errado nesses esforços reformadores, *que há uma contradição interna que funciona como um mecanismo de freio, cerceando todo movimento e anulando todos os esforços*.

Encontramo-nos, assim, diante da tarefa de descobrir o sentido oculto do fiasco da reforma sexual autoritária e conseqüentemente as relações existentes entre a reforma sexual autoritária, e seu fracasso orgânico, e a ordem social autoritária.

Essas relações de modo algum são simples, e muito especialmente o problema da formação ideológica sexual é tão complexo que necessitou de uma investigação ampla em separado.³ No presente trabalho, somente um setor da complexa questão é analisado, e nessa investigação se cruzam os seguintes elementos relacionados entre si:

1. Ver meus trabalhos: *Der Einbruch der Sexualmoral e Massenpsychologie des Faschismus*.
2. A família autoritária como instrumento educacional,
3. A exigência da abstinência sexual da juventude como medida conseqüente e acertada, do ponto de vista autoritário, para a educação para um matrimônio monogâmico e vitalício e para a família patriarcal.
4. A contradição entre a reforma sexual conservadora e a ideologia matrimonial conservadora.

Algumas dessas relações têm sido negligenciadas até agora porque na crítica da reforma sexual se salientavam as formas externas da vida sexual (moradia, aborto, legislação matrimonial etc.) em contraposição às necessidades sexuais, seus mecanismos e experiências. Pouco há a acrescentar a essa crítica sociológica por ter sido realizada minuciosamente na Europa por figuras como Hodann, Hirschfeld, Brupbacher, Wolff e outros e especialmente por ter-se destacado em virtude da reviravolta na legislação sexual na União Soviética de 1918 a 1921.⁴

No entanto, o julgamento das conseqüências mentais e culturais da ordem sexual para a economia sexual do indivíduo e da sociedade pressupõe o conhecimento dos mecanismos psíquicos e somáticos da sexualidade.

Até onde a crítica médica se junta à sociológica, ela se fundamenta inteiramente nas experiências da clínica caráter-analítico e da pesquisa dos orgasmos.

³ A instituição do matrimônio como freio da reforma sexual.

⁴ Ver as obras de Genss sobre a questão do aborto na Rússia Soviética; e também Wolfsohn: *Soziologie der Ehe und Familie*, e Batkis *Obre Die sexuelle Revolution in der Sowjet-Union* etc.

CAPÍTULO III

A INSTITUIÇÃO DO CASAMENTO COMO BASE DAS CONTRADIÇÕES DA VIDA SEXUAL

A reforma sexual está sendo realizada do ponto de vista de interesse da moral do casamento forçado. Por trás dela, encontra-se a instituição do matrimônio, e isso por sua vez se baseia firmemente em interesses econômicos. A moral do casamento é o expoente ideológico mais extremo desses interesses econômicos na superestrutura ideológica da sociedade e como tal permeia o pensamento e a ação de todo pesquisador e reformador sexual na mesma medida em que torna a reforma sexual impossível.

Como é que se relacionam os interesses econômicos com a moral do casamento? A consequência imediata é o interesse na virgindade pré-nupcial e na fidelidade conjugal da esposa. O higienista sexual de Munique, Gruber, reconheceu acertadamente este último motivo decisivo:

Temos que dar valor à virgindade da mulher como o tesouro popular mais elevado e cultivá-la, pois na virgindade da mulher encontra-se a única certeza e garantia de que realmente seremos pais de nossos filhos, de que realmente nos esforçamos e trabalhamos para o nosso próprio sangue. Sem *essa* garantia, no entanto, não existe possibilidade de uma vida familiar segura e íntima fundamento indispensável para o desenvolvimento de povo e Estado. *Nisso*, e não na livre licenciosidade do homem, é que as leis e os costumes se baseiam para apresentar exigências mais rigorosas às mulheres, no que concerne à virgindade pré-nupcial e à fidelidade no matrimônio, do que ao homem. Na licenciosidade dela, encontra-se em jogo muito mais do que na dele. (*Hygiene des Geschlechtslebens*, 53.a-54.a ed., págs. 146-147.)

Pelo entrosamento das leis de herança com a concepção, o problema matrimonial isolado encontra-se firmemente enraizado na vida sexual, sendo que assim a ligação sexual de duas pessoas deixa de ser uma questão de sexualidade. O recato extra-matrimonial da mulher e da sua fidelidade conjugal, sem um elevado grau de repressão sexual de sua parte, não pode ser mantido por um espaço de tempo prolongado; daí, a exigência de virgindade da moça. Originalmente, e ainda hoje entre os primitivos já com organização econômica privada, a moça pode viver sexualmente como quiser até o matrimônio; somente após o matrimônio é que ela se obriga ao recato extra-matrimonial.⁵ Na nossa sociedade, especialmente durante as últimas décadas do século XIX, e no começo do XX, a exigência da virgindade como condição matrimonial passou a ser indispensável. *Rigorosa fidelidade da esposa e virgindade pré-nupcial da moça* constituem nesse estágio os alicerces da moral sexual reacionária, que o matrimônio e a família patriarcais têm que sustentar pela formação da estrutura sexualmente temerosa.

Até aí a ideologia é conseqüentemente expressão dos interesses econômicos. Entra agora, porém, a contradição no processo. A exigência de virgindade da moça priva a juventude masculina de objetos amorosos. Isso cria condições que, embora *não-intencionadas pela ordem econômica, são parte necessariamente do seu sistema sexual*: O matrimônio monogâmico dá origem ao *adultério*, que nasceu junto com aquele; a virgindade das moças dá origem à *prostituição*. O adultério e a prostituição constituem parte integrante da dupla moral sexual, que permite ao homem, tanto antes quanto depois do casamento, aquilo que *tem* que negar às mulheres por motivos econômicos. Devido às exigências naturais da sexualidade, entretanto, a rígida moral sexual resulta exatamente no contrário do que se pretende. O imoral no sentido reacionário, isto é, o adultério e as relações sexuais

⁵ Ver a esse respeito Bryk: *Negereros* (Marcus & Webers, pág 77). Ploss-Bartels: *Das Weib* (Leipzig, 1902, vol. 1, pág. 4491, e especialmente Malinowski: *The Sexual Life of Savages* (Londres, 1929).

extra-matrimoniais, transforma-se em fenômenos sociais grotescos: perversão sexual por um lado, e sexualidade mercenária, dentro e fora do casamento, por outro. O caráter mercenário da atividade sexual fora do casamento forçosamente destrói as relações sentimentais entre os sexos, da forma mais claramente expressa na prostituição; o jovem divide sua sexualidade ao satisfazer a sua sensualidade com uma mulher das "camadas inferiores" enquanto dispensa seu afeto e respeito a uma moça do seu próprio círculo social. Essa divisão da vida amorosa e a ligação da sensualidade com dinheiro têm como consequência uma total degradação e brutalização da vida amorosa. Um dos resultados é a ocorrência difundida da *doença venérea*, que assim se torna, também involuntariamente, parte importante da ordem sexual conservadora. A luta contra a prostituição, relações extra-matrimoniais e doenças venéreas é travada sob o lema da "abstinência sexual", de acordo com o ponto de vista de que somente as relações matrimoniais são morais, para o que se invoca como prova aparente da perniciosidade das atividades sexuais extra-matrimoniais a sua alegada periculosidade.

Os próprios autores reacionários confirmam a impossibilidade da exigência da abstinência sexual como arma eficaz contra as doenças venéreas, mas do beco sem saída da moral matrimonial não chegam a conclusão final acertada. É bem verdade que as doenças venéreas são causadas por bacilos, mas elas devem a sua disseminação à degradação da vida sexual extra-matrimonial, que não é outra coisa senão o contraste moral da relação matrimonial sancionada; e esse contraste o pesquisador sexual reacionário tem que apoiar, quer queira quer não, ideologicamente, desde que não saia do seu meio.

Na questão do aborto vemos também as contradições entre a constatação dos fatos e as exigências e por trás disso o apoio ideológico da moral matrimonial e as considerações para com a instituição do casamento. Um dos argumentos contra a legalização do aborto é o do "recato". Onde estaríamos se permitíssemos ampla liberdade de aborto? A lei contra o aborto afinal é um freio à "vida sexual irrestrita". Quer-se conseguir aumento populacional e consegue-se o contrário: Decréscimo constante do índice de natalidade. Sabe-se que a liberação e legalização do aborto não influenciou o aumento de população na Rússia, mas, pelo contrário, que a assistência social juntamente com o aborto legal determinaram um enorme aumento populacional.⁶

Necessita-se, no entanto, de supremacia nacional e buchas de canhão, almeja-se portanto um incremento no índice de natalidade.

É errôneo acreditar que a consideração pela produção de um exército industrial de reserva seja a mola mestra. Provavelmente era assim antes, quando o desemprego numa certa porcentagem baixa de trabalhadores era sumamente conveniente à pressão salarial. Mas os tempos mudaram.

O desemprego em massa em todos os países ocidentais, que se tornaram peças integrantes da estrutura de nossa economia, desvalorizou esse motivo. Os motivos imediatamente econômicos para o impedimento de uma regulamentação racional do uso de anticoncepcionais são insignificantes em comparação com os motivos ideologicamente cosmovisuais, que no final das contas também têm as suas raízes em interesses econômicos. O motivo central para a punição do aborto é a consideração pelo "recato". Se se libera o aborto, isso não pode somente se referir às esposas, mas também terá que ser aplicado às solteiras. Mas com isso dá-se o beneplácito à ligação extra-matrimonial e anula-se a compulsão moral ao casamento após a gravidez. Prejudicar-se-ia a instituição do casamento; ideologicamente, portanto, é preciso, apesar dos fatos contraditórios da vida sexual, preservar-se a moral matrimonial, porque o casamento é a espinha dorsal da família autoritária, e esta por sua vez é a fonte natural das ideologias autoritárias e estruturas humanas.

Esse aspecto tem sido demasiadamente negligenciado na discussão da questão do aborto. Poder-se-ia tirar meia consequência, isto é, talvez permitir o aborto somente às casadas, mas não às

⁶ Genss: *Was lehrt die Freigabe der Abtreibung in Sowjet-Russland?* (Ed. Agis-Verlag, 1926).

solteiras. Então, assim se salvaguardava o interesse do casamento. Essa alegação seria verdadeira se não houvesse outro fato em contrário na engrenagem sexual-ideológica. É *elemento fundamental da moral sexual que o ato sexual não pode ser um ato de prazer e necessidade, independente da procriação*. O reconhecimento oficial da satisfação sexual, independente da procriação, de uma única vez derrubaria todas as concepções oficiosas e ecumênicas sobre a vida sexual. Assim escreve Max Marcuse em sua coletânea *Die Ehe* (capítulo: "Der eheliche Präventivverkehr", pág. 399): "Se fosse realmente possível, por meio de medicação interna, esterilizar as mulheres temporariamente à vontade, a tarefa mais premente seria encontrar um (método para a disponibilidade e comercialização desses medicamentos que assegurasse seu... proveito para... a higiene, mas neutralizasse seu perigo inaudito para a ordem e moral sexuais até para a vida e a cultura (leia-se: vida autoritária e cultura) ."

A grande preocupação ética de Marcuse, o reformador sexual liberal do ano de 1927, foi levada em consideração pelo fascismo alemão em 1933-1945: Cerca de mil e quinhentas esterilizações no Terceiro Reich não asseguraram nenhum proveito para a higiene, mas "*preveniram o perigo inaudito (a cisão entre sexualidade e procriação) para a ordem e moral sexuais, para a própria vida e a cultura*" — no interesse da eliminação do "bolchevismo sexual".

Por simples matemática, podemos demonstrar o que significam essas frases na realidade. Nenhum pesquisador sexual preocupado com a preservação da humanidade pode exigir de uma mulher trabalhadora que dê à luz — digamos — mais do que cinco filhos. Isso significaria poder ter relações sexuais cinco vezes na vida, se é que se considera o ato apenas meio de procriação. A natureza humana, entretanto, arrumou as coisas de forma tal, talvez para causar tantas dores de cabeça aos nossos reformadores sexuais, que o homem, primeiro, também sente excitação sexual e deseja ter relações sexuais, mesmo sem ter qualquer documento matrimonial, e, segundo, sente essa vontade em média cada três dias; isso quer dizer, que ele tem relações sexuais, dos 14 aos 50 anos de idade, entre 3.000 a 4.000 vezes, se não se importa com a moral. Se Marcuse queria apenas assegurar o aumento da raça, deveria propor e conseguir que a mulher pudesse usar os anticoncepcionais seguros em 2.995 casos, se ela os deixa de usar cinco vezes ou tantas quantas forem necessárias para produzir cinco filhos.

No entanto, o que preocupa ao reformador sexual na realidade não é tanto o medo dos "cinco" atos de procriação, mas o de que o homem possa, com ação, note bem *com o beneplácito da autoridade*, não somente desejar, mas até mesmo cometer 3.000 atos de prazer. Por que é que este medo o preocupa?

1. Porque a instituição do casamento não está aparelhada para esse estado de fatos naturais e apesar disso tem que ser preservada como elemento central da fábrica de ideologia autoritária: a família.
2. Porque inapelavelmente não poderia mais fugir à complexa questão da sexualidade juvenil, que ele pensa liquidar com os lemas "abstinência sexual" e "esclarecimento sexual".
3. Porque a sua teoria da constituição monogâmica das mulheres, ou mesmo de todas as pessoas, abalada pelos fatos biológicos e fisiológicos, desmoronaria completamente.
4. Porque, em tais circunstâncias, ele entraria em sério conflito com a Igreja; somente se dá bem com ela enquanto propaga, como Van de Velde no seu livro *O Casamento Ideal*, (*Die vollkommene Ehe*), a erotização no contexto do matrimônio, não sem esclarecer minuciosamente que seus esforços não contradizem os dogmas da Igreja.

A ideologia do recato convencional é a pedra fundamental da instituição matrimonial autoritária; contradiz o reconhecimento da satisfação sexual e pressupõe uma atitude sexual negativa. É dessa instituição do casamento que provém a impossibilidade de se resolver a questão do aborto.

CAPÍTULO IV

A INFLUENCIA DA MORAL SEXUAL CONSERVADORA

1. CIÊNCIA "OBJETIVA, APOLÍTICA"

O caráter específico da atmosfera sexual-ideológica é a negação sexual e degradação da sexualidade, que fazem seu efeito em cada indivíduo isolado da sociedade autoritária no processo da *repressão sexual*. Pouco importa quais os componentes das necessidades sexuais que são reprimidos, em que proporção isso acontece e quais as conseqüências que tem no caso isolado. O importante é estabelecer quais os meios de que se serve a "opinião pública", entre a qual se encontra também a sexologia conservadora, e quais os resultados gerais que alcança.

O expoente mais nobre e mais significativo da atmosfera ideológica é a *sexologia conservadora*. Na discussão dos problemas do casamento e da sexualidade juvenil trataremos disso em detalhe, ao passo que aqui apenas damos exemplos típicos para os preconceitos moralistas da sexologia pretensa-mente objetiva.

Timerding escreve em sua conferência sobre "Ética Sexual" no *Handwörterbuch der Sexualwissenschaft* de Marcuse, uma obra que certamente exprime a opinião da sexologia oficial:

Para toda a compreensão da vida sexual a posição ética geral sempre *se* mostrou significativa, as propostas de reformas no campo sexual quase sempre são justificadas por fundamentos éticos. (2.a edição, pág. 710.)

O significado real da acepção ética sexual encontra-se em que ensina a encarar os fenômenos da vida sexual no grande contexto de todo o desdobramento da personalidade e da ordem social. (Op. *cit.*, pág. 712.)

Sabemos que concretamente se trata da ordem *autoritária*, quando se fala da ordem social e do desdobramento duma personalidade que especificamente somente *nessa* ordem se poderá *encaixar*. Toda ética sexual oficial é, porém, necessariamente sexual-negativa, mesmo que na luta com os fenômenos reais da vida sexual também façam algumas concessões à satisfação sexual, mesmo que a classe dominante nessa ética oficial leve uma vida sexual tão contraditória a ela e a fomenta. Em face da sua controvérsia interna, alguns pesquisadores chegaram a formulações que se encontram em contradição com a atmosfera social. Mas, praticamente, esse pólo naturalista oposto nunca se realiza, nunca chega a uma ação concreta, que ultrapassasse os limites do contexto estabelecido pela sociedade reacionária. Isso naturalmente terá que levar a inseqüências, mesmo a absurdos. Assim escreve Wiese:

... acima do ascetismo religioso, existe (mormente em formas mais brandas) justamente no *presente*, muito ascetismo, isto é, abstinência em princípio, cujos motivos se originam na política, ética, considerações de conveniências sociais, fraqueza erótica mental ou corporal, uma inclinação para o espiritualismo ou uma mistura de todos *esses* elementos com a superação de instintos religiosos. Frequentemente se acredita poder alcançar a sublimação espiritual ou mental do intercâmbio humano somente sob condição do (maior ou menor) ascetismo. Isso é invariavelmente fundamentado no menosprezo da esfera do corporal e imaginação da cisão entre o espiritual e o corporal e da condição de concorrência entre corpo e alma. Esse ascetismo moderno, muitas vezes somente teórico ou tornando necessidade virtude, somente em casos raros pode ser equiparado a um verdadeiro ascetismo religioso. Muitas vezes é o resultado supinamente depauperado da supersatisfação ou de uma força vital por demais reduzida que o *pathos* ou o caleidoscópio colorido do sensual "não é capaz de suportar.

Para cada grau e cada intensidade de força do ascetismo é válida a observação de que um impulso natural vigoroso não pode ser eliminado, mas apenas desviado e alterado... A abstinência "reprime" o impulso sexual. Por mais que seja necessário precaver-se contra diversos exageros da escola freudiana, é necessário apoiar o ensinamento da repressão sexual para o inconsciente por meio da abstinência completa. Muito fanatismo, supertensão, ódio da humanidade e falta de recato da fantasia pode originar-se da abstinência sexual. (Op. cit., pág. 40.)

E adiante:

Nas pessoas sadias não existe um instinto de abstinência natural (que não deve ser confundido com o declínio passageiro e temporário do impulso ou seu enfraquecimento com o aumento da idade), o ascetismo é preponderantemente de origem social, não biológica. As vezes é um fenômeno da adaptação a condições de vida antinaturais, às vezes uma ideologia viciada. (Op. cit., pág. 40.)

Apresentações acertadas em sua essência; mas a inibição das conseqüências práticas em Wiese já se encontra talvez numa distinção entre ascetismo religioso e ascetismo de outra espécie, uma distinção que obscurece o fato de que o ascetismo religioso também se origina de uma "inclinação para o espiritualismo", e não de "instintos religiosos superados". Pela acomodação dos instintos religiosos deixa-se ao ascetismo eminentemente condicionado socialmente uma portinha dos fundos religiosa pela qual poderá escapar donde o pesquisador minucioso a afugentou pela constatação de que no homem sadio "não existe um instinto natural de abstinência".

Outra portinha dos fundos, ética, da sexologia oficial é a maneira de dizer do "recatamento" e da "espiritualização" das relações sexuais. Originalmente se amaldiçoava a sensualidade; mas ela voltava com fúria, espezinhando cada indivíduo que concordasse com essa maldição; que fazer com um fenômeno que se colocou em contradição tão crassa à maneira de viver "recatada", isto é, ascética e virginal? Resta apenas uma coisa: A "espiritualização" e o "recatamento" da fúria! O "enobrecimento do impulso sexual", o lema de amplo setor da reforma sexual, significa, mesmo que se utilizem tais lugares-comuns, coisa bem concreta, ou seja, novamente nada mais nada menos do que a sua repressão ou inibição. Pelo menos os moralistas nos ficam devendo uma explicação concreta sobre aquilo que querem dizer.

Interessante para o observador dessas contradições é a oposição resultante da mistura de constatação de fatos com ética sexual. Assim, escreve Timerding:

Quando se nega à mulher solteira o direito de amar, também deve-se exigir do homem a abstinência sexual até o matrimônio. O fato de que na virgindade completa pré-nupcial se encontra uma condição que, quando realizável, garante à sociedade humana existência assegurada, poupando ao homem individual muitas lutas e sofrimentos, é necessário que seja reconhecido. Quando, entretanto, a exigência permanece em ideal apenas alcançado (grifos meus, W. R.) em casos raros, sendo utilizada apenas para a condenação de outros, mas não como própria diretriz, pouco se lucra. A *idéia da virgindade* como norma ética *individual* teria que afirmar-se primeiro geralmente, o que parece tanto mais improvável quanto mais cederem as condições de vida simples dos tempos de antanho, e desaparece assim a possibilidade de chegar ao matrimônio imediatamente após alcançada a maturidade sexual. A exigência ética *social* simples, que pretende servir à defesa ampla da família, é facilmente descartada como compulsão incômoda pelo indivíduo isolado. (Op. cit., pág. 721.)

É significativo que essa concepção fracassou ante as condições de vida reais, determinadas pelo presente, e que no exercício legal verdadeiro quase se tornou uma farsa. (Op. cit., pág. 714.)

Temos aqui diante de nós, de uma só vez, as seguintes inconseqüências da argumentação lógica: Se a mulher antes do casamento tem que se conservar virgem, por que não o homem? Certo! A possibilidade de estabelecer a *idéia da virgindade* como norma ética (?) individual se desvanece cada vez mais. Certo! Mas essa *idéia de virgindade* deveria afirmar-se, apesar de que "Essa concepção fracassou... e se tornou... uma farsa". Ouvimos dizer que a preservação da "virgindade antes do casamento asseguraria à sociedade a existência mais segura". A prova dessa afirmação constantemente permanece ausente. f; um dito típico, que no entanto tem o seu sentido até onde se

refere à existência e preservação da sociedade autoritária. Isso já procuramos demonstrar.

Adiante:

O julgamento *higiênico da vida sexual* diverge... em duas direções distintas. Por um lado são apresentados os prejuízos para a saúde e para a alma, ligados à escravização forçada do impulso sexual e de acordo com isso exigidos ao homem para a garantia de relações sexuais sadias de acordo com a sua vocação, mas 'independentemente de suas condições econômicas. Por outro lado se alega a inocuidade da abstinência completa e dá-se ênfase aos perigos para a saúde em consequência de relações sexuais desregradas. Trata-se especificamente das doenças venéreas realmente muito difundidas e perniciosas... O único preventivo realmente seguro contra estas é na realidade a abstinência sexual completa. Mas como esta só pode ser exigida geralmente em casos excepcionais (?), retorna-se ao ideal das relações sexuais exclusivamente realizadas no *casamento rigorosamente monogâmico* (grifos meus, W. R.). As doenças venéreas rapidamente diminuiriam. *Mas também esse ideal dificilmente poderá ser realizado* (grifos meus, W. R.), e a conservação da pureza do matrimônio, uma vez contraído, não ajudará muito, pois os maiores perigos de contágio encontram-se antes do casamento. *Assim, somente poderia adiantar um aguçamento geral da consciência na questão sexual, a fim de evitar pelo menos as relações sexuais muito freqüentes e muito diversificadas. Talvez até se possa pensar que a liberação das relações sexuais, baseadas em forte atração mútua, da compulsão sob a qual são colocadas pela opinião da sociedade burguesa e em parte também pelos dispositivos legais favoreceria as ligações mantidas durante tempo prolongado, ou até mesmo permanentes, eliminaria a prostituição pública e secreta e assim não somente diminuiria a incidência das doenças venéreas, mas também consideravelmente os perigos físicos e psíquicos. E, de qualquer modo, inegável que pessoas de ambos os sexos que tendem para atividades sexuais nunca deixam, atendendo às exigências dos bons costumes, de seguir seus impulsos e talvez tanto mais desregradamente quanto mais secretamente tiverem que agir para a conservação das aparências. Por outro lado, pode muito bem ser mantido o ideal de entrar em relações sexuais com apenas uma pessoa e nela encontrar prolongadamente a satisfação física e emocional completa, pois é fora de dúvida que tem que ser julgado feliz aquele que consegue isso.* (Op. cit., págs. 714, 715.)

Vemos que o próprio reformador sexual conservador se aproxima da solução prática da miséria, mas não pode libertar-se da ideologia do casamento monogâmico, que pesa no seu julgamento e o força a entrar num beco sem saída: "Mas pode muito bem, por outro lado, ser mantido o ideal", pois "aquele que consegue isso" só pode ser julgado feliz. Pode ser, mas quem é que o consegue? E não terá sido o próprio moralista sexual quem anunciou o fiasco desse ideal? A contradição também aqui se explica pelo condicionamento econômico dessa colocação do ideal e da impossibilidade sexual-econômica da sua realização.

Assim a pessoa oscila entre a ideologia da castidade e a do casamento, pois entre as duas se encontra de boca escancarada a fera "doença venérea", que não se pode dominar, pois é o pólo oposto da moral do casamento e da ideologia da castidade. É bem verdade que já se constatou pessoalmente "que a liberação das relações sexuais... da compulsão. (dos pontos de vista reacionários e da legislação)... favorece ligações duradouras... diminui a incidência das doenças venéreas... caso realizada", mas não podemos dispensar a "ordem moral" e a "compulsão" — isso afirmamos com toda a seriedade — e assim resta apenas "o aguçamento geral da consciência"; e o próprio mestre no campo da higiene sexual, Gruber, incumbiu-se disso afirmando:

"A concupiscência das criaturas está mesclada com amargor." O leitor destas páginas já viu confirmada inúmeras vezes essa afirmação de Mestre Eckhart. E ainda nem chegamos a falar mais detalhadamente dos maiores males que as relações sexuais podem trazer. (*Hygiene des Geschlechtslebens*, pág. 121.)

A concupiscência das criaturas está mesclada com amargor. Mas ninguém que tenha feito tal afirmação se lembrou de indagar se esse amargor é de origem social ou biológica. A *Omne animal post coitum triste* ("Todo ser vivo fica triste após o ato sexual") tornou-se dogma científico. Deve-se saber que tais afirmações, expressas por autoridades, ficam profundamente gravadas na vida sensual daqueles que com veneração seguem as palavras de um Gruber tão profundamente que falsificam

não somente as próprias observações que as contradizem, mas ainda, enevoados e atordoados pela frase altissonante, desistem de qualquer raciocínio próprio, que inequivocamente os levaria para a questão da situação social, na qual a concupiscência *tem* que se mesclar com amargor.

É preciso conhecer as reações de um adolescente que lê, por exemplo, as seguintes palavras de um sexólogo de fama como Fürbringer:

Novas tarefas *se* apresentam na adolescência, em primeiro lugar a atitude médica com respeito às *relações sexuais* com os seus perigos para a saúde geral e de infecção. Não é mais segredo que na sociedade moderna a grande maioria dos homens pratica relações sexuais antes do matrimônio. Não precisamos estender-nos sobre a questão se e em que medida os hábitos são tolerados pela sociedade, para não dizer, recebem o seu beneplácito (!!). (*Handwörterbuch*, pág. 718.)

O adolescente assimila a seguinte sugestão:

1. A atitude médica, isto é, aquela pela qual o leigo tem o maior respeito, é que as relações sexuais "prejudicam a saúde geral". Quem viu como os jovens reagem a essas afirmações, como eles se tornam presa do conflito sexual, neurose, hipocondria, e como tais afirmações se combinam com as experiências infantis para produzir neuroses, concordará conosco que essas afirmações autoritativas exigem não somente protestos, mas contramedidas práticas.

2. O *médico* declara que as relações sexuais podem levar à infecção. Gruber chega a afirmar que toda mulher com relações extra-matrimoniais e pré-nupciais é suspeita. Haveria então a solução de ter relações sexuais somente com alguém que se conheça bem e a quem se ame; ainda mais, pode-se entrar em acordo com o parceiro sobre a fidelidade durante algum tempo ou no sentido de que não haverá relações durante algumas semanas após relações com um terceiro e alguns outros detalhes. Onde está, então, a moral? Como Gruber, Fürbringer e outros pesquisadores de pensamento semelhante encaram toda relação extra-matrimonial pelo ângulo do bordel, como Engels o expressou uma vez, agem inteiramente no sentido da atmosfera sexual-ideológica reacionária, da qual resultam recomendações "morais" como as expostas a seguir, segundo Gruber:

Em vista da asquerosidade e periculosidade da prostituição..., muitos serão tentados a encontrar satisfação em tal "arranjo" até a época em que estiverem em condições de contrair matrimônio. Mas têm que ter presente o seguinte: Segurança integral contra o contágio tais relações somente apresentariam se tidas com uma virgem intocada e se de ambas as partes *se* conservasse rigorosa fidelidade, pois, pela disseminação de hoje das doenças venéreas, como já antes foi salientado, *quaisquer* relações poligâmicas são extremamente perigosas. De uma moça que se entrega tão facilmente, ou até mesmo mediante retribuição *de* qualquer forma, mesmo encoberta, a tal "arreglo", não *se* pode esperar fidelidade. Quando ela, como tão freqüentemente acontece, já andou de mão em mão (!) ela é tão perigosa quanto a prostituta profissional. Outra coisa que o jovem cheio de ambições mais elevadas deve ter em mente é que a vida em comum com uma moça que emocional e intelectualmente se encontra em baixo nível, que não tem compreensão dos objetivos dele e somente procura divertimentos frívolos, tem que, forçosamente, baixar seu próprio nível intelectual. Tal "relação amorosa" conspurca *psiquicamente* muito mais do que a visita ocasional a uma prostituta com o objetivo de satisfazer uma necessidade, semelhante à visita a uma privada pública. (*Hygiene*, págs. 142-143.)

Mas, para também evitar de antemão a possibilidade de entrar em relações com uma "moça intocada", já se segue na, página seguinte a fina flor do pensamento moralista sexual:

Induzir uma moça honrada, de espírito elevado a uma "relação amorosa temporária" também é ato de irresponsabilidade, mesmo quando acontece com honestidade completa com respeito às intenções finais. (Pág. 144.)

Não quero mencionar o fato de que o defloramento em si traz prejuízo à moça pois lhe dificulta a realização de um casamento mais tarde, já que o homem de instintos absolutamente certos prefere a mulher intocada como companheira (*sic!*).

O fato principal é que isso não acontece sem prejuízo ou ferimento profundo da alma feminina. O desejo da maternidade é inato à mulher de boa formação. Somente quando as relações sexuais lhe dão a esperança de tornar-se mãe é que a tornam completamente feliz. Quem introduz a mulher, com artimanhas mesquinhas, em relações sexuais priva-a da hora de maior felicidade que lhe daria o casamento honesto com os primeiros abraços sem barreiras. (Op. cit., pág. 145.)

Assim foram "feitas", no interesse da instituição do casamento, constatações "científicas". A mulher somente se torna feliz com o ato sexual quando a ele se liga a perspectiva de se (ornar mãe. Conhecemos o mesmo ponto de vista da análise de mulheres frígidas, sexualmente negativas. E como são esses "primeiros abraços sem barreiras... no casamento honesto" tia realidade descobrimos no tratamento das mulheres que adoecem em consequência do "casamento honesto".

Quem poderia estar mais bem aparelhado para tal doutrinação das massas no sentido sexual-moralista do que um Fumoso professor universitário? A sociedade autoritária é esperta na escolha de seus pregadores.

O cúmulo do abuso perigoso de autoridade científica a serviço da ideologia reacionária foi a afirmação de Gruber de que a abstinência sexual não fazia mal algum, mas, pelo contrário, era extremamente útil porque assim o sêmen seria reabsorvido e estabeleceria uma "fonte de proteínas". "Não se pode falar de prejuízo da retenção do sêmen no corpo, pois ele não representa um excremento maligno, um detrito de mudança de matéria, como a urina e as fezes." No entanto, Gruber tinha algumas dúvidas de deixar essa bobagem assim sem mais nem menos. Então escreveu:

Poder-se-ia pensar, com relação a isso, que a reabsorção do sêmen seja útil apenas quando não ultrapassa certo limite, que um excesso dele possa ser prejudicial. Contra essa alegação devemos chamar a atenção para que a natureza já tomou providências para que não se dêem acúmulos demasiados de líquidos fecundos, pelas micções noturnas involuntárias de sêmen, que são coisa perfeitamente normal, quando não se realizam com demasiada freqüência: além disso, que a *secreção do sêmen se reduz por si mesma, quando o aparelho sexual não está sendo usado. Com os testículos acontece a mesma coisa que com as outras partes do organismo. Quando não estão sendo usados, recebem menos sangue, e, ao receberem menos sangue, sua nutrição e toda a sua atividade vital decrescem.* (Grifos meus, W. R.) Também desse modo se evita dano ou prejuízo. (Op. cit., págs. 72-73.)

Leiam-se essas sentenças com a atenção que merecem. O que Gruber expressou aqui aberta e honestamente é conservado em segredo pela posição ética de toda a ciência sexual reacionária: No interesse da ordem moral, da cultura do povo e do Estado, propaga-se a atrofia do aparelho sexual. Se tivéssemos dito tal coisa sem uma comprovação, não nos teriam dado a mínima atenção. O que se encontra expresso aqui constitui o núcleo da ideologia sexual reacionária: *atrofia sexual!* Não nos espanta mais o fato de que cerca de 90% das mulheres e 60% dos homens são perturbados sexualmente e de que as neuroses se tornaram um *problema de massa*.

Quando se recorre a coisas tais como "absorção do sêmen como fonte de proteína", micções noturnas e atrofia dos testículos, está-se a um passo apenas da castração como medida ativa. Mas então a tal ciência "objetiva" se anularia por si mesma, o que no interesse do "progresso humano" e no "soerguimento da cultura" deve ser evitado!

Na forma da esterilização fascista, essa flor de nossa "cultura" tornou-se realidade.

Já que a *Hygiene des Geschlechtslebens (Higiene da Vida Sexual)* de Gruber vendeu 400.000 exemplares, isto é, foi lida pelo menos por um milhão de pessoas, predominantemente adolescentes, é possível imaginar bem seu efeito como influência social. Como fracasso extremo, causou pelo menos número igual de doenças, impotência ou neuroses.

Poder-se-ia alegar ser injusto citar somente Gruber; a maioria dos sexologistas sexuais não se identifica com ele. Por outro lado, deve ser salientada a importância da sexualidade. Pode-se, então, perguntar: que sexologista, que alegadamente não se identificou com Gruber, escreveu algo contra ele na tentativa de neutralizar a sua influência? Não falo aqui dos escritos em revistas científicas

sobre os motivos e a personalidade das poluições ou do onanismo. Refiro-me à aplicação conseqüente da convicção científica em ações correspondentes, como por exemplo a publicação de brochuras populares como medida contra as centenas de milhares de exemplares de subliteratura sexual, escritos por médicos irresponsáveis, que nada entendem da coisa, mas exploram a fome do povo por conhecimentos sexuais, a necessidade de um pouco de luz sobre o emaranhado em que está envolvido, para auferir uma boa renda. Tais bichos-papões como "doença venérea" e "onanismo", interesses culturais considerados tentações, não podem ser combatidos com tratados esotéricos. Consideração por um colega e a chamada "ética profissional" não podem ser alegadas no caso. Não, a coisa é bem diferente. Quem não se solidariza com as afirmações claras e insofismáveis, porque tem de negá-las de acordo com seus conhecimentos, certamente hesita em pensar e exteriorizar até o fim o seu ponto de vista acertado e suas convicções científicas, pois isso o levaria a ultrapassar os limites do conhecimento conservador e conseqüentemente a deixar para trás o recinto estreito da sociedade convencional; e isso ninguém arrisca de boa vontade.

É verdade que não faltaram tentações de lutar contra esses conceitos. Sua superficialidade trai no entanto a timidez dos autores. Ou então a discussão se estende apresentando uma série de lugares-comuns.

Eis um exemplo:

Da mesma forma é desejável, a fim de se fazer uma apreciação mais justa e para se evitar o boicote social que se verifica freqüentemente nos processos sexuais, um conhecimento mais difundido dos fundamentos fisiológicos e psíquicos da vida sexual. Também para o reconhecimento dos próprios impulsos sensoriais e do comportamento determinado por eles, a familiaridade com fatos cientificamente assegurados pode ser de grande significado. É necessário esperar confiantemente que a cultura progressista, quando não se difunde somente em *seus* aspectos isolados mas em todo o seu conteúdo completo, no fim de contas não levará à degeneração dos hábitos sexuais, mas antes à sua sublimação e refinamento. (H. F. Timerding, *Handwörterbuch*, pág. 713.)

O conhecimento dos fundamentos da vida sexual é desejável (*não é essencial*), a familiaridade com os fatos científicos pode ser de grande significação (*não o é*), "é necessário esperar confiantemente"... "a degeneração dos hábitos, a sublimação e enobrecimento"... etc. Palavras!

A miséria, entretanto, tem alcance ainda maior: a própria constatação dos fatos e a formação de teorias são moralmente inibidas, e isso até mesmo no círculo mais chegado de autores que em outros campos não se encontram inibidos conservadoramente. Não admira que a ideologia sexual reacionária é a mais geral e mais profundamente arraigada.

É fato conhecido que a frieza sexual da mulher se baseia numa inibição da sensibilidade vaginal e que, com a eliminação da repressão da erótica geral e vaginal, reaparecem a excitação vaginal e a capacidade orgástica. Paul Krichke escreveu uma brochura popular: *Neuland der Liebe*, uma "Sociologia da Vida Sexual". É onde lemos sobre a anestesia vaginal:

O único excitante para tornar feliz a mulher é o clitóris, não como até mesmo cientistas e médicos afirmam ainda hoje, o interior da vagina e do útero. Pois as condições para a excitação são os corpos cavernosos e os corpúsculos de Krause, e estes somente *se* encontram no clitóris. Nem o útero nem o interior da vagina poderão, pois, transmitir sensações de prazer sexual, já que além da fecundação formam o canal de nascimento para o fruto maduro da vida... Para não tornar o parto insuportavelmente doloroso, a natureza tornou o corpo cavernoso da mulher menor... de modo a tornar a saída da vagina insensível ao nascimento... Desse modo, a natureza criou aquele conflito, que dentro da história da humanidade não conseguiu resolver, tornando insensível a saída da vagina, para possibilitar o nascimento, ela também impediu desejável satisfação da mulher na cópula. (Pág. 10.)

O fato de que na raça germânica "pelo menos sessenta por cento das mulheres nunca, ou apenas raramente, sentem o prazer sexual" (*sic!* Então o restante o sente, mas como, se a natureza dispôs de outra forma?) Krichke deriva da alegada maior distância entre o clitóris e a vagina nessa

raça. A função sexual recebe explicação final pela função da preservação da espécie, como tantas vezes na sexologia oficial, mas a influência da moral conservadora já na página seguinte reaparece:

Para a mulher, a idade mais propícia para a maternidade é entre os 20 e 25 anos. O amadurecimento dos óvulos, entretanto, já *se inicia na* moça de 14 anos. A fim de evitar a gravidez prematura, a natureza estabeleceu a baixa excitação sexual da adolescente como medida de proteção. (Pág. 10.)

Por que então a natureza foi tão inábil que não transferiu o amadurecimento dos óvulos para a idade de 25 anos é insondável. Menos compreensível ainda é que, apesar de toda a previdência dessa moderna deusa "natureza", ela não concedeu tal proteção a grande porcentagem de moças, que sofrem barbaramente de excitações sexuais. E temos que lamentar que as meninas não apenas com 14 anos, mas também já com três e quatro anos de idade masturbam-se e brincam com bonecas e desejam ter filhos dos pais, apesar de que a natureza achou apropriada a idade de 25 anos. Será que essa natureza não se revelaria, a um exame mais acurado, como a posição especial econômica da mulher em nossa sociedade e corno o sentimento "pudico" e honesto correspondente? Que é que há com as negras e croatas de 14 anos? Será que a natureza as esqueceu completamente?

Tais formações de teorias objetivamente nada mais são que métodos para desviar o interesse científico das verdadeiras causas sociais e psíquicas dos distúrbios sexuais.

O conceito predominantemente ou exclusivamente biológico do impulso sexual no sentido da preservação da espécie é um dos métodos de repressão da sexologia conservadora. Essa fundamentação da preservação da espécie é uma concepção finalista e, portanto, idealista; atribui ao acontecimento um objetivo, que necessariamente deve ser perseguido por um motivo que está acima do indivíduo, se é que tudo não passa de uma simples loucura. Reintroduz um princípio metafísico, sendo pois basicamente uma inibição religiosa ou mística.

2. A MORAL DO CASAMENTO COMO EMPECILHO A QUALQUER REFORMA SEXUAL

a) *Helene Stöcker*

Nas linhas precedentes procuramos demonstrar que o que constitui o beco sem saída de qualquer espécie de reforma sexual convencional é o apego à instituição do casamento, com fundamento aparentemente biológico, mas na realidade econômico; que da ideologia matrimonial, por intermédio da qual a sociedade autoritária imediatamente influencia toda a situação sexual, provém conseqüentemente tintim por tintim toda a miséria sexual. Mas até os melhores e mais progressistas dos reformadores sexuais fracassam precisamente nesse ponto — ao passo que em todos os outros, do ponto de vista da economia sexual, apresentam teses eminentemente válidas — e justamente por isso o programa oferecido por eles é impraticável.

O movimento da reforma sexual alemã foi esmagado. Mas em todos os outros países o movimento da reforma sexual avança, se bem que sobrecarregado de todas as contradições provenientes da negação da sexualidade dos adolescentes. A exposição a seguir pode ser igualmente aplicada a qualquer tipo de reforma sexual liberal progressista.

A *Deutsche Bund für Mutterschutz und Sexualreform* (Sociedade Alemã para a Proteção das Mães e para a Reforma Sexual), cujo *spiritus rector* era Helene Stöcker, publicou as suas *Richtlinien* (Diretrizes), ed. Verlag der neuen Generation, Berlim, aprovadas pela assembléia dos dirigentes da Sociedade em Berlim, em 25-26 de novembro de 1922. Damos a seguir as linhas introdutórias com as quais estamos fundamentalmente solidários do ponto de vista da economia sexual:

"DIRETRIZES"

da Sociedade Alemã para a Proteção das Mães e para a Reforma Sexual

1 - Conteúdo e propósito do movimento

O movimento para a proteção das mães e para a reforma sexual nasce no solo de uma *Weltanschauung* jubilosa e afirmadora da vida. Origina-se da convicção do mais alto valor, da santidade e intocabilidade da vida humana.

Por *esse* motivo nosso movimento pretende tornar a vida entre marido e mulher, entre pais e filhos, e entre as pessoas de modo geral, tão rica e fértil quanto possível.

Nossa tarefa é, portanto, levar a círculos cada vez mais amplos o reconhecimento da discrepância entre o estado de coisas social e os pontos de vista éticos, em que vemos não somente a tolerância, mas também o fomento da prostituição e doenças venéreas, da hipocrisia sexual e abstinência forçada.

A confusão nos valores morais hoje prevalecente e os resultantes sofrimentos pessoais e males sociais exigem providências. Mas estas não podem consistir apenas na eliminação de sintomas, e sim devem determinar a erradicação das causas reais.

Mas não é somente eliminando os males, mas também fomentando positivamente, que o nosso movimento pretende servir ao aperfeiçoamento da vida individual e social. Objetiva preservar e incrementar a vida e o amor à vida.

Proteger a vida mormente em sua fonte, fazê-la brotar límpida e vigorosa: *proteção da maternidade*, tornar a sexualidade do homem instrumento poderoso não apenas da procriação, mas do desenvolvimento vertical, e simultaneamente da alegria de ser elevada e cultuada: *reforma sexual* — este é o conteúdo e último propósito de nossos esforços.

2 - Princípio geral da moralidade

A primeira condição para o estabelecimento de relações sexuais e humanas mais sadias é o rompimento incondicional com aqueles pontos de vista de moral que baseiam suas exigências em disposições alegadamente supernaturais, em regulamentos humanos arbitrários, ou simplesmente na tradição. Também o ensino da moral deve basear-se nos descobrimentos da *ciência* progressista. Aquilo que apenas na realidade serviu em outros tempos ou atendia aos interesses das classes dominantes não pode continuar injustificadamente a prevalecer como exigência moral. Para nós a *pedra de toque* do que é "moral" é se nos leva para uma vida individual e social mais rica e *mais harmoniosa*, e livre de males!

Rejeitamos, portanto, a idéia de que o corpo e a mente do homem são duas coisas em contraste. Não queremos que a atração sexual natural seja rotulada de "*pecado*", combatida como algo baixo ou animalesco, e a "privação" da "carne" seja elevada a princípio de moral! Para nós, o homem é antes um ser unitário, sensorial-mental, cujas necessidades psíquicas e físicas têm o mesmo direito a um desenvolvimento sadio, o mesmo direito a cuidados fomentadores.

Os *preceitos morais* são realmente apenas as exigências que necessariamente resultam das condições de uma convivência social pacífica que proporciona a todos os homens o desenvolvimento mais favorável possível com o desabrochar de suas vocações e forças. Moral é para nós aquilo que, sob as condições dadas, de acordo com nosso melhor conhecimento, é útil para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e o encaminhamento da coletividade para formas mais elevadas e aperfeiçoadas de existência.

3 - Moral sexual

Vemos que os conceitos morais predominantes causam e fomentam as atuais condições sociais em que prevalecem a hipocrisia sexual e a abstinência forçada, as doenças físicas e outros males. Consideramos, portanto, *nossa* tarefa combater ao máximo tais estados de coisas e pontos de vista e a confusão resultante, bem como difundir a círculos mais amplos o reconhecimento da insuportabilidade desse estado de coisas. *Não* queremos que "virtude" seja confundida com "abstinência", nem que valha uma moral para o homem e outra para a mulher.

As relações sexuais não são morais nem imorais. Oriundas de forte impulso natural, apenas pelo pensamento ou condições colaterais se tornam uma coisa ou outra. O significado da sexualidade não se restringe a seu efeito mais importante: a procriação. Para o homem, uma vida sexual correspondente à sua individualidade e suas necessidades é condição de harmonia vital interna e externa. Pressupõe, de acordo com a sua natureza, uma segunda vontade equiparada, uma personalidade a ser conquistada pelas forças da atração. Então, sim, é que a vida amorosa descobre uma quantidade de novas possibilidades de vida e venturas, caminhos para o aprofundamento e aprimoramento do conhecimento dos homens e da própria visão da vida, — o Único caminho para o integral desenvolvimento criador da existência e da personalidade humanos em *maternidade e paternidade*.

Citamos tão extensamente porque até aqui estamos inteiramente solidários com o que expõe acima; mas também a fim de destacar mais nitidamente a contradição que se segue.

No item "Conteúdo e propósito do movimento" salienta-se a "erradicação das causas reais" da miséria sexual; o fato de que a "moralidade" serve aos interesses de certas classes é acertadamente reconhecido e declarado; de que para o homem "uma vida sexual que corresponda à individualidade da pessoa e suas necessidades é uma condição essencial para a harmonia vital interna e externa" concorda plenamente com os resultados do estudo da economia sexual. Mas já na formulação de que este seja o único caminho "para o integral desenvolvimento criador da existência e da personalidade humanas em maternidade e paternidade" insinua-se uma tese, que nunca foi confirmada e que jamais poderá sê-lo, que constitui o prenúncio de uma frase que, de um só golpe, derruba tudo o que até agora foi dito. É o ponto em que fracassou até hoje qualquer apreciação da vida sexual, ou seja, o problema da juventude e do casamento.

"Julgamos necessário que a juventude de ambos os sexos seja fortalecida, seja educada para o autodomínio bem como para respeitar o outro sexo e suas tarefas, que especialmente *a juventude masculina aprenda cedo e pratique a consideração para com a dignidade humana da mulher, para com a sua vida mental e impulsiva. Exigimos, portanto, a abstinência até o adolescente alcançar a completa maturidade física e psíquica.* Reconhecemos, entretanto, o direito natural do indivíduo adulto e maior, seja homem ou mulher, às relações sexuais correspondentes às suas necessidades, em franco acordo com seu parceiro sexual, desde que as relações *se realizem com a plena consciência da responsabilidade pelas conseqüências possíveis e sem prejuízo dos direitos de outras pessoas* (por exemplo, de fidelidade sexual).

Temos aqui as seguintes contradições ao que foi dito acima:

1. A consideração para com a "dignidade humana" da mulher. Que aqui não se trata meramente da velha maneira de falar a respeito da sexualidade feminina se torna imediatamente claro com a sentença seguinte:

2. "Exigimos, portanto, a abstinência até o adolescente alcançar a completa maturidade física e psíquica."

Não se analisa concretamente porque hoje, nessa sociedade, o ato sexual para a mulher significa um insulto à sua dignidade humana; isso valerá geralmente, de forma abstrata? Além disso, não se diz concretamente *quando é* que a juventude deve ser considerada madura física e psiquicamente, ou quais os critérios adotados para, isso. Evidentemente, os adolescentes alcançam a 'maturidade física por volta dos 14 ou 15 anos de idade, quando então são capazes de procriação. O desenvolvimento da maturidade psíquica do jovem depende principalmente do seu ambiente anterior e posterior. Já encontramos aqui uma série de contradições, que de forma alguma são resolvidas pela formulação generalizada de maturidade física e psíquica.

3. "Reconhecimento do direito natural do "indivíduo adulto e maior" ("Adulto" quando? "Maior" quando? Um operário de 16 anos de idade será "maior" ou "menor"?) ... às relações sexuais correspondentes às suas necessidades etc., desde que as relações se realizem sem prejuízo dos *direitos* de outras pessoas, por exemplo do direito à fidelidade sexual." Isto significa: o marido tem

um direito sobre o corpo da esposa e inversamente. Que direito? Somente aquele que lhe é conferido pela instituição legal do casamento, e nenhum outro. Um ponto de vista, portanto, que em nada difere do direito reacionário, que defende interesses econômicos imediatos, de cuja influência os autores das Diretrizes querem libertar a sexualidade.

Eis outra contradição:

Não vemos a essência do *matrimônio* e da sua "moral", como hoje acontece na maioria das vezes, como realizada integralmente no *cumprimento de certas formalidades*. O ponto de vista de hoje, quando apenas se observa a forma prescrita, deixa de tomar em consideração o ânimo que levou à comunhão matrimonial, também não quer saber se e como *essas* obrigações por ela prescritas são cumpridas. Declara todas as relações consagradas formalmente como as únicas "morais" e priva todas as outras, sem exame de sua justificação interna, do seu valor e da sua disposição para a responsabilidade — declarando-as "imorais". Finalmente, por intermédio de *legislação compulsória* ainda mantém o casamento, quando a comunhão, de acordo com a vontade e os sentimentos dos interessados, já não tem qualquer sentido ou propósito, quando se tornou apenas uma tortura, ou mesmo quando íntima ou realmente já está dissolvido.

Contudo:

"*Consideramos o casamento monogâmico, legalmente reconhecido, como a forma mais elevada e desejável das relações sexuais humanas, como as mais adequadas para garantir uma organização duradoura das relações sexuais, a formação sadia da família, a preservação da comunidade humana. Mas não deixamos de reconhecer que o casamento vitalício, rigorosamente monogâmico, sempre e em toda parte existiu e existe apenas como um ideal alcançável apenas por poucos. A maior parte da vida sexual se desenrola, na realidade, antes e fora do casamento. Por motivos psíquicos bem como econômicos, o casamento legalmente contraído é incapaz de absorver todas as possibilidades de relações sexuais justificadas, isto é, torná-lo em todos os casos um "casamento monogâmico" duradouro.*

Defende-se então o "casamento legalmente reconhecido" (reconhecido por quem?), mas "não se deixa de admitir" que o casamento vitalício monogâmico existiu e existe apenas como ideal atingível por poucos e que *de fato* a maior parte da vida sexual se desenrola extra-matrimonialmente. As pessoas que defendem o princípio da instituição do casamento nem pensam em averiguar a sua história e função social. Podem declarar que é a melhor de todas as formas sexuais, e com o mesmo ardor afirmar exatamente o contrário. Dessa forma, é compreensível que se esgotem as intenções reformistas em frases generalizadas comuns e inócuas, como, por exemplo, as seguintes:

De acordo com isso, preconizamos:

a) A *manutenção* do casamento monogâmico legalmente reconhecido, com base na igualdade real dos sexos; o fomento das possibilidades *econômicas* para casar, mas também das possibilidades psíquicas por meio da educação para o casamento e para ser pai ou mãe, a co-educação dos sexos e outras medidas adequadas para uma melhor e mais profunda "familiarização" dos sexos entre si;

b) a ampliação dos dispositivos legais de divórcio, na ausência das condições que levaram ao casamento e ainda quando ele não mais preenche as finalidades de uma comunhão vitalícia (especialmente, a substituição do princípio de culpabilidade como condição para divórcio pelo princípio da incompatibilidade);

c) o reconhecimento moral e legal de ligações que têm inerentes consciência das obrigações daí decorrentes e. conservam a vontade do seu cumprimento — mesmo quando não é observada a formalidade legal;

d) o combate à "prostituição" por medidas sanitárias, bem como por meios psíquicos e econômicos, para a eliminação de suas causas.

1. A "*igualdade real dos sexos*" é uma flor de retórica na sociedade autoritária; ela pressupõe

condições econômicas trabalhista-democráticas e também o direito da pessoa sobre o próprio corpo. Mas com isso o casamento deixa de ser casamento.

2. *O fomento das possibilidades econômicas para casar*, sob as condições de produção predominantes, é uma frase oca. Quem deve fomentar? A sociedade, para a estrutura da qual é necessária a manutenção dum exército de reserva industrial?
3. *Educação para o casamento*: Isso se realiza sem solução de continuidade, desde a infância, e foi justamente contra as conseqüências dessa educação que se fundou essa "sociedade". Uma instituição que para a sua manutenção exige a repressão sexual, como ainda demonstraremos detalhadamente, de antemão se encontra em contradição com uma "co-educação dos sexos" e a uma "familiarização mais profunda", se isso não passa novamente de palavras ocas.
4. A "*ampliação dos dispositivos legais de divórcio*" pouco significa, pois ou a posição econômica social da mulher e das crianças é tal que o divórcio é economicamente impossível, e então a "ampliação da lei" de nada adianta para a massa, ou as condições de produção são alteradas de tal forma que possibilitam a independência econômica da mulher e a assistência social às crianças em tempo, mas nesse caso o término de uma comunhão sexual não encontra nenhum obstáculo' externo.
5. *Combate às causas da prostituição*. As causas são o desemprego e a ideologia da castidade da moça da pequena-burguesia. Para combater isso é preciso mais do que medidas sanitárias. Quem deverá tomá-las? A mesma sociedade reacionária que não pode extinguir o desemprego e destruir a ideologia da castidade?

Não é possível atingir a miséria sexual com tais meios, ela representa peça importante da estrutura social existente!

b) Augusto Forel

Entre os sexologistas socialistas certamente ninguém mais do que Augusto Forel salientou os danos higiênicos da comercialização da função sexual; ele reconheceu todas as dificuldades básicas da vida sexual, oriundas do modo de vida autoritário, se bem que sem compreender a raiz econômica mais profunda da miséria sexual. De acordo com isso, as suas constatações terminam em lamentos, em vez de raciocínios completos e conseqüentes, em conselhos bem intencionados sobre o que se deveria fazer para superar os inconvenientes, em vez do reconhecimento da dependência específica da miséria da estrutura social dominante. O seu preconceito ideológico se manifesta, como não seria lícito deixar de esperar, por meio de contradições do seu próprio conceito. Numa brochura *Sexuelle Ethik (Ética Sexual)*, enquanto as formulações permaneceram generalizadas, o seu ponto de vista ético era que "a satisfação do impulso sexual, no homem e na mulher, de forma geral e em si é etnicamente indiferente". "Temos, portanto, a ousadia de afirmar que qualquer copulação que não prejudique nem um nem outro dos participantes, nem a terceira pessoa, nem a qualidade de alguma criança acidentalmente por ela gerada e não possa chegar a prejudicar,... não pode ser imoral" (pág. 20). Será inútil querer pôr dificuldades às concepções eticamente indiferentes. "Desde que não façam mal devem ser toleradas, ainda mais que a felicidade e o trabalho alegre e sadio dos indivíduos freqüentemente dependem de uma satisfação normal dos impulsos" (pág. 20). Palavras formidáveis no tempo em que Forel as escreveu. Depois de declarar ainda que o homem "instintivamente na maioria dos casos tem. vocação poligâmica" (pág. 19) (Porque só o homem? Moral sexual dupla que embota o estabelecimento dos latos!), Forel dá o seguinte bom conselho (pág. 20):

O ideal sexual ético é decididamente um casamento monogâmico, baseado no amor mútuo duradouro e na fidelidade, abençoado com filhos... A coisa não é tão rara como afirmam os nossos pessimistas modernos; mas também não é tão freqüente. A fim de que esse casamento se torne o que precisamente pode e deve ser, tem de ser absolutamente livre, isto é, os dois cônjuges devem ser absolutamente iguais, e nenhuma compulsão externa, a não ser os deveres concernentes às crianças geradas, deverá cimentar o casamento. Para isso, é necessário antes de mais nada a separação dos bens e a avaliação exata de cada tipo de trabalho tanto da mulher quanto do homem.

Mas, nesse caso, o casamento se desfaz por si mesmo, pois a última exigência tira-lhe a própria base, a sujeição sexual e econômica da mulher.

E na prática a coisa se apresenta assim:

Conflito poligâmico: "Há muito tempo sou dominado por uma paixão por uma mulher, que procuro combater sem resultado. Como homem casado, possuindo uma esposa que é um amor, com a qual vivo em harmonia há 32 anos, reconheço que tal ligação de modo algum pode ser justificada ou desculpada. Com tudo isso, sinto-me cada vez mais frio para resistir à paixão."

"Combate pela sugestão deve ser experimentado em primeiro lugar." *"Nesses casos, é difícil dá conselho"* (grifo meu, W. R.), diz o próprio Forel. Certamente que é difícil dá conselho, quando a cada membro da sociedade conservadora é incutido incessantemente que uma relação com outra mulher ou com outro homem "de modo algum é justificável ou mesmo desculpável".

c) O fim da Liga Mundial para a Reforma Sexual

O humanista liberal e socialista Magnus Hirschfeld na segunda metade dos anos vinte organizou o seu trabalho em forma da "Liga Mundial para a Reforma Sexual". Ela abrangia os mais adiantados sexologistas e reformadores sexuais daquele tempo em todo o mundo. Seu programa continha os seguintes pontos:

1. Igualdade política, econômica e sexual da mulher.
2. Liberação do casamento (especialmente do divórcio) da tutela religiosa e estatal.
3. Controle de natalidade no sentido de geração responsável de crianças.
4. Medidas eugênicas para a garantia de filhos sadios.
5. Proteção de mães solteiras e crianças nascidas fora do casamento.
6. Julgamento correto das variantes intersexuais, especialmente também dos homens e das mulheres homossexuais.
7. Prevenção da prostituição e das doenças venéreas.
8. A consideração de distúrbios sexuais não como crime, pecado ou vício, mas como fenômenos patológicos.
9. Uma lei penal sexual que somente castigue reais ingerências na liberdade sexual de outra pessoa, mas não intervenha em ações sexuais que se baseiam na vontade sexual mútua de indivíduos adultos.
10. Educação e esclarecimento sexuais planejados.

O político sexual dinamarquês Leunbach, que foi um dos três presidentes da WLSR (Weltliga für Sexualreform = Liga Mundial da Reforma Sexual), submeteu os grandes méritos da Liga Mundial, mas também as suas contradições, a uma crítica minuciosa ("Von der bürgerlichen Sexualreform zur revolutionären Sexualpolitik", *Ztschr. f. pol. Psych. Sexök.*, 1935/2) . Os pontos

principais da sua crítica referiam-se às experiências da Liga Mundial de realizar a reforma sexual "apoliticamente"; a sua generosidade liberalista que ia até à permissão a cada país de se governar pelas leis nele vigentes; a não-inclusão da sexualidade infanto-juvenil; a afirmação da instituição do casamento etc.

Depois da morte de Hirschfeld, Norman Haire e Leunbach publicaram a seguinte declaração:

Comunicado

a todos os membros e seções da Liga Mundial para a Reforma Sexual

Nós, Dr. Norman Haire, Londres, e Dr. Leunbach, Copenhague, os presidentes sobreviventes da WLSR, encontramos-nos diante do triste dever de comunicar a morte do nosso primeiro presidente Magnus Hirschfeld. Faleceu em Nice em 15 de maio de 1935.

Preferiríamos convocar um congresso a fim de decidir quanto ao futuro da WLSR. Mas isso presentemente parece impossível pelas razões que impediram a realização de novo congresso internacional desde o último em Brünn em 1932. A situação política e econômica da Europa impossibilitou não somente a realização de congressos internacionais, mas também a continuação dos trabalhos da WLSR em muitos países. A seção francesa não existe mais, a seção espanhola desde a morte de Hildegart cessou toda a sua atividade, como aconteceu também com as seções na maioria dos países. Até onde pudemos constatar, a seção inglesa é a única que ainda está funcionando ativamente.

Na falta de um congresso internacional, os dois presidentes sobreviventes se sentem constrangidos à constatação de que a manutenção da WLSR como organização internacional não é mais possível.

Por isso, declaramos a Liga Mundial para a Reforma Sexual dissolvida. As seções nacionais devem decidir por si próprias se querem continuar as atividades como organizações independentes ou se preferem dissolver-se.

Surgiram grandes divergências entre os membros de diversas seções sobre até que ponto a Liga deverá manter seu caráter apolítico original. Alguns membros são de opinião que é impossível conseguir atingir as finalidades da WLSR sem ao mesmo tempo lutar por uma revolução socialista.

O Dr. Haire insiste em que toda a atividade revolucionária deve ser mantida fora do programa da WLSR. O Dr. Leunbach acha que a WLSR nada pode conseguir porque não se filiou ao movimento trabalhista revolucionário nem pode se filiar a ele. O ponto de vista do Dr. Leunbach foi publicado na *Zeitschrift für politische Psychologie und Sexualökonomie*, vol. 2, n.º 1, 1935. Os comentários do Dr. Haire estão publicados no número 2, o mesmo, portanto, que contém o presente comunicado.

Depois da dissolução da Liga Mundial para a Reforma Sexual, os membros das seções nacionais poderão livremente, por si mesmos, decidir sobre este ponto.

Norman Haire

J. I Leunbach

Este foi o fim da organização que na *estrutura da sociedade reacionária* pretendia libertar a sexualidade.

3. O BECO SEM SAÍDA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A extensão da crise na educação hodierna em geral e da educação sexual em especial também colocou em primeiro plano a questão sobre se se devia "esclarecer sexualmente" as crianças e

acostumá-las à contemplação do corpo humano nu, ou mais exatamente das partes genitais, ou não. É verdade que existe concordância — pelo menos em círculos que não se encontram sob influência imediata da Igreja — que fazer mistério em questões sexuais prejudica mais do que favorece; é verdade que existe também a vontade honesta e enérgica de aliviar a situação desesperada na educação, mas existem também indubitavelmente divergências poderosas dentro do grupo dos reformadores educacionais, nas quais dois tipos de motivos são claramente distinguíveis: os de natureza pessoal e os de ordem social. Limito-me à discussão de algumas dificuldades fundamentais que resultam logo do estabelecimento do alvo "educação nua" e "esclarecimento sexual".

Entre os impulsos sexuais infantis são especialmente bem conhecidos o impulso de exibição e de observação, cuja finalidade impulsional é exhibir e observar as partes do corpo eroticamente acentuadas, especialmente os órgãos sexuais. Esse impulso costuma ser reprimido desde cedo, sob as condições educacionais de hoje. A criança logo adquire o conhecimento de que não deve exhibir seus órgãos sexuais nem contemplar os de outras pessoas, e assim desenvolve dois tipos de sentimento: em primeiro lugar, o de fazer algo rigorosamente proibido, quando apesar de tudo cede à sua ânsia, com o que produz sentimentos de culpa; em segundo lugar, o fato de que as partes genitais são cobertas e "proibidas" dá-lhes um caráter místico; de acordo com isso, a luxúria original da contemplação converte-se em curiosidade lasciva. A fim de eximir-se do conflito entre luxúria e proibição de contemplação, a criança tem que reprimir o impulso. De acordo com o volume e o grau da repressão, desenvolvem-se mais fortemente a timidez e a vergonha ou a lascívia. Usualmente ambas as coisas existem lado a lado, com o que em lugar do velho entra um novo conflito. Posteriormente, ocorrerá uma das duas seguintes possibilidades: ou o aparecimento de uma atrofia da vida amorosa e de sintomas neuróticos, em virtude da manutenção da repressão do exibicionismo, ou então a irrupção de uma perversão do exibicionismo. Qual dos dois será o resultante nunca é possível antecipar com segurança. O desenvolvimento de uma estrutura sexual que não perturbe a vida social nem o estado subjetivo de uma educação sexual negativa é quase que exclusivamente questão de oportunidade e cooperação de muitos outros fatores, como a independência sexual dos adolescentes em relação aos pais, e até certo ponto com respeito à autoridade social, e principalmente o encontro de um caminho para uma vida sexual sadia.

Vemos, portanto, que a repressão do impulso de observar e exhibir os órgãos sexuais leva a resultados que nenhum educador pode considerar desejáveis.

A educação sexual até hoje tem consistido exclusivamente em valorizações negativas da sexualidade e em princípios éticos e não em preceitos higiênicos. Seus resultados são neuroses e perversões. Objetar a uma educação que aceita a nudez significa concordar com a educação sexual costumeira, pois aquela não pode ser tratada separadamente desta. Por outro lado, aprovar a nudez e não alterar os demais preceitos e objetivos da educação sexual significaria estabelecer uma contradição que de antemão tornaria ilusória qualquer experiência educacional prática ou então colocaria o educando em situação ainda mais difícil. No entanto, é quase impossível um compromisso no campo da educação sexual porque o impulso sexual obedece às suas leis inerentes. Antes de se estabelecer uma nova educação sexual é preciso decidir sem sofismas a própria situação perante a afirmação ou negação sexual; devemos ser contra ou a favor da moral sexual predominante; sem tal clareza sobre a própria posição perante a questão sexual, qualquer discussão será inútil; ela é a pressuposição para um entendimento nesses assuntos. Entretanto, aonde leva tal esclarecimento das pressuposições é o que passaremos a demonstrar aqui.

Suponhamos, então, que recusamos a educação sexual *negativa*, devido aos perigos para a saúde, e nos decidimos pela contrária, a educação sexual *afirmativa*. Dir-se-ia então que isso não é tão perigoso assim, que se reconhece o valor da sexualidade e que se deve apenas "fomentar a sublimação da sexualidade". Mas não é disso que se trata aqui. Não se trata da sublimação, mas da questão completamente concreta quanto a se os sexos devem perder a timidez de exhibir suas partes genitais e os outros locais do corpo eroticamente importantes ou não; mais concretamente, se educandos e educadores, crianças e pais, no banho e nas brincadeiras e jogos, deverão apresentar-se

nus ou em trajes de banho uns diante dos outros, se a nudez deverá tornar-se uma coisa normal. Quem reconhece a evidência da nudez no banho, nas brincadeiras e jogos etc. incondicionalmente — a aceitação condicionada tem seu lugar apenas nos clubes de nudismo, nos quais se pratica o nudismo para treinamento da abstinência sexual, para depois não se poder domar as ereções resultantes; quem almeja não apenas ilhas no oceano da moral social, mas à reforma geral no concernente à nudez e à sexualidade natural, examinará a relação da nudez para com os demais aspectos da vida sexual e terá que decidir se também as conseqüências de seus esforços — deixemos, por enquanto, de examinar a sua viabilidade — estão de acordo com as suas intenções.

A experiência médica ensina que a repressão sexual resulta em doença, perversão ou lascívia. Tentemos formular as condições e conseqüências de uma educação sexual *afirmativa*. Quando uma pessoa não mostra diante da criança qualquer vergonha com relação às partes genitais, a criança não contrairá qualquer sentimento de timidez ou concupiscência; depois de ter a sua curiosidade satisfeita e portanto diminuída, ela também quererá satisfazer a sua ânsia de saber. Isso dificilmente poderá ser negado, pois criaria um conflito muito mais sério, e a criança teria muito mais trabalho para resolvê-lo. Além disso, o perigo da perversão estaria presente em medida muito maior. Então também não se teria que dizer nada contra o onanismo, que já há muito teria sido reconhecido como natural; igualmente não se poderia deixar de explicar à criança o processo da procriação. Seria possível evadir-se ao desejo da criança de ver esse processo, se as relações com a criança forem tais que esta possa ser guiada. Mas isso indubitavelmente determinaria já uma limitação da afirmação sexual; pois que é que se poderia responder agora a um moralista sexual cínico que perguntasse agora porque então a criança não deveria também ver o ato sexual. Que quase toda criança, mesmo das melhores famílias, já ouviu falar nisso é o que nos ensina a experiência analítica, por que, então, não deixá-la assistir? E nosso moralista sexual poderia embarçar-nos especialmente se se lembrasse de perguntar o que é que se poderia alegar contra o fato da criança observar às vezes o ato sexual praticado por cachorros na rua, quando se a esclareceu adequadamente sobre o mesmo. Teríamos que reconhecer então, se quiséssemos ser honestos, que não podemos apresentar nenhum argumento contra isso, a não ser um ético — o que por sua vez fortificará a posição do nosso adversário do esclarecimento sexual; ou teríamos a coragem de confessar que não agimos no interesse da criança, mas da nossa própria tranqüilidade e prazer, quando não deixamos que ela assista. Encurralados assim, só nos restaria a alternativa de submetermos novamente à ética sexual, que necessariamente tem que ser sempre sexualmente negativa, ou enfrentarmos a mais escabrosa de todas as questões, a da atitude em relação ao ato sexual. Se decidirmos pela segunda opção, temos que certificar-nos de que o juizado de menores não tenha conhecimento disso, pois teria que aplicar inevitavelmente o parágrafo de atentado ao pudor. Pedimos a quem acha que estamos exagerando que nos acompanhe por mais um trecho para convencer-se de que a questão da nudez e a educação sexual — esclarecidos racional e adequadamente — por enquanto levam educando e educador à cadeia.⁷

Suponhamos, fazendo uma concessão, que tivéssemos impedido a criança de assistir ao ato sexual no *nosso* interesse, estaríamos assim nos envolvendo em contradições insolúveis, derrubando tudo o que começamos e conquistamos penosamente, se não dermos à pergunta da criança, sobre quando ela também o poderia fazer, uma resposta estritamente correspondente à verdade. Ela já adquiriu o conhecimento que as crianças nascem no ventre da mãe; também compreendeu muito bem que o pai para isso meteu seu zezinho ou pintinho no buraquinho da mamãe. Se os pais tiveram coragem, já lhe comunicaram também que isso é "bom", como quando ela brinca com seu passarinho. (Não deve ser esquecido que queremos agir sensata e racionalmente quando esclarecemos.) Quando ela sabe isso, porém, também só conseguiremos consolá-la por pouco tempo dizendo quando você "ficar grande"; quando chega a puberdade, aparecem excitações, ereções sexuais, efusões de sêmen, menstruações, e a criança certamente exigirá a mudança, tal como lhe fora prometido na infância. Se então quiséssemos adiar novamente, apareceria nosso moralista

⁷ O diretor de um jornal que transcreveu esta parte, que foi publicada originalmente como um artigo em *Ztschr. 1. psy. Paed.* em 1927, foi condenado a 40 dias de prisão por um Governo extremamente liberal.

sexual, que de qualquer jeito nos quer levar *ad absurdum* e que o consegue lindamente, com a seguinte pergunta conseqüente, que apenas soaria irônica, sobre o que é que teríamos contra o ato sexual na época da maturidade sexual. Com muita razão se referirá a que em amplos círculos de camponeses e operários o início da vida sexual na época da plena maturidade sexual, ou seja por volta dos 15 ou 16 anos de idade, pertence às coisas naturais. Sentir-nos-emos indubitavelmente embaraçados pela idéia de que nossos filhos e filhas com 15 ou 16 anos, talvez até mesmo mais cedo, pudessem insistir em seus direitos de seus desejos sexuais naturais e depois de alguma confusa hesitação procuraremos uma posição de saída com argumentos não muito convincentes. Assim talvez nos ocorra o argumento da "sublimação cultural": a abstinência na puberdade seria necessária para o desenvolvimento intelectual. Procuraríamos, pois, influenciar a juventude (que até então tinha sido criada sem restrições sexuais!) racionalmente, recomendando-lhe a abstinência "por uns tempos" no seu próprio interesse. Nosso moralista sexual maldoso e bem informado, no entanto, levará dois argumentos ao campo de bata. Lha, que não poderemos mais enfrentar. Primeiramente, isso de abstinência sexual não existe, pois os sexologistas e analistas afirmam seriamente que quase cem por cento dos adolescentes se masturbam, e ele não vê qual a diferença em princípio entre ato sexual e masturbação ou onanismo. Pelo contrário, o onanismo não somente reduz a tensão sexual de maneira menos eficiente que o ato sexual, mas também está ligado a infinitamente mais conflitos que este, e, portanto, é certamente mais perturbador. Em segundo lugar — acrescentará em relação a isso com razão — se a afirmação sobre a generalidade do onanismo é exata, a tese da necessidade da abstinência sexual para o desenvolvimento intelectual não pode ser verdadeira. Ele teria ouvido afirmar que não o onanismo, mas, pelo contrário, a sua falta na infância e na puberdade é um sinal patológico sério; que não há qualquer prova de que os adolescentes que se abstêm sexualmente são os mais capazes intelectualmente, sendo a recíproca verdadeira, como afirmam alguns. Poderíamos lembrar que Freud certa vez atribuiu a geral inferioridade intelectual das mulheres à sua maior inibição sexual, acrescentando que a vida sexual é o protótipo do desempenho social. Ele se contradizia então quando salientava a necessidade cultural da repressão sexual. Não fazia distinção entre sexualidade satisfeita e insatisfeita. Aquela fomenta, esta inibe o desempenho cultural. Finalmente, os versos de pé quebrado que ocasionalmente são criados durante a abstinência sexual não têm grande valor.

Já então intelectualmente convencidos, procuraremos encontrar os motivos de nossa argumentação insustentável e acharemos toda sorte de tendências, para nós não muito agradáveis, tendências que, para nossa surpresa, parecem não condizer com os nossos esforços progressistas. Nosso argumento sobre o desenvolvimento intelectual se revelará como uma racionalização do temor inconsciente de deixar a sexualidade seguir o seu curso natural. Isso, é claro, deixaremos de dizer ao nosso moralista social, mas lhe confessaremos honestamente a nulidade dos nossos argumentos, apresentando um mais sério. Que aconteceria com essas crianças que resultariam dessas primeiras ligações? Não haveria nenhuma possibilidade econômica de criá-las. Admirado, nosso moralista social perguntará por que não queremos esclarecer todas as crianças escolares na puberdade sobre o uso de anticoncepcionais. Uma visão das leis contra a imoralidade nos fará voltar ao terreno da realidade social. Aí ainda muita coisa nos ocorrerá, como, por exemplo, que, com nossa aprovação da nudez, com nossa educação sexual — não sobre a fecundação das flores, mas dos *seres humanos!* — e mais outras coisas bonitas, estamos retirando uma pedra após outra do próprio edifício da moral conservadora; que o ideal da virgindade feminina até o casamento também perde a sua substância, bem como o da monogamia eterna, e com este o próprio ideal do casamento. Pois nenhum indivíduo sensato afirmará que as pessoas que tiveram uma educação sexual séria, firme e cientificamente fundamentada, isto é, verdadeira, se sujeitará à compulsão dos costumes e da moral vigentes.

Triunfalmente; nosso moralista, que agora nos tem onde queria, perguntará se realmente acreditamos que poderemos realizar qualquer exigência resultante da primeira premissa séria, da educação sexual honesta, e automaticamente o que ocorrerá dentro de poucos anos na sociedade existente; se já pensamos nisso e se consideramos tudo isso desejável. Acrescentará, com toda a razão, que somente nos quis provar que tudo deve ser deixado como está, a educação sexualmente

negativa, a repressão sexual, as neuroses, as perversões, a prostituição e as doenças venéreas, se é que queremos, como ele espera de nós, conservar os elevados valores do casamento, da virgindade, da família e da sociedade autoritária. Muito educador sexual fanático, com isso, procurará cair fora e — agindo assim mais honesta e conscientemente, terá compreendido mais depressa a sua verdadeira posição do que aquele que, para não perder o sentimento de sua progressividade, insistir na afirmação de que tudo isso é exagerado, de que o esclarecimento sexual não poderia chegar a ter tais efeitos, que não é tão importante assim. Perguntamos agora: Mas para que então tanto esforço?

Os pais individualmente podem dar aos filhos uma educação sexual de acordo com o seu gosto e as suas convicções. Nisso, os pais devem estar conscientes de que, com uma educação sexual conseqüente, cientificamente fundamentada, terão que privar-se de muita coisa que os pais em geral costumam ter em alta conta em seus filhos, por exemplo, o apego à família até bem depois da puberdade, uma vida sexual dos filhos de acordo com o que é hoje considerado "decente", a submissão quanto às decisões de vital importância, bons casamentos das filhas, de acordo com os conceitos vigentes, e outras coisas mais. Os poucos pais que agirem e educarem os filhos de acordo com tais convicções desaparecerão completamente na grande massa, e principalmente não têm influência social. Mas também terão que pensar que exporão os filhos a conflitos graves com a ordem e moral social existentes, se bem que talvez assim sejam poupados conflitos neuróticos. Mas quem, descontente com essa sociedade, acredita poder abalar o existente, talvez por ação em grande escala nas escolas, logo sentirá que lhe é negada a possibilidade de discutir conosco, ou por lhe retirarem os meios de subsistência ou por medidas ainda mais drásticas (instituição mental ou prisão), sobre se o seu método de transformar a sociedade é o mais adequado. Não necessitamos acrescentar aqui quaisquer provas sobre o fato de os representantes da sociedade, materialmente interessada na manutenção da ordem presente, toleram, ou mesmo fomentam, as aspirações reformadoras, como se fossem passatempos sem importância, mas que se tornam imediatamente brutos, logo que verificam tratar-se de propósitos sérios de abalar a existência de seus valores materiais e os valores ideais que deles fazem parte, empregando para impedir isso os meios profusos de que dispõem.

A educação sexual, a meu ver, fornece problemas muito mais sérios e cheios de conseqüências do que pensa a maioria dos reformadores sexuais. Justamente por isso é que nesse campo não se progride nem um pouco, apesar de todo o conhecimento e de todos os meios que a pesquisa sexual colocou ao nosso alcance. Temos que lutar com uma poderosa máquina social que por enquanto oferece resistência passiva, mas que no primeiro esforço sério de nossa parte passará a uma resistência ativa. E toda a hesitação e cuidados, toda indecisão e tendência para compromissos em questões de educação sexual, não podem ser atribuídos apenas a nossas próprias repressões sexuais, mas, apesar da honestidade dos esforços educacionais, ao temor de entrar em conflito grave com a ordem social conservadora.

Em conclusão apresentamos dois casos típicos do consultório sexual, que deverão demonstrar que a consciência médica é forçada a providências que se encontram em contraste diametral oposto, não somente com a moral conservadora, mas também com a reforma sexual na modalidade descrita.

Uma moça de 16 anos e um rapaz de 17, ambos fortes e bem desenvolvidos, entram tímidos e temerosos no consultório. Depois de muito encorajamento, o rapaz pergunta receosamente se é realmente prejudicial ter relações sexuais antes dos 20 anos.

— Por que você acha que isso possa ser prejudicial?

— Foi o que o chefe de grupo dos Falcões Vermelhos nos *disse* e é o que dizem todos entre nós que falam sobre a questão sexual.

— *Nos* Falcões Vermelhos vocês falam dessas coisas?

— Claro, mas todos nós sofremos muito ninguém tem a coragem de falar *francamente*. Agora um grupo de moças e rapazes saiu do nosso grupo e formou um grupo separado, porque não se dão com o nosso chefe de grupo. Este também sempre diz que as relações sexuais fazem mal.

— Há quanto tempo vocês *se* conhecem?

— Há três anos!

— Vocês já tiveram relações sexuais

— Não, mas gostamos muito um do outro e temos que nos separar porque sempre ficamos extremamente excitados.

— Como assim?

(Silêncio prolongado).

— Bem, nós nos beijamos e fazemos outras *coisas*. A maioria o faz. Mas agora estamos ficando quase malucos. O pior é que, pelas *nossas* funções, sempre temos que trabalhar juntos. Ela nos últimos tempos tem freqüentemente crises de choro e eu já não acompanho mais as aulas na escola.

— Que é que vocês mesmos acham que seria o melhor?

— Queremos separar-nos, mas não é possível; todo o grupo, cujos líderes nós somos, se desintegraria, e depois a mesma coisa se repetiria com outro com toda a certeza.

— Vocês praticam esportes?

— Sim, mas não adianta nada. Quando estamos juntos, não podemos pensar em nada a não ser numa só coisa. Por favor, diga-nos se isso faz mal mesmo.

— Não, não faz mal, mas freqüentemente cria grandes complicações na casa dos pais.

Expliquei-lhes a seguir a fisiologia da puberdade e das relações sexuais, os obstáculos sociais, os perigos da gravidez e o uso de anticoncepcionais. Despedi-os com o conselho de pensar no assunto e de voltarem à consulta.

Duas semanas mais tarde os vi de novo, alegres, agradecidos, contentes com o trabalho. Haviam superado todas as dificuldades internas e externas. Acompanhei o caso por mais alguns meses e obtive a certeza de ter evitado que dois jovens caíssem doentes. A alegria ficou empanada apenas pelo conhecimento de que tais sucessos do simples aconselhamento, por causa das fixações neuróticas da maioria dos consulentes juvenis, são exceções raras.

Como segundo exemplo apresentamos uma mulher de 35 anos, de aparência ainda jovem, que procurou o consultório sexual com o seguinte problema: Era casada há 18 anos, tinha um filho crescido e vivia com o marido em matrimônio exteriormente feliz. Há três anos o marido tinha relações com outra mulher. A consulente sabia e tolerava com a boa compreensão de que, depois de um casamento tão prolongado, aparecem desejos por outra pessoa. Até então havia permanecido fiel, apesar de que o marido já há dois anos deixara de ter relações com ela. Há alguns meses vinha sofrendo em virtude da abstinência sexual, mas era orgulhosa demais para induzir o marido a ter relações com ela. *Nos* últimos tempos se verificaram distúrbios cardíacos, insônia, irritabilidade e depressão, cada vez mais freqüentes e intensivos. Por considerações morais, não conseguiu resolver-se a ter relações sexuais com um homem que conhecera há, algum tempo, se bem que ela mesma reconhecesse a falta de sentido desses escrúpulos. O marido sempre se vangloriara da fidelidade da esposa e, ela sabia muito bem que ele não estaria disposto a lhe conceder o direito que ele mesmo passara a usufruir com a maior naturalidade. Ela perguntava o que deveria fazer, pois já não suportava mais a situação.

Pensamos cuidadosamente no caso. O prolongamento da abstinência social significaria doença neurótica certa. Perturbar o marido na sua nova ligação e reconquistá-lo estava fora de cogitação por dois motivos. Primeiro, porque ele não se deixaria perturbar e já confessara claramente que não tinha mais interesse sexual por ela; segundo, porque ela mesma não mais queria o marido. Restava apenas a solução de ter relações sexuais com o homem a quem amava agora. A coisa, no entanto, tinha um porém: ela não era economicamente independente, e o marido, quando soubesse do caso, exigiria divórcio imediatamente. Expliquei à mulher todas essas possibilidades, deixei-a em liberdade para a

decisão e, depois de algumas semanas, eu soube, que ela havia resolvido manter relações sexuais com o amigo sem que o marido soubesse. Seus distúrbios neuróticos desapareceram pouco depois. Ela havia criado coragem para tomar essa resolução em virtude de meus esforços para dissipar os seus escrúpulos morais. De acordo com a lei, eu me tornarei culpado de um crime; possibilitei a uma mulher que se encontrava à beira de uma doença neurótica a satisfação sexual fora do casamento, praticando assim a infidelidade conjugal.

CAPÍTULO V

A FAMÍLIA COMPULSÓRIA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO

O que mais comumente estabelece a atmosfera ideológica do conservadorismo é a família compulsória. Seu protótipo é constituído pelo triângulo: pai, mãe e filho. Enquanto o ponto de vista conservador enxerga na família a base, como muito dizem a "célula", da própria sociedade humana, vemos nela, tomando em consideração as suas mutações no decorrer do desenvolvimento histórico e sua função social na respectiva época, o *resultado* de certas estruturas econômicas. Consideramos a família, pois, não como alicerce ou base, mas como conseqüência de determinada estrutura econômica da sociedade (família matriarcal, patriarcal, zadruga, patriarcado polígino, monógino etc.). Se, entretanto, a sexologia conservadora, a moral sexual reacionária e a ordem legal sempre falam da família como a base do "Estado" e da "sociedade", somente têm razão no sentido de que a família compulsória pertence inextricavelmente à existência do Estado autoritário e da sociedade autoritária. Seu sentido social se resume em três propriedades básicas:

1. *Econômica*: No início do capitalismo, a família era a unidade econômica empresarial e ainda é entre os camponeses e na pequena indústria.
2. *Social*: Na sociedade autoritária, a família tem a importante função de proteger a mulher e os filhos que são privados dos direitos econômicos e sexuais.
3. *Política*: Enquanto a família na era pré-capitalista da propriedade privada e nos primórdios do capitalismo tinha uma raiz imediata na economia familiar (como ainda hoje na economia dos camponeses), realizou-se com o desenvolvimento das forças de produção e da coletivização do processo de trabalho uma *mudança na função da família*. A sua base econômica imediata perdeu o seu significado e isso em relação direta crescente da incorporação das mulheres no processo de produção; o que se perdeu em base econômica foi substituído pela sua *função política*. Sua tarefa cardinal, aquela pela qual é defendida mais freqüentemente pela ciência conservadora e o Direito conservador, é a sua propriedade como *fábrica de ideologias autoritárias* e estruturas conservadoras. Constitui o instrumento de educação pelo qual, quase sem exceção, tem que passar todo membro da sociedade, a partir do primeiro sopro de vida. Não apenas como instituição de caráter autoritário, mas, como veremos logo a seguir, por força de sua própria estrutura, influencia a criança no sentido da mentalidade conservadora; é a mediadora entre a estrutura econômica da sociedade e sua superestrutura ideológica, é envolvida pela atmosfera conservadora, que necessariamente acaba ficando gravada indelevelmente em cada um dos seus membros. Transmite, pela sua formação e por influência direta, não apenas atitudes gerais com respeito à ordem social existente e maneira de pensar conservadora, mas também exerce influência imediata, especialmente pela estrutura sexual da qual se origina e que propaga, sobre a estrutura social das crianças no sentido conservador. Não é por acaso que a atitude dos adolescentes, respectivamente, a favor ou contra a ordem social vigente até certo ponto corresponde à atitude deles, respectivamente, a favor ou contra a família. Também não é por acaso que a juventude conservadora e reacionária, de modo geral, não se levando em conta alguns casos divergentes isolados, é afeiçoada à família e tende a conservá-la, ao passo que a juventude revolucionária é inimiga e tende a desfazer a família, desligando-se mais ou menos completamente dos laços familiares.

Isso tem muito a ver com o ambiente desfavorável à sexualidade e à estrutura da família e com as relações entre os membros da família.

Temos que analisar, portanto, ao estudarmos o significado educativo da família, dois fatos completamente independentes em si: 1) a influência das ideologias concretas sociais que atuam na juventude com o auxílio da família; e 2) a influência imediata da própria "estrutura triangular".

1. A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA SOCIAL

As famílias da grande-burguesia distinguem-se das da pequena-burguesia, e estas por sua vez das dos operários. Todas elas, entretanto, estão expostas à mesma atmosfera moral-sexual, que não aniquila a moral de nenhuma classe, mas esta permanece parcialmente *de* forma contraditória ao lado daquela e parcialmente assume compromissos com ela.

O tipo predominante da família, a pequeno-burguesa, se estende muito além da chamada "pequena-burguesia", penetrando profundamente na grande-burguesia e também na classe dos operários. A base da família pequeno-burguesa é a relação entre o pai patriarcal, a mulher e os filhos. Ele é, por assim dizer, o expoente e representante da autoridade estatal na família. Devido à contradição entre a sua posição no processo de produção (subordinado) e a sua função familiar (chefe), ele é lógico e tipicamente uma espécie de primeiro-sargento; submete-se aos que estão acima dele, absorvendo totalmente os pontos de vista dominantes (daí a sua tendência para a imitação), e domina os que estão abaixo dele; transmite os pontos de vista governamentais e sociais e os faz respeitar.

No que concerne à *ideologia sexual* da família da *pequena-burguesia*, a ideologia matrimonial chega a confundir-se com o núcleo da família, o próprio casamento monogâmico duradouro. Por mais miseráveis e inconsoláveis, dolorosas e insuportáveis que sejam a situação conjugal e a constelação familiar, os membros da família têm de defendê-la ideologicamente tanto dentro como fora dela. A necessidade social de proceder assim obriga a encobrir a miséria e a manutenção da família e do casamento; cria também a sentimentalidade familiar largamente difundida e *slogans tais* como "felicidade familiar", "lar, doce lar", "recanto tranquilo" e a felicidade que a família aparentemente significa para as crianças. O fato de que, em nossa sociedade, fora da família e do casamento a situação é muito pior, porque aí falta toda e qualquer proteção material, legal e ideológica da vida sexual, é erroneamente interpretado como se a instituição da família fosse uma necessidade natural. O hábito de procurar enganar a si mesmo e os *slogans* sentimentais, que constituem elementos importantes da atmosfera de influência ideológica, são psicologicamente necessários, pois ajudam a tolerar a psicologicamente intolerável situação familiar. É assim que se explica por que o tratamento das neuroses com tanta facilidade destrói o liame familiar e matrimonial; já que acaba com as ilusões, a verdade inexoravelmente vem à luz.

A educação para o casamento e para a família é a finalidade da educação das crianças desde o princípio. A educação para uma profissão somente mais tarde se junta a esta. A educação sexualmente negativa e negadora não é ditada apenas pela atmosfera social, mas se torna necessária pela repressão sexual dos adultos. Sem uma grande resignação sexual, a existência na atmosfera familiar é impossível.

Na típica família da pequena-burguesia, a influência da sexualidade assume formas específicas que determinam a disposição individual para a mentalidade de "casamento e família". É que se fixa o erotismo pré-genital dando-se ênfase exagerada às funções de nutrição e de excreção, ao passo que se cerceia totalmente a atividade genital (combate ao onanismo). A inibição genital e a fixação pré-genital determinam um desvio do interesse sexual para o sadismo, e a curiosidade sexual da criança é ativamente subjugada. Isso entra em choque com a situação domiciliar, o próprio comportamento sexual dos pais e o inevitável ambiente sexualmente acentuado na família. As crianças não deixam

de observar todos os acontecimentos, embora obtenham impressões distorcidas e façam interpretações errôneas.

A inibição ideológica e educacional da sexualidade, por um lado, a apreciação e assistência dos acontecimentos mais íntimos entre os adultos, pelo outro lado, já põem na criança a base da hipocrisia sexual. Isso ocorre de forma mais branda nas famílias dos operários, onde se dá menos ênfase às funções nutritivas e digestivas, enquanto as atividades genitais são mais evidentes e menos proibidas. Os conflitos aí são menores, e o caminho para a genitalidade é mais livre. Isso não é de forma alguma condicionado pelas condições econômicas da família do operário. Se um operário sobe economicamente para as fileiras da aristocracia trabalhista, também os seus pontos de vista mudam de acordo, os filhos são colocados sob pressão mais elevada por parte da moral conservadora.

Enquanto na família da pequena-burguesia a repressão sexual ocorre de maneira mais ou menos completa, no meio operário ela é mitigada pela supervisão necessariamente mais reduzida das crianças, que ficam freqüentemente mais tempo sozinhas.

2. A ESTRUTURA TRIANGULAR

Enquanto a família, assim influenciada pela atmosfera ideológica da sociedade, exerce influência sobre a criança, da sua *estrutura triangular* resulta uma constelação específica para a criança, inteiramente em direção às tendências conservadoras da sociedade.

A descoberta de Freud, de que sempre que exista essa estrutura triangular a criança passa a ter relações sexuais bem determinadas de ordem mental e sentimental com os pais, é básica para a compreensão do desenvolvimento sexual individual. O chamado "complexo de Édipo" abrange todas essas relações que, em sua quantidade, mas antes de mais nada em seu resultado, são determinadas pelo ambiente mais amplo e pela estrutura da família. A criança dirige seus primeiros impulsos genitais amorosos (deixamos, por amor à simplicidade, de levar em consideração os impulsos pré-genitais) para as pessoas mais próximas de sua vizinhança, que são, na maioria dos casos, os pais. Tipicamente, a parte paterna heterossexual é amada e a do sexo igual é odiada inicialmente. Contra esta desenvolvem-se impulsos ciumentos e ódio, mas ao mesmo tempo também sentimentos de culpa e medo. O medo refere-se em primeiro lugar aos próprios impulsos genitais perante a parte do sexo oposto. Este medo, em virtude da impossibilidade real de satisfação do desejo de incesto, leva à repressão. É dessa repressão que se origina primariamente a maioria dos distúrbios amorosos mais tarde. Não se deve, porém, descuidar de dois aspectos importantes para as conseqüências dessa experiência infantil. Em primeiro lugar, não haveria nenhuma repressão se o menino, por exemplo, tivesse de renunciar ao desejo genital pela mãe, mas se lhe fosse permitido o jogo genital com as meninas de sua idade, bem como o onanismo socialmente. Não se admite de boa vontade que tais jogos sexuais ("brincar de doutor" etc.) sempre acontecem, onde crianças se encontram em companhia de outras por tempo prolongado; realizam-se, no entanto, com plena consciência da proibição de tais atividades e, portanto, com sentimentos de culpa e fixações prejudiciais a tais jogos. A criança que não ousa praticar tais jogos, quando para isso tem oportunidade, é candidata certa a graves prejuízos em sua vida sexual posterior por obedecer aos princípios da educação familiar. A história simplesmente considerará essas constatações como produtos de uma fantasia deteriorada. Não se pode mais negar esses fatos e fugir a suas conseqüências. É verdade que a discussão social oficial dessas coisas jamais se realizará enquanto a educação familiar depender, econômica e politicamente, da sociedade autoritária.

A repressão dos impulsos sexuais precoces é, qualitativa e quantitativamente, determinada pelo modo pelo qual os pais encaram a sexualidade. Muito depende de que os pais sejam mais ou menos rigorosos, de que se a atitude negativa dos pais se estende ao onanismo, e outras coisas mais.

O fato da criança já experimentar a sua genitalidade na casa paterna na idade crítica entre 4 e 6 anos já lhe impõe uma solução determinada, específica, para a educação familiar. Uma criança que a partir do terceiro ano de vida tivesse sido educada juntamente com outras crianças, sem influência do pai e da mãe, desenvolveria a sua sexualidade de maneira completamente diferente, em formas que aqui não poderão ser discutidas. Não se pode subestimar o fato de que a educação familiar é praticamente individualista, exclui a influência favorável de uma coletividade de crianças mesmo nos casos em que a criança passa algumas horas num jardim de infância. A ideologia familiar influencia praticamente o jardim de infância muito mais do que este influencia a educação familiar. A criança é, pois, forçada para dentro do seio da família e por isso adquire uma fixação aos pais de forma sexual e autoritária. Já pela sua pequenez física é esmagada pela autoridade dos pais, seja esta rigorosa ou não. A ligação autoritária supera em breve a sexual, força-a a uma existência inconsciente e, mais tarde, quando os interesses sexuais devem dirigir-se para o mundo extra-familiar, atua como uma poderosa inibição entre o interesse sexual e a realidade. Justamente porque a própria ligação autoritária em grande parte se torna inconsciente, não mais é acessível à influência consciente. Pouco significa se a ligação inconsciente à autoridade autoritária dos pais muitas vezes se exprime como revolta neurótica; nem assim consegue fazer desenvolver os interesses sexuais, a não ser em forma de ações sexuais impulsivas e incontroladas, como compromissos patológicos entre a sexualidade e o sentimento de culpa. A dissolução posterior dessas ligações com os pais é a condição fundamental de uma vida sexual sadia. É conseguida hoje apenas por uma minoria.

O entrosamento com os pais, tanto a ligação sexual como a subordinação à autoridade do pai, na puberdade dificulta a entrada na realidade sexual e social, onde não se torna completamente impossível. O ideal pequeno-burguês do bom filho e da boa filha caseira, que até a idade madura ainda se encontram psiquicamente na situação infantil, é o extremo oposto da juventude livre autônoma.

Outra característica da educação familiar é que os pais, especialmente a mãe, quando não é obrigada a procurar seu sustento fora do lar, cada vez mais procuram nas crianças o conteúdo da vida — e em prejuízo delas descobrem que nisso os filhos desempenham o papel de cachorrinhos de estimação, que se podem amar, mas também maltratar à vontade, que a atitude emocional dos pais os torna completamente inadequados para a educação, são fatos muito corriqueiros para que nos preocupemos com eles aqui.

Aquilo que da miséria matrimonial nos conflitos conjugais não pode ser sanado diretamente é despejado sobre as crianças. Isso estabelece novos danos para a sua independência e sua estrutura sexual, mas também cria um novo conflito: o da aversão delas ao casamento em virtude do que viram no casamento dos pais, isto é, o conflito entre a *oposição ao casamento* e a compulsão *econômica* posterior de casar. na puberdade que se desenrolam as tragédias, justamente quando os jovens conseguiram escapar dos prejuízos da educação sexual infantil e querem libertar-se das algemas da família.

A repressão sexual, à qual os adultos tiveram que se sujeitar para suportar a vida conjugal e familiar, é assim transmitida às crianças. E como mais tarde, por motivos econômicos, elas terão de voltar à situação familiar, a repressão sexual continua a passar de geração para geração.

Como a família compulsória se encontra economicamente fundida com a sociedade autoritária, seria muita ingenuidade esperar que os seus efeitos e influências possam ser erradicados dentro dessa sociedade. Tais efeitos e influências se encontram na própria situação da família e, pelos mecanismos inconscientes da estrutura impulsional, acham-se inextricavelmente entranhados no indivíduo isolado.

A inibição sexual que resulta das relações para com os pais se adicionam os sentimentos de culpa do ódio desmedido que se armazenou nas crianças na situação familiar durante anos. Se esse ódio permanecer consciente, poderá transformar-se numa força impulsora revolucionária individual

poderosa; tornar-se-á o motor da libertação do laço familiar "e poderá então transferir-se com facilidade para as metas racionais da luta contra aquelas situações que originaram tal ódio.

Se o ódio, entretanto, é reprimido, dele se desenvolvem os impulsos opostos da fidelidade e da obediência infantil, que certamente se tornam pesos de chumbo, quando mais tarde motivos racionais levam o indivíduo em questão ao movimento liberal. Encontra-se então aquele tipo que pode até ser favorável à completa liberdade, mas deixa ministrar aos seus filhos ensino de religião e ele próprio não renuncia à Igreja, apesar de ser contrário às suas convicções, justamente porque "não pode fazer uma coisa dessas aos seus velhos pais". Observa-se nele, porém, também, laivos de hesitação e tergiversação, indecisão, dependência, em consideração à família etc. Certamente, ele não é o tipo do baluarte da liberdade.

Mas da mesma situação familiar pode-se originar o "revolucionário por motivos neuróticos". Ele é muito freqüente entre os intelectuais da pequena-burguesia. Isso naturalmente nada depõe contra o seu valor como revolucionário. No entanto, a ligação aos sentimentos de culpa torna a personalidade revolucionária assim estruturada um assunto problemático.

A educação sexual familiar tem que, pela sua natureza, acarretar danos à vida sexual do indivíduo. Caso um ou outro consiga uma vida sexual sadia, isso acontece costumeiramente à custa dos seus laços familiares.

A repressão das necessidades sexuais se reflete ainda num enfraquecimento geral das funções intelectuais e emocionais, principalmente da auto-segurança, da força de vontade e da capacidade de crítica. Para a ordem social autoritária não importa a "moral em si". As modificações no organismo psíquico, que devem ser atribuídas ao enraizamento da moral sexual, é que primeiramente criam aquela estrutura psíquica que constitui a base da psicologia das massas de qualquer ordem social autoritária.⁸ A estrutura de vassalo é uma mistura de impotência sexual, indefensabilidade, necessidade de apoio, ânsias de liderança, temor da autoridade, medo da vida e misticismo. É caracterizada pela inclinação para a rebeldia e vassalagem ao mesmo tempo. O temor sexual e a hipocrisia sexual constituem o núcleo daquilo que chamamos comodismo burguês. Pessoas assim estruturadas são incapazes de democracia. Em suas estruturas esboroam-se as experiências de construir ou manter organizações sob a direção realmente democrática. Formam o solo da psicologia das massas sobre o qual podem desenvolver-se as apetências ditatoriais e inclinações burocráticas dos líderes democraticamente eleitos.

A função política da família se bifurca em dois ramos:

1. Reproduz-se a si mesma, aleijando o indivíduo sexualmente; ao perpetuar a família patriarcal, também perpetua a repressão sexual com suas conseqüências: distúrbios sexuais, neuroses, psicoses, crimes sexuais.
2. Cria o indivíduo que está sempre com medo da vida e da autoridade e assim estabelece repetidamente a possibilidade das massas poderem ser dominadas por um punhado de indivíduos poderosos.

Assim a família adquire para o conservador seu significado especial como baluarte da ordem social na qual ele acredita. É por esse motivo que ela é uma das instituições mais fervorosamente defendidas na sexologia conservadora. Pois ela "garante a manutenção do Estado e da sociedade" — no sentido reacionário. A avaliação da família torna-se assim um padrão pelo qual se pode julgar a natureza geral das ordens sociais.

⁸ Historicamente provado em *Der Einbruch der Sexualmoral* (1934).

CAPITULO VI

O PROBLEMA DA PUBERDADE ⁹

Parece que em nenhum outro campo a ideologia autoritária conseguiu influenciar a sexologia tanto quanto no da questão sexual da juventude. A essência de todas as investigações é o salto da constatação de que a puberdade, afinal de contas, significa *maturidade sexual* para a exigência de que a juventude tem ou deve viver em *abstinência*. Aquele que não aceita o último argumento, permanece calado. Como quer que se encubra a exigência ou se a fundamente, se se recorre a argumentos biológicos, como por exemplo à "maturidade ainda incompleta" antes da idade de 24 anos (Gruber), ou se se alegam motivos culturais ou higiênicos, a nenhum dos autores por mim conhecidos ocorreu que a miséria sexual da juventude basicamente é um problema puramente social, e que apenas começa com a *exigência* da abstinência. Na tentativa de justificar essa exigência social biológica, cultural ou eticamente, a argumentação embarafusta em contradições completamente absurdas.

1. O CONFLITO DA PUBERDADE

Os fenômenos do conflito da puberdade e da neurose da puberdade, em todas as suas formas, podem ser derivados do fato único de que existe uma contradição entre a completa maturidade sexual por volta dos 15 anos de idade, da necessidade fisiológica, pois, de ter relações sexuais e a capacidade respectivamente de gerar ou dar à luz crianças e a impossibilidade econômica e estrutural de criar nessa idade as condições legais exigidas pela sociedade para as relações sexuais, isto é, o casamento. Este é o aspecto fundamental da dificuldade, ao qual se somam muitos outros, como, por exemplo, as conseqüências da educação sexualmente negativa da criança, que por sua vez é conseqüência de todo o sistema da ordem sexual conservadora. A sociedade primitiva matriarcal não conhece miséria sexual da juventude; muito pelo contrário, todos os relatórios, sejam eles de missionários, ou de investigadores sérios, com ou sem a devida indignação sobre o "desleixo moral" dos "selvagens", consignam o fato de que os ritos de puberdade introduzem os adolescentes numa vida sexual plena ao atingirem a maturidade sexual; que em muitas dessas sociedades selvagens se dá grande importância ao prazer sexual; que a consagração da puberdade é um grande acontecimento social; que alguns povos primitivos não somente não limitam a vida sexual dos jovens, mas a fomentam de todas as maneiras, isto é, pela instalação de casas comunitárias para as quais os jovens se mudam para a finalidade de relações sexuais.¹⁰ Também nas sociedades primitivas em que já existe a instituição do casamento rigorosamente monogâmico, a juventude, desde antes de atingir a maturidade sexual até o casamento, tem o direito a relações sexuais completamente livres. Nenhum desses relatos contém indicações de miséria sexual ou de suicídios de jovens em virtude de amor infeliz (se bem que este também se verifique naturalmente). Desaparece aí a contradição entre maturidade sexual e falta de satisfação sexual genital. Mas este é apenas o traço fundamental da

⁹ Compare-se com meu ensaio *Der sexuelle Kampf der Jugend*.

¹⁰ "... Entretanto não nos pode parecer estranho que tais povos calmamente permitiam que já nas crianças o impulso apenas desperto seja satisfeito com uma liberdade que nós mesmos chamaríamos "imoralidade audaciosa" (1), enquanto isso lá é considerado como uma "brincadeira" pelos adultos... rapazes e moças de muitos povos primitivos juntam-se amorosamente com a afeição mais inocente." De Ploss-Bartels: *Das Weib*, Leipzig, 1902 (vol. 1, pág. 449). Ver ainda: Havelock-Ellis: *Geschlecht und Gesellschaft*, 1923, págs. 335 e 368. Mayer: "Das Sexualleben der den Wahehe und Wossangu" (*Geschlecht und Gesellschaft*, Ano XIV, nº 10, pág. 455). A melhor descrição se encontra em Malinowski: *Das Geschlechtsleben der Wilden*.

diferença entre sociedade primitiva e autoritária. Nesta, aliás, se conserva a festa da dedicação da puberdade na forma de diversos ritos ecumênicos (comunhão etc.), mas com completo encobrimento da sua natureza verdadeira e até com a tendência real de influencia da juventude em sentido contrário.¹¹

A expressão que melhor define a miséria do adolescente é o *onanismo* ou *masturbação*. Com exceção dos casos patológicos, é só e exclusivamente um substituto da falta de relações sexuais. Essa constatação, simples e natural como é, ainda não encontrei em tratado algum. Se deixei de consultar alguma existente, peço desculpas. Basta saber que essa coisa natural está sendo tão escondida que pode passar despercebida de todo. Queremos registrar aqui apenas que os autores de livros sobre assuntos sexuais não apresentam o conflito da puberdade assim: *Maturidade — nada de relações sexuais*, mas desse modo: *Maturidade — nenhuma possibilidade de casamento*. O onanismo é condenado pela Igreja e pelos médicos sexologicamente ignorantes e moralmente dotados de preconceitos. O fato de que a luta contra o onanismo apenas aumenta a miséria, porque fortifica os sentimentos de culpa patogênicos, nos últimos tempos tem sido mais amplamente expresso, mas o esclarecimento ficou — com exceção de publicações populares, como por exemplo a de Max Hodam — limitado a tratados científicos. A grande massa dos jovens dela nada sabe.

A pesquisa psicanalítica das molas impulsoras inconscientes do conflito da puberdade resultou, em resumo, numa ressurreição dos velhos desejos incestuosos precoces infantis e dos sentimentos de culpa sexuais que determinam o onanismo e que na realidade correspondem a fantasias inconscientes e não à ação masturbadora. Mas não são os desejos incestuosos que determinam o onanismo, mas a excitação sexual que corresponde à atividade forçada do aparelho sexual; as sim corrige a pesquisa orgásmica a constatação psicanalítica. O represamento sexual reaviva a velha fantasia incestuosa, que por sua vez, embora não determine o fato da masturbação, mas sim a forma e o conteúdo da experiência psíquica do ato onanista. De outra forma não seria compreensível que a fantasia incestuosa justamente reapareça *novamente* na época da maturidade sexual, nem mais cedo nem mais tarde.

O *conflito* da puberdade dessa forma corresponde a uma regressão a formas mais primitivas, infantis, e conteúdos da vida sexual. Se não é de antemão determinada pela fixação na infantilidade, é só e *exclusivamente consequência do fracasso social da satisfação sexual genital pelo ato sexual ao tempo da maturidade*. Em princípio, há, pois, duas possibilidades: ou o jovem entra na puberdade, em virtude de seu desenvolvimento sexual até então, incapaz de encontrar um parceiro sexual, ou o fracasso social da satisfação sexual na puberdade o força a fantasias onanistas, às vezes também na situação patogênica do conflito infantil. Está porém, claro que essas duas possibilidades não são diferentes em princípio, pois a primeira é mera consequência da educação sexual infantil patogênica, da situação rigorosamente de repressão sexual na infância. Somente a barreira social da vida sexual aqui fez seu efeito completo já na infância, ao passo que no segundo caso apenas na maturidade sexual. Caracterizamos a realidade mais acertadamente, se dissermos que ambas as inibições do

¹¹ Existe toda uma ciência, que utiliza todos os meios de argumentação complicada para provar que a natureza da puberdade não é, como se poderia pensar, a própria *puberdade*, não é o amadurecimento do aparelho sexual genital em consequência do que aparecem as modificações mentais, mas que o elemento intrínseco da puberdade e dos seus conflitos é a realidade de "novas tarefas", diante das quais o jovem se encontra, e do seu sentimento de inferioridade de não estar à altura dessas tarefas. Esta ciência é a psicologia individual de Alfred Adler. De acordo com essa teoria, o jovem que passa o período mais importante de sua puberdade, por exemplo, num ginásio, onde não aparecem tarefas novas (ou será que a inclusão do Grego no currículo representa uma nova tarefa?) não tem conflitos de puberdade de qualquer espécie. Para a psicologia individual é indiferente que os desempenhos dos alunos por volta dos 14 anos de idade em média começam a deteriorar também não lhe é bastante interessante que amplas camadas da juventude operária, que juntamente com a maturidade sexual também encetam as relações sexuais, podem conhecer tudo menos miséria sexual — se bem que isso inclua até o fato de saberem pouco da prevenção da gravidez e de possuírem locais nos quais seja possível relações sexuais higiênicas. Justamente o jovem trabalhador por volta dos 14 anos de idade é colocado diante de novas tarefas. Seu efeito, no sentido de Adler, no entanto, deixa de verificar-se na medida em que a sexualidade chega a se. satisfeita.

desenvolvimento sexual, a infantil e a púbere, se encontram, pois a inibição social posterior faz recuar a sexualidade na puberdade. Quanto maior o dano à sexualidade durante a infância, tanto menos possibilidade terá o adolescente de encetar uma vida sexual normal; e tanto mais eficientemente atuará a barreira social das relações sexuais sobre o adolescente.

O sentimento de culpa sexual no onanismo é consideravelmente mais forte do que nas relações sexuais porque o onanismo se acha sobrecarregado de fantasias de incesto, ao passo que as relações sexuais satisfatórias sob circunstâncias normais tornam desnecessárias as fantasias de incesto. Se predomina a fixação em objetos da infância, também o ato é perturbado, sendo que nesse caso os sentimentos de culpa não são menores que no onanismo. Frequentemente também fica demonstrado que uma experiência sexual satisfatória pode reduzir os sentimentos de culpa sexual. Já que o onanismo, sob condições de outra forma idênticas, nunca é tão satisfatório quanto a relação sexual, nele também o sentimento de culpa se revela em maior proporção.

Desde o tipo do menino que é completamente incapaz de libertar-se de sua ligação infantil aos pais e dar um passo independente para a vida sexual real até o tipo que dá esse passo sem qualquer escrúpulo, salvando-se assim do infantilismo de sua sexualidade, existem todos os estágios de transição. O primeiro é certamente aquele que se aproxima do ideal do "bom" menino apegado à família, que se submete às exigências dos pais, que não deixam de ser os representantes da sociedade conservadora; no sentido da concepção conservadora é bom aluno: não exigente, modesto, submisso. Esse tipo forma mais tarde o núcleo dos bons parceiros matrimoniais e dos cidadãos conformados. Mas é também aquele que fornece o contingente principal das neuroses. O outro tipo que facilmente poderá ser designado como anti-social, no fundo rebelde, exigente, aversão à casa paterna, ideologicamente inimigo do ambiente pequeno-burguês, fornece entre os operários e empregados o contingente revolucionário e em certas camadas da pequena-burguesia e na grande-burguesia muitos psicopatas, temperamentos impulsivos, que degeneram socialmente, a não ser que se filiem logo a um movimento social porque do contrário entram em conflitos insolúveis dentro de sua própria classe. Como são em média inteligentes e capazes de sentimentos intensos, os mestres, acostumados a tratar com os "bons" e os inteligentes abaixo da média, não sabem lidar com eles. São "moralmente insanos" (moral aqui absolutamente no sentido da concepção reacionária), ou pelo menos são designados como tais, mesmo que nada mais façam a não ser preencher a função natural do seu impulso sexual. Mas como justamente isso na sociedade conservadora, sob as condições existentes da vida sexual, *tem* que ser geralmente considerado quase um crime, tais jovens estão expostos ao abandono por motivos puramente sociais. Nessa avaliação da sexualidade juvenil, estamos inteiramente de acordo com Lindsey que diz em seu livro *Die Revolution der modernen Jugend*:

De modo geral distingo diversas espécies de jovens que não *se metem facilmente em tais* dificuldades. Primeiro, temos aqueles que não possuem energia, autoconfiança nem iniciativa. Os jovens pecadores, na maioria dos casos, já possuem *essas* propriedades preciosas e por isso são tanto mais dignos de serem salvos. Nem sempre é *assim*, mas muito frequentemente. Boas notas escolares de comportamento podem significar para o rapaz apenas que lhe faltam coragem e energia ou saúde e que ele é restringido, não pela "virtude", mas pelo medo. Moral para o menino normal, não tem grande significado, se é que ele é mesmo o ente jovem e sadio que deve ser. Ele devia ser tão inconsciente de sua alma como de sua respiração ou de qualquer outra atividade humana vital. (Pág. 75.)

2. EXIGÊNCIA SOCIAL E REALIDADE SEXUAL

Inicialmente temos que responder aqui a três perguntas sobre a sexualidade:

1. Quais as exigências que a sociedade autoritária faz aos jovens e por que motivos isso acontece?

2. Como é que se apresenta na realidade a vida sexual da juventude entre as idades de 14 e 18 anos?
3. Quais os fatos seguros que se conhecem sobre as conseqüências de: a) onanismo; b) abstinência; c) das relações sexuais entre os jovens?

A sociedade reacionária exige ao ditar "normas morais" para a vida sexual, virgindade incondicional dos jovens antes da contração do matrimônio. Condena as relações sexuais tanto quanto o onanismo. (Não falamos aqui de opiniões individuais, mas da atmosfera ideológica.) A ciência até onde é influenciada, certamente sem o suspeitar, pela mentalidade autoritária, estabelece teses destinadas a conferir uma base sólida a tais teses. Geralmente nem isso ela faz, limitando-se a frisar a célebre natureza moral do homem. Com isso esquece seu próprio ponto de vista, que tão freqüentemente é lembrado ao seu adversário ideológico, a saber, de que a função primordial da ciência é descrever fatos, sem procurar entrar-lhes no mérito, e explicar suas origens. Onde na justificação das exigências sociais, vai além dos argumentos moralistas sem na realidade libertar-se deles, serve-se de um método infinitamente mais perigoso objetivamente, ou seja, o método de camuflar os pontos de vista morais com teses pseudo científicas. A moral é racionalizada cientificamente.

Afirma-se, por exemplo, que a abstinência sexual dos jovens é necessária porque, em caso contrário, os desempenhos sociais culturais ficariam prejudicados. Isso se baseia na teoria freudiana de que os desempenhos sociais e culturais do homem são alimentados pela energia sexual, que foi desviada de sua meta original para outra "mais elevada". Esse fenômeno é conhecido pelo nome de "sublimação". A teoria é exata e se baseia em ampla experiência clínica. No entanto, a satisfação sexual e a sublimação foram transformadas em elementos rigidamente antagônicos. É preciso fazer concretamente a pergunta: *qual* a espécie de satisfação e atividade sexual, e sublimação de *que* impulsos sexuais?

O argumento "a abstinência sexual é necessária para o desenvolvimento social" já pela simples observação se verifica ser falso. Afirma-se que as relações sexuais da juventude na idade da maturidade sexual prejudicariam seus desempenhos. Fato é — e nisso concordam todos os sexologistas modernos — que aproximadamente 100% dos jovens masturbam. Com isso aquele argumento perde todo o seu sentido. Por que, então, as relações sexuais seriam prejudiciais ao desempenho social, mas o onanismo não? Em que, *em princípio*, o onanismo se distingue das relações sexuais? E, além disso, não será o onanismo conflituoso infinitamente mais perturbador do que uma vida sexual ordenada jamais poderia ser? Um beco sem saída e sem esperança na argumentação! Já que não se distingue entre vida sexual satisfeita e insatisfeita, também não se pode enxergar suas variegadas relações com desempenho social e sublimação. E por que é que se apresenta aqui uma lacuna tão claramente visível na teoria? Porque seu preenchimento leva a conseqüências práticas — como aliás qualquer raciocínio logicamente concluído de fatos — que poderiam soltar parafuso por parafuso da construção complicada e caprichada da visão da vida reacionária.

Caso o principal argumento a favor da castidade do adolescente fosse oficialmente invalidado, a juventude poderia começar a ter idéias e avançar para ações que, se bem que não fossem perigosas para a sua saúde e sociabilidade, poderiam ser um perigo para a estrutura da família compulsória e a instituição do casamento. Veremos mais tarde a conexão entre a exigência de castidade por parte do adolescente e a moral do casamento, com base em fatos concretos.

Como é que se apresenta agora a vida sexual dos jovens na realidade? Certamente não como o exige a moral. Infelizmente, não existem dados estatísticos concretos. Pelos questionários, pela experiência nos consultórios sexuais e pelas palestras para os jovens (e pelas perguntas por eles formuladas) bem como pelas constatações extensas sócio-econômicas, estamos capacitados a dizer de modo geral: a abstinência integral isto é, nenhuma espécie de atividade sexual, quase que não se verifica nos adolescentes do sexo masculino, a não ser em casos de sérias inibições neuróticas; em

meninas, é um pouco mais freqüente, mas as Informações sobre isso não merecem muita confiança. Entretanto, é certo que um comportamento sexual, que com alguma razão se poderia chamar de abstinência, só tão raramente pode ser constatado que praticamente não deve ser levado em consideração.

De fato, sob a aparência de abstinência são realizadas toda sorte imaginável de práticas sexuais. Existem homens e também mulheres que se masturbaram durante anos sem se darem conta disso. Nas mulheres o onanismo aparece disfarçado, freqüentemente pelo apertar das coxas; andar de bicicleta ou motocicleta é uma oportunidade bastante aproveitável de masturbar-se inconscientemente. O devaneio sexual representa mesmo desacompanhado de atividade correspondente, psiquicamente a equivalência do onanismo, pelo menos no que diz respeito ao seu lado prejudicial. Os devaneadores sexuais, que não se masturbam, certamente afirmarão viver em abstinência. Até certo ponto concordaremos com eles: *são abstinentes no que respeita à satisfação, mas não com respeito à excitação.*

a) Juventude operária

Existe universalmente grande receio de falar com os líderes sobre assuntos sexuais. É significativo que os jovens, também entre si, não ousam discutir essa questão de forma séria. Entretanto, muito se fala disso em forma de anedota e piada suja; a atmosfera está prenhe de questões sexuais entre os jovens. Muitas vezes se usam palavrões de uso corriqueiro para expressar algo sexual.

As costumeiras noites de esclarecimento sexual nas organizações trabalhistas com demasiada freqüência visam apenas fortalecer a juventude, em sua abstinência. Apenas raramente se encontram políticos sexuais conscientes que apresentam à juventude seu problema central de forma correta. Muito depende da maneira de abordar a questão sexual. Primeiro não se deve pessoalmente ter nenhum vislumbre de timidez ou posição negativa diante da sexualidade; segundo, é preciso falar francamente e sem embargo, diretamente; terceiro, o interesse ardente somente aparece quando as perguntas são feitas por escrito. Com isso se salvaguarda a vergonha pessoal, e há poucos jovens que depois de uma palestra tal não apresentam perguntas.

Apesar dessa posição dos jovens, as relações sexuais são realizadas freqüentemente, entre a juventude camponesa de 13 anos de idade e entre a operária de cerca de 15 anos.

Entre a juventude camponesa é costume muito freqüente que a moça espere em frente ao salão de baile que um rapaz a convide para dançar e a leve para dentro. Depois da dança, na qual freqüentemente se mostra o erotismo, o rapaz leva a moça para trás de alguma cerca, onde têm relações sexuais. A prevenção da gravidez é quase desconhecida, entretanto o ato na maioria dos casos é interrompido, e o aborto é muito freqüente (naturalmente por charlatões).

A juventude operária urbana muitas vezes se encontra informada sobre prevenção da gravidez, mas estranhamente faz pouco uso do seu conhecimento. Desde os tempos do domínio fascista as organizações da juventude e os partidos na Alemanha e na Áustria não se preocupam mais com a questão da prevenção da gravidez. Muitos dos jovens líderes se colocam ao lado da juventude em seus problemas e com o maior interesse; bem como diversos dos funcionários de partido menos graduados; enquanto isso os líderes em exercício tomaram uma atitude absolutamente negativa diante do problema.

Muitos jovens e líderes enérgicos da juventude, portanto, procuraram eles mesmos atacar o problema e realizaram palestras sobre o tema. Logo encontraram o maior obstáculo: os pais dos jovens. Era típico que mesmo os pais politicamente organizados proibissem os filhos de freqüentar a organização porque tinham ouvido dizer que lá se falava sobre "essas coisas". Isso também se verificava quando notavam a formação de laços de simples amizade e mesmo quando se tratava de

jovens de 18 anos de idade. Entretanto a experiência ensina que mesmo os pais mais severos não podem fazer prevalecer o seu ponto de vista rigoroso em presença de uma massa cerrada de jovens.

Era fenômeno generalizado que o ciúme, que ocasionalmente deteriorava em brigas, desmantelava as organizações. Entre os funcionários jovens podiam ser distinguidos dois tipos. Aqueles que viviam em completa abstinência e aqueles que tinham relação sexual, com uma pessoa do sexo oposto, de forma desinibida. No caso do primeiro tipo, todo mundo sabia que o trabalho do partido servia como substituto da atividade sexual. Entre eles, era típico que o trabalho no partido diminuía depois de terem encontrado um parceiro sexual. Muitos jovens apareciam na organização apenas para encontrar um parceiro sexual e desapareciam logo depois que o encontravam.

Muito freqüentemente acontece um rapaz e uma moça "andarem juntos" por tempo prolongado, sem terem relações por "falta de oportunidade". Participam disso as inibições internas (medo da impotência), bem como a falta de oportunidade. Nas moças, o medo das relações sexuais é típico. Os rapazes visam mais freqüentemente às relações sexuais, mas as moças, ao passo que permitem toda sorte de jogos de amor, recusam as relações sexuais. Em compensação, os ataques histéricos e de choro fazem parte do quotidiano.

As perturbações nervosas representam um problema central da juventude. A esse respeito, as moças, especialmente, passam pior. Entre a juventude esportista a repressão sexual é mais forte que na não-esportiva, e freqüentemente o esporte é praticado conscientemente para dominar a sexualidade.

Também nas colônias de férias, nas casas de estudantes e nas colônias de ginásios encontram-se ambos os fenômenos: por um lado, ampla liberdade sexual; por outro lado, os conflitos mais sérios da juventude indecisa, que não raramente leva a explosões que abalam toda a vida na colônia.

Ocasionalmente, as moças confidenciam que têm, quando ficam quietas em casa, anseios os mais intensos por um amigo ou pelo amigo, mas quando se trata de entrar na vida amorosa, para seu pesar, são completamente refratárias. Não encontram a transição da vida fantasiosa para a atividade sexual real.

Os meninos se masturbam sozinhos ou uns com os outros, o que ocasionalmente vai a ponto de excessos coletivos. Entre os meninos, o onanismo é mais difundido do que entre as meninas.

Danças e festividades coletivas aumentam a tensão sexual, sem que se verifique um descontraimento depois.

Os jovens que resolveram o problema, ao se decidirem entrar em relações sexuais, se queixam da enervante falta de espaço. As relações sexuais são praticadas muito durante a primavera e o verão, mas no inverno sofrem bastante sob a impossibilidade externa de se unirem. Não têm dinheiro para procurar os hotéis, relativamente dispendiosos; quase não acontece um jovem dispor de um quarto para si só, e os pais em geral são energicamente contra isso. Assim se chega a conflitos vigorosos e a maneiras anti-higiênicas de relações sexuais (pelos corredores, em cantos de rua escuros etc.)

A dificuldade principal em toda a questão é que a atmosfera na juventude operária está infestada por tensão sexual, ao passo que grande parte dos jovens tanto é inibida intimamente quanto enormemente embaraçada por dificuldades externas para poder encontrar uma saída. Os pais, a direção do partido e toda a ideologia social são contra eles, ao passo que a vida em comum dos jovens os estimula a romper as barreiras sexuais estabelecidas.

Um quadro típico foi apresentado por um grupo de juventude operária em Berlim, com o qual estive em contato íntimo. O grupo era constituído por 60 jovens operários nas idades entre 14 e 18

anos. Os rapazes estavam em maioria. Também aqui se falava muito em assuntos sexuais, mas em forma de piada, principalmente sobre relações sexuais, e *raramente* sobre onanismo. Gozavam-se uns aos outros em brincadeira e faziam-se piadas, quando se via por exemplo um rapaz "andar" com uma moça. Quase todos tinham relações sexuais, e os parceiros eram trocados com bastante freqüência. As relações sexuais não eram levadas muito a sério e não havia conflitos graves com exceção de alguns acontecimentos dramáticos de ciúmes que degeneravam em brigas. Não se verificavam excessos ou as chamadas orgias públicas. As relações sexuais eram realizadas mais freqüentemente em programas noturnos, mas também com bastante freqüência em programas diurnos ao ar livre; não chamava muita *atenção* se um rapaz e uma moça "desapareciam" ocasionalmente. Muito pouco se ouvia a respeito de onanismo ou de atos homossexuais. No entanto, os rapazes gostavam de contar suas aventuras uns aos outros, as moças menos freqüentemente. Uma jovem, que durante algum tempo havia trabalhado como funcionária no grupo, respondeu a minha pergunta por que e que não se levava a coisa a sério e eles só se referiam a isso em forma de piadas: "Como é que pode ser de outra forma? A educação diz que é tudo ruim, mas é preciso falar nisso e então sai tudo em forma de piadas."

O pessário era pouco conhecido e usado; na maioria das vezes o ato era interrompido, ou então usava-se preservativo. O *coitus condomatus* (ato com preservativo) era geralmente considerado um negócio dispendioso (um preservativo custa cerca de 30 a 50 *Pfennig*).

O trabalho para o partido era perturbado freqüentemente por conflitos sexuais. Ocasionalmente acusavam-se rapazes e moças de terem entrado para o partido apenas por causa de um parceiro. Moças freqüentemente só ficavam por causa de algum rapaz. Uma funcionária era de opinião que isso se verificava apenas porque os próprios jovens não tinham muita certeza e segurança sobre a sua vida sexual; reprimir — achava ela — seria ainda muito pior, mas a coisa toda não teria tanta importância assim se a educação fosse outra e se se tratasse aberta e seriamente a questão. No inverno, por exemplo, a falta de um lugar onde pudessem ter relações sexuais era um problema muito sério. Os jovens todos sofriam muito com isso.

Somente conheço bem as juventudes operárias da Alemanha e da Áustria. Posso assegurar, baseado no trabalho médico e político com a juventude, durante muitos anos, que as condições, com pequenas variações, em todo lugar são igualmente desanimadoras e prejudiciais à saúde. Em 1934, o Governo nacional-socialista alemão proibiu as excursões e pernoites da juventude masculina e feminina. Nenhum partido ousou sugerir qualquer alteração em favor da juventude.

Não tenho dúvida de que as condições de vida sexual em todos os países são horrorosas; essa opinião é reforçada por relatórios recebidos da Inglaterra, especialmente de Londres, da Hungria, América etc.

A miséria mais abjeta e destruidora é proporcionada à juventude operária e da pequena-burguesia pela volúpia de intrigas das velhas solteironas, das mulheres e homens sexualmente insatisfeitos nas pequenas cidades e no campo. Isso torna impossível que a juventude estabeleça uma relação amorosa, mesmo que fosse capaz. O tédio a que a população se acha exposta gera muita concupiscência lasciva e maledicência, que causam suicídios sem conta. O quadro dessa juventude é desolador. Quando estive exilado em Malmoe, tive bastante lazer para conseguir provas para a justeza dos meus pontos de vista. Entre as 8 e 11 horas da noite, toda a juventude da cidade entre as idades de aproximadamente 17 e 30 anos passeava para lá e para cá na única rua principal da cidade. Rapazes e moças separados; três a quatro rapazes andavam juntos; e três ou quatro moças passavam juntas. Os rapazes faziam gracinhas bobas e pareciam audazes e tímidos ao mesmo tempo; as moças davam risadinhas embaraçadas e envergonhadas entre si. Ocasionalmente pares trocavam beijinhos no corredor de algum edifício. Cultura? Terreno propício para a formação da mentalidade fascista, quando o tédio e a deterioração sexual encontram a fanfarrinha nacional-socialista. E as organizações socialistas não estão dispostas a organizar a vida.

b) Juventude da grande-burguesia

Vejam agora o Relatório Lindsey sobre a vida sexual da juventude da grande-burguesia (ou classe média superior) da América.

O irrompimento da vida sexual genital nas escolas assumiu formas que obrigaram as autoridades a intervir. Lindsey escreve:

"Um... estabelecimento de ensino de primeira classe (Phillips Academy) teve que proibir as danças na escola, em virtude de excessos que *nessas* ocasiões *se* verificavam. Também *esse* acontecimento preocupou muito toda a opinião pública. O diretor da Phillips Academy, E. Stearns, relatou num artigo para o jornal *Boston Globe* que entre as medidas que recentemente tivera que tomar se encontrava a designação de uma comissão mista do corpo docente e discente, com as seguintes obrigações:

1 - Servir de policia e fazer parar, ou eventualmente expulsar, os pares que estivessem dançando indecentemente.

2 - Evitar que fossem admitidas moças de caráter duvidoso.

3 - Evitar a ingestão de bebidas alcoólicas por jovens de ambos os sexos, no salão de baile e em outras partes.

4 - Não admitir, ou expulsar, pessoas alcoolizadas.

5 - Vigiar o vestiário das moças para evitar trajes impróprios, bem como bebida e conversas indecorosas.

6 - Zelar para que as moças que vinham visitar essa escola de rapazes viessem com uma acompanhante e que durante as danças não *se* realizassem escapadas de automóvel.

7 - Zelar para que não estacionassem carros nas proximidades do salão de baile.

8 - Evitar ajuntamentos e reuniões do lado de fora, que *se* evadissem do controle da própria dança.

9 - Certificar-se de que as moças imediatamente depois do baile voltavam aos *seus* respectivos aposentos.

Estou reproduzindo essa relação na íntegra, porque retrata a situação, numa das primeiras e melhores escolas de nosso país, com tanta clareza como nenhuma outra coisa seria capaz. Os jovens são quase todos de famílias ricas do Leste, de cultura antiga e têm a seu favor educação de primeira e tradição das melhores. (*Revolution der modernen Jugend*, pág. 45.)

Em vez de ficarmos moralmente espantados com o fato de que se verificam tais situações com jovens de "famílias ricas do Leste, de cultura antiga", devemos reconhecer que tais situações existem justamente e apesar do puritanismo externo e da educação anti-sexual; somente suas formas parecem ser o oposto da moral anti-sexual. O que mais nos interessa aqui não é que a sexualidade reprimida vem à tona apesar das exigências morais, mas *qual a influência que exerce a moral sexual sobre as formas de atividades sexuais*. Veremos dentro em pouco que essas atividades sexuais não correspondem à moral passional nem à economia sexual, mas são compromissos entre as duas coisas, nos quais ambas levam a pior.

As testemunhas são todas visitantes de estabelecimentos de ensino superior. O primeiro ponto do depoimento deles é que mais de 90% de todos os rapazes e moças que tomam parte em festas, bailes e passeios de automóvel trocam beijos e abraços. Isso não quer dizer que qualquer moça se deixe beijar por qualquer rapaz. Mas cada uma encontra sempre algum com o qual chega a *esse* ponto. Os restantes 10 por cento são jovens que não têm bastante energia física ou mental para dar expressão aos *seus* impulsos naturais. *Isso* significa que é excesso de força e vitalidade exuberante que mergulham *esses*

jovens em conflitos e aflição; o que é apenas uma questão de controlar mais acertadamente *essas* poderosas energias.

O depoimento sobre a porcentagem, da qual acabo de falar, é quase unânime. Se é essa a verdade, significa que a juventude quase que unanimemente chegou à conclusão de considerar essa primeira forma mais branda de experiência sexual como seu direito indiscutível. Ela faz prevalecer *esse* direito em círculos mais amplos, mas geralmente não ultrapassa certos limites claramente definidos. Algumas moças insistem em tais *prazeres* com os rapazes com os quais andam e de maneira hábil são tão agressivas quanto os próprios rapazes. Lembro-me de uma moça bonita que me disse que não queria mais nada com certo rapaz porque ele não sabia fazer carícias nem beijá-la direito.

— Será que hoje em dia todos os rapazes fazem coisas assim? — perguntei.

— Naturalmente — respondeu — *se* não o fazem, há alguma coisa errada com eles. (*Revolution der modernen Jugend*, págs. 48 e seg.)

Quando Lindsey fala aqui de excesso de força e vitalidade exuberante somente tem razão porque os excessos correspondem em parte à sexualidade mais viva do jovem e em parte é resultado do caráter contraditório da atividade sexual. Ouvimos que a juventude considera os beijos, isto é, os atos libidinais preliminares como um legítimo direito; mas que não ultrapassa certos limites claramente definidos. Podemos expressar-nos de maneira menos cautelosa. Os jovens exercem, pois, todas as modalidades de excitação sexual, mas a maioria deles não chega ao ato sexual. Por que, temos que perguntar, eles se permitem tudo com exceção do ato sexual? A resposta é obtida quando se pensa que a moral designa expressamente o ato sexual como a pior atividade sexual. Também, na realidade, é a conclusão mais significativa da excitação amorosa. Com os beijos, o adolescente mostra que já está emancipado; com a renúncia do ato sexual, mostra que ainda está preso à moral compulsória.. Aqui também a possibilidade de casamento da moça tem o seu papel, pois a integridade virginal representa para a jovem uma possibilidade a mais de casamento. Apesar disso, como diz Lindsey: "pelo menos 50 por cento dos jovens não ficam só nisso, mas vão mais além e se entregam a liberdades sexuais que, mesmo de acordo com as exigências morais por eles aceitas, são revoltantes e indecorosas" (pág. 52). Apenas 15 por cento chegam a ter relações sexuais. Nos anos de 1920 e 1921, Lindsey teve que lidar com 769 moças entre 14 e 17 anos por "deslizes sexuais". "Se o número não foi maior isso se deve à incapacidade física de lidar com todos os casos", diz Lindsey. Um aluno das classes mais adiantadas teve relações sexuais com 15 moças da mesma escola (pág. 58). De acordo com Lindsey, 90 por cento dos rapazes têm "experiências sexuais" antes de deixarem a escola, isto é, antes dos 18 anos. As meninas em grande parte cederam.

O aluno das classes mais adiantadas, com o qual conversei há pouco tempo, me confessou que teve relações sexuais com 15 moças da escola. Ele as preferiu às moças vulgares da rua. Averigüei a veracidade desse relatório, conversei com todas as 15 moças e achei que representavam bem o tipo médio. Ele só se encontrara algumas vezes com cada uma delas. Com exceção de duas, não eram moças que *se* entregavam indiscriminadamente a qualquer um e voltaram, segundo acredito, ao caminho certo.

A existência de um bairro de luzes vermelhas em Denver poderia talvez ter poupado as moças a essas experiências, mas isso não teria protegido os alunos nem as prostitutas, que têm o direito à salvação quanto qualquer outra pessoa. Se agora, pois, muito mais das nossas moças "boas" têm experiências sexuais, em compensação, por curioso que possa parecer, muito menos estão "perdidas" ou "infelicitadas".

Aqui Lindsey exprime, talvez sem se dar conta disso, o segredo fundamental da prostituição e da solução que a própria crise sexual sugere: *o declínio da prostituição pela introdução da juventude feminina à vida sexual.*

Essa atitude mental agressiva, exigente, das moças, com respeito ao esclarecimento e à verdade, nestes últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente. O motivo disso é que as moças, na situação econômica e social de hoje, estão cada vez mais no mesmo nível dos rapazes. Muitas, depois de deixarem a escola, conseguem empregos melhores e mais bem pagos do que os rapazes com quem

"andam". Assim muitos rapazes se encontram expostos aos olhares, críticos se não de menosprezo, de suas próprias amadas. (Op. cit., pág. 95.)

Em seguida:

Tenho em mãos certos dados numéricos que provam que, para cada caso de deslize sexual que vem à luz, existe uma quantidade de outros que não são descobertos. Por exemplo, apenas 25 moças engravidaram, das 495 que me confessaram terem tido relações sexuais com jovens. Todas estavam entre os 14 e 18 anos de idade. Isso seria 5%. As outras evitam a gravidez, algumas por sorte, outras porque têm algum conhecimento de métodos anticoncepcionais. Esse conhecimento é muito mais difundido entre os jovens do que geralmente se supõe... Três quartas partes dessas jovens vieram a mim, algumas porque estavam grávidas, outras porque estavam doentes, outras porque estavam de consciência muito carregada ou necessitavam de algum conselho especial. A necessidade as levava a mim, de outra forma certamente não me teriam procurado. Ora, existe uma grande quantidade que, apesar de tais necessidades, não conhece o caminho que leva a mim, ou não o encontra, que prefere ajudar-se a si mesma e não sabe "como se faz" isso.

Por outras palavras, *essas 500 moças*, em números redondos, que no espaço de menos de dois anos passaram pelo meu consultório, representam apenas um grupo muito diminuto de todas que se encontravam em situação idêntica, mas sabiam cuidar-se melhor sozinhas. Centenas, por exemplo, recorrem aos especialistas em aborto. Não estou apenas supondo, tenho certeza disso. (Op. cit., págs. 54, 55.)

Quais as conclusões que Lindsey tira de tudo isso, conclusões esmagadoras segundo o ponto de vista da moral conservadora?

Não preciso dizer que esta é unia questão difícilima e altamente perigosa. Não pode ser resolvida com espalhafato e vigilância por parte dos pais. Pode-se enfrentá-la apenas por *meio duma lei moral adotada voluntariamente*, por *genuínas restrições internas*, aceitas e aprovadas pela própria juventude. Uma lei assim *somente poderá vigorar e ser transformada em ação natural livre pela educação mais liberal e conscienciosa*. (Pág. 52.)

Que é essa lei moral? Como é que Lindsey imagina a solução concreta? Como é que "genuínas restrições internas" podem ser conseguidas? Nenhuma inibição pode ser mais genuína do que as repressões sexuais inculcadas pela educação, como são ensinadas em todos os lugares da sociedade à juventude, pela casa paterna, escola e igreja, por um motivo muito simples: porque não existem inibições outras que as inculcadas pela educação, integradas pelo mundo externo, porque a natureza não reconhece nenhuma "lei moral". E qual é o resultado da repressão sexual da juventude durante séculos? Aquilo que Lindsey relatou.

Lindsey envolveu-se em contradições que do ponto de vista da sua apreciação da natureza das coisas e dos fenômenos se tornaram completamente insolúveis. Por um lado, constata fatos que demonstram o declínio da moral conservadora na juventude. Por outro lado, chega a exigências, partindo dos mesmos fatos, que nada mais significam que o restabelecimento dessa mesma moral, cujo declínio ele próprio constata e em parte até endossa expressamente. *Finalmente, não consegue escapar à ideologia matrimonial monogâmica e à exigência de castidade para a moça*. Assim, em determinado lugar, escreve:

Há anos tive sob os meus cuidados unia jovem de 17 anos que, nos cinco anos anteriores, havia tido relações com diversos colegas de escola. Imoral? Ruim? Bobagens! *Ignorante é o que ela era*. Uma única conversa com ela, na ocasião tinha dado cabo da coisa. Ela tornou-se uma *das melhores moças de Denver*. Nenhuma criatura masculina *ousaria cruzar o seu caminho*. Ela é muito bonita, excepcionalmente inteligente e está casada agora com o homem que, conforme acredito, a merece. (Op. cit., pág. 91.)

Ele abranda, pois, apenas a valorização moral conservadora, não toma posição *contra* ela; dos fatos observados, ele não tira a conclusão do seu fiasco e declínio definitivo. Os velhos diziam que a moça era imoral e ruim; Lindsey acha que era apenas ignorante. Duvido que ela fosse ignorante.

Sabia muito bem o que estava fazendo; mas finalmente aterrissou, e *tinha* que aterrissar, no casamento como está prescrito que uma moça deve fazer. Nem por isso se tornou mais sabida no sentido da orientação sexual, mas no máximo "mais sabida" sob a influência de Lindsey, com referência às conseqüências que a ameaçavam caso não se submetesse à forma sexual conservadora.

Lindsey constata, pois:

1. *Que os padrões sociais se modificam:*

Não é, pois, possível afirmar que as coisas relatadas tenham sido apenas uma histeria passageira de pós-guerra e estejam sanadas agora, depois que se conseguiu colocá-las sob controle externo, revogando a proibição da dança, que se seguiu às medidas policiais ineficazes. Hoje a coisa apenas se faz mais destramente, mais secreta e generalizadamente, porque não é mais nova. Os adultos deste país, entretanto, acreditam que nada mais se passa sob a superfície aparentemente acalmada e vivem novamente no seu paraíso dos bobos. A juventude, nesse ínterim, é mais sabida que os velhos e despreza a velha geração mais do que nunca, e com mais sangue frio do que nunca está decidida a seguir seus próprios caminhos. O que nem sempre significa que sejam caminhos maus, nem que tenham necessariamente de terminar sendo a própria ruína. Significa que os nossos padrões morais *se* modificam, e estou convencido de que sairão vitoriosos, se não conosco, então sem nós. (Pág. 47.)

2. *Que as inibições econômicas desaparecem, especialmente na juventude feminina:*

Os empecilhos externos, as inibições econômicas, que anteriormente eram tão poderosos, desapareceram para todo o sempre, e a única questão agora é quão breve e quão vitoriosamente *essas* inibições serão substituídas pelas *internas*, de um ponto de vista *moral*, *aceito voluntariamente*, que serão capazes exclusivamente de conservar alguém no caminho *certo*. Não creio que a geração jovem seja só e exclusivamente um touro cego numa loja de louças.

3. *Que a geração de hoje é a "mais sadia e moral que o mundo já viu".* (Pág. 48.)

4. *Que a substituição do bordel por moças da própria classe é melhor e também mais moral:*

Pois os rapazes e homens que em primeiro lugar possibilitaram e possibilitam as zonas de prostituição se tornam ou permanecem bons e conceituados cidadãos, maridos e pais. Mas Isso é vedado às moças daquele mundo. Parece, então, que, apesar do aumento de deslizos sexuais entre as moças, o tempo moderno destrói menos para a mulher do que os velhos dias da "luz vermelha" com as convenções mais rígidas, duras, dos castigos cruéis e do ponto de vista hipócrita da moral dupla. Certamente não quero afirmar com isso que os tempos modernos não necessitem de melhoramentos. Apenas insisto em que têm mais moral verdadeira que os velhos e que, apesar de todas as carpideiras, não retrocedemos. (Pág. 61.)

5. *Que as moças de hoje estão orientadas quanto ao "animal masculino":*

Antigamente era considerado ofensa por uma moça "decente" que se pudesse admitir uma coisa *dessas*. Hoje poderá recusar a coisa, mas dificilmente se sentirá ofendida. Está bem orientada demais quanto ao animal masculino e compreende que o seu instinto, afinal de contas, é uma coisa normal. Não quero avaliar aqui se essa franqueza entre moças e rapazes é perda ou lucro. Pertence, em todo caso, à absoluta decisão da juventude, chamar as coisas pelo nome certo e nós adultos temos que contar com isso, quer queiramos, quer não. (Pág. 56.)

6. *"Como o apetite pelo alimento, o desejo sexual não é legal nem ilegal, moral nem imoral."*

Nas suas conclusões, Lindsey não examina as causas do *fracasso* da revolução sexual da juventude, mas as avalia do ponto de vista moral.

Pelo seu, afastamento dos pontos de vista antigos, eles, como um todo, indubitavelmente fizeram progressos genuínos individualmente; entretanto, saíram de uma forma de escravidão e caíram em outra. Libertinagem é servidão. *Liberdade, ao contrário, é a obediência voluntária a leis mais altas, que são mais compulsivas, difíceis e muito mais rigorosas que as leis humanas.* A juventude

frequentemente confunde as duas coisas, porque não conta ainda com qualquer outra ajuda, a não ser o conhecimento que tem a respeito de si mesma.

Reconhecemos nas "leis mais altas" as necessidades da vida e condições de existência da sociedade autoritária, na sua compulsão a falta de uma base social para uma vida sócio-econômica da juventude, no seu rigor a determinação da sociedade de não deixar escapar a juventude à sua influência, às garras da fábrica de vassallos chamada família. E a juventude não pode "ter o conhecimento a respeito de si mesma", pois ela própria está interessada materialmente na ordem social que cria dificuldades tão grandes à sua vida sexual.

Como é que se explica então que mesmo Lindsey, o batalhador venerável e corajoso em prol da juventude, não é capaz de tirar as conclusões inevitáveis, que também ele dê a impressão de ser moralmente turvo e portanto de estar também inibido em sua luta pela juventude? Talvez aqui tenhamos uma idéia do segredo por que se permanece tão firme no solo da abstinência sexual, apesar do fracasso da exigência.

Lindsey escreve ainda: "Terá essa moça (que antes do matrimônio teve relações, casando-se depois) sido enodada realmente pelas suas relações, ou teria errado apenas porque infringiu a lei moral? A distinção é da mais alta importância. *Podemos admitir que ela estava errada em ter relações íntimas com o marido antes do casamento.* Mas o erro se encontrava somente numa desatenção à origem, não num "enodoamento" misterioso, que somente é invocado pelas superstições da nossa raça." (Pág. 92.) Portanto, ela, se bem que não tenha ficado enodada pelas relações extramatrimoniais, pecou contra a "origem". Mais claramente não seria possível fundamentar a exigência de castidade da moça: Errou em ter relações sexuais antes do casamento... de modo absoluto? Não, mas com respeito à origem, à tradição *de que a sociedade conservadora, por razões ideológicas e econômicas, não pode aprovar relações extramatrimoniais, porque senão a ideologia matrimonial e a da família pereceriam.* Lindsey diz, então, no caso da rebelde Mary: "Apesar disso, não deve ser aberto caminho para o "amor livre" e coisas tais. Não passamos sem o casamento. Ele deve ser preservado pela modificação sábia e cuidadosa de suas regras..." Fica, portanto, bastante claro: *Liberdade sexual da juventude significa o naufrágio do casamento (no sentido do casamento compulsório); a repressão sexual da juventude deverá estimulá-la a se casar.* É a isso que fica reduzida em última análise a fórmula da significação "cultural" do casamento e da "moralidade" juvenil. Unicamente por esses motivos a questão do casamento não pode ser discutida sem a sexualidade juvenil e vice-versa. Quando essa conexão é perturbada, esta fica mergulhada em conflitos profundos, porque a sua questão sexual não pode ser resolvida sem solução da questão matrimonial, e esta por sua vez não sem a questão da independência econômica da mulher e dos problemas difíceis da educação e das condições econômicas.

E Lindsey, apesar de sua autolimitação, foi perseguido nos Estados Unidos. Perdeu seu cargo de juiz.

As linhas precedentes foram escritas quase dois anos antes da primeira publicação, no verão de 1928. Formulam uma conclusão final das relações sociológicas estudadas entre a moral do casamento e a exigência da abstinência sexual docente. Um acaso feliz, no outono de 1929, colocou-me em posição de poder achar a prova estatística para a exatidão dessas conclusões finais, que até então tinham sido apenas uma adivinhação pelas conexões. Em Moscou um médico do Instituto de Venereologia, M. Barash, publicou um trabalho: "Sex life of the workers of Moscow", no *Journal of Social Hygiene* (vol. XII, n.º 5, maio de 1926), no qual também se encontrava uma investigação estatística sobre as relações da infidelidade conjugal com o início pontual das relações sexuais antes do casamento. Daqueles que encetaram relações sexuais *antes dos 17 anos de idade*, 61,6 por cento eram infiéis no matrimônio; dos que começaram a ter relações sexuais entre os 17 e 21 anos, 47,6 por

cento, e daqueles que conheceram relações sexuais apenas depois dos 21 anos, apenas 17,2 por cento. Com relação a isso, o autor comenta (pág. 283):

Quanto mais cedo a pessoa do grupo examinado tinha iniciado relações sexuais, tanto menos constante se revelava mais tarde no casamento; estava inclinada a relações ocasionais freqüentes... Aqueles que principiaram a ter relações sexuais em idade muito jovem tiveram uma vida sexual irregular mais tarde.

Se é verdade que a exigência da abstinência sexual do adolescente é sociologicamente determinada diretamente pela instituição do casamento, e indiretamente pelos mesmos interesses econômicos que a reforma sexual oficial, se ainda se pode provar estatisticamente *que relações sexuais precoces incapacitam para o casamento* no sentido da moral do casamento compulsório (um parceiro vitalício), também fica claro que *a exigência da abstinência sexual serve para criar uma estrutura sexual dos indivíduos que deverá determinar a educação de bons cidadãos e corresponder à vida sexual matrimonial rigorosa.*

Como se apresenta essa estrutura sexual, como se realiza nos jovens e quais as contradições que cria para a situação matrimonial, será o que analisaremos a seguir.

3. UMA CONSIDERAÇÃO MÉDICA, NÃO-ÉTICA, SOBRE AS RELAÇÕES SEXUAIS DA JUVENTUDE

O jovem tem apenas três possibilidades: abstinência, onanismo (inclusive atividade homossexual e excitação heterossexual) ou relações sexuais. É preciso existir clareza sobre qual o ponto de vista pelo qual se encara a questão. Aqui novamente existem três pontos de vista: o ético, o sexual-econômico e o social. Eticamente, a questão é inatingível e insolúvel. Concretamente, a questão se dirige para a da economia sexual dos indivíduos e para o interesse da sociedade em seus membros.

Vimos que a sociedade autoritária tem o maior interesse na repressão da sexualidade juvenil. A existência do casamento compulsório e da família, bem como a criação da estrutura de vassalos, exigem essa repressão. O moralista sexual, na verdade, confunde sociedade *autoritária* com sociedade *humana* e pensa que a própria existência da sociedade humana estaria ameaçada se a juventude, como tipicamente o exprime, "soltasse a sua sexualidade". Mas justamente isso deve ser analisado em primeiro lugar. Deve-se colocar concretamente a pergunta se e que interesses sociais contradizem os sexual-econômicos, se é preciso sacrificar algum interesse em benefício de outro. Também pode-se pôr em primeiro lugar o próprio interesse dos jovens e perguntar quais as vantagens e desvantagens que apresentam para os jovens a abstinência, o onanismo e as relações sexuais, respectivamente.

a) A abstinência sexual na puberdade

Naturalmente temos de examinar os fenômenos da abstinência *total*, pois o resto está compreendido no amplo sentido de onanismo. Temos então, diante de nós, o fato inabalável de que, por volta da idade de 14 anos, a sexualidade, pelo trabalho forçado do órgão de secreção interna e o amadurecimento do aparelho genital, entra numa fase eminentemente ativa. O impulso sexual é *naturalmente* dirigido para as relações sexuais. Se tantos jovens não estão conscientemente preparados para as relações sexuais, isso não é, como erroneamente se supõe, expressão de imaturidade biológica, mas *conseqüência da educação*, que leva a que se reprima qualquer pensamento nesse sentido. É importante termos isso em mente se quisermos ver as coisas como realmente são, e não como a sociedade autoritária e a Igreja gostariam de que a víssemos. Jovens que

superaram a repressão da imaginação do ato sexual sabem muito bem que tal coisa existe e que agora aspiram exatamente a prática de tal ato. *Uma condição da abstinência é justamente a repressão das fantasias sexuais, especialmente da imaginação do ato sexual.* Existe também a possibilidade, talvez mais amplamente difundida, de que a imaginação do ato sexual, embora não sendo inconsciente, está tão desprovida de interesse mental ou ligada mesmo a impressões de asco e medo (típico para moças da pequena-burguesia!) que não tem significado prático. Para que se realize a abstinência é necessário mais: também a *repressão da excitação sexual.* Isso proporciona tranqüilidade por algum tempo. Também apresenta a vantagem de poupar ao adolescente o doloroso conflito da masturbação e a luta socialmente perigosa contra o ambiente, luta inevitável quando o jovem tem desejos conscientes e portanto insuperáveis de relações sexuais.

Os jovens apresentam mais freqüentemente modificação nítida de sua posição perante a sexualidade depois de terem atravessado os primeiros estágios da puberdade. Reagem à concupiscência sexual mais energicamente depois dos 16 ou 17 anos de idade do que antes. A análise comprova que no lugar da aspiração à concupiscência sexual se instalou *o medo dela.*

Adquiriram o que se chama *medo da concupiscência.* É coisa fundamentalmente diferente do medo do castigo por ações sexuais, que na maioria das vezes culmina em medo inconsciente de castração. O receio sexual, que conquista campo cada vez maior, está radicado neste medo da concupiscência. Isso tem o seguinte motivo. Pela atuação continuada das proibições sexuais, o próprio curso da excitação sexual é modificado. A experiência clínica ensina que concupiscência *inibida* se torna desprazer, muitas vezes até irritação *dolorosa* das partes genitais. Dessa forma, a excitação concupiscente, por exemplo na satisfação sexual, torna-se uma fonte de desprazer e portanto o verdadeiro motivo que força o jovem a lutar *contra* a sua sexualidade para subjugar-la. O médico experiente e especializado em assuntos sexuais está familiarizado com o comportamento esquisito de jovens, como, por exemplo, o de evitar artificialmente as ereções, pois quando estas não são aliviadas por meio da satisfação normal, se tornam dolorosas. Nas moças, o medo, não do castigo, mas da forte excitação, é ainda muito mais pronunciado. A excitação é experimentada como perigo. Nesse *medo da concupiscência* se acha a verdadeira raiz do medo, adquirido exteriormente, do castigo por ações sexuais, nele deve ser procurada essa raiz. Assim é que o próprio jovem freqüentemente se torna o defensor das proibições sexuais.

A situação de excitação sexual sem satisfação, porém, nunca é suportada por muito tempo. Somente existem duas soluções: repressão da excitação sexual ou satisfação. A primeira leva invariavelmente a perturbações mentais, a segunda, na sociedade de hoje, a conflitos sociais.

A abstinência, portanto, é perigosa e absolutamente prejudicial à saúde. Existe logo a circunstância da excitação sexual criar para si diversas saídas. Ou logo se apresenta uma perturbação nervosa, ou o jovem passa a ter devaneios sexuais, que o prejudicam enormemente em seu trabalho. Quem, porém, não quer ver a correlação entre excitação sexual e nervosismo em todas as suas formas pode facilmente dizer que a abstinência não é prejudicial e que, na maioria dos casos, é realizável. Ele apenas constata que o jovem vive em abstinência, logo evidentemente pode. Mas que o jovem troca isso por uma neurose e outras dificuldades escapa ao olhar do não-orientado, o qual poderá até pensar que a neurose é devida a uma "vocaçao degenerada" ou à vontade de poder. Ele poupa-se mais que o jovem; poupa-se o trabalho de raciocinar completamente sobre o problema difícil da sexualidade do adolescente e ainda por cima sobre o da ordem social.

Dir-se-ia que nem todos os jovens abstinentes se tornam imediatamente neuróticos. Certo, mas como é que se deve então aceitar o fato de que a neurose se apresenta mais vigorosamente mais tarde, quando em idade mais avançada o homem terá de atender às exigências da atividade sexual "legal"? A clínica sexual-econômica ensina que os casos mais desfavoráveis são justamente os das pessoas que nunca conseguiram juntar coragem suficiente para masturbar-se. Primeiro recorreram à repressão, talvez mesmo com sucesso por algum tempo, não usaram o aparelho sexual e, depois quando chegaram à idade em que podiam exercer a atividade sexual com a aprovação da sociedade

autoritária, o aparelho se negou a funcionar, estava, por assim dizer, enferrujado. A preponderância numérica das• perturbações sexuais femininas, diante da impotência do homem, indica que entre a repressão sexual mais vigorosa e a masturbação menos freqüente das moças, e a sua posterior incapacidade de experiência sexual, existe uma correlação significativa. Cuida-se, porém, de não dizer isso aos jovens, mesmo quando se sabe, pois do contrário qual seria a justificativa para se pregar a abstinência? Nem mais seria possível defender-se a atividade esportiva como uma saída da miséria sexual.

Em muitas discussões sobre o onanismo ou masturbação, tem-se admitido a possibilidade do desvio ou distração do impulso sexual por meio da atividade esportiva. A isso pude contestar apenas, para não falsificar fatos por amor à nossa moral sexual, que embora o esporte seja a melhor maneira de reduzir o impulso sexual, muitos esportistas conseguem fazê-lo de modo tão eficiente que mais tarde não podem mais dispor de sua sexualidade. Ficamos admirados do número cada vez maior de gente forte, treinada esportivamente, que apresenta sérios distúrbios sexuais. As suas atividades esportivas faziam parte de sua luta contra a sua sexualidade. Já que não conseguiram gastar toda a sua energia sexual nas suas atividades esportivas, finalmente tiveram que recorrer à repressão com todas as conseqüências que ela comumente produz. O esporte, pois, embora seja um meio de reduzir a excitação sexual, é tão inadequado para resolver o problema sexual da juventude como qualquer outro que vise ao aniquilamento da excitação sexual.

Quem conscientemente quiser matar a sua sexualidade, que o faça. Não queremos obrigar ninguém à vida sexual satisfatória, mas devemos dizer: quem quiser viver em abstinência, com o risco de uma doença mental ou uma diminuição da alegria de viver e de trabalhar, que o faça. Quem não o quiser, que trate de chegar a uma vida sexual regrada, satisfatória, assim que o impulso sexual não possa mais deixar de ser atendido. No entanto, é nossa obrigação salientar a atrofia da sexualidade, seu retrocesso para atividades infantis e perversas e o distúrbio mental como conseqüência do modo da abstinência sexual do adolescente. Pois são os mais trágicos os pacientes de 35, 40 e até 50 e 60 anos que vêm ao nosso consultório, com as mais graves perturbações de sua economia mental, neuróticos, irritadiços, solitários e cansados de viver, em busca de conselho e ajuda. Em sua maior parte se vangloriam de não terem vivido "intensamente", o que querem dizer que evitaram o onanismo e as relações sexuais precoces.

Os perigos da abstinência sexual são subestimados por autores bastante lúcidos em outros assuntos, e isso por dois motivos: primeiro, desconhecem a relação entre uma perturbação sexual que se verifica tardiamente e a abstinência muito prolongada; segundo, não tiveram a oportunidade de ver na prática a relação íntima entre perturbações nervosas e abstinência sexual de modo tão freqüente como o psicoterapeuta e o conselheiro sexual. Fritz Brupbacher escreve em sua brochura, aliás em outros aspectos excelente, *Kindersegen, Fruchtverhütung, Fruchtabtreibung* (ed. Neuer Deutscher Verlag, 1925):

Em todos os trabalhos imagináveis filosofa-se sobre vantagens e desvantagens da abstinência. Quem gosta dela que a pratique. Não lhe fará mal algum... De qualquer forma, a abstinência é mais saudável do que a doença venérea. (Pág. 18.)

Brupbacher, conforme ficou demonstrado em conversas abandonou esse seu ponto de vista. Ele não levou em conta o fato de que a própria tendência para a abstinência prolongada já é um sintoma doentio, indicando uma repressão quase completa do desejo sexual consciente. Isso sempre — mais cedo ou mais tarde — prejudica a vida amorosa e a capacidade de trabalho do indivíduo. *Isso é um fato comprovado*. Recomendar a abstinência à juventude significa criar o germe de uma neurose que irromperá mais cedo ou mais tarde, ou pelo menos de uma diminuição da alegria de viver e da capacidade de trabalhar. E, do ponto de vista da economia mental, também é duvidoso que seja mais saudável do que a doença venérea. Esta pode ser debelada por meio de tratamento adequado. As modificações doentias do caráter, no entanto, ocorridas em virtude da abstinência sexual, dificilmente podem ser completamente eliminadas, e, além disso, não dispomos do número suficiente

de bons psicoterapeutas que seria necessário para curar os males produzidos pela abstinência prolongada. Evidentemente, a doença venérea não deve ser subestimada. Mas em geral ela é usada como um espantalho, como um meio de obrigar à repressão sexual. No fim de contas, a alternativa não é: abstinência ou doença sexual, pois a doença venérea pode ser evitada se a pessoa só tem relações com parceiros a quem ama, da mesma camada social, e não com prostitutas.

Falamos aqui da abstinência dos jovens e queremos com isso dizer — não compreendam mal — os de 15, 16, 17 e 18 anos. A abstinência é exigida de modo autoritário "até o término do processo das epífiges", quer dizer até aproximadamente a idade de 24 anos. Em Viena, em certa época, uma assistente social realizou conferências para jovens, nas quais esse "ensinamento" malsão é ministrado aos jovens sob o disfarce de teses científicas. Mas ela não se pronunciara sobre o que é, que o término do processo das epífiges tinha a ver com a maturidade do aparelho sexual, que se verifica cerca de dez anos antes. No jornal *Morgen*, um conselheiro individual psicológico da juventude instituiu uma seção de Perguntas e Respostas. Em 18 de março de 1929, entre outros se encontrava este lindo conselho:

G. Sch.: Sua pergunta toca na questão do início da "prática sexual", freqüentemente abordada nos círculos biológicos. Tácito, o escritor romano, louvava os germânicos por não tocarem na mulher antes da idade de 24 anos, e esta regra deve valer também para nós. O impulso sexual, que se encontra entre os mais fortes da vida humana, não pode chegar a imperar prematuramente, e o Sr. tem razão quando procura no esporte a descarga que ainda não lhe é permitida no campo sexual.(!) Se seus amigos, apesar de serem mais jovens, agem de outra forma, isso é contra as leis da higiene sexual.(!) A famosa autoridade no campo sanitário, o Conselheiro e Prof. Dr. Max von Gruber (*sic.!!*) nunca deixou de pregar arduamente que a abstinência sexual jamais prejudicou alguém.

As referências a Gruber e aos antigos germânicos constituem certamente um argumento de peso! Mas o mesmo Professor Gruber também afirmara que a abstinência não somente não prejudicava, mas que também favorecia: o sêmen não-gasto seria novamente absorvido, e isso constituiria uma fonte de proteínas... Conheço um modo mais adequado e agradável de conseguir-se proteínas: *comer carne*. Mas, de acordo com a ordem estatal e a lei moral objetiva, que se opõem a tudo o que é carnal, Gruber, defensor ardoroso da ordem social autoritária, jamais teria a idéia de que ainda existe outra maneira de produção de proteínas que não a da absorção de esperma.

Menciono esses exemplos antigos não somente porque são historicamente interessantes, mas porque provam quanto trabalho custou o abandono dessa ideologia. O médico de senhoras social-democrata vienense Dr. Karl Kautsky, em 1930, na *Freiheit* lançou pesado ataque contra minha atividade e me acusou de privar os operários dos seus "ideais". É extremamente importante ter em mente que a timidez sexual não termina nos limites do movimento operário.

No exame da revolução sexual soviética, procuraremos mostrar que não se presta bom serviço ao movimento operário quando se faz segredo de tais coisas. Temos que conseguir finalmente que os socialistas e os conselheiros da juventude deixem de competir com a Igreja a "serviço da moralidade". Quão impensadamente se agia em nossos círculos é demonstrado pelo seguinte exemplo:

Entre os conselheiros da juventude vienense havia também um sacerdote. Uma jovem de 22 anos (!) foi por ele aconselhada da seguinte forma (segundo um relato escrito da jovem):

Inicialmente comuniquei que tinha lido no jornal sobre o consultório, que me sentia entre as pessoas mais infelizes e não sabia o que fazer.

O Dr. P. me animou depois disso e mandou que eu lhe contasse tudo com calma.

Contei-lhe que tinha um amigo, que gostávamos muito um do outro, mas de uns tempos para cá estávamos muito tensos um com relação ao outro, de modo que eu não sabia mais o que fazer. Acrescentei que já experimentara consolo na religião, na qual entretanto não conseguira encontrar a necessária tranqüilidade.

Então o Dr. P. começou a fazer perguntas.

Quantos anos eu tinha? — 22 anos.

Há quanto tempo conhecia meu amigo — Há 4 anos. Que idade tinha ele? — 39 anos.

Sua resposta a isso foi casual, que conhecia também jovens que se conheciam há 8 e 9 anos e que apesar *disso* se conservavam puros.

Não explicou detalhadamente o que entendia por puros, mas *disse* que era capaz de imaginar duas pessoas que, apesar de se gostarem muito mutuamente, não tinham qualquer pensamento sensual um em relação ao outro.

Em seguida fez a seguinte pergunta: Como é que meu amigo se comportava nesta situação? Expliquei-lhe que, naturalmente, sob *essas* condições, ele também sofria terrivelmente e que portanto eu não podia mais suportar vê-lo sofrer tanto. Isso o fez perguntar pela nossa situação financeira. Respondi que ganho pouco, e meu amigo tem um emprego muito inseguro.

Além disso, perguntou como estavam as minhas relações em casa, e declarei que de casa não podia contar com apoio de espécie alguma.

O Dr. P. achou que eu poderia falar com minha mãe a *esse* respeito e procurar casar-me o mais cedo possível. A *esse* respeito, *disse* ele entre outras coisas: os mandamentos da Igreja têm razões mais profundas, por exemplo, o mandamento: Não pecarás contra a castidade. Porque, no caso de conseqüências eventuais, a criança não teria uma família que pudesse cuidar devidamente dela.

A minha contestação de que ainda seriam precisos alguns anos para que eu me encontrasse em condições financeiras de contrair casamento e de que minhas forças certamente não seriam suficientes para agüentar até lá nessa situação, o Dr. P. achou que eu não deveria pensar em um ano, mas persistir dia a dia e permanecer firme. Ainda perguntou se eu me encontrava com meu amigo e se meus pais sabiam disso, o que confirmei. Assim me deu o bom *conselho* de evitar encontrar-me com meu amigo sozinho, isto é, não meter-me numa situação desagradável, para não nos martirizarmos mutuamente.

O Dr. P. ainda procurou incutir-me coragem, e disse que eu deveria acreditar que me seria possível agüentar e assim de fato acabaria conseguindo. Com o conselho reiterado de que eu me casasse o mais cedo possível e com um "Deus a abençoe" ele me mandou embora.

Também os curandeiros dão conselhos sexuais. Isso é uma receita dada a uma jovem abstinente de 17 anos que sofria de poluições diárias e que consultou um curandeiro, enviando-me a receita para que eu desse a minha opinião:

Três vezes por dia uma pitada de pó de genciana numa cápsula. Em seguida cozinhe 30 gramas de cânhamo amassado em meio litro de leite, tomando uma colher de sobremesa 3 a 4 vezes por dia. Além disso, tome diariamente uma ablução das partes sexuais com infusão de cálcio aromático de cerca de 20 minutos. Além disso, peça que alguém lhe faça uma massagem na espinha dorsal diariamente com a seguinte mistura: essência de arnica 90 gramas, essência de lavanda e essência de erva-cidreira 4 gramas de cada, extrato de hortelã-pimenta e de tomilho 1 grama de cada. Misturar tudo muito bem.

Esses e outros "conselhos" ridículos são conseqüências do desamparo completo da situação do conselheiro da juventude, quer ele acredite ou não em seus remédios, esteja ou não convencido da inutilidade da exigência de abstinência. Não levando em conta as suas próprias inibições, ele não passa de um órgão executivo da ordem sexual reacionária, um preparador da "capacidade para o casamento", da "bondade" de sua vassalagem. Também veremos logo que o conhecimento da verdade de modo algum lhe facilita, mas apenas dificulta a tarefa.

b) O onanismo

O onanismo pode mitigar os malefícios da abstinência só até certo limite. Só pode regularizar a economia sexual se ela ocorre sem sentimentos de culpa ou grandes perturbações no processo da excitação, e só se a falta de um parceiro real não for sentida intensamente. Poderá ajudar os jovens sadios a amainar as primeiras tormentas da puberdade. Dadas as condições que influenciaram o desenvolvimento sexual do adolescente desde a infância, desempenha essas funções apenas na minoria dos casos. Somente minoria ínfima dos jovens se libertara das influências morais da educação recebida a ponto de recorrer sem escrúpulos à satisfação onanística. Na maioria dos casos, os jovens lutam contra a compulsão do onanismo com maior ou menor sucesso. Se não conseguem abolir a atividade onanística, masturbam-se sob as inibições mais severas, com as práticas mais prejudiciais, por exemplo retraindo ejeção do esperma. Assim se encaminham seguramente pelo menos para uma perturbação neurastênica. Se vencem na luta, recaem novamente naquela abstinência, da qual se salvaram pelo onanismo; mas dessa vez a situação se tornou muito mais desfavorável, porque as fantasias entrementes ativadas e a excitação sexual despertada tornam a abstinência ainda mais insuportável do que antes. Apenas alguns encontram a melhor solução sexual-economicamente, a das relações sexuais.

Até há poucos anos, o onanismo era geralmente o bicho-papão. Ultimamente tornou-se moda, apenas para preservar a ordem moral e pelo reconhecimento de que a exigência da abstinência não pode ser realizada, apresentar o onanismo como completamente inofensivo e natural. Isso é certo apenas condicionalmente. O onanismo certamente é melhor do que a abstinência. Mas com o tempo se torna insatisfatório e bastante perturbador porque a falta de um objeto amado se faz sentir vigorosamente; e, quando o onanismo já não satisfaz, gera o enjôo e sentimentos de culpa e, ainda, pela excitação sexual compulsa e das contradições do ego se torna compulsão. Tem também, mesmo sob as melhores condições, a desvantagem de que a atividade da fantasia força cada vez mais para posições sexuais infantis neuróticas e já abandonadas, o que tornam novamente necessárias as repressões. O perigo de uma neurose aumenta então com a duração da satisfação onanística. E quando observamos os nossos jovens cuidadosamente, ligando sua individualidade à sua vida sexual, nos chama a atenção imediatamente seu comportamento mais ou menos inibido. Vigorosos, capazes e vivos sempre se revelam aqueles que em tempo útil tiveram a coragem de dar o passo da masturbação para as relações sexuais. Com o tempo, o onanismo também enfraquece as relações para com a realidade; a facilidade com que obtém a satisfação frequentemente torna o adolescente incapaz de travar a luta por um parceiro adequado.

A conclusão a que chegamos é esta: Assim como o fantasma das "relações sexuais dos adolescentes" criou outrora a falsa idéia de que a abstinência era inofensiva e até mesmo útil, mais recentemente criou a falsa idéia de que o onanismo na adolescência é *natural* até certo ponto, completamente inofensivo e a solução do problema da puberdade. Uma como outra coisa é apenas uma evasão da questão mais escabrosa:

c) As relações sexuais dos adolescentes

Temos que encarar esta questão em princípio bem como concretamente levando em consideração as condições econômicas e educacionais dadas. Até agora, em toda a literatura, ela tem sido evitada como se houvesse um acordo geral a respeito.

Demonstramos que são os interesses da sociedade autoritária que determinam de modo indireto (família, capacidade para o casamento) as limitações da sexualidade do adolescente e também a sua miséria. Essa limitação pertence ao sistema da sociedade autoritária; a miséria dela resultante é involuntária. Mas, se as coisas são assim, também uma solução conseqüente sexual-econômica da questão será impossível dentro dessa sociedade. Isso perceberemos tão logo examinarmos as condições sob as quais nossos jovens entre 14 e 18 anos entram na fase da maturidade sexual. Vamos negligenciar aqui a influência da situação de classe específica, examinando apenas as influências da atmosfera ideológica e das instituições sociais.

1. O jovem inicialmente tem que transpor uma montanha de inibições internas, obra da educação sexualmente negativa. Sua genitalidade é, em média, inibida (isso vale especialmente para as moças), ou desviada perturbadoramente, ou até homossexualmente, consciente ou inconscientemente. Assim, ele não tem condições para estabelecer relações heterossexuais, dadas as circunstâncias especiais de sua estrutura interna.

2. A sua maturidade sexual biológica se encontra psiquicamente inibida ou então — o que se pode observar à vontade na juventude pequeno-burguesa — o infantilismo psíquico, o refreamento ou retardamento na atitude infantil dentro da família, nas relações para com os pais, criou uma discrepância entre a maturidade física e a psíquica.

3. Em certas camadas materialmente desprivilegiadas, os adolescentes também permanecem *fisicamente* subdesenvolvidos. Existe aqui um subdesenvolvimento físico, bem como psíquico, com maturidade fisiológica.

4. Adiciona-se ao tabu sexual, que pesa enormemente sobre a sociedade juvenil e sua sexualidade, não apenas a falta de qualquer assistência social, mas o impedimento ativo do encetamento de relações sexuais nas formas mais diversas. Por exemplo:

a) A prevenção ativa do *ensino racional* dos adolescentes em questões de sua sexualidade. A "educação sexual" hoje em moda é uma meia verdade, que somente aumenta a confusão, porque vai por um caminho que demanda conseqüência, sem a determinação de tirar também as últimas conseqüências. Explica-se, por exemplo, à moça de 14 anos a natureza da menstruação, mas cala-se propositalmente sobre a natureza de suas excitações sexuais. Ocorre claramente aqui o que dissemos em outro lugar, ou seja, que a apreciação meramente biológica da vida sexual é uma manobra de despistamento. Para o adolescente é psiquicamente menos importante saber como o óvulo e o espermatozóide se unem para o "mistério" de produzir um novo ser vivo; isso não lhe interessa tanto quanto o "mistério" da excitação sexual com a qual ele luta desesperadamente. Mas qual o argumento lógico que restaria para se impedir o jovem de entrar em relações sexuais, se, de acordo com a verdade, se lhe ensinasse que agora se tornou maduro para as relações sexuais e que as suas preocupações e dificuldades se originam da sexualidade incitante e ainda insatisfeita? Assim essa "educação sexual" somente lhe traz novas dificuldades. Temos que admitir que o não-'esclarecimento e a negação sexual apenas correspondem integralmente à situação social. O aleijamento sexual dos adolescentes é a continuação da distorção da sexualidade infantil.

b) A questão de *moradia* e dos *preservativos*. Aqui os fatos se apresentam assim: Em conseqüência da escassez geral de moradias, até os próprios adultos da população trabalhadora quase não têm a possibilidade de permanecerem a sós sem serem perturbados. No caso dos adolescentes, então, o problema cria uma miséria indescritível. É significativo que os nossos reformadores sexuais, de outra forma tão facilmente comovidos, não registram esse fato em lugar algum. O que poderiam eles responder a um rapaz afoito ou a uma moça levada à pergunta por que a sociedade *não* cuida deles também nesse aspecto? É de esperar que muitos deles evitem responder a tal pergunta, mesmo que de outro modo façam conferências para a juventude sobre a "questão sexual" nas quais não exigem exatamente abstinência até a "completa maturidade mental e física", mas humanamente fogem à questão das relações sexuais. Pregam o "senso de responsabilidade" até que consigam esquecer sua própria responsabilidade para o fato de que os jovens com o "senso de responsabilidade" necessário tenham relações sexuais em corredores, carros, atrás de cercas, em paiós, sempre com medo de serem descobertos.

E os preventivos de gravidez então! Jovens impertinentes poderão perguntar inocentemente qual o interesse da sociedade em não lhes ensinar quais os melhores métodos de prevenção da gravidez e não pôr à disposição deles médicos que intervenham se um dos preventivos fracassar; ou em não lhes fornecer aposentos apropriados.

Está claro que numa ordem social que não reconhece as relações sexuais extramatrimoniais, que nem mesmo procura tomar medidas para uma vida sexual higiênica dos próprios adultos, tais perguntas não podem ser respondidas nem solucionadas.

É igualmente evidente que, sem uma solução cuidadosamente preparada para a questão da educação sexual *infantil*, sem uma solução da questão dos preventivos e de habitação, um apelo sem critério à juventude, no sentido de ter relações sexuais, seria irresponsável e prejudicial, tanto quanto o seu contrário, a pregação da abstinência. E minha tarefa era apontar as contradições e provar a sua insolubilidade nas condições atuais. Acredito que o consegui integralmente. Mas devemos, caso não queiramos ser charlatães ou covardes, afirmar a sexualidade dos jovens em princípio, ajudá-los onde pudermos e fazer tudo para preparar a libertação definitiva da sexualidade juvenil. Uma tarefa gigantesca e de responsabilidade!

Mas agora compreendemos melhor a meia verdade, o acanhamento e a inconseqüência da "educação sexual" praticada hoje. Ela se distingue pelas seguintes propriedades: Sempre chega tarde demais, age misteriosamente e passa ao largo do principal, a *concupiscência* sexual. Pelas contradições da situação se explica que agem mais conseqüentemente aqueles que são *contra* qualquer educação sexual. Devemos combatê-los porque são inimigos da conseqüência científica, mas de algum modo são mais claros do que os pseudo-reformadores que acreditam seriamente modificar a situação com seus esclarecimentos. Eles apenas camuflam a verdadeira situação, encobrem a necessidade de modificação de nossa existência moral.

Tudo isso naturalmente não quer dizer que se pode agir assim como o sacerdote P. já citado. No caso individual, o conselheiro sexual, depois de acurado exame da situação social, psíquica e econômica não proibirá relações sexuais a um jovem já maduro para o mesmo, mas, ao contrário, recomendá-las-á. Assistência individual e medida social não deixam de ser coisas diferentes.

Socialmente, pois, continuamos na mesma, as crianças continuam a ser educadas para o ascetismo, os jovens continuam a ouvir que a cultura exige deles a abstinência, ou que o onanismo pode consolá-los até que estejam em condições de casar honestamente. Não se deve ter orgulho da intenção de continuar isso tranqüilamente. É uma das muitas vergonhas do nosso tempo. Certamente preserva da conseqüência de aplicar a ciência à política.

A contradição entre a coletivização progressiva da vida e a atmosfera sexualmente negativa na sociedade tem que levar a uma crise progressiva da sexualidade juvenil, para a qual não existe nenhuma solução na sociedade conservadora. Enquanto a juventude estava presa aos laços familiares, as moças com, repressão sexual integral, expostas a diminutas excitações sexuais, esperando pelo marido que tomasse conta delas, os jovens da mesma forma permanecendo na casa paterna, ou vivendo abstinentemente, ou masturbando-se ou visitando prostitutas — enquanto isso, só havia sofrimento calado, neurose ou brutalidade sexual. Sob as condições de vida modernas, as necessidades sexuais que lutam pela libertação — com as inibições impostas pela educação, por um lado, com a resistência da sociedade autoritária, pelo outro — têm que degenerar em lutas individuais dolorosas. Contra isso, nada conseguirão os consolos sexual-reformistas, os bons conselhos como os de "distração mental", "leito duro" e "comer pouca carne".

Afirmo que a juventude de hoje tem muito mais dificuldade que a juventude, digamos, por volta do início do século. Esta ainda era capaz de usar completamente as repressões; hoje as fontes da vida juvenil brotaram, mas a juventude carece do apoio social, bem como da força estrutural para utilizar essas fontes. Fechá-las novamente não é mais possível, nem é essa a nossa intenção.

A crise sexual da juventude se torna parte da própria crise da ordem social autoritária. Neste contexto — na proporção da massa — permanece insolúvel.

CAPÍTULO VII

CASAMENTO COMPULSÓRIO E RELAÇÃO SEXUAL PERMANENTE

A confusão entre o conceito de "casamento" e "família" é tão grande que, como médico que tem que aconselhar em questões de vida pessoais, sempre se entra em contradição com o conceito *formal* de casamento. A impressão geral é que a certidão de casamento para o inconsciente do homem sexualmente tímido nada mais é do que uma *permissão de manter relações sexuais*. Isso se mostra, por exemplo, na contração de "matrimônios de guerra" ("*toar marriages*"): Pares amorosos, que antes da partida do homem querido rapidamente querem ter a felicidade do abraço sexual, correm à pretoria em busca da permissão oficial na forma de certidão de casamento. A separação dura diversos anos e apaga paulatinamente a lembrança do parceiro. Se os parceiros são jovens, encontram outros parceiros de amor, coisa que nenhuma pessoa sensata condenará. No entanto, a certidão de casamento continua a exercer a sua influência puramente formal, desprovida de conteúdo, da ligação. Os jovens, que queriam dar-se mutuamente a felicidade ainda tão pouco antes da separação e não o ousavam sem a permissão oficial, encontram-se tolhidos numa rede. Especialmente nos Estados Unidos é que se escreveu muito sobre a miséria oriunda de tais "casamentos". No entanto, ninguém teve a coragem de expor o âmago do problema, a exigência da legalização de uma aventura amorosa. Não obstante, todo mundo sabe que "Queremos *casar*" significa na verdade "Queremos abraçar-nos sexualmente".

Outra fonte de confusão e infelicidade é a contradição entre o conteúdo legal (eclesiástico) e o real do conceito de "casamento". Ao jurista formal se apresenta de maneira bem diversa que ao psiquiatra objetivo. Para o jurista, um casamento é uma ligação de duas pessoas de sexos diferentes com base num documento. Para o psiquiatra, é uma ligação emocional com base numa união sexual, e que, na maioria dos casos, encerra um desejo de ter filhos. Para o psiquiatra, *não* existe casamento se as pessoas em questão tiverem apenas uma certidão de casamento, mas de outro modo não formam uma comunhão matrimonial. *A certidão de casamento em si não constitui um casamento*. Para o psiquiatra, existe casamento quando duas pessoas de sexo diferente se amam, cuidam uma da outra, moram juntas e ampliam a união formando uma família, tendo filhos. Para o psiquiatra, o casamento é uma ligação prática e fatural de natureza sexual, *exista ou não certidão de casamento*. Para o psiquiatra, a certidão de casamento significa apenas a confirmação das autoridades de uma relação sexual resolvida, instalada e vivida *pelos parceiros*. Para ele, são os participantes e não o funcionário do foro quem decide se o casamento existe ou não.

Porque a estrutura sexual, como 'conseqüência da moral compulsória, deteriorou, a certidão de casamento significa para a mulher uma proteção contra possível irresponsabilidade do homem. Nesse sentido, a certidão de casamento desempenha a sua função, mas também *apenas nesse sentido*. A consciência da natureza *fatural* de matrimônios *naturais* sem certidão de casamento está geral e profundamente enraizada na consciência popular. Nos Estados Unidos, como também na França, Escandinávia e muitos outros países, existe o *common-law marriage*, que na maioria dos países também é reconhecido perante o tribunal. Somente onde predomina ainda o catolicismo é que o *common-law marriage* "não é reconhecido" perante o tribunal. Isso, no entanto, *não* significa, como muitas pessoas com sentimentos de culpa sexuais acreditam, que o casamento fatural, sem certidão de casamento, seja *proibido*. Não existe lei contra casamentos fatuais sem certidão de casamento.

Para a higiene mental racional, naturalmente, o casamento fatural, e não o formal, representa o exemplo de uma relação sexual permanente. Isso está claro. A higiene mental visa à responsabilidade

interna, e não uma responsabilidade forçada. Ela acha que forçar a responsabilidade é apenas um último recurso para a adoção de ações anti-sociais. Não é a situação final desejável.

O interesse no autocontrole moral exige luta acirrada e leis severas contra os efeitos da praga emocional nesse tempo: contra a difamação de parceiros matrimoniais sem certidão de casamento e dos seus filhos pelos indivíduos atacados da praga emocional de que são incapazes de compreender ou de viver esse tipo altamente moral de comportamento social; contra as mais baixas e imorais chantagens patológicas e safadezas financeiras que a lei matrimonial e moral compulsória possibilita; contra a concupiscência e lascívia sexual, provocadas pelos processos de divórcio de "casamentos" formais infelizes; contra a falta de senso de se falar de "casamento" onde só existem ódio e baixeiras etc.

Nesse campo, praticamente tudo está invertido, há muita sujeira a ser eliminada. Antes de mais nada, as relações amorosas deveriam ser protegidas de qualquer ingerência de interesses econômicos; *devem ser criadas leis severas contra a difamação de relações naturais e decentes amorosas e dos filhos por elas gerados; devem ser dados passos para abolir o sentimento de culpa sexual, substituindo a moral compulsória externa por uma consciência interna de responsabilidade.* O tempo está maduro para isso; a necessidade de uma reforma radical das leis em parte alguma é mais contestada, a não ser em círculos que auferem lucros econômicos pela existência das leis sexuais antiquadas e prejudiciais sob o ponto de vista da higiene mental.

O casamento compulsório, que aliás representa apenas uma fase do desenvolvimento da própria instituição do casamento, é o resultado de um compromisso entre interesses econômicos e os da necessidade sexual. Certamente, os interesses sexuais não são como imaginam os sexologistas conservadores, isto é, a necessidade natural de ter a vida inteira relações sexuais com um parceiro, ou de fazer filhos. Para o exame da questão, é preciso considerar isoladamente as duas partes mencionadas do problema do casamento; nisso temos que distinguir meticulosamente entre aquela forma de relação sexual, que se origina da necessidade sexual e tende a ser duradoura, e a outra, que corresponde aos interesses econômicos e à posição da mulher e das crianças. A primeira chamamos de *relações sexuais permanentes*, a segunda, *casamento*.

1. AS RELAÇÕES SEXUAIS PERMANENTES

A condição social para as relações sexuais permanentes seria a independência material da mulher, cuidados e criação dos filhos pela sociedade, exclusão da ingerência de quaisquer interesses econômicos. Relações passageiras, frouxas, puramente sensuais, teriam que concorrer com relações permanentes. Do ponto de vista da economia sexual, a relação passageira apresenta desvantagens diante da relação sexual permanente, que justamente na sociedade de hoje podemos estudar muito bem. Pois, em nenhuma outra sociedade, a promiscuidade — emocionalmente rebaixada e sexual-economicamente invalidada pela mistura com interesses monetários — foi tão amplamente difundida e adotada como na idade da ideologia do casamento rigorosamente monogâmico.

A relação sexual livre, cuja expressão mais nítida é a relação de uma hora ou de uma noite, se distingue da relação permanente pela falta de interesse carinhoso no parceiro sexual. A atitude carinhosa com o parceiro sexual pode ter diversos motivos:

1. *Uma ligação sexual em virtude de experiências comuns de prazer sensual;* tem grande parte de *gratidão* sexual, que se refere ao prazer experimentado e *vínculo* sexual (não confundir com vassalagem), que se refere ao prazer sexual ainda esperado. Ambos em conjunto são os elementos fundamentais da relação amorosa natural.

2. *Uma ligação ao parceiro por motivo de ódio reprimido: amor reativo.* Trataremos desse assunto quando abordarmos o casamento compulsório. Torna impossível a satisfação sexual.

3. *Uma ligação por sensualidade insatisfeita.* Suas características são a supervalorização, sua natureza justamente à inibição da sensualidade e uma expectativa inconscientemente não-mitigada da satisfação sexual. Com facilidade pode transformar-se em ódio.

A ausência prolongada de carinho na relação sexual rebaixa a experiência sensual, às vezes também a satisfação sexual. Mas isso só vale a partir de certa idade, quando as tempestades sensuais da puberdade e pós-puberdade passaram, estabelecendo-se um equilíbrio das emoções sexuais. *As atitudes carinhosas chegam a fazer-se valer apenas com uma certa satisfação da necessidade sensual, quando alguma inibição neurótica não reprimiu o prazer sensual.* Essas atitudes carinhosas não devem ser confundidas com o pseudo carinho infantil do rapaz romântico que em sua fantasia persegue um ideal feminino, que corresponde à mãe dele, e ao mesmo tempo condena a sensualidade, se encontra sob a pressão de sentimentos de culpa onanísticos e se torna um candidato à impotência, se nenhuma circunstância afortunada o arranca de uma neurose, circunstâncias tais como (ingresso numa comunidade da juventude) ou um tratamento psíquico. As relações sexuais livres, inicialmente ainda de curta duração, que encontramos em certas camadas da juventude proletária, a mim parecem ser as formas de experiências sexuais, naturais, sadias e correspondentes à juventude. Em aparência e natureza se aproximam da vida sexual dos adolescentes nos povos primitivos. Certamente, não carecem de certo grau de carinho, mas não visam ainda à duração permanente das relações. Não se trata aqui de uma concupiscência lasciva pela renovação da excitação sexual, como a encontramos nas formas neuróticas da poligamia de *bons vivants* adultos e *Don Juans*, mas do extravasamento da sensualidade amadurecida, de um agarrar libidinoso de qualquer objeto sexual apropriado que incita à ação. Pode-se comparar isso à mobilidade prazerosa de um jovem animal, que também decresce com o avançar da idade. Essa agilidade sexual do jovem sadio, desde que não seja de fundo neurótico, para o olho experimentado se distingue com facilidade da hiperagilidade neurótica.

Na idade mais madura, relações sexuais de curta duração não são necessariamente neuróticas. Sim, deve-se constatar, quando honestamente se raciocina até o fim sobre suas experiências sexológicas, deixando de lado qualquer consideração moral, que aquele que jamais conseguiu reunir coragem ou força para uma relação sexual livre (também na idade mais amadurecida, indiferentemente se homem ou mulher) estava sob pressão de um sentimento de culpa infundado, portanto neurótico. Mas também que demonstra ser incapaz de uma ligação permanente, de acordo com experiências clínicas asseguradas, a pessoa que se encontra sob o domínio de uma fixação infantil de suas condições de vida e, portanto, não se acha sexualmente em ordem. Essa incapacidade se baseia em que os seus desejos afetivos se encontram enraizados em qualquer forma de ligação homossexual (o que se encontra tipicamente em desportistas, estudantes, militares e outros) ou em que um ideal fantasiado faz sombra e desvaloriza qualquer objeto sexual real. Com extrema freqüência se encontra como fundo psicológico do modo de vida promíscuo continuado e insatisfatório o receio de ligação a um objeto, porque toda ligação de tal espécie é acentuada incestuosamente, e o receio do incesto se interpõe como inibição. Mais freqüentemente age aqui uma perturbação da potência orgástica, que impede uma ligação carinhosa com o parceiro sexual pela desilusão que reaparece em cada ato sexual.

A desvantagem sexual-econômica mais importante da relação passageira é que nunca se torna possível uma adaptação sensual tão completa dos parceiros, às vezes também nenhuma satisfação sexual tão completa, como numa relação permanente. Esta, do ponto de vista sexual-econômico, é a objeção mais importante à relação passageira e o argumento mais forte a favor da relação permanente. Os defensores da ideologia do casamento dão aqui um suspiro de alívio; pois verão um meio de introduzir de modo sorrateiro, novamente, a monogamia moralista vitalícia. Pois, quando falamos de relação permanente, não temos em vista nenhum período de tempo objetivamente estabelecido. Sexual-economicamente, não importa se a relação dura semanas, meses, dois ou dez

anos. Também não significa que a relação permanente deva ou tenha de ser monogâmica, pois não fixamos normas.

Em outro lugar,¹² mostrei que o conceito de que a primeira relação com uma virgem e de que as semanas da lua-de-mel são as sexualmente mais satisfatórias é errôneo. A isso se contrapõem estritamente a experiência clínica. Esse ponto de vista se origina do contraste entre o desejo de mulheres intocadas e o embotamento e a monotonia sexual posterior no casamento permanente monogâmico. A relação sexual entre duas pessoas pressupõe que se realiza uma harmonização dos ritmos sexuais, que os parceiros cheguem a conhecer minuciosamente aos poucos os desejos sexuais raramente conscientes, mas sempre presentes, pois somente então ficarão garantidas a satisfação correspondente e a ordem da economia sexual duráveis. O casamento sem o prévio conhecimento mútuo sexual e sem adaptação sexual é anti-higiênico e freqüentemente leva a catástrofes.

Outra vantagem da ligação sexual permanente satisfatória é que torna desnecessária a busca eterna de um parceiro adequado e assim liberta interesses para desempenhos sociais.

A capacidade para uma relação sexual permanente em primeiro lugar demanda a *potência orgástica integral dos parceiros sexuais, isto é, nenhuma perturbação da relação entre sexualidade carinhosa e sensual;*

superação da ligação de incesto e do temor sexual infantil;

nenhuma repressão de quaisquer impulsos sexuais não-sublimados, seja de caráter homossexual ou não-genital; afirmação absoluta da sexualidade e da alegria de viver;

superação dos elementos fundamentais do moralismo; capacidade de comunhão espiritual com o parceiro.

Se observarmos cada urna das pressuposições citadas com vista a seus aspectos sociais, temos que admitir que nenhuma delas pode tornar-se realidade na sociedade autoritária — se queremos referir-nos à massa e não a indivíduos isolados. Já que a negação e a repressão sexuais são atributos específicos e inseparáveis da sociedade autoritária, também a educação sexual necessariamente será determinada por eles. Vemos também que a educação familiar fortalece a ligação de incesto, em vez de desfazê-la, que a proibição do incesto e a limitação da atividade sexual infantil desfazem a conexão entre sensualidade e carinho, criando assim uma estrutura de ego sexualmente negativa, favorecendo as inclinações pré-genitais e homossexuais, causando assim a sua repressão e conseqüentemente o enfraquecimento da vida sexual. Ainda mais, a educação para a supremacia do homem torna impossível a camaradagem com a mulher.

Como em qualquer ligação permanente, também na sexual há bastante matéria para conflitos. Mas não nos interessam aqui as dificuldades gerais de qualquer relação humana, mas as especiais, específicas para a sexual. *A dificuldade fundamental de qualquer relação sexual permanente é o conflito do embotamento (temporário ou definitivo) do desejo sensual, por um lado, e, com o decorrer do tempo, o aumento da ligação amorosa ao parceiro, pelo outro lado.*

Em qualquer ligação sexual, aparecem, mais cedo ou mais tarde, raramente ou mais freqüentemente, períodos de atração sensual diminuída, até mesmo de indiferença sensual. Isso é um fato estabelecido empiricamente, contra o qual nenhum argumento moral pode ser apresentado. O interesse sensual não pode ser comandado. Quanto mais os parceiros sexuais estiverem afinados um com o outro sensual e carinhosamente, tanto mais rara e menos definitiva será a ruptura na relação sensual. Mas toda relação sexual está exposta ao embotamento sensual. Esse fato seria pouco significativo se não fossem três circunstâncias, isoladas ou juntas, a complicar o estado de coisas:

¹² *Die Funktion des Orgasmus*, Int. Psa-Verl., 1927.

1. O embotamento pode apresentar-se somente num dos parceiros.

2. A maioria das relações sexuais presentemente está ligada também economicamente. (Dependência econômica da mulher e dos filhos.)

3. Independentemente de tais dificuldades externas, existe uma interna da própria ligação da relação permanente, que complica extremamente a única saída imaginável na relação economicamente independente e sem filhos, ou seja, a separação e o encontro de outros parceiros.

Todo mundo está exposto constantemente a excitações sexuais novas provocadas por outras pessoas que não o parceiro, especialmente com a coletivização do trabalho de hoje. Essas excitações de fora permanecem inócuas no período alto da relação. Nunca, porém, podem ser eliminadas, e nenhuma regulamentação quanto às roupas que devem ser usadas na igreja, ou qualquer medida ascética social, conseguirá em tempo algum qualquer coisa diversa a não ser o incremento da excitação, porque a tentativa de reprimir a exigência sexual resulta sempre no aumento dela. A não-consideração desse fato fundamental é que constitui a tragédia, ou mesmo tragicomédia, de toda moral sexual orientada asceticamente. As novas excitações sexuais, contra as quais só existe uma defesa eficiente, que é a inibição sexual neurótica, libertam pois, em cada pessoa sexualmente intacta, mais ou menos conscientemente (ou antes: tanto mais sádios quanto conscientes) desejos sexuais por outros objetos. Pela relação sexual satisfatória existente, esses desejos inicialmente permanecem sem efeito especial e podem ser reprimidos tanto mais eficientemente quanto mais conscientes forem. Está claro que, quanto menos consideração de caráter moral, quanto mais depreciação sexual-econômica ou condenação participa dessa repressão, tanto mais inocente ela será.

Quando, entretanto, se avolumam esses desejos por outros objetos, eles retroagem sobre a relação sexual para com o parceiro, acelerando principalmente o embotamento. As características seguras desse embotamento são: a diminuição do impulso sexual, antes do ato, e do prazer, no ato. As relações sexuais paulatinamente se tornam um hábito ou obrigação. A diminuição da satisfação com o parceiro e o desejo de outros objetos se somam e se fortalecem mutuamente. Contra isso não adianta nenhuma determinação, nenhuma técnica amorosa. Agora começa então o estágio crítico da irritação contra o parceiro, que, de acordo com o temperamento ou educação, chega a se manifestar ou é reprimido. Em todo caso: o ódio inconsciente contra o parceiro, como revelam análises de tais condições inofensivamente, torna-se cada vez mais forte; seu motivo é a frustração da satisfação dos desejos por outros, por parte do parceiro; sim, o fato de que o ódio inconsciente poderá tornar-se tanto mais forte quanto mais amável e tolerante for o parceiro é apenas aparentemente um paradoxo. Não se tem então nenhum motivo para odiar pessoalmente o parceiro, mas a pessoa sente isso, ou, melhor, o próprio amor ao parceiro passa a ser um empecilho. O ódio fica assim amortecido por um carinho extremo. Esse carinho originado do ódio e os sentimentos de culpa que proliferam em tal estágio são os componentes específicos da ligação pegajosa na relação permanente e o próprio motivo pelo qual tão freqüentemente mesmo os não-casados não se podem separar, mesmo que nada mais tenham que dizer ou muito menos que dar um ao outro, e sua relação signifique apenas um martírio mútuo.

Mas esse embotamento não precisa ser definitivo. De uma circunstância passageira pode-se tornar facilmente definitivo quando os parceiros sexuais não tomam conhecimento dos seus impulsos mútuos de ódio e recusam seus desejos por outros objetos como indecentes e imorais. A isso geralmente se segue uma repressão das excitações com todo o mal e prejuízo para a relação entre duas pessoas que justamente costumam resultar da repressão de impulsos poderosos. Quando a pessoa pode enfrentar tais fatos desinibidamente, sem distorção moral-sexual, o conflito se apresenta mais suave, e encontrar-se-á uma saída. É pressuposição que o ciúme normal que se sente não se torne expressão de uma reivindicação de posse, que se reconheça a naturalidade e axiomatismo do desejo por outros. A ninguém ocorrerá criticar alguém porque não gosta de usar o mesmo traje ano após ano, ou que porque está enjoado de comer sempre o mesmo prato. Somente no campo sexual a exclusividade de posse tornou-se um valor sentimental forte, porque o entrelaçamento dos interesses

econômicos e das relações sexuais aumentou o ciúme da reivindicação de posse natural. Muitas pessoas maduras e comedidas me comunicaram que, depois da superação do conflito, a imaginação de que o parceiro sexual uma ou outra vez tenha entrado em relação com outros perdeu seu terror e de que mais tarde a impossibilidade anterior de imaginar uma "infidelidade" parecia ridícula. Incontáveis exemplos ensinam que *fidelidade por consciência*, com o tempo, prejudica a relação sexual. A isso se contrapõem muitos exemplos dos quais aparece claramente que uma relação fortuita com outro parceiro apenas foi útil à relação sexual que estava justamente em via de se tornar uma relação matrimonial. Na relação permanente, sem ligação econômica, existem duas possibilidades: Ou a relação com o terceiro foi somente passageira; isso prova que não podia concorrer com a permanente; nesse caso, a relação apenas se fortaleceu; a mulher perdeu a impressão de estar inibida ou de ser incapaz de relações com outro homem. Ou a relação para com o outro parceiro se torna mais intensiva do que a existente, mais prazerosa e de outra forma mais satisfatória; então, a primeira é desfeita.

O que acontece então com o parceiro cuja relação amorosa ainda não estava deteriorada? Sem dúvida terá que travar uma luta difícil, em primeiro lugar consigo mesmo. Ciúme e sentimento de inferioridade sexual lutarão com a compreensão do destino do seu parceiro. Talvez que fique empenhado em reconquistar seu parceiro, o que terminará com o automatismo da relação duradoura, destruindo a segurança de posse; talvez que preferirá também permanecer passivamente na expectativa, deixando a decisão para o decorrer dos acontecimentos. Não damos conselhos, mas apenas aventamos hipóteses de possibilidades que correspondem a fatos reais. Em todo caso, a dificuldade é menor do que a desgraça que se verifica quando duas pessoas estão grudadas uma à outra por considerações morais ou outras. A consideração, que tantos indivíduos em tais casos costumam ter para com o parceiro, ao reprimir constantemente seus desejos, sem poder eliminá-los, muitas vezes se transforma no contrário. Quem teve consideração demais facilmente se sente no direito de obrigar o outro a agradecimento por isso, considerar-se vítima, ficar intolerante, atitudes essas que fazem perigar a relação muito mais e certamente a tornam mais feia do que qualquer "infidelidade" o poderia ter feito. Não queremos, porém, iludir-nos de que tal consideração para com as necessidades do parceiro, sob as condições da estrutura humana e ideologia sexual de hoje, seja possível em grande proporção.

Infelizmente essas considerações apenas valem para um pequeno círculo de participantes, porque as relações sexuais na sociedade de hoje, pela dependência econômica da mulher, se apresentam completamente diferentes do que devam ser as relações descritas de duas pessoas independentes, e ainda porque a questão da educação dos filhos nesta sociedade transtorna todas as considerações sexual-econômicas. Também a educação sexual recebida e a atmosfera social tornam tais soluções de dificuldades apenas acontecimentos individuais desinteressantes.

Que seja mencionada aqui apenas mais uma dificuldade que poderá levar a conseqüências sérias quando aquele que luta com ela não percebe claramente a situação. Quando já chega a época em que a atração sensual do parceiro diminui ou desaparece completamente, o homem pode apresentar perturbações da potência. Na maioria dos casos se trata de ereção deficiente, ou talvez de ausência de impulso apesar da excitação. Com a ligação carinhosa continuada ou no caso de um temor de impotência até então ausente, tal acontecimento poderá desencadear uma depressão, ou levar mesmo a uma impotência mais duradoura. Enquanto o homem agora procura encobrir a sua frieza, ele se sente impulsionado a tentar o ato sexual repetidamente. Isso se pode tornar perigoso. Essa ausência de ereção, inicialmente, não é impotência real, mas simplesmente expressão de carência de desejo por aquele parceiro e geralmente desejo inconsciente por outro. Com a mulher pode verificar-se o mesmo, só que a perturbação de sentimentos não tem o mesmo significado que no homem. Em primeiro lugar, porque o ato, apesar da perturbação da mulher, é realizável; em segundo lugar, porque a mulher não sente a perturbação tão tragicamente como o homem. Posto que a relação de outra forma seja boa, uma conversa franca sobre as causas da perturbação (aversão sensual — desejo por outro parceiro) freqüentemente afasta a dificuldade. De qualquer forma, é preciso esperar

até que a aversão se verifique. O desejo sexual costuma reaparecer mais cedo ou mais tarde, no caso de boas relações em todos os outros sentidos. Uma tentativa com outro parceiro em tal época poderá facilmente fracassar em vista dos sentimentos de culpa com respeito ao primeiro parceiro. Em outros casos, a relação com outros parceiros é útil.

No caso de uma disposição neurótica, a repressão do desejo por outro parceiro e a tentativa de superar a aversão para com o atual poderão levar a uma doença neurótica. Muito freqüentemente, tal conflito tem como conseqüência uma perturbação da capacidade de trabalho. A doença se desenvolve ao ser a satisfação, que é negada na realidade, procurada na fantasia. Em tais condições aparece facilmente o impulso para a masturbação. O resultado de tais conflitos poderá apresentar-se muito diversamente, de acordo com a disposição, a espécie da relação sexual permanente, da própria posição moral e da do parceiro. Nossos preconceitos morais sexuais costumam fazer freqüentemente mal imenso porque na maioria dos casos o simples pensamento em outro já está sendo sentido como infidelidade, como indecência, ou coisa semelhante. Devia tornar-se do conhecimento público que tais situações pertencem totalmente à natureza do impulso sexual, que são completamente naturais, axiomáticas e nada têm a ver com a moral. Os assassinatos de maridos e amantes e atormentações certamente diminuiriam; também desapareceriam muitos motivos de doenças psíquicas, que apenas representam uma saída insuficiente da situação.

Discuti até agora as dificuldades que resultam da relação permanente por si sós. Antes de passar à complicação dessas dificuldades pela mistura com interesses econômicos, ainda devem ser discutidos alguns fatos existentes, que, se bem que sejam econômicos num sentido mais lato, são fatos da ideologia social que também criam dificuldades na relação sexual que ainda não se tornou "matrimônio". Queremos referir-nos aqui à ideologia monogâmica, que é especialmente aceita e defendida pelas mulheres.

O rompimento de uma relação duradoura sexual para a mulher não é coisa simples, mesmo que economicamente essa mulher seja independente. Há, para começar, a chamada *opinião pública*, que se acha autorizada a se intrometer em todo assunto particular. É bem verdade que hoje já não é tão severa quando uma mulher tem relação extra-matrimonial, mas comenta com facilidade e marca corno prostituta toda mulher que ousa ter relações com *diversos* homens.

A moral sexual, impregnada de interesses de propriedade, tornou coisa evidente que o homem "possui" a mulher, enquanto a mulher por sua vez se "entrega" ao homem. Como, entretanto, possuir é uma honra, e entregar-se, ao contrário, representa rebaixamento, a mulher adquiriu uma atitude negativa com respeito ao ato sexual. Essa atitude é constantemente fomentada pelos esforços equiparados da educação autoritária. E porque para a maioria dos homens a posse da mulher se torna mais uma prova da sua masculinidade do que uma experiência amorosa, porque a conquista é mais importante do que o amor, esse temor por parte das mulheres adquire uma razão trágica.

Além disso, a moça já adquiriu desde a infância a idéia de que somente poderá ter relações sexuais com um homem. Essas influências educacionais estão mais profundamente enraizadas e têm mais efeito (porque inconscientemente são fixadas com sentimentos de culpa) do que o esclarecimento sexual, que é iniciado tarde demais. E muito freqüentemente encontramos mulheres que, apesar de melhor compreensão intelectual, não conseguem separar-se de um homem que não amam, recusando qualquer idéia a respeito com argumentos mais ou menos inócuos. O motivo real, permanecendo inconsciente, pode ser formulado da seguinte maneira: "Minha mãe (pequeno-burguesa) conseguiu suportar toda a vida esse matrimônio horroroso, de modo que eu também devo poder." Essa identificação com a mãe fiel, monógama, na maioria dos casos é o elemento inibidor mais eficiente.

Relações sexuais permanentes, que não se tornam matrimoniais, em geral não duram a vida toda. Quanto mais cedo tais relações são iniciadas, tanto maior é a probabilidade e, como se pode demonstrar, a justificação psicológica e biológica de que se rompam mais depressa do que as

iniciadas mais tarde. Até aproximadamente a idade de 30 anos, o homem se encontra, quando não é esmagado pela sua situação econômica, em contínuo desenvolvimento psíquico. Somente nessa época, costumam em média fortalecer-se os interesses, tornando-se duradouros. A ideologia do ascetismo e da monogamia duradoura, portanto, se encontra em contradição crassa ao processo de desenvolvimento físico e psíquico. Praticamente, é irrealizável. Isso leva à contradição de qualquer ideologia matrimonial.

2. O PROBLEMA MATRIMONIAL

As dificuldades descritas no caso da relação sexual permanente são acentuadas pelas ligações econômicas e na realidade são insolúveis. *A relação sexual permanente, com base biológica e sexual-psicológica, torna-se casamento.* Suas características ideológicas são as exigências eclesiásticas de que tenha que ser *vitalício e rigorosamente monogâmico*. Embora a sociedade abraque a forma eclesiástica do casamento, nunca vai até as suas contradições internas, porque de outra forma entraria em conflito com os seus próprios pontos de vista liberais. Economicamente, deveria ater-se à instituição do casamento; ideologicamente; deveria chegar a conseqüências impossíveis. Essa contradição é encontrada sem exceção em todos os tratados científicos e literários e poderá ser resumida assim: *Os casamentos são ruins, mas a instituição do casamento tem que ser cuidada e mantida.* A primeira parte da declaração é uma afirmação, a segunda é uma exigência. Aquela corresponde aos fatos, esta à moral compulsória reacionária na qual a instituição do casamento é peça indispensável.

Os autores chegam em virtude dessa ligação dupla — constatação de fatos por um lado, moralismo pelo outro — aos argumentos mais esquisitos e absurdos para a manutenção do casamento.

Esforçam-se assim para provar que o casamento e a monogamia são dispositivos "naturais", portanto fenômenos biológicos. Procuram pois destacar, entre milhares de espécies de animais que insofismavelmente vivem sexualmente desregradas, as cegonhas e os pombos, e constatarem que as cegonhas e os pombos vivem — temporariamente, *nota bene!* — monogamicamente; assim, pois, a monogamia é "natural". Aqui o ser humano não é um ente sobrenatural, que não pode ser comparado com os animais, porque essa constatação solidifica a ideologia do casamento monogâmico. O fato, entretanto, de que a promiscuidade entre os animais é a regra deixa de ser considerado quando se discute o problema matrimonial *biologicamente*; mas não pode ser deixado de lado completamente, de forma que o homem deve distinguir-se também do animal pelo seu "chamado mais elevado", ater-se ao matrimônio como a forma mais "elevada" das relações sexuais. Aqui o homem, pois, não é mais animal, mas um "ser mais elevado", com decência inata, e Guerra à Economia Sexual! é o lema, pois ela demonstrou indiscutivelmente que não existe decência inata. Mas se a decência não é inata, somente pode ser adquirida por educação. E quem foi que educou? A sociedade e sua fábrica de ideologias, a família compulsória, fundamentada no casamento monogâmico. Com isso, porém, a forma de matrimônio deixou de ser uma instituição natural, o seu caráter social está sendo confirmado em princípio. Mas o argumento reacionário é persistente, sabe conseguir auxílio. Bem, então o casamento não é uma instituição natural nem a exigência de um destino sobrenatural do homem; é pois, logicamente, uma instituição social. Procura-se então provar que os homens sempre viveram monogamicamente, e nega-se qualquer desenvolvimento e modificação das formas sexuais. Falsifica-se até mesmo a Etnologia, como o fez por exemplo Westermarck, e chega-se à seguinte conclusão: Se os homens sempre viveram em casamento monogâmico, essa instituição deve ser indispensável para a existência da sociedade humana, do Estado, da civilização e da cultura. Mas bem entendido! Tal referência a coisas passadas, já logicamente um equívoco, não se realiza com resultados contraditórios, quando por exemplo se tem que constatar que, ao lado do modo de vida monogâmico, o poligâmico, respectivamente o promíscuo, de acordo com seu volume e intensidade,

teve um papel certamente mais importante. Para fugir a esse argumento, novamente se troca a posição de eternidade pelo ponto de vista do desenvolvimento; constata-se o desenvolvimento para formas "mais elevadas" da sexualidade, descobrindo-se de repente que justamente os povos primitivos vivem em imoralidade animalesca e que devemos estar orgulhosos de termos superado aqueles estados de coisas "anárquicas" da vida sexual. Também não se pensa no fato importante de que o homem se distingue do animal não por sexualidade menor, porém mais intensiva (disposição permanente para relações sexuais). Isso de "superação", "elevação sobre o animal", não se aplica ao sexual: O homem é "mais animal" que o animal. O fato de que com tal posição a avaliação moral falsifica a observação, e assim não pode ser realizada a constatação de nossa economia sexual muito superior aos "primitivos",¹³ é razoável. Com isso, entretanto, elimina-se toda e qualquer possibilidade de testar a forma sexual presa a tempo e lugar, em seus fundamentos sociais. Não se pode mais escapar da apreciação avaliadora moralista e cai-se em debates estéreis sem fim. Procuram-se justificar fenômenos sociais, que há muito foram condenados à extinção, moralística, biológica ou meta-fisicamente, e tudo sob a capa de ciência alegadamente objetiva e intocável, com todo o temor e respeito que essa espécie de ciência (que, quanto mais moral, mais radicalmente) incute geralmente ao filisteu.

Deixar os fatos falarem por si mesmos e não derivar desses fatos, sem mais nem menos, exigências, mas estudar o progresso do desenvolvimento, fazer vingar o que estava destinado à extinção, fazer vingar o novo nas formas existenciais da sociedade humana, isso é aplicação científica do reconhecimento.

Com a rigorosa apreciação dos fatos surgem duas perguntas:

1. Qual a função social do casamento?
2. Em que consiste a contradição do casamento?

a) A função social do casamento

A função social da instituição do casamento é tríplice: econômica, política e social. Confunde-se com a família burguesa.

Econômica: Do mesmo modo que o casamento na história da humanidade começa a desenvolver-se com a propriedade dos meios de produção, é desta sua base material que retira constantemente a sua justificativa material de existência.¹⁴ Quer dizer que, enquanto houver propriedade particular dos meios de produção, o casamento será *socialmente necessário*, isto é, terá um sentido social. O fato de que também classes que não têm tal interesse vivem na mesma forma sexual é uma alegação injustificada, pois as ideologias predominantes são as ideologias das classes dominantes; a forma do casamento não resulta imediatamente de sua base material, mas também é mantida pelos pontos de vista morais da atmosfera ideológica e da estrutura humana. Essa a razão por que a maioria das pessoas desconhece a verdadeira base do casamento, pensando nela apenas em termos das racionalizações ideológicas. Onde, entretanto, a base material assim o exige, a sociedade muda a ideologia. Depois da Guerra dos Trinta Anos, a população da Europa central diminuiu consideravelmente, o que levou o *Kreistag* (Conselho Distrital) de Nürnberg, em 14 de fevereiro de 1650, a baixar o seguinte decreto revogando a exigência de monogamia: "Porquanto a necessidade

¹³ Ver especialmente Malinowski: *Das Geschlechtsleben der Wilden*, e meu livro *Der Einbruch der Sexualmoral*.

¹⁴ (*Adição feita em 1944.*) Essa formulação, embora correta, é incompleta. Na União Soviética, não há propriedade particular dos meios de produção, e sim propriedade estatal. Não obstante, o casamento compulsório foi instituído novamente. A formulação acima, então, deve ser completada como se segue:

a) A família compulsória autoritária tem a sua base histórica na propriedade privada dos meios de produção e é mantida pela autoridade do Estado mesmo onde a propriedade particular dos meios de produção foi abolida.

b) A família compulsória autoritária se apóia na estrutura humana autoritária, sexualmente negativa.

do Sagrado Império Romano exige substituir novamente os habitantes dizimados por espada, doença e fome, nesta guerra de trinta anos,... de agora em diante e durante os próximos dez anos a cada pessoa do sexo masculino será permitido casar com duas mulheres." (Citado de acordo com a "Sittengeschichte", de Fuchs, Renaissance, págs. 40 e segs.) De forma que outro é o caso da monogamia mandada por Deus.

Política: Já que o casamento monogâmico vitalício é o cerne da família compulsória, mas esta se torna, como já indicamos, a fonte preparatória para cada membro da sociedade orientada autoritariamente na infância, tal casamento portanto tem também base política.

Social: Para a sociedade patriarcal, a dependência material da mulher e dos filhos é típica. Secundariamente, o casamento assim se torna uma defesa material e moral (moral no sentido dos interesses patriarcais) da mulher e dos filhos. *Conseqüentemente, todas as fases da sociedade patriarcal têm que ater-se ao casamento compulsório.* Aqui não se trata de estabelecer se o casamento é bom ou mau, mas se é socialmente justificado e necessário. Por isso não se pode desejar aboli-lo na sociedade em que o casamento tem raízes econômicas; pode-se apenas "reformá-lo", sem mexer no principal, por exemplo, fazendo valer depois de dez anos o princípio da incompatibilidade, em lugar do da culpabilidade, depois de longos debates, como motivo para divórcio.

Essas reformas resultam das contradições da situação matrimonial, que aparecem não no campo econômico, mas no da economia sexual, dentro da situação matrimonial. Na maioria das vezes têm, aliás, o caráter tragicômico segundo o modelo seguinte (notícia publicada no jornal *Pester Lloyd*, de 25 de janeiro de 1929) :

Jogo de cartas como matéria escolar. De Cleveland nos *Estados Unidos* chega uma notícia surpreendente. O corpo docente da escola municipal resolveu introduzir o bridge como matéria escolar obrigatória. Alega-se como motivo dessa inovação esquisita que o *Home* (lar) americano está condenado ao naufrágio justamente porque o jogo de bridge está sendo cada vez menos jogado. Inúmeros casamentos já fracassaram porque os esposos, em lugar de jogarem bridge uns com os outros, ou em boa companhia, saíram sozinhos de casa. Assim, pretendem contratar doze professores de bridge para a escola municipal. Espera-se que a juventude escolar fique preparada dessa forma não só para um vida conjugal sólida, mas que as crianças também possam exercer uma boa influência sobre os pais, a maioria dos quais vivendo em casamentos arruinados.

Que os casamentos desmoronam não é novidade. Apesar disso, vejamos alguns números. Temos a seguir uma estatística dos casamentos e divórcios em Viena entre 1915 e 1925.¹⁵

<i>Ano</i>	<i>Casamentos</i>	<i>Divórcios</i>
1915	13.954	617
1916	12.855	656
1917	12.406	659
1918	17.123	1.078
1919	26.182	2.460
1920	31.164	3.145
1921	29.274	3.300
1922	26.568	3.113

¹⁵ Walter Schiff: *Die natürliche Bewegung der Bevölkerung der Bundeshauptstadt Wien in den Jahren 1905-1925* (1926).

1923	19.827	3.371
1924	17.410	3.437
1925	16.288	3.241

Enquanto os casamentos permaneceram aproximadamente iguais em número e somente nos anos de pós-guerra tiveram uma elevação de até mais do dobro, os divórcios continuaram aumentando constantemente, sendo que no decorrer de dez anos subiram o quádruplo. Se a proporção de casamentos para divórcios em 1915 era um vigésimo, em 1925 já era um quinto.

O *Pesti Napló* de 18 de novembro de 1928 traz um artigo sobre a questão matrimonial:

É verdade que a vontade de casar cresceu, mas as pessoas correm mais para as cortes de divórcio do que para a pretoria. Pelo menos fala a favor disso o fato de que de 1878 até 1927 o número de casamentos *quadruplicou*, mas no mesmo período o número dos casamentos desfeitos por divórcio aumentou *oitenta vezes*. No ano de 1926 a proporção era de cem *vezes mais*.

Neste artigo constata-se ainda que a maior parte dos casamentos foi dissolvida em seu quinto ou sexto ano de existência. De 1.645 divórcios no ano de 1927, 1.498 foram requeridos com a motivação "abandono do lar" e apenas em dois casos o casamento foi dissolvido por adultério.

O *Budapest Hirlap* de 24 de novembro de 1928 noticia que na Câmara Alta (Senado) o aumento rápido das dissoluções de casamentos foi abordado com preocupação. Enquanto em 1922, foram dissolvidos 1.813 casamentos e, em 1923, 1.888, somente 21 o tinham sido em 1878 e apenas 15 em 1879.

A partir da crise econômica e bancária no ano de 1898, os divórcios aumentaram rapidamente (255, em 1900; 464, em 1905; 659, em 1910). Constata-se que o índice mais elevado de divórcios cai em épocas de crises econômicas.

Desde 1931, com exceção da Tcheco-Eslováquia, houve um aumento no número de casamentos na Europa:

O número de casamentos (em 1.000) era em:

	1931	1932	1933	1934
Alemanha	514,4	509,6	631,2	781,5
Itália	276,0	267,8	289,9	309,2
Portugal	44,9	45,4	45,8	47,5
Polônia	273,3	270,3	273,9	277,3
Holanda	59,5	55,8	59,2	60,6
Hungria	76,4	71,2	73,1	77,7
Tcheco-Eslováquia	129,9	128,0	124,3	118,3

Embora esses números reflitam a pressão aumentada da reação *política* (366.178 empréstimos matrimoniais em três anos na Alemanha, para fomento da ideologia matrimonial), não podem ser superestimados em seu significado. Nada dizem sobre o estado de coisas interno desses casamentos, nem sobre uma modificação das condições de vida sexuais concretas. Na contradição fundamental da instituição do casamento nada se modificou.

Na Rússia Soviética, onde a instituição do casamento foi legal e praticamente revogada, ou quase (pois o registro de uma ligação sexual é livre, não obrigatório), os resultados da estatística são os seguintes:

Em Moscou, o número de registros aumentou de 24.899, no ano de 1926, para 26.211, no ano de 1929; em contraposição, as separações aumentaram de 11.879 para 19.421 no mesmo período de tempo. Em Leningrado, o número de registros em 1926 foi de 20.913, em 1927 de 24.369; as separações no mesmo tempo aumentaram de 5.536 para 16.008 (!).

Números insofismáveis são dados por Lindsey, em seu livro *Kameradschaftsehe* (na tradução alemã), para os Estados Unidos (págs. 153 e segs.). Em Denver, nos Estados Unidos, no ano de 1922 já se realizava um divórcio para cada casamento. Para 2.909 casamentos verificaram-se 1.492 divórcios e 1.500 casos de abandono do lar, ao todo 2.992. Em 1922, verificaram-se, em comparação com 1921, 45 divórcios a mais e 618 casamentos a menos. Os casamentos em Denver decresceram de 4.002, no ano de 1920, para 3.008, em 1922. Em Chicago, para 39.000 casamentos, no ano de 1922, verificaram-se 13.000 divórcios, ou seja, exatamente a terça parte. "Os homens se tornam loucamente desorientados", acrescenta Lindsey desesperado em seu relato.

Mais alguns números sobre o estado de coisas nos Estados Unidos, que mostram nitidamente que a deterioração do casamento não é invenção dos bolchevistas. De acordo com um noticiário da United Press, em *Atlanta* se realizaram, para 3.350 casamentos, 1.845 divórcios no ano de 1924 (mais de metade), em *Los Angeles*, para 16.605 casamentos, 7.882 divórcios (quase metade), em *Kansas City*, para 4.821, 2.400 (quase metade), em *Ohio*, para 53.300, 11.885 (a quinta parte), em *Denver*, para 3.000, 1.500 (a metade), em *Cleveland*, para 16.132, 5.256 (a terça parte).

Lindsey acrescenta em seu estudo:

O casamento, como *se* encontra agora, para a maioria que o contrai, significa simplesmente o inferno. Quem viu a longa procissão de existências fracassadas, de homens e mulheres infelizes, de crianças miseráveis, abandonadas e sem lar, que *passam* pelas cortes judiciais não pode chegar a outra conclusão. (Op. cit., pág. 129.)

Quando, porém, 13.000 divórcios foram realmente concedidos, quantos pares, acreditamos, existiam que queriam ser divorciados, mas não tiveram coragem? Pois um divórcio ainda é um coisa irritante, dispendiosa e desagradável, e somente é empreendido quando se chega ao limite extremo do suportável. Quando no ano da graça de 1922 tiveram lugar 39.000 divórcios em Chicago, é avaliação altamente conservadora que mais 26.000 em aditamento aos 13.000 que se divorciaram teriam desejado divorciar-se, *se* lhes tivesse sido possível. Esta avaliação baseia-se na minha experiência com pessoas casadas que chegam a mim confidencialmente, para procurar conselho e consolo, que nunca *se* decidem a divorciar-se, apesar de tanto o desejarem. Acredito que o número desses é muito superior que o daqueles que realmente recorrem à justiça (Pág. 154.)

Quando *se* comparam os números acima com os de anos anteriores, vê-se claramente que as separações e divórcios aumentam constantemente, e que em breve terão alcançado as cifras dos matrimônios. (Pág. 155.)

Temos milhares e milhares de casos que, também sem beneplácito legal, atestam o fracasso do respectivo casamento. Não há razão para não se contar estes também no número dos divórcios, pois também teriam sido separações legais, se nenhuma circunstância, nenhuma condição, tivesse interferido. Interna e externamente, certamente pertencem ao conceito geral de "casamentos" que fracassaram. (Pág. 155.)

Ainda uma conversa desagradável com uma jovem americana:

Mary temia o contrato de casamento como uma coisa da qual a retirada era uma coisa tão difícil *se* algo não *saiisse* direito. Queria permanecer livremente dona de si mesma; não *fosse* isso, teria casado, pois admitia certas vantagens do casamento legal.

Bem! Assim seria, pois, obrigação dela escolher o celibato e reprimir a sua vida sexual que pressionava pela sua manifestação normal?

A isso, Mary respondeu, certo ou errado, que não queria sacrificar-se a um fetiche de conformismo? Não queria ter que escolher entre o Se e Ou, porque considerava ambos irracionais e abjetos.

Em lugar disso, ela agita a bandeira da rebelião e diz: "Não! Eu e a minha geração encontraremos um terceiro caminho. Quer vocês aprovelem ou não faremos entre nós nosso próprio contrato de casamento, que se coaduna com nossos desejos e nossas necessidades. Acreditamos ter um direito natural a camaradagem e relações íntimas, que desejamos intensamente. Conhecemos medidas de segurança para excluir a maternidade indesejada, enquanto esta dificulta a situação. Não admitimos que tal comportamento ponha a segurança da sociedade humana em perigo e acreditamos que essa experiência de substituir a tradição pelo senso comum sadio tenha antes resultados bons que *maus*." Assim se pronuncia ela.

Que devo eu, um homem de posição jurídica responsável, dizer a tal desafio? Posso calar-me sobre o fato de que casamento foi criado para o bem e utilidade da humanidade, e não a humanidade para a utilidade e o bem do casamento? Que o casamento não é uma finalidade, mas um meio para o fim? Que o sapato, e não o pé, deve ser modificado, quando o sapato não serve? E no que se refere ao celibato como única possibilidade além dum casamento talvez infeliz: Por que desperdiçar palavras com isso e fazer exigências que as pessoas certamente jamais cumprirão e que também violentam um impulso natural e necessário? (*Rev. d. mod. Jugend*, pág. 106.)

E quais as conclusões que Lindsey tira das próprias constatações e da conversa desagradável com Mary?

E apesar disso não deve se abrir caminho para o "amor livre" e coisas semelhantes. Não passamos sem o casamento. Tem que ser mantido com alterações sábias e cuidadosas de suas regras, para criar na vida dos homens realmente a felicidade que pode criar. Acredito firmemente nas possibilidades benfazejas do casamento, e espero ter tornado isso completamente claro. (*Rev. d. mod. Jugend*, pág. 107.)

Vemos que até mesmo um homem tão extraordinário como Lindsey dá o pulo da constatação da deterioração do casamento e da sua contradição sexual-econômica para o domínio da ética, que na realidade não passa de um reflexo das necessidades econômicas do sistema dominante. O fato da deterioração dos casamentos na América progredir de modo tão rápido e tão claro é indubitavelmente devido a que ali o capitalismo está mais adiantado e conseqüentemente produz as contradições mais marcantes no campo da economia sexual: puritanismo mais rigoroso, por um lado, e desmoronamento da moral compulsória, por outro lado. Isso já vimos na questão da juventude.

Lindsey está convencido de que o casamento pode ser mantido, porque "apesar de tudo poderá trazer felicidade". A questão, porém, não é saber se o casamento *pode* trazer felicidade. É preciso provar que realmente a traz, e, quando não o faz, examinar as causas e, quando desmora, é preciso apreender os fundamentos sexual-econômicos e materiais disso.

Hoffinger, um pesquisador do século XIX, em uma investigação chegou à seguinte conclusão:

Apesar de que pesquisou conscienciosamente e com afinco o número dos casamentos felizes, a pesquisa resultou inútil a ponto de que nunca a conseguiu levar a outra coisa a não ser considerar os casamentos *felizes* como *exceções extremamente isoladas da regra*. (Citado *apud* Bloch, *Das Sexuelleben unserer Zeit*, pág. 247.)

Gross-Hoffinger também constata:

1. Aproximadamente a metade de todos os casamentos é absolutamente infeliz.
2. Mais de metade deles está inteira e obviamente *desmoralizada*.

3. A moralidade da parte menor restante de modo algum consiste na observação da fidelidade conjugal.

4. Em 15 por cento de todos os casamentos os cônjuges estão envolvidos em prostituição e caftinismo.

5. O número dos casamentos ortodoxos completamente acima de qualquer suspeita de infidelidade (dada a capacidade existente), aos olhos de qualquer pessoa sensata que conhece as leis da natureza e a impetuosidade de suas exigências, é igual a zero. (*Das Sexualleben unserer Zeit*, 2ª e 3ª ed., pág. 253.)

Bloch examinou cem casamentos e achou:

Nitidamente infelizes	48
Indiferentes	36
Indubitavelmente felizes	15
Virtuosos	1

Entre esses 100 casamentos, Bloch achou 14 "intencionalmente imorais", 51 "frívolos e desmazelados" e 2 completamente insuspeitos. Observe-se a maneira de expressar avaliadora. Examinei os casos relacionados individualmente e achei que dos casamentos classificados como felizes 3 se encontravam em idade avançada, em 13 havia infidelidade de um ou ambos os esposos, 3 foram classificados como "fleumáticos", isto é, sem relações sexuais (em virtude de impotência ou frigidez), 2 eram aparentemente felizes. Quando entre 15 casamentos designados como indubitavelmente felizes se encontram 13 infiéis, isso quer dizer que o casamento então, para ser duradouramente feliz, somente o pode ser com o sacrifício da exigência mais importante da ideologia matrimonial, da fidelidade conjugal, ou então sob a condição de completa ausência de relações sexuais. Uma investigação estatística por minha conta sobre 93 casamentos, cujas condições me eram conhecidas minuciosamente, resultou:

Infelizes ou expressamente infiéis	66
Esposos resignados ou doentes	18
Duvidosos (externamente calmos)	6
Felizes	3

Dos três casamentos por mim classificados como indiscutivelmente felizes, nenhum tinha mais de três anos de duração. A estatística é do ano de 1925. Desde então, um dos casamentos terminou em divórcio, outro desmoronou internamente, quando o homem veio ao meu consultório de psicanálise, se bem que por enquanto ainda não houve divórcio, o terceiro ainda perdurava em 1929.

Lebedewa, durante um curso para médicos estrangeiros em Moscou, comunicou dados estatísticos interessantes sobre a duração das relações sexuais. O controle lá é constituído exclusivamente pelos casamentos registrados, que praticamente correspondem apenas a relações permanentes sexuais puras. De todas as ligações registradas duram até um ano 19 por cento; 3 a 4 anos, 37 por cento; de 4 a 9 anos, 26 por cento; de 10 a 19 anos, 12 por cento; mais de 19 anos, 6 por cento.

Esses números provam que, para a base sexual de uma relação, quatro anos é a média de duração mais comum. Como é que a reforma matrimonial irá enfrentar esse fato?

Aqui vão mais alguns comentários sobre os casamentos que são designados como calmos e bons. "Calmos" significa que os conflitos não chegam a aparecer, e "bons" são designados também os matrimônios nos quais a resignação quieta sobrepujou tudo. Se um desses cônjuges vem ao tratamento analítico, ficamos admirados sempre sobre a abundância de ódio inconsciente ou

reprimido que no decorrer dos anos de comunhão matrimonial se acumulou no parceiro matrimonial e que acabou por manifestar-se numa doença psíquica, sem jamais ter chegado à consciência da pessoa em questão. Seria injusto e errado querer atribuir esse ódio a experiências infantis. Pode-se constatar que a transferência do ódio de uma pessoa odiada na infância para o cônjuge somente se realizou depois de se ter acumulado no próprio casamento matéria de conflito bastante para despertar as velhas dificuldades na vida nova. De acordo com a minha experiência, os casamentos se desfazem no tratamento analítico quando se analisa sem consideração pela moral matrimonial, isto é, quando não se evitam, consciente ou inconscientemente, assuntos que poderiam influir na própria existência do casamento. Tais casos aparecem. E uma segunda experiência indica que os casamentos que tiveram que suportar a pressão de uma análise somente ficam preservados quando o próprio paciente recupera sua agilidade sexual e resolve não se submeter incondicionalmente à rigorosa moral matrimonial. Esta regularmente se apóia em mecanismos neuróticos de repressão.

A análise de pessoas casadas ainda apresenta os seguintes resultados incontestáveis:

1. Não existe mulher que não tenha as chamadas "fantasia de prostituta". A minoria das mulheres fantasia prostituir-se. Quase sempre se trata do desejo de ter relações sexuais com diversos homens, de não limitar suas experiências sexuais a um só homem. Esse desejo compreensivelmente está ligado à idéia da prostituição. A clínica caráter-analítica destrói radicalmente a crença numa vocação monogâmica da mulher. Alguns psicanalistas consideram neuróticas essas "fantasias de prostituta" e acham que devem libertar a mulher delas. Tendo-se isso em mente, fica-se privado da posição amoral necessária no tratamento analítico, pois analisa-se mais no interesse da moral doente. Mas a função do médico é considerar a saúde do paciente, isto é, a sua economia da libido, não a sua moral. Mas, se então se constata que existe uma contradição entre as exigências libidinosas do doente e a moral social, é errôneo tachar tais exigências de "infantis", de maquinações do "princípio libidinoso", invocando-se a "adaptação à realidade" necessária ou "resignação", antes de examinar-se e verificar-se minuciosamente se as exigências sexuais são realmente infantis e as exigências de realidade — no sentido da saúde humana! — são realmente aceitáveis. Uma mulher, que de acordo com as suas exigências sexuais tem relações com diversos homens ainda não pode sem mais nem menos ser declarada infantil. Ela apenas não se adapta muito bem à ideologia do casamento compulsório; e é só. Ela não está doente, mas provavelmente adoecerá se se submeter exageradamente à moral existente. E dever-se-ia dar mais atenção ao fato de que as mulheres boas, adaptadas à realidade, aquelas que assumiram a carga do casamento aparentemente sem conflito, porque estão inibidas sexualmente em parte por motivos econômicos, em parte por motivos morais, apresentam todas elas sinais da neurose. Mas são "adaptadas à realidade".

2. A análise, quando inclui a existência social, mostra-nos os motivos da ideologia monogâmica. dos quais os mais importantes são os seguintes: forte identificação com os pais que, pelo menos exteriormente, representavam a monogamia, especialmente a identificação da filha com a mãe monogâmica, mas também o seu oposto, a reação ao rigor monogâmico da mãe em forma de *poligamia neurótica*. Encontramos ainda como motivo da atitude monogâmica sentimentos de culpa para com o marido, como reação do reprimido ódio a ele, que limita a liberdade sexual. A proibição sexual infantil e o medo originado na infância das atividades sexuais agem na linha dos motivos psíquicos da atitude monogâmica em primeiro lugar. *A ideologia monogâmica assim resulta no indivíduo como uma organização reativa poderosa de defesa contra as próprias tendências sexuais, que desconhecem a contradição monogamia-poligamia ou poliandria, mas conhecem apenas a satisfação.* A ligação incestuosa à parte heterossexual materna ou paterna desempenha papel importante, e o rompimento desta ligação destrói grande parte da atitude monogâmica. Por fim, a dependência econômica da mulher é também uma importante motivação de sua tendência monogâmica. Ocasionalmente se verifica que uma exigência rígida moral de monogamia se afrouxa sem mais trabalho analítico quando a mulher alcança a independência econômica.

3. Também a exigência do marido de que sua mulher deve ser monogâmica tem seus motivos especiais e individuais. A base econômica da exigência monogâmica não está, de acordo com as

experiências realizadas até hoje, representada imediatamente. Em primeiro lugar, encontramos o medo do concorrente, especialmente daquele com melhor potência, e o temor narcisista do desprezo social, do estigma de ser considerado "corno". A mulher enganada não é desprezada, mas lastimada. Isso tem seu motivo em que para a mulher, em sua posição de dependência, a infidelidade do marido representa um perigo real. A infidelidade da mulher, entretanto, para a opinião pública, é uma prova de que o marido não pôde preservar os seus direitos de senhor, talvez porque não tivesse sido bastante homem, no sentido puramente sexual, para conservar fiel a mulher. Por isso, a mulher suporta melhor a infidelidade do marido do que geralmente o marido a infidelidade da mulher. Se os interesses econômicos influenciassem imediatamente a ideologia, o contrário devia ser verdadeiro. Acontece, porém, que entre a base econômica dos pontos de vista morais e estes próprios pontos de vista se interpõem muitos elos intermediários, por exemplo a vaidade do homem, de modo que no final de contas fica preservada a linha do sentido social do casamento: o homem pode ser infiel, a mulher não.

b) A contradição da instituição do casamento

A contradição da instituição do casamento resulta do contraste entre os interesses sexuais e os econômicos. Do ponto de vista dos interesses econômicos, são feitas exigências muito conseqüentes e justificadas. Já que é impossível, mesmo sexual-economicamente, que uma pessoa sexualmente intacta se sujeite às condições da moral conjugal — somente um parceiro e com este *a vida inteira* — uma repressão muito profunda da necessidade sexual, especialmente na mulher, é exigência primordial. A moral exige portanto — sem implantá-lo praticamente de modo geral — que a mulher não deva ter relações sexuais antes do matrimônio, se possível o homem também não, mas aqui se fecham ambos os olhos. Diz-se que não é a sexualidade, mas o filho, que constitui a essência do matrimônio (isso é válido no que concerne ao aspecto econômico do matrimônio, mas não à relação permanente); os cônjuges não devem conhecer sexualmente nenhuma outra pessoa. É verdade que essas exigências são necessárias para a manutenção permanente do casamento. *Mas são essas mesmas exigências que minam o casamento, que o condenam ao fracasso desde o começo.* A exigência da comunhão sexual vitalícia já de antemão cria uma revolta contra a coação que, consciente ou inconscientemente, se torna mais violenta quanto mais vivas e ativas são as necessidades sexuais. A mulher, até o casamento, viveu castamente, é sexualmente inocente e tem que reprimir suas exigências genitais para se manter fiel. Agora, quando está casada, a sua genitalidade não se acha mais à sua disposição; ela permanece fria. Logo que o encanto da novidade se esvaia, ela não consegue mais excitar nem satisfazer o marido. Quanto mais sadio o marido, tanto mais rapidamente perderá o interesse pela mulher e procurará outras mulheres, que lhe possam oferecer mais, e assim surgiu a primeira rachadura nas relações. Embora o homem, de acordo com a moral imperante, tenha o privilégio de poder desviar-se um pouco de seu caminho, não deve ir muito longe em suas "aventuras" amorosas. Ele também, quando casado, deve reprimir bastante os seus interesses genitais. Isso, embora seja bom para a preservação do casamento, é ruim para as relações sexuais, pois a repressão tem como conseqüência perturbações da potência. Se a mulher é capaz de desenvolver a sua sexualidade, logo ficará desiludida pela inaptidão sexual do marido; procurará outro parceiro ou então adoecerá de represamento sexual, de insatisfação, e contrairá uma neurose: *em ambos os casos, o casamento foi minado pelo mesmo motivo que deveria assegurar a sua manutenção: a educação sexualmente negativa para o casamento.*

Acresce a isso que a independência cada vez maior da mulher no campo econômico a ajuda a abolir as inibições sexuais; ela não mais se encontra presa ao lar e aos filhos e chega a conhecer outros homens; a participação no processo econômico a ensina a pensar em assuntos que até então se encontravam afastados do seu campo visual.

Os casamentos poderiam ser bons, pelo menos durante algum tempo, se houvesse harmonia e satisfação sexuais mútuas. Isso pressuporia, entretanto, uma educação sexualmente afirmativa, conhecimento e experiência sexuais antes do casamento, superação da moral social imperante.

Justamente aquilo, no entanto, que torna o casamento bom, sob certas circunstâncias, ao mesmo tempo contribui para a sua ruína, pois uma vez afirmada a sexualidade, superada a atitude moral, não existe mais argumento interno contra relações com outros parceiros (exceto durante certo tempo, mas não vitaliciamente, a fidelidade pela satisfação) ; a ideologia do casamento soçobra, o casamento não é mais casamento, e sim uma relação sexual permanente, que justamente pela ausência dos desejos genitais, com compreensão de outra forma boa, de modo geral se poderá tornar mais feliz do que seria possível ao casamento rigoroso. A cura de um casamento infeliz em muitos casos — apesar dos defensores dos laços matrimoniais e da lei burguesa — é a infidelidade conjugal.

Gruber escreve:

Certamente haverá em qualquer casamento períodos — se bem que apenas instantes — de aborrecimentos em alto grau, onde se sentirá como uma carga esmagadora o fato de se estar acorrentado um ao outro. Tais perturbações infelizes serão superadas mais facilmente por tais cônjuges que entraram castos no matrimônio e que permaneceram mutuamente fiéis. (*Hygiene*, pág. 148.)

Sem dúvida ele tem razão: Quanto mais casto antes, tanto mais fiel no matrimônio. Esta fidelidade deve sua existência à atrofia da sexualidade pela abstinência pré-nupcial.

A inocuidade da reforma matrimonial assim se explica pela contradição entre a ideologia compulsória — da qual se originam a miséria matrimonial e a aspiração de reforma — e o fato de que a forma de matrimônio que deve ser reformada pertence especificamente à ordem social, na qual econômica e logicamente se apóia. Tentamos demonstrar antes que os elementos fundamentais da miséria sexual geral derivam da contradição entre o desejo sexual natural e a ideologia: ascetismo extra-matrimonial — matrimônio monogâmico permanente. Assim, por exemplo, o reformador sexual constata que a maioria dos casamentos é infeliz porque a satisfação no casamento é incompleta, os homens são inábeis, as mulheres são frias.

Então, por exemplo, propõe erotização do matrimônio, como Van de Velde, que quer ensinar aos maridos as técnicas sexuais e com isso espera um melhoramento correspondente nas relações conjugais. Sua idéia fundamental é acertada; o casamento que se fundamenta numa base erótica satisfatória é melhor do que o não-erótico; mas com isso deixa de considerar todas as pressuposições para a erotização de uma relação sexual permanente. Uma pressuposição seria a experiência sexual da mulher, sobretudo a afirmação da sexualidade. A educação sexual, entretanto, é determinada pela meta: castidade da moça, fidelidade compulsória da mulher casada. Ambas as coisas tornam necessária uma enorme, se não completa, repressão sexual da mulher. A mulher sexualmente não-exigente, dependente, sexualmente negativa ou apenas sexualmente tolerante é a melhor esposa e a mais fiel. Uma educação sexual afirmativa tornaria a mulher mais independente; seria pois, no fundo, mais perigosa para o casamento. *Tal educação sexual é absolutamente lógica do ponto de vista da monogamia vitalícia; a exigência de erotização do casamento contradiz a Ideologia do casamento.* Isso o Professor Häberlin, de Basileia, reconheceu acertadamente, e em seu livro *Über die Ehe*, que, se bem que o motivo real do matrimônio é o amor sexual, "sem ele um casamento em sentido amplo não é possível; por outro lado, ele constitui no casamento o elemento perigoso e incalculável e sua presença torna a comunhão matrimonial virtualmente um assunto duradouramente problemático". Também chega à seguinte conclusão: "Realizar o casamento como uma comunhão vitalícia é possível, apesar do amor sexual ligado a ela." Isso quer dizer: A sociedade está interessada economicamente no casamento compulsório e não pode levar em consideração os interesses sexuais.

Por isso, qualquer alívio das formalidades legais para o divórcio carece praticamente de significado para as massas. A lei do divórcio significa apenas que a sociedade, em princípio, permite o divórcio. Mas será que está também disposta a criar todas as pressuposições indispensáveis para a mulher, no campo econômico, a fim de realmente capacitá-la a conseguir o divórcio? Uma dessas pressuposições seria, por exemplo, que a produção racionalizada não tivesse como conseqüência falta de trabalho, mas encurtamento do tempo de tempo de trabalho e aumento de salários. A dependência econômica da mulher com respeito ao homem, sua participação mais reduzida e menos

valorizada no processo de produção tornam o casamento uma instituição de defesa para ela, mesmo que ela seja duplamente explorada nessa "relação de produção". Ela não é apenas objeto sexual do homem e a máquina concepcional do Estado, mas também seu trabalho não-remunerado na economia caseira aumenta indiretamente a proporção de lucro do empregador. Pois o homem só poderá produzir maior valor sob condição do costumeiro salário-hora reduzido se em casa ficar aliviado da remuneração de certos trabalhos. Se o empregador fosse responsável pela situação doméstica do operário, teria que pagar uma governanta para o operário ou colocá-lo economicamente em condições de manter tal governanta. Esse trabalho, entretanto, a esposa realiza de graça. Se também a mulher trabalha na fábrica, tem que trabalhar horas extras de graça para manter a casa em ordem; se não faz isso, então os laços familiares se rompem e o casamento deixa de ser um casamento burguês.

A essas dificuldades econômicas soma-se o fato de que as mulheres em grande parte estão adaptadas apenas para a vida sexual matrimonial, com toda a sua miséria sexual, sua compulsão, sua monotonia de aventuras, mas também para a sua calma exterior, sua rotina estabelecida, que à mulher média de hoje poupa a necessidade de pensar em sua sexualidade e na luta enervante de uma vida sexual extra-matrimonial. Para a consciência dessa mulher, pouco significa que essa economia lhe custa caro, pois ela paga com o seu sofrimento psíquico. A sua consciência sexual talvez pudesse poupar-lhe a neurose, mas não o sofrimento sexual que a ameaça hoje.

As contradições da instituição do casamento se refletem logicamente nas contradições da reforma matrimonial (à *la Van de Velde*). A reforma do casamento pela erotização é em si mesma contraditória. Também a proposta de Lindsey do *companionate marriage* peca porque não se constata o naufrágio como tal, examinando-se suas causas, mas se quer remendar o que está para desmoronar partindo-se do princípio de que "o casamento é a melhor forma sexual". Também nos escritos de Lindsey, o pulo da linha de desenvolvimento dos fatos constatados à linha das valorizações de moral compulsória está claramente expresso. Pronuncia-se, por exemplo, contra o casamento de experiência por motivos morais, mas sanciona o sistema do *companionate marriage*, quer dizer da ligação "legalmente sancionada" de homem e mulher com "controle de natalidade legalmente permitido". Quando se procura a fundamentação da sanção legal, não se encontra nada mais que as relações sexuais "*deveriam*" ser reconhecidas legalmente. O *companionate marriage*, de acordo com isso, somente se distinguiria do casamento real pelo controle da natalidade e pelo fato de poder ser desfeito sem mais nem menos, ao contrário do casamento convencional. Esta proposta é sem dúvida alguma a de maior alcance na sociedade conservadora. Mas, deve-se perceber claramente que é socialmente limitada, tendo que *necessariamente* fazer recair a economia sexual sobre a questão dos cuidados econômicos da mulher e filhos; portanto, nada pode apresentar em prol da solução do problema do casamento.

Os fatos, entretanto, se apresentam assim: *O conflito matrimonial no contexto da ordem reinante se torna insolúvel porque, por um lado, não se concilia com a forma sexual que lhe é imposta, daí a deterioração da moral matrimonial; por outro lado, a situação econômica da mulher e dos filhos torna necessária a manutenção da forma de casamento, daí o empenho continuado em prol da forma sexual existente: casamento.* O conflito é apenas a continuação de outro em plano mais elevado. Esse outro conflito consiste em que no contexto da ordem social autoritária se desenvolvem as formas de produção trabalhista-democráticas, e a moral matrimonial se modifica na mesma medida em que, por um lado, a emancipação material da mulher e a coletivização da juventude operária e, pelo outro lado, o próprio conflito sexual preparam crises sexuais. O casamento pertence especificamente ao sistema econômico capitalista e portanto se mantém contra toda a sua sujeição a crises. A sua deterioração e sua contradição nesse contexto social insolúvel, com a continuidade existencial fundamentada economicamente, não são mais que sinais da própria exposição a crises da maneira de existir. O casamento desintegra-se automaticamente, morre internamente desde que seu fundamento material se desagrega. O acontecimento histórico de sua desagregação deu-se na União Soviética.

Quão podre a instituição do casamento estava com vista à economia sexual podia ser verificado pelo fato de que os casamentos, especialmente das camadas mais adiantadas da população, dos operários e líderes, depois da revolução, deterioraram rápida e completamente; a crise matrimonial latente sempre aparece em épocas de crises sociais na forma de deterioração matrimonial. "Declínio da moral em tempos de crise", é o que se dirá. Mas vejamos os fatos em suas conexões sociais, em vez de considerá-los moralmente. A deterioração da moral compulsória foi então apenas um sinal de que a revolução social teve como consequência também uma revolução sexual, que não se deteve ante nenhum "bem sagrado".

Enquanto existir uma norma para a vida sexual no sentido da ideologia compulsoriamente monogâmica, a vida sexual será externamente ordenada, internamente caótica e sexualmente antieconômica. Quando os defensores da ideologia matrimonial não se deixam convencer pelos efeitos reais da norma da vida sexual, exigida e aprovada por eles, pela degradação da vida amorosa, a miséria matrimonial, a miséria sexual juvenil, os assassinatos passionais e outras coisas bonitas mais, também não lhes será convincente o argumento de que as necessidades vitais determinadas por leis da natureza não precisam de tal patrocínio da sociedade, desde que a sociedade nada faça para perturbar a satisfação. O sentido da socialização do homem é facilitar a satisfação da fome e do amor. No campo do amor quase a humanidade toda se encontrava delimitada na satisfação.

Justamente a ingerência dos interesses de classe na satisfação dos impulsos fundamentais foi que criou a anarquia. Será que a *eliminação* da norma social da vida sexual fará reaparecer a regulamentação *das leis da natureza*, a da *economia sexual*? Não podemos esperar, nem recear, mas apenas estudar a questão de saber se o desenvolvimento da sociedade tende a melhorar as condições naturais da economia material bem como da sexual por dispositivos que levam em conta as necessidades humanas. É certo que uma apreciação da vida científica e racional, que se imponha geralmente, destruirá os altares de qualquer espécie de divindade. Não estaremos mais dispostos a sacrificar a saúde e a alegria de viver de milhões de pessoas no interesse de uma idéia cultural abstrata ou de um "espírito objetivo", ou da "decência" metafísica. Será que ainda cientistas — como na nossa época — se prestarão a apoiar a regulamentação moral compulsória destruidora da vida humana com as suas constatações "científicas"?

Promover a apreciação científica da existência era a palavra de ordem antes de 1918, era o chamado da "revolução social". Na Rússia, a "revolução social" ocorreu em 1917. Procuremos compreender como foi que resolveu o problema sexual, o que conseguiu e onde não pôde cumprir o que a humanidade sedenta de liberdade esperava dela.

SEGUNDA PARTE
A LUTA PELA «NOVA VIDA» NA
UNIÃO SOVIÉTICA

REAÇÃO SEXUAL NA RÚSSIA

Se a construção do futuro e a preparação para todos os tempos não é problema nosso, tanto mais certo é o que temos que conseguir, refiro-me à crítica, doa a quem doer, de tudo quanto existe, doa a quem doer, no sentido, por exemplo, de que a crítica não tem medo dos seus resultados e tampouco dos conflitos com os poderes existentes.

KARL MARX

No decorrer dos últimos anos amontoaram-se notícias sexual e cultural-políticas reacionárias na Rússia Soviética.

Em junho de 1934, na União Soviética foi reintroduzida a lei contra a homossexualidade. Amontoaram-se boatos sobre perseguições de homossexuais. Os reformadores austríacos e alemães durante decênio e meio, em sua luta contra a lei contra a homossexualidade, referiam-se sempre à União Soviética progressista que tinha revogado o castigo da homossexualidade.

Nos últimos anos, o aborto tornou-se cada vez mais difícil para as mulheres em sua primeira ou segunda gestação, e o aborto em geral passou a ser cada vez mais combatido. O movimento alemão em prol do controle da natalidade apoiou-se firmemente na atitude soviética com respeito ao controle de natalidade na sua luta contra a reação política (ver a campanha Wolf-Kienle em 1932). Agora, cada vez mais freqüentemente ouvimos os adversários da liberação do aborto afirmarem, triunfantemente, que a União Soviética está também abandonando a sua atitude anterior.

Na Alemanha, a *Verlag für Sexualpolitik*, com a cooperação de diversas organizações da juventude, editou meu livro *Der sexuelle Kampf der Jugend*, a fim de desenvolver nesse campo um ponto de vista e uma prática. No trabalho com a juventude nos referimos à liberdade que a União Soviética tinha aberto à juventude no campo sexual. O Partido Comunista da Alemanha em 1932 proibiu a divulgação do livro; um ano mais tarde, os nazistas o colocaram no índice. Ouvimos que na União Soviética a juventude trava árdua luta contra médicos velhos e diversos altos funcionários do Governo que cada vez mais retornam à velha teoria do ascetismo. Não mais podemos referir-nos à liberdade sexual da juventude soviética e vemos confusão e contradições na juventude da Europa ocidental que não compreende isso.

Lemos e ouvimos dizer que na União Soviética a família compulsória está novamente sendo prestigiada e "fortificada". Como nos consta, ao escrevermos estas linhas, pretende-se revogar novamente a regulamentação matrimonial estabelecida em 1918. Na luta contra as leis compulsórias de casamento sempre e com êxito nos apoiamos na legislação matrimonial soviética. Pudemos ver confirmada a declaração de Marx de que a revolução social "revoga a família compulsória" e tivemos um trabalho árduo para explicar à gente presa à família a necessidade e utilidade desse processo. Hoje triunfa a política familiar reacionária: "Está vendo, as suas teorias são um fiasco. Até mesmo a União Soviética desiste da utopia da destruição da família autoritária. A família compulsória é e permanece sendo o fundamento da sociedade e do Estado."

Lemos e ouvimos dizer que, por motivo da questão do abandono, novamente se entrega aos pais a responsabilidade da educação dos filhos. Em nosso trabalho pedagógico e cultural, partimos do fato de que na União Soviética se retirara dos pais o poder sobre os filhos e de que a sociedade coletivamente se encarregava da educação das crianças. A coletivização da educação das crianças para nós estava estabelecida como um processo fundamental da sociedade socialista. Cada trabalhador progressista, cada mãe lúcida, reconhecia e endossava essa orientação do soviétismo. Lutamos sempre contra o instinto de posse e prepotência das mães perante os filhos, utilizamos todo o saber para mostrar às mães que seus filhos não lhes eram "tomados", mas que a educação social dos filhos lhes poupava os encargos e preocupações. Obtivemos êxito. Agora a reação política na

pedagogia pode dizer: "Está vendo, mesmo na União Soviética desistiram dessa bobagem, e o direito natural e o poder eterno dos pais sobre os filhos está sendo restabelecido."

Recomendo ao leitor conseguir o trabalho russo de Jessipov Goncharov *I Want to be Like Stalin* (1947) ("Quero ser como Stalin"). Este trabalho foi editado pelo Comissariado da Educação russo, *oficialmente*, pois. Representa o abuso mais infame do caráter infantil para fins de poder que em 30 anos de trabalho psiquiátrico já encontrei.

Nas escolas soviéticas, o Plano Dalton há muito tempo foi relaxado, ouvimos que os métodos de ensino se tornam cada vez mais autoritários. Em nossas lutas pedagógicas em prol da auto-administração das crianças e da destruição da forma escolar autoritária, de há muito já não nos podemos apoiar mais na União Soviética.

Em nossas lutas por uma educação sexual racional de crianças e jovens sempre nos referimos aos êxitos na União Soviética. Mas há anos que nada mais ouvimos sobre isso, a não ser que a ideologia do ascetismo assume formas cada vez mais vigorosas.

Temos, portanto, que constatar um *refreamento da revolução sexual soviética*; mais que isso, um *regresso às formas morais autoritárias* de regulamentação da vida amorosa dos seres humanos.

De diversas partes nos informam que na União Soviética a reação sexual constantemente ganha campo, que os círculos progressistas não sabem explicar os acontecimentos; que se procura ver claro e não se consegue e por isso se fica inativo e incapacitado ante os avanços da reação. Tanto a confusão dentro da União Soviética, como fora dela, coloca pois a questão da política sexual soviética na ordem do dia. Que aconteceu? Por que a reação sexual conquista terreno? Por que fracassou a revolução sexual? Que é que se deve fazer? São essas as questões que preocupam hoje cada educador e sexologista e que também deveriam interessar a todo aquele que se dedica à Economia Política.

O argumento de que a reação política poderia perturbar um tratamento franco dessa questão não vale.

Em primeiro lugar, a reação política nunca se pode colocar na posição da política sexual científica *contra* as medidas atuais na União Soviética. Pelo contrário: ela *triumfa* sobre essas medidas.

Em segundo lugar, o esclarecimento da questão nos movimentos operários europeus e americanos é mais importante do que o prestígio problemático. A confusão é prejudicial. Na França, *L'Humanité* já proclamou a salvação da "raça" e da "família francesa". As medidas reacionárias soviéticas são conhecidas hoje em todo o mundo e não podem ser negadas.

O retrocesso no campo sexual na União Soviética está ligado a questões gerais do desenvolvimento revolucionário da cultura. Sabemos que a direção para o autogoverno da vida social em favor da direção autoritária da sociedade cedeu. Apenas o retrocesso se reflete melhor no campo sexual e aqui pode ser concebido de forma mais nítida. Não sem razão. O processo sexual da sociedade sempre tem sido o cerne do seu processo cultural. Isso podemos ver tão claramente na política familiar do fascismo quanto na sociedade primitiva na transição do matriarcado para o patriarcado. No comunismo, juntamente com a reviravolta econômica nos primeiros anos, processava-se uma revolução na vida sexual. Essa revolução sexual era a expressão objetiva da reconstrução revolucionária da cultura. Sem o processo sexual na União Soviética, o seu processo cultural não pode ser compreendido.

É catastrófico quando líderes de um movimento revolucionário procuram defender pontos de vista reacionários, arquiburgueses, chamando de "pequeno-burguês" o revolucionário sexual. O retrocesso ao "Kitsch" em diversas formas é apenas a expressão de que a arrancada *para a frente* malogrou. A relação entre o refreamento da revolução sexual e o retrocesso político-cultural pode

apenas ser imaginada aqui. Talvez seja possível conseguir dentro de pouco tempo o material necessário para o esclarecimento da questão geral da cultura. No entanto, será mais útil tratar do seu âmago em primeiro lugar, em vez de tratar do problema geral da cultura sem um conhecimento de sua base humanamente estrutural — fazendo assim confusão.

CAPITULO 1

A "ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA"

A revolução sexual na União Soviética começou com a dissolução da família. Ela se desfez radicalmente em todos os círculos da população, aqui mais, ali menos rapidamente. Esse processo foi doloroso e caótico; causou terror e confusão. Forneceu uma prova objetiva, inteiramente válida, para a veracidade da teoria sexual-econômica sobre a natureza e a função da família compulsória: a família patriarcal é a fonte de reprodução, estrutural e ideológica, de todas as ordens sociais que se baseiam no princípio da autoridade. Com a abolição deste princípio, a situação da família tinha de ser também automaticamente abalada.

A desintegração da família compulsória é uma prova de que as necessidades sexuais dos homens arrebentam as algemas que lhes são impostas em virtude da ligação familiar econômica e autoritária. *Realiza-se a separação entre a economia e a sexualidade.* Se antes, no patriarcado, a necessidade sexual se encontrava a serviço e portanto sob compulsão dos interesses econômicos de uma minoria; no matriarcado comunista primitivo, a economia se encontrava a serviço da satisfação das necessidades da sociedade em geral (também da *sexual*); portanto, a genuína revolução social visa inequivocamente colocar a economia novamente a serviço da satisfação das necessidades de todos os que trabalham produtivamente. Essa reversão da situação na relação entre necessidades e economia é um dos pontos-chave da revolução social. Somente por esse processo geral é possível compreender a desintegração da família compulsória. Realizar-se-ia rápida e radicalmente, se nada mais entrasse em jogo do que a carga que significa a ligação econômica familiar para os membros da família e a torção das necessidades sexuais algemadas por ela. O problema não consiste apenas em saber por que a família se desintegra; os motivos para isso são evidentes. Muito mais difícil é responder por que é que a desintegração da família é psiquicamente mais dolorosa do que qualquer outra reviravolta. A desapropriação dos meios de produção somente causa dor aos seus anteriores proprietários, mas não à massa, aos adeptos da revolução. Mas a abolição da família atinge justamente aqueles que deverão efetuar a reviravolta econômica: os operários, empregados, camponeses. Justamente aqui é que se revela a função conservadora dos laços familiares mais nitidamente. Pelos sentimentos familiares enormemente intensos é que um refreamento age justamente sobre o próprio adepto da revolução. Seu apego à mulher e aos filhos, seu amor ao lar, quando o possui, por mais miserável que seja esse lar, seu apego à rotina etc., tudo isso o impede, mais ou menos, quando deve realizar o ato principal da revolução, a reestruturação do homem. Assim como no desenvolvimento da ditadura fascista na Alemanha, por exemplo, a ligação familiar agiu como freio da força revolucionária (o que capacitou Hitler a iniciar a construção da ideologia nacionalista imperialista sobre a base sólida dessas ligações), assim também a ligação familiar age como freio sobre a *modificação* da vida tencionada. Surge forte contradição entre a deterioração das bases da família, por um lado, e a estrutura familiar antiga do homem, não tão breve e rapidamente transformável, por outro lado, que quer preservar a família de acordo com sentimentos, aliás mais freqüentemente de modo inconsciente. A substituição da forma familiar patriarcal pela coletiva operária representa indubitavelmente o cerne do problema cultural revolucionário. Ninguém deve-se impressionar com aqueles que gritam geralmente muito alto: "Devemos ser independentes da família"! Freqüentemente, aqueles que mais alto exigem a destruição da família são os que mais fortemente de maneira inconsciente se acham ligados à sua infância familiar. Tais indivíduos não estão aptos a resolver o mais difícil de todos os problemas, isto é, o de substituir a ligação familiar por ligações sociais, teórica e praticamente. Ora, se não se consegue assegurar, juntamente com o estabelecimento da sociedade autogovernada, trabalhista-democrática, o seu enraizamento estrutural na estrutura psíquica do homem, se o sentimento familiar fica preservado pelo tempo, necessariamente terá que aparecer uma brecha cada vez maior entre o desenvolvimento econômico e

o da estrutura da massa, isto é, cultural da sociedade trabalhista-democrática. A reviravolta na superestrutura cultural deixa de realizar-se porque o elemento que contém e mantém essa reviravolta, a *estrutura psíquica do homem*, não foi modificado *qualitativamente* junto com ela.

Em *Fragen des Alltagslebens* de Trotski (págs. 53-60) encontramos material abundante quanto ao processo de deterioração da família nos anos de 1919-1920. Os seguintes fatos foram constatados:

A família, inclusive a proletária, começou a "desintegrar-se". Esse fato foi considerado estabelecido pelos agitadores de Moscou em uma conferência, não sendo contestado por pessoa alguma. Durante a conferência, foi interpretado de diversas maneiras: "por uns, algo preocupadamente; por outros, reticentemente; por outros ainda, indecisamente". Para todos estava claro que se achavam diante de "um enorme processo muito caótico, assumindo logo formas trágicas", que "ainda não podia revelar as possibilidades nele contidas de uma nova e mais elevada ordem familiar". Alusões à desintegração da família também chegaram à imprensa "se bem que extremamente raras e de forma generalizada". Muitos acreditavam que se devia enxergar na desintegração da família operária a vinda à luz da "influência burguesa sobre o proletariado". Muitos outros consideravam essa explicação como falsa. A coisa, achavam eles, era mais profunda e complicada. Naturalmente que existia uma influência do passado burguês e do presente burguês. Mas o processo principal devia ser procurado na própria "evolução da família. proletária" patológica e crítica; estando-se assistindo às primeiras etapas extremamente caóticas desse processo.

No campo da vida familiar, o primeiro período de desintegração achava-se ainda longe de estar completo; a deterioração e a desintegração ainda estavam em plena evolução. A vida cotidiana era muito mais conservadora do que a economia, entre outras coisas porque era reconhecida muito mais inconscientemente do que esta.

Ainda foi constatado que a desintegração da velha família não se limitava à camada superior da classe, que estava mais exposta à influência das novas condições, mas que se estendia além da guarda avançada. No fim de contas, a opinião geral era que a guarda avançada apenas passava por aquilo, em forma mais vigorosa e mais cedo, que para a classe como um todo era mais ou menos inevitável.

O marido e a mulher eram cada vez mais absorvidos pelas funções públicas; assim ficava destruída a exigência da família aos seus componentes. As crianças em desenvolvimento foram para as organizações coletivas. Surgiu assim *uma concorrência entre laços familiares e sociais*. No entanto, as ligações sociais eram novas, jovens, recém-nascidas, ao passo que as familiares se encontravam em cada detalhe da vida cotidiana, em cada exteriorização da estrutura psíquica. O vácuo psíquico das relações sexuais na maioria dos matrimônios não podia concorrer com as novas relações sexuais alegres da vida nas organizações coletivas. E tudo isso com base na eliminação progressiva do laço principal da família, do poder material do pai sobre a mulher e os filhos. A ligação econômica rompeu-se e com ela a inibição sexual. No entanto, isso ainda não significava "liberdade sexual". A liberdade *exterior* para a felicidade sexual ainda não é a própria felicidade sexual. É necessária, acima de tudo, a faculdade psíquica de criá-la e desfrutá-la. No entanto, dentro da família entraram na maioria das vezes, em lugar das necessidades genitais, as dependências pueris ou costumes sexuais doentios. Necessidades dotadas de toda a força de energia sexual, mas que destruíam qualquer capacidade de experiência orgástica biologicamente normal. Os membros da família se odiavam mutuamente, consciente ou inconscientemente, e abafavam o ódio com um amor espasmódico e uma dependência aderente, que mal disfarçava a sua origem de ódio reprimido. No primeiro plano das dificuldades, encontrava-se a incapacidade das mulheres — gênito-sexualmente aleijadas e despreparadas para a independência econômica — para a renúncia à proteção da escravidão familiar e a satisfação substituta no domínio sobre as crianças. A mulher, cuja vida toda era sexualmente vazia e economicamente dependente, fazia da criação dos filhos o sentido, de sua vida. Qualquer limitação dessa relação, mesmo favorável às crianças, ela sentia como grave prejuízo e ela sabia defender-se vigorosamente contra isso. Essa defesa é eminentemente compreensível; era

preciso levá-la em conta. Do romance *Nova Terra*, de Gladkow, depreende-se insofismavelmente que a luta pela construção da organização coletiva não encontra dificuldade que se possa comparar mesmo aproximadamente com a luta das mulheres por lar, família e filhos. A coletivização da vida realizou-se inicialmente de cima com decretos e auxílio à juventude revolucionária rompendo as algemas da autoridade paterna. No entanto, as inibições da ligação familiar agiam em cada passo que o membro médio da massa queria dar em direção à coletivização, em primeiro lugar na forma da própria dependência e nostalgia familiar.

Todas essas dificuldades e conflitos que surgiam na vida cotidiana não chegavam a corresponder a uma situação "caótica", "fortuita", que se tivesse originado da "ignorância" ou "indecência" dos homens; ao contrário, originavam-se de completo acordo com a lei que rege a relação entre as formas sexuais e as formas de organização social.

Na sociedade primitiva, que tem uma estrutura coletiva e "comunista original", a unidade do clã é a soma de parentes consangüíneos originários da mesma trisavó. Dentro desse clã, que ao mesmo tempo representa a unidade econômica, somente existem os laços frouxos do acasalamento. Na medida em que, por reviravoltas econômicas, os clãs ficam sujeitos à família potencialmente patriarcal do chefe, também começa a destruição do clã. Família e clã entram em antagonismo. A família então progressivamente se torna a unidade econômica em lugar do clã, surgindo assim a origem social do patriarcado. O chefe da organização matriarcal do clã que originalmente não se encontrava em antagonismo com a sociedade do clã, torna-se paulatinamente o patriarca da família, adquirindo assim preponderância econômica e progressivamente torna-se o patriarca de toda a tribo. Origina-se, provavelmente, pela primeira vez, uma diferença de classe entre a família do chefe e os clãs inferiores da tribo.

As primeiras classes foram, pois, a família do chefe, de um lado, os gentios, do outro lado.

No desenvolvimento do matriarcado para o patriarcado, que assim se inicia, a família adquire, ao lado de sua função econômica, a função mais importante de mudar a estrutura do homem, transformando-o de membro livre do clã em membro oprimido da família. Na grande família indiana de hoje é que essa função se destaca mais claramente. Diferenciando-se do clã, a família torna-se não somente a organização original da relação de classe, mas também da opressão social dentro e fora dos seus limites. O "homem de família", que agora surge, começa a reproduzir a incipiente organização de classe da sociedade pela modificação de sua estrutura. O mecanismo medular dessa reprodução é a mudança da afirmação sexual em repressão sexual; a sua base é o domínio econômico do chefe.

Vamos resumir a natureza dessa mudança psíquica rapidamente. Em lugar de relação livre voluntária, suportada apenas por interesses comuns de vida, do clã e dos companheiros, surge um conflito entre interesses econômicos e interesses sexuais. Em lugar da prestação voluntária de serviços, surgem a exigência dos mesmos e a rebelião contra eles; em lugar da sociabilidade sexual natural, surge a exigência moral; em lugar de combatividade entre camaradas, o poder autoritário; em lugar da união amorosa feliz e voluntária, a "obrigação psíquica"; em lugar da solidariedade do clã, a ligação familiar juntamente com a rebelião contra a mesma; em lugar da vida sexual-economicamente ordenada, a limitação genital e com ela, pela primeira vez, as doenças psíquicas e as perversões sexuais. O organismo naturalmente forte, autoconfiante e biológico se torna indefeso, dependente e temente a Deus; a experiência orgástica natural dá lugar à êxtase mística, à "experiência religiosa" posterior e nostalgia vegetativa inextinguível; o ego enfraquecido de cada indivíduo procura fortalecimento no apoio e na identificação com a tribo, que paulatinamente se vai tornando "nação", com o chefe da tribo, que paulatinamente se torna patriarca da tribo e finalmente rei. O nascimento da estrutura dos súditos está completo; o enraizamento da subjugação humana está assegurado.

A revolução social na União Soviética em suas primeiras fases nos revela a renovada reversão deste processo: o restabelecimento das condições comunistas originais num plano mais alto, civilizado; *a mudança da negação sexual em afirmação sexual.*

De acordo com as constatações de Marx, desenvolvidas no *Manifesto Comunista*, uma das tarefas principais da revolução social é a abolição da família.¹⁶ Aquilo que se depreendeu aqui teoricamente do processo da sociedade foi mais tarde confirmado pelo desenvolvimento da organização social na União Soviética: No lugar da família começou a colocar-se uma organização que tinha certas semelhanças com o velho clã da sociedade primitiva: a *organização coletiva socialista* na fábrica, na escola, no *kolkhoz* etc. A diferença entre o clã dos tempos primitivos e a organização coletiva do comunismo é que aquela se fundamentava na consangüinidade e como tal se tornava uma unidade econômica; a organização coletiva socialista, entretanto, não consiste em pessoas aparentadas e consangüíneas, e baseia-se em funções econômicas comuns; surge como unidade econômica e leva, necessariamente, ao estabelecimento de relações pessoais que também a identificam como organização coletiva sexual. *Tal como na sociedade primitiva a família destruiu o clã, assim também a organização coletiva econômica no comunismo destrói a família*, que já começava a esboroar-se na crise do capitalismo. O processo se reverte. Quando a família é preservada ideológica ou estruturalmente, a organização coletiva é refreada em seu desenvolvimento; se não consegue superar o refreamento, destrói-se a si mesma nas fronteiras da estrutura familiar dos homens, como por exemplo nas comunas da juventude (ver cap. V mais adiante) . O processo no início do desenvolvimento comunista pode ser caracterizado como um *conflito entre a organização coletiva econômica e a tendência, a ela inerente, sexualmente afirmativa para a independência sexual, por um lado, e a estrutura familiar-individualista, sexualmente temerosa dos indivíduos, pelo outro.*

¹⁶ "Que a abolição da economia separada não pode ser separada da abolição da família, compreende-se por si mesmo." (1ª Parte.)

CAPITULO II

A REVOLUÇÃO SEXUAL

1. LEGISLAÇÃO DE TENDÊNCIA PROGRESSISTA

O direito sexual soviético era a expressão mais nítida da primeira arremetida da revolução sexual contra a ordem sexual negativa. Na lei, a maior parte da tradição foi literalmente colocada de cabeça para baixo. Ficará demonstrado que, onde essa mudança não foi feita radicalmente, a reação sexual mais tarde novamente fincou pé, assim, por exemplo, em lacunas da legislação matrimonial, nas leis de aborto etc. A fim de melhor compreender o contraste integral entre a regulamentação sexual *moral* e a *sexual-econômica*, é necessário contrapor à legislação da revolução a anterior, czarista. É desnecessário provar aqui exaustivamente que as leis liberalistas e "democráticas" sexuais, em princípio, em nada, e com relação ao grau da subjugação sexual apenas em medida muito reduzida, se distinguem das leis sexuais czaristas. As medidas regulamentadoras sexual-moral-autoritárias no fundo sempre permanecem as mesmas. É necessário e importante salientar isso porque temos que enfrentar o princípio que afirma que as medidas soviéticas somente colocam outra ordem autoritária em lugar da capitalista, que, pois, por exemplo, a lei matrimonial soviética é apenas uma revogação da subjugação, e não uma regulamentação, em princípio, *completamente diferente* em sua essência. Justamente a natureza dessa outra espécie de "ordem" é o problema da economia sexual.

Vejamos primeiro um trecho da legislação czarista:

Art. 106: O marido é obrigado a amar a mulher como o próprio corpo dele, a viver com ela em harmonia, honrá-la e assisti-la durante as enfermidades. É obrigado a prover o *sustento* da mulher de acordo com a sua situação e capacidade.

Art. 107: A mulher é obrigada a obedecer ao marido como chefe da família, permanecer ao seu lado com amor, respeito e obediência ilimitada, prestando-lhe todo e qualquer favor e solidariedade como dona de casa.

Art. 164: *Os direitos dos pais*: O poder dos pais se estende aos filhos de ambos os sexos e de qualquer idade...

Art. 165: Cabe aos pais o direito, a fim de melhorar os filhos recalcitrantes e desobedientes, adotar medidas corretivas em casa. No caso de um fracasso desses meios, os pais têm o direito de:

1) mandar prender os filhos de qualquer sexo, que não *se* encontrem no serviço público, por desobediência voluntária ao pátrio poder, por comportamento indecente e outros vícios evidentes...

2) mover processos contra eles em tribunais de justiça. Pela desobediência voluntária ao pátrio poder, por comportamento indecente e outros vícios evidentes, os filhos estão sujeitos, a pedido dos pais e sem investigação judicial especial, à pena de prisão de 2 a 4 meses. *Nesse* caso, cabe aos pais o direito de encurtar ou de suspender essa pena de prisão, se assim o entenderem.

Procuremos conseguir uma impressão de como se exprime aqui a regulamentação moral autoritária: Os esposos se encontram sob a obrigação de uma compulsão moral, legalmente assegurada. O homem *tem* de amar a mulher, quer possa, quer não, quer queira, quer não, mais tarde; a mulher *tem* de ser dona de casa submissa; a modificação de uma situação que se tornou desolada é impossível. A lei encarrega, por assim dizer, diretamente os pais de usar sobre as crianças o poder a eles conferido justamente para o fim de atender integralmente aos interesses do poder estatal autoritário: por "desobediência involuntária ao pátrio poder" (que é idêntico ao poder estatal), para

assegurar a estrutura de súditos; por "comportamento indecente e outros vícios evidentes", a fim de assegurar também os *meios* mais importantes dessa segurança. Em face de tais confissões óbvias, inocentemente francas da ordem patriarcal-estatal, é simplesmente inconcebível quão pouca compreensão tem o movimento revolucionário com respeito à subjugação e repressão sexual como *meio* principal da submissão humana. A economia sexual não precisou começar por desvendar o conteúdo e os mecanismos da subjugação de qualquer espécie; eles estavam obviamente visíveis em cada legislação, bem como em cada fenômeno cultural do patriarcado. O problema aqui é porque *não* se vê isso, porque *não* se utilizam as poderosas armas que fornece tal desvendamento. A lei sexual czarista, bem como qualquer outra lei sexual reacionária, abertamente exprime o ponto de vista da economia sexual a esse respeito: *o fim da ordem moral autoritária é a subjugação sexual*. Onde quer que se encontrem regulamentação moral e seu meio principal, sujeição ou repressão sexual, não se pode falar em liberdade real.

A importância que a revolução social atribuiu à sexual é evidenciada pelo fato de que já em 19 e 20 de dezembro de 1917 foram baixados por Lênin dois decretos que em sua natureza revogaram todas as disposições até então existentes. Um decreto era intitulado: "Da *dissolução* do matrimônio"; seu conteúdo não era tão inequívoco como seu título. O segundo decreto chamava-se: "Do casamento civil, dos filhos e do registro do estado civil". Ambas as leis privavam o marido do direito de chefia na família, davam à mulher autodeterminação integral material e também sexual, declaravam natural que uma mulher pudesse determinar livremente nome, domicílio e cidadania. Com a simples legislação, como qualquer mente esclarecida sabia, foi assegurada *externamente* a liberdade de desenvolvimento a um processo que ainda estava para se realizar, dando-lhe certa forma ideológica. O fato de que a lei revolucionária exprimia inequivocamente a revogação do poder patriarcal se compreendia por si mesmo. Com a retirada do poder da classe até então dominante e do seu aparelho estatal de repressão, também caiu naturalmente o poder do pai sobre os membros da família, bem como a representação do Estado *dentro* da família compulsória como célula de formação estrutural da sociedade de classes. Se se tivesse reconhecido claramente e manejado praticamente essa interligação lógica e naturalmente necessária entre Estado autoritário e família patriarcal como seu centro de reprodução estrutural, ter-se-iam poupado à revolução muitas discussões inúteis e fracassos, e, ainda mais, também o seu retrocesso perigoso. Antes de mais nada, ter-se-ia sabido enfrentar os representantes da velha ideologia e moral, que aos poucos começavam a reunir suas forças, adotando-se as palavras e medidas certas. Eles se encontravam nas posições mais elevadas, sem que o movimento revolucionário desconfiasse do mal que estavam fazendo.

A dissolução do casamento compulsório, de acordo com a tendência geral do sistema soviético de simplificação da vida, ficou extremamente facilitada. Uma ligação sexual que ainda se chamava de "matrimonial" podia ser desfeita tão facilmente como tinha sido feita. O que importava era simplesmente o "livre arbítrio" dos parceiros. Nenhum podia obrigar o outro a uma relação que contradizia a sua "espontânea vontade". Assim, pois, não era mais o Estado que decidia sobre a relação entre os parceiros, mas a livre deliberação destes. Tornava-se sem sentido exigir motivos para divórcio. Quando um parceiro queria sair de uma comunhão sexual, não tinha que fundamentar isso. Matrimônio e divórcio tornaram-se assuntos inteiramente particulares, e um "princípio de culpa" ou de "deterioração" tornava-se "completamente estranho" à lei soviética (Batkis).

O registro de uma relação era livre. Relações sexuais estranhas de um dos dois parceiros, também quando havia registro, "não eram perseguidas". No entanto, a não-comunicação de uma segunda relação ao parceiro era considerada "fraude". A obrigação de pagar alimentos originalmente era considerada somente "medida de transição". Tal obrigação durava seis meses depois da separação e valia somente no caso do parceiro ser incapaz de trabalhar ou estar desempregado. O fato da obrigação de pagar alimentos ter de apresentar um caráter apenas transitório é facilmente compreendido pela tendência soviética para o estabelecimento da independência econômica integral de todos os membros da sociedade. Nos primeiros anos da revolução, essa obrigação apenas tinha a função de ajudar a superar as primeiras dificuldades, que estavam no caminho dos reais propósitos da

ordem social em direção à independência pessoal e econômica completa. A família somente tinha sido revogada legalmente, mas não na realidade. Pois enquanto a sociedade não pode assegurar a todos os adultos e indivíduos em desenvolvimento o sustento, prevalece a função da família, como representante da sociedade, de prover e garantir a segurança social dos membros dessa família. Portanto, o registro bem como os alimentos eram considerados apenas disposições transitórias. Quando alguém vivia tempo prolongado num matrimônio registrado, provendo o sustento de sua família, originava-se prejuízo para sua família se ele assumia novos encargos. Se então o homem em questão não notificasse sua primeira mulher da sua nova relação, indubitavelmente cometia fraude contra ela. Essa situação familiar, portanto, representava um refreamento, e conseqüentemente uma contradição com o sentido da lei soviética, que assegurava liberdade pessoal expressa, mesmo em relação a diversos parceiros.

Reconhecemos nisso pela primeira vez uma contradição real entre a ideologia soviética de liberdade, que na lei matrimonial antecipava a liberdade sexual futura e almejada, e as condições reais de vida familiar. A obrigação de pagar alimentos e o interesse da mulher *ainda não* emancipada nesta contrapunham-se à liberdade almejada. Tais contradições encontraremos mais adiante em profusão. No entanto, aqui não importa que tenham existido contradições, mas apenas *de que maneira* foram solucionadas e se a solução se encontrava na direção do alvo original da liberdade ou do refreamento.

Assim, a lei soviética apresenta nitidamente elementos que, por um lado, pressupõem a situação final almejada, mas, pelo outro lado, elementos que levam em conta o período de transição. Somente quando se acompanha desde o princípio o andamento dinâmico dessas contradições entre meta almejada e situação real momentânea é que se desvenda o enigma do refreamento da revolução sexual, que mais tarde se tornou cada vez mais evidente, na União Soviética.

Freqüentemente apela-se para Lênin a fim de encontrar-se apoio para atitudes reacionárias culturais e sexuais; é, portanto, útil lembrar quão claramente Lênin viu que a legislação nada mais era que um começo; um começo da revolução sexual e conseqüentemente da revolução cultural.

A discussão sobre a "nova ordem da vida pessoal e cultural" do chamado "Novij Byt", entre a população, durou anos. As pessoas mostravam um entusiasmo e uma atividade como somente podem ser apresentados por gente que acabava de se libertar de pesadas algemas e elas reconheciam claramente que tinham de reconstruir suas vidas completamente de novo. Essas discussões sobre a "questão sexual" começaram no princípio da revolução, e cresceram cada vez mais, até que finalmente morreram. *Por que* morreram, dando lugar ao retrocesso, é justamente o que este trabalho procurará explicar. É significativo que no ano de 1925, quando depois do relatório de Fanina Halle a discussão sobre a revolução sexual atingia seu ponto culminante, o então comissário do povo Kurskij teve que apresentar um novo projeto de organização matrimonial com as palavras de Lênin:

Certamente, somente leis não bastam, e de modo algum nos daremos por satisfeitos com decretos apenas. No entanto, no campo da legislação, já realizamos tudo o que se requeria de nós a fim de equiparar a situação da mulher à do homem, e temos o direito de orgulhar-nos disso: a situação da mulher é hoje de tal natureza que, mesmo do ponto de vista de Estados adiantados, poderá ser designada virtualmente de ideal. Apesar disso, dizemos a nós mesmos que isso naturalmente é apenas iam começo.

"Começo" *de quê?* Quando se acompanha a discussão que então exaltaram os ânimos de todos os círculos da população, pode-se constatar que os conservadores dispunham de todo o tesouro de velhos argumentos e "provas", ao passo que os revolucionários, se bem que sentissem exatamente que no lugar do "velho" tinha que colocar-se algo "novo", não sabiam emprestar a esse "novo" palavras, não conseguiam dar-lhe expressão conveniente. Lutavam valente e resolutamente, mas finalmente se cansaram e fracassaram na discussão, porque tinham que forjar primeiro suas próprias armas penosamente, tinham que procurar seus argumentos na vida espumante da revolução; porque,

finalmente, eles próprios em parte eram prisioneiros das velhas concepções, que os abraçavam como plantas enredadas ao nadador.

Qualquer esforço de desvendar as contradições da revolução cultural soviética seria vão se não fosse possível compreender esta, que é a mais trágica de todas as lutas revolucionárias pelo novo, de maneira que se possa enfrentar a reação sexual melhor armado quando finalmente a sociedade reconquistar a consciência da própria existência e quiser empreender a nova organização de sua vida.

Na União Soviética, o povo não estava preparado nem teórica nem praticamente para as dificuldades que a reestruturação da vida cultural trouxe consigo. Procurando obter um panorama dessas dificuldades verificamos que em parte resultaram do desconhecimento fático da estrutura psíquica profunda do povo, herdada do patriarcado czarista, em parte das dificuldades de transição da revolução. Vamos contrapor aquilo que foi inequivocamente exigido e dado no sentido dos propósitos revolucionários àquilo que exprimia inseguranças e mais tarde forçou à retirada.

2. OS OPERÁRIOS PREVINEM

Geralmente acredita-se que a parte essencial da revolução sexual soviética foram as modificações introduzidas na *legislação*. Mas apenas devemos atribuir importância social a uma modificação legal ou então apenas exteriormente formal quando de fato "atinge as massas", isto é, modifica a sua *estrutura* psíquica. Somente dessa maneira uma ideologia ou um programa poderá tornar-se uma força historicamente válida: somente se produz uma modificação *profunda* no sentimento e na vida impulsiva da massa. Pois o muito citado e pouco compreendido "fator subjetivo da história" é apenas a estrutura psíquica das massas; é o que determina o desenvolvimento da sociedade, quer esta tolere passivamente o arbítrio e a subjugação, quer ela se adapte aos processos de desenvolvimento técnico introduzidos pelos poderes dominantes, quer, finalmente, intervenha ativamente no andamento do desenvolvimento social, como, por exemplo, na revolução. Nenhum conceito de desenvolvimento histórico, portanto, pode ser chamado de revolucionário se aceita o estado psíquico das massas apenas como resultado de acontecimentos econômicos, e não também como sua força motriz.

Desse ponto de vista, portanto, não se pode julgar a *ação* da revolução sexual soviética pelas leis que foram baixadas (as quais apenas atestam o então reinante espírito revolucionário da *liderança* bolchevista), mas pelos abalos revolucionários que as massas do povo russo experimentaram depois da introdução dessas leis e no resultado dessa pugna pela "vida nova".

Como reagiram as massas sexual-politicamente às modificações legislativas? Como reagiram os funcionários mais baixos do partido, que estavam em contato íntimo com as massas? Qual a atitude assumida posteriormente pela liderança?

Vejamos a seguir um relato de Alexandra Kollontay, que já há muito tempo se preocupava com as palpitantes questões da crise sexual:

Quanto mais *se* prolonga a crise (sexual), tanto mais assume caráter crônico, tanto mais embaraçada e difícil se mostra a situação dos contemporâneos e com tanto maior exasperação a humanidade se atira à solução da questão maldita (!?). Mas a cada nova tentativa de desembaraçar o novelo emaranhado do problema sexual, as inter-relações se tornam ainda mais embaraçadas, e é como *se* não se pudesse reconhecer o único caminho no qual finalmente se conseguisse dominar o novelo recalitrante. A humanidade assustada cai de um extremo para outro, mas o círculo encantado da questão sexual, antes como depois, permanece fechado... Agora a crise sexual não poupou nem mesmo os camponeses. Tal como uma doença infecciosa, que não respeita título nem posição, invade castelos e palácios como também míseros casebres dos operários, penetra em lares pacíficos e

também avassala a atrasada aldeia russa... Contra a crise sexual não há fechadura nem tranca. Seria erro enorme supor que *nessa* rede estejam presos apenas os representantes das camadas seguras da população. As ondas turvas da crise sexual cada vez com mais frequência insinuam-se pelas soleiras das casas dos trabalhadores e criam aí dramas que em sua pungência e acrimônia não ficam a dever aos conflitos psicológicos do mundo burguês refinado. (*Die neue Moral und die Arbeiterklasse*, págs. 65 e segs.)

A crise da pequena vida particular, sexual, da vida familiar, tinha irrompido. A nova lei matrimonial, a "abolição do matrimônio", apenas eliminou as dificuldades externas. A verdadeira revolução sexual, no entanto, desenrolava-se na vida real. Primeiramente, o próprio fato dos funcionários de uma administração estatal se preocuparem com o problema sexual já significava uma revolução não tão pequena. Mas, em seguida, os funcionários menos graduados se encarregaram dessas questões. Da velha ordem desmoronante, surgiu a princípio apenas o caos. No entanto, os homens simples, sem instrução, que aderiram à revolução, atacaram o monstro valente e destemidamente; os acadêmicos "instruídos" e polidos, ao contrário, faziam "considerações", mostrando não perceber absolutamente nada dos processos históricos que estavam ocorrendo.

Trotsky, num opúsculo *Fragen des Alltagslebens*, chamou a atenção do público soviético, com a cooperação de funcionários moscovitas, para a pequena vida cotidiana. Não que ele apresentasse a questão sexual! Apenas deixou que os funcionários se pronunciassem sobre questões atuais da vida cotidiana. E, como se estes já conhecessem a economia sexual, falaram quase que exclusivamente sobre a "questão familiar". Mas não se tratava da questão legal ou sociológica da família, mas das incertezas e inseguranças sobre a nova organização da vida *sexual*, que até então tinha estado entrosada com a unidade econômica da família e agora, com o esfacelamento desta, apresentava problemas que não existiam antes.

Nos primeiros anos da revolução, os funcionários mais baixos se comportavam de maneira exemplar para qualquer revolução futura. O *início* da revolução sexual (como essência de qualquer revolução cultural) não estava somente na legislação, mas também na maneira de encarar as dificuldades e pôr as perguntas acertadamente. Damos alguns exemplos disso.

O funcionário Kosakow expressou-se como se segue:

Externamente houve uma guinada na vida familiar, isto é, tem-se urna posição mais simples perante a vida familiar. Mas o mal básico não se modificou, quer dizer, para a família não houve alívio em suas preocupações familiares cotidianas, e a predominância de um membro da família sobre os outros continua a existir. As pessoas aspiram à vida oficial e, quando essa aspiração por motivo das misérias familiares não pode ser alcançada, sobrevêm inquietação e doença neurastênica, e quem não pode conformar-se com isso abandona a família ou sofre até tornar-se neurastênico.

Em poucas frases, Kosakow apresentou os seguintes problemas:

1. A situação familiar externamente transformou-se de modo radical, mas, internamente, tudo permaneceu como era.
2. A família atuava como freio para o desenvolvimento revolucionário da vida coletiva.
3. A inibição familiar se exercia de modo prejudicial para a saúde dos membros; isto é, limitava a capacidade de trabalho e a alegria de trabalhar, bem como criava doenças psíquicas.

Os seguintes pronunciamentos revelam o efeito da reviravolta econômica sobre a desintegração progressiva da família.

Kobosew: "A revolução indubitavelmente trouxe uma grande modificação na vida familiar do trabalhador; especialmente quando marido e mulher estão empregados na produção, esta última se considera economicamente independente e acha que tem direitos iguais; por outro lado, são superados preconceitos como aquele de que o homem é o chefe da família etc. A família patriarcal desagrega-se.

Sob a influência da revolução instala-se, tanto na família do operário quanto na do camponês, uma forte ambição para a separação, para a vida independente, logo que a base material da existência se faz sentida."

Kuljickow: "A revolução, indubitavelmente, modificou a vida familiar, as atitudes com respeito à família e até mesmo no comportamento quanto à emancipação da mulher. O homem está acostumado a sentir-se chefe da família... além disso, há ainda a questão religiosa, a negação de necessidades pequeno-burguesas à mulher — mas já que com os meios existentes não se pode realizar muita coisa começam os escândalos. A mulher, por seu lado, faz a exigência de ser mais livre, entregar os filhos a alguém, ir com o marido mais freqüentemente lá onde ele costuma ir. Aqui começam todos os escândalos e cenas imagináveis. Dai o divórcio. *Os comunistas geralmente respondem a tais perguntas dizendo que a família, e especialmente as brigas entre marido e mulher, são assuntos particulares.*"

As dificuldades designadas aqui "questão religiosa" e "negação de necessidades pequeno-burguesas à mulher" podem ser por nós compreendidas, sem hesitação, como exteriorizações do conflito entre os *laços familiares* e os anelos de liberdade sexual. A falta de possibilidades materiais, por exemplo a falta de espaço, tinha que levar a escândalos. A opinião de que "sexualidade é assunto particular" era prejudicial; os membros do Partido Comunista se viam diante da tarefa de lidar com essa revolução na vida pessoal, mas freqüentemente buscavam refúgio na fórmula legal porque não conheciam nenhuma solução para o caso.

Isso o funcionário Markow compreendeu: "Chamo a atenção para o fato de que nos aproximamos de um grande mal no sentido de que interpretamos erroneamente o conceito do "amor livre". O resultado disso foi que os comunistas com esse amor livre puseram uma quantidade de crianças no mundo... Se a guerra nos forneceu uma quantidade imensa de inválidos, a interpretação errônea do amor livre nos proporcionará aleijados ainda mais sérios. *E somos obrigados a dizer francamente que no campo da educação nesse sentido nada fizemos para dar a idéia certa dessa questão à massa dos trabalhadores. E sou inteiramente de opinião que, quando se fizer essa pergunta, seremos incapazes de respondê-la.*"

Nenhuma palavra sobre o fato de que aos comunistas na época faltou a *coragem* para a liquidação dessa questão; ficará patente que a coragem de nada lhes teria adiantado, pois não teriam podido superar as dificuldades com o acervo de conhecimentos recebidos.

Quem, no entanto, encara esses pronunciamentos do ponto de vista do desenvolvimento posterior tem que chegar à conclusão: Na verdade, nunca foi uma sinfonia grandiosa na qual os acordes e temas da frase final já aos primeiros sons ressoam imperceptíveis, como que por acaso. Eram temas que anunciavam uma tragédia.

O funcionário comunista Koljzow preveniu:

Essas perguntas nunca são debatidas, é como se fossem evitadas por algum motivo. Até hoje nunca meditei sobre elas... Presentemente, para mim, elas são perguntas novas. Considero-as importantes no grau mais elevado. Dever-se-ia pensar nelas. Quero dizer que acho que pelas mesmas razões, aliás indeterminadas, não chegam às colunas da imprensa.

E o funcionário Finkowski reconheceu cedo uma parte da natureza do temor sexual:

... Conversas sobre esse tema são iniciadas tão raramente porque tocam a todos perto demais... A meu ver não se iniciaram até agora a fim de não aborrecer ninguém... Todos compreendem que poderia ser criada uma saída da situação em que o Estado assumisse inteiramente a educação e o sustento dos filhos de todos os trabalhadores, que a mulher fosse libertada da cozinha, e assim por diante. Os comunistas referem-se geralmente ao brilhante futuro e evitam assim discutir esses difíceis problemas... Os trabalhadores sabem que nas famílias comunistas as coisas, nesse aspecto, ainda estão piores do que com eles próprios.

Zeitlin provava seu espírito revolucionário quando disse:

Na literatura nem se mencionam os problemas do matrimônio e da família, das relações entre marido e mulher. *No entanto, são justamente estas as questões que interessam aos trabalhadores e às trabalhadoras. Quando fazemos tais questões objetos de nossas reuniões, as trabalhadoras e trabalhadores têm conhecimento disso e lotam a sala.* Além disso, as massas sentem que silenciemos sobre essas questões e, na realidade, de certa forma silenciemos sobre elas. Sei que alguns comentam que o Partido Comunista não tem nem pode ter opinião formada sobre tais assuntos. *E os trabalhadores e trabalhadoras fazem esta pergunta freqüentemente e não encontram resposta para ela.*

Tais opiniões e atitudes de trabalhadores, pessoas que não têm conhecimentos científicos sobre assuntos sexuais, mas tudo o que sabem aprenderam na vida real, significam mais que longos tratados sobre a "Sociologia da Família". Provam que o esfacelamento do poder estatal autoritário libertou uma crítica e maneira de pensar que antes estavam ocultas. Zeitlin nada sabia da economia sexual e descreveu, apesar disso, exatamente o que ela afirma: *O interesse do indivíduo das massas não é político, mas sexual.* Ele constatou a crítica mudai das massas do temor sexual da liderança revolucionária. Constatou acertadamente que a liderança proletária, quando se comportava dessa maneira, aparentemente ainda não tinha opinião formada e fugia ao assunto. E as massas esperavam resposta, justamente *nessa* questão.

Também não faltou crítica à apreciação inanimada, *apenas* histórica, de questões atuais, à incapacidade de manejar de novo uma teoria viva.

Gordon relata que um conferencista, que deveria falar sobre a questão sexual, apenas falou sobre a "Origem da Família", de Engels, sem nada mais acrescentar a isso.

Não quero, naturalmente, dizer que isso é ruim, mas deveria ter-se tirado uma conclusão da obra de Engels com relação ao presente; mas justamente isso não somos capazes de fazer. No entanto, essa questão se tornou extremamente aguda.

Os funcionários, pois, salientavam insistentemente o interesse das massas no esclarecimento sexual e numa nova regulamentação das relações sexuais; exigia-se literatura de esclarecimento boa e barata. Falava-se de "família" e queria dizer-se sexualidade. Sabia-se que o velho estava murcho e carunchoso, mas procurava-se o novo com velhos conceitos, ou, o que era pior, apreendê-lo apenas com informações econômicas. Mostremos como isso devia parecer concretamente. Assim um funcionário em Moscou, Lyssenko, procurou compreender os "fenômenos da rua" que causavam inquietação geral. Observava-se que as crianças "faziam molecagens". Por exemplo, brincavam de "Exército Vermelho"; sentia-se nitidamente o "gosto" do "militarismo", mas apesar disso julgava-se "bom"; ocasionalmente, porém, viam-se outros jogos "diferentes", que eram "piores", isto é, sexuais, e constatava-se admiradamente que ninguém intervinha. Mas quebrava-se a cabeça sobre como seria possível "dirigir as crianças para o caminho certo". O revolucionário se mostrava aqui no instinto certo, que *não* se devia "interferir" nisso; o temor sexual conservador levava a pensamentos inquietantes. Se a maneira de pensar antiga não se tivesse oposto à nova na forma de temor sexual, não se teria desenvolvido a preocupação de como seria possível dirigir as crianças para o caminho "certo", quer dizer assexual, mas ter-se-iam observado essas exteriorizações sexuais das crianças minuciosamente e posto a pergunta de como se devia tratar a sexualidade infantil. Mas, porque a infantilidade não pode ser pensada juntamente com sexualidade, as pessoas ficavam com medo e consideravam as exteriorizações naturais, que provavelmente apareciam grosseiramente por estarem desorganizadas socialmente, uma degeneração. "É preciso saber", dizia-se, "o que dar para ler às crianças, talvez algo sobre cultura física ou outra coisa útil."

Os revolucionários preveniam: "Freqüentemente nos dizem que só falamos de matérias volumosas; *deveríamos antes falar daquilo* que se encontra mais próximo da vida. Temos que tornar a voltar a atenção para as frivolidades da vida." Aplicado concretamente aos jogos infantis, isso queria dizer bem claramente:

1. Devemos ser contra ou a favor desses jogos?

2. A sexualidade da criança é ou não é natural?

3. Como devemos compreender e regulamentar a relação entre a sexualidade infantil e o trabalho?

As comissões de controle estavam preocupadas. Os funcionários procuravam amenizar a situação. "A Comissão de Controle não precisa quebrar a cabeça. O comunista irá e viverá junto com os trabalhadores, exercerá lá a sua atividade, isto é, conservá-los-á no curral. Mas se não vivermos juntos com eles, perderemos o contato com as massas." Mas a tarefa não era somente ter o contato mais íntimo com as massas como comunista, mas também a de utilizar o contato concretamente; conservar as massas no curral já significava que não se sabia o que fazer com as novas exteriorizações da vida, que acabavam de livrar-se das algemas da força autoritária; significava erguer uma nova autoridade em lugar da antiga, no velho sentido. A tarefa, entretanto, era estabelecer uma *nova* autoridade, *a fim de capacitar as massas a ter autonomia*, prepará-la, portanto, para dispensar a vigilância autoritária e constante que se exercia sobre elas.

Os trabalhadores responsáveis se encontravam, sem que o pudessem formular exatamente, diante da decisão: *marchar para a frente e para novas formas de vida ou voltar ao sistema antigo*. Como o Partido Comunista na realidade não tinha formado opinião sobre a revolução sexual, já que com a análise histórica de Engels somente se podia apreender praticamente o fundo social, mas não a *natureza* da reviravolta da vida que se estava realizando, eclodiu uma luta que leva aos olhos de todas as futuras gerações as dores do parto de uma revolução cultural de maneira impressionante.

A princípio, o indivíduo se conformava com a referência à falta de condições puramente econômicas. Mas a atitude: "primeiro as questões econômicas, *depois* as da vida cotidiana" estava errada e era apenas a manifestação do despreparo para as formas aparentemente caóticas da revolução cultural. Frequentemente, chegava a ser uma fuga. Uma sociedade que está sangrando profusamente na miséria e por todas as feridas de uma guerra civil, que não pode implantar cozinhas, lavanderias e jardins de infância públicos, imediatamente e em número suficiente, em primeiro lugar tem que pensar nas condições econômicas mais simples. Essas precondições para uma revolução na cultura, especialmente da vida sexual, foram compreendidas de forma absolutamente correta. Num país de atraso e escravização extrema como a Rússia czarista, em primeiro lugar era *preciso* educar as massas de operários e camponeses para o asseio, escovar os dentes, não praguejar nem cuspir. Mas não se tratava somente de elevar as massas para o nível da cultura dos países altamente capitalistas; esta era apenas a tarefa mais imediata; a prazo mais longo era necessário chegar a uma conclusão mais clara sobre a *qualidade da "nova cultura"*, da socialista, da comunista.

Inicialmente, a culpa não era de ninguém. A revolução tinha, pois, encontrado problemas inesperados, e os meios práticos de lidar com dificuldades tão gigantescas somente poderiam ser encontrados quando as próprias dificuldades chegassem ao seu pleno desenvolvimento e exigissem solução. O desenvolvimento retrógrado é inevitável quando tal evolução não é percebida e apreendida a tempo. Não devemos esquecer: era a *primeira* revolução social bem sucedida. Foi dura a luta pelo reconhecimento de suas pressuposições puramente econômicas e políticas. Mas está claro hoje que a revolução cultural apresentava questões infinitamente mais difíceis do que a política. Nem pode ser de outra forma, pois a revolução política demanda "apenas" uma liderança vigorosa, competente e a confiança das massas. A revolução cultural, no entanto, demanda uma *reconstrução da estrutura das massas*; ela não pode ser feita com números e estatísticas, e seu esclarecimento científico mal existia mesmo em pensamento. Apresentamos aqui alguns aspectos do resultado de 1935:

Em 29 de agosto de 1935 apareceu na *Weltbühne* um artigo alarmante de Louis Fischer sobre o crescimento da ideologia sexual reacionária na União Soviética. O fato de uma revista comunista ter publicado o artigo prova a periculosidade da situação em 1935. O artigo salienta os seguintes fatos:

A juventude não encontra nas moradias superlotadas da cidade espaço para a sua vida amorosa. As moças aprendem que o aborto é prejudicial, perigoso e indesejável. Seria muito melhor ter os filhos. O filme *A Vida Privada de Peter Winogradow* faz propaganda do casamento convencional. "Um filme", escreve Fischer, "que no setor mais conservador de certos Estados conservadores encontraria apoio." *O Pravda* diz: "No país dos soviéticos, a família é uma coisa importante e séria." Louis Fischer acha que os bolchevistas na realidade nunca atacaram a família. Ao contrário, sabiam que a família em certas épocas da história da humanidade não existia, também admitiam teoricamente a dissolução da família, mas nunca a aboliram; pelo contrário, a fortaleceram. O regime que agora não precisa mais temer (!) a má influência dos pais aclama sua "influência moral e cultural necessária", isto é, a função sexualmente repressora da geração adulta exercida sobre a nova.

Um editorial do *Pravda* em 1935 propalava que um mau pai de família não podia ser um bom cidadão soviético. "Tal coisa era inimaginável no ano de 1923", escreve Fischer. "Na União Soviética, apenas o amor puro e orgulhoso e grande pode e deve ser unicamente motivo para casamento." "Quem ainda hoje afirma que é um costume pequeno-burguês interessar-se pela família pertence, ele próprio, à categoria mais baixa dos pequenos-burgueses." Uma proibição de abortar o primeiro filho provavelmente acabaria com muito namoro e promiscuidade, fomentando o "matrimônio sério". Nos últimos meses se multiplicaram nos jornais os artigos de professores e médicos nos quais se falava dos grandes prejuízos. causados ao organismo pelo aborto.

"Quando a imprensa tropeja diariamente contra o aborto, quando essa propaganda é acompanhada de louvores de cerimônias de casamento festivas; quando se acentua a santidade do dever conjugal e se decreta que mães que geram trigêmeos e quadrigêmeos recebem prêmios especiais, quando se escrevem artigos sobre mulheres que nunca recorreram ao aborto e quando se elogia oficialmente uma professora de aldeia de baixo salário, mãe de quatro filhos, porque não recusara um quinto, "apesar de ser difícil alimentar todos eles" — pensa-se em Mussolini", escreve Fischer. "Obteve-se certeza interna e externa e por isso pensa-se que a limitação de natalidade pode ser reduzida Também se lutará contra "relações de verão" baratas. Moças que resistem a instâncias masculinas não mais serão consideradas "conservadoras" ou mesmo "contra-revolucionárias"; "não deverá ser a satisfação de necessidades físicas, mas o amor, a base da família."

Este breve extrato mostra que hoje a *ideologia* sexual dos círculos de liderança importante na União Soviética não é mais diferente da ideologia dos círculos de liderança de qualquer Estado. O regresso à moral sexualmente negativa não pode ser contestado. Permanece apenas duvidoso como se comportará a juventude afrouxada, que já teve liberdade uma vez, e, diante disso, como se comportará o operariado industrial. A ideologia oficial da União Soviética também se fez sentir na Europa ocidental.

Em *L'Humanité* de 31 de outubro de 1935 lemos:

Para a salvação da Família! Ajudem-nos a realizar em 17 de novembro a nossa grande *enquête* no interesse do direito ao amor.

Sabe-se que o número de nascimentos na França decresce com rapidez alarmante... Os comunistas se vêem pois colocados diante de um fato muito sério. O país que eles querem transformar, de acordo com a sua tarefa histórica, o mundo francês, que pretendem colocar no *lugar certo*, corre o perigo de tornar-se mutilado, fenecido, empobrecido de homens.

A malignidade do capitalismo moribundo, a indecência, para a qual dá o exemplo, o egoísmo que desenvolve, a necessidade que cria, a crise que gera, as doenças sociais que propaga, os abortos secretos que provoca, *destroem a família*.

Os comunistas querem lutar para defender a família francesa.

Romperam de uma vez por todas com a tradição pequeno-burguesa — individualista e anarquista — que torna a esterilização em ideal. Querem assumir o poder de um país forte e de uma raça

numerosa. A URSS lhes mostra o caminho. Mas é necessário tomar-se imediatamente medidas para salvar a raça.

No meu livro *Da Infelicidade de Ser Jovem citei as dificuldades que a juventude de hoje tem para fundar um lar e defendi seu direito ao amor.*

O direito ao amor, amor do homem e da mulher, de um pelo outro, amor às crianças, amor aos pais, este deve ser o tema da nova *enquête...* vejo-a apoiada pelas cartas dos nossos leitores, que relatam suas dificuldades, temores e esperanças.

Uma *enquête* que examinará os meios para salvar a família francesa, dando-se à maternidade, à infância, dando-se à *família rica em filhos o lugar e os privilégios*, que devem ter no país. Escrevamos, jovens, escrevam-nos, pais e mães...

P. VAILLANT-COUTURIER

Assim pensa um comunista que concorre com os nacionais-socialistas na teoria racial e na defesa da família de muitos filhos. Um artigo assim num órgão socialista é uma catástrofe. A concorrência é impossível: os fascistas entendem esse negócio muito melhor.

Crítica arrogante e erudição, aqui, seria apenas o sinal seguro de completa incompreensão da situação. Em primeiro lugar, necessita-se ter respeito pela magnitude, complexidade e diversidade das tarefas. É a pressuposição mais importante da seriedade e coragem necessárias que tais processos históricos exigem.

Na revolução cultural russa, a "nova vida" surgiu irreconhecida e incompreendida da velha, mas a velha freava.

O velho modo de pensar e de sentir insinuou-se no novo.

O Novo primeiro libertou-se do Velho, lutou por se manifestar claramente, não conseguiu e assim regrediu.

Devemos procurar compreender de que maneira o Velho sufocou o Novo, para evitarmos que isso aconteça outra vez.

Temos que aprender, pelo curso da revolução russa, que, juntamente com a reviravolta econômica, a eliminação da propriedade particular, a socialização dos meios de produção e o estabelecimento político da democracia social (= ditadura do proletariado) devem andar automaticamente de mãos dadas com uma revolução nas atitudes com respeito à sexualidade e às relações sexuais. Tal como a revolução econômica e política, a revolução sexual também tem de ser compreendida conscientemente e *dirigida para a frente*.

Mas que aspecto tem este "para a frente", que é precedido do desmoronamento do antigo concretamente? Uma minoria sabe quão acirrada se travou a luta pela "nova vida", pela vida sexual satisfatória, na União Soviética.

CAPÍTULO III

O REFREAMENTO DA REVOLUÇÃO SEXUAL

1. AS PRESSUPOSIÇÕES PARA O REFREAMENTO

Mais ou menos pelo ano de 1923 começou a evidenciar-se um desenvolvimento que se dirigia *contra* as reviravoltas na vida cultural e pessoal; somente nos anos de 1933 a 1935 é que surgiram as medidas legais retrógradas. Esse processo constitui um *refreamento* da revolução sexual e conseqüentemente da revolução cultural na União Soviética. Antes de tratarmos das principais características desse refreamento, temos de familiarizar-nos com algumas de suas pressuposições.

A revolução russa, no sentido político-econômico, foi conscientemente dirigida pela ciência marxista de Economia e Política. Tudo o que acontecia historicamente era medido pela teoria do materialismo histórico e se confirmava em seus pontos principais. Mas, para a revolução cultural, para não falar do seu âmago, da revolução sexual, nem em Marx nem em Engels havia formulações adequadas para conferir diretrizes aos líderes da revolução nesse campo tal como no da Economia. O próprio Lênin acentuou, numa crítica de um livro de Ruth Fischer, que a revolução sexual, como aliás o processo social da sexualidade, do ponto de vista do materialismo dialético, nem tinha sido compreendido ainda e que para dominá-lo era necessário ter-se grande experiência. Se alguém, achava ele, conseguisse assimilar a questão em seu verdadeiro significado e em sua totalidade prestaria um grande serviço à revolução.¹⁷ Ouvimos dos funcionários que aqui um *campo novo* tinha de ser trabalhado. Também Trotski, em seus escritos, mostrou repetidamente quão novos e incompreendidos são os domínios da revolução cultural e sexual.

Não, havia, pois, nenhuma teoria da *revolução sexual soviética*.

Uma segunda pressuposição para o refreamento posteriormente efetuado foi que todos aqueles que estariam destinados a apreender e dirigir o processo da revolução sexual, que se estava desenvolvendo espontaneamente, se encontravam tolhidos por velhos conceitos e formalismos. Em grande parte, adotavam-se conceitos e noções colhidos na ciência sexual conservadora, sem se dar conta que teria havido necessidade de uma nítida distinção entre o que era útil e inútil para a revolução.

Dos conceitos errôneos que tão eminentemente contribuíram para o refreamento, citaremos aqui alguns: O conceito de "sexualidade" estava e ainda hoje está vinculado à idéia de que "existência social" é incompatível com vida sexual. A sexualidade está colocada contra a socialidade. Outro preconceito era (e ainda é) que a vida sexual significa uma "distração da luta de classes". A inerradicabilidade dessa idéia errônea foi experimentada pela *Sexpol*, na Alemanha, de maneira muito desagradável. Não se pergunta: *Que espécie de sexualidade distrai da luta de classes?* Sob que condições e pressuposições a vida sexual distrai da luta de classes? Sob que condições e pressuposições a crise sexual poderá ser integrada completamente à luta de classes? Diz-se: "A sexualidade em si, como fato, contradiz a luta de classes."

Do edifício moral sexual ainda foi retirada a alegada incompatibilidade entre existência sexual e *existência cultural*. Sexualidade e cultura apareciam como opostos *absolutos*. Além disso, encobria-se toda a questão do processo da sexualidade, isto é, das formas de satisfação de necessidades sexuais em que em lugar de "sexualidade" se falava de "família". Um olhar superficial à

¹⁷ Em conversa com Clara Zetkin.

história das reformas sexuais, no entanto, teria ensinado que a família patriarcal não é uma instituição para a defesa da satisfação sexual, mas, pelo contrário, se encontra em oposição direta a ela. É uma instituição essencialmente *econômica* e nesta qualidade cria um conflito entre as necessidades econômicas e sexuais.

Outra pressuposição para o refreamento foi a enorme divulgação de opiniões errôneas sobre a revolução sexual. Essas opiniões afirmavam que, com a queda da burguesia e com a legislação sexual soviética, a revolução sexual "já estava realizada", ou que somente pelo fato do proletariado ter assumido o poder a questão sexual se resolveria "por si só". Deixou-se de perceber que a tomada do poder pelo proletariado e a legislação sexual apenas tinham criado as condições externas para a modificação da vida sexual, e não eram elas *próprias* essa vida. Um lote de terreno que se adquire para a construção de uma casa também ainda não é a própria casa. Somente depois de se adquirir esse lote de terreno é que começa a tarefa real da construção da casa. Assim, por exemplo, G. G. L. Alexander, de Moscou, escreveu na revista *Die Internationale* (1927, flúmen; 13):

Com a solução da grande questão social, com a abolição da propriedade privada, em princípio também a questão do matrimônio, que no fundo é uma questão de propriedade, estava resolvida... A concepção comunista conseqüentemente leva a que, com a realização gradual do comunismo, quer dizer, com a evolução de uma organização fundamentalmente diferente da vida social, o problema matrimonial tem que desaparecer como problema social... O amor não-correspondido, com seus sofrimentos, com seu perigo de solidão, dificilmente seria aplicável numa sociedade que propõe tarefas coletivas e oferece prazeres coletivos, nos quais sofrimentos individuais já não têm mais tanto peso. Quanto à pergunta sobre a forma futura da sexualidade: Se o comunismo significa a dissolução da família na comunidade — e o desenvolvimento na Rússia soviética indica que o caminho realmente leva para lá, fica claro que, com essa espécie de dissolução da família, também seu problema, o problema matrimonial, desaparecerá.

Essa maneira de lidar com problemas tão difíceis da psicologia das massas é enganadora e perigosa: "Modifique-se a base econômica da sociedade e suas instituições, e as relações humanas por si sós se modificarão." Que essas relações se tornam independentes e na forma da estrutura psíquica e sexual dos homens de uma época se tornaram uma força independente, por sua vez influenciando a economia e a sociedade, depois do êxito do movimento fascista não pode mais ser posto em dúvida. Desprezar isso significa eliminar o homem vivo da história.

Em resumo, tornaram a coisa simples demais. Imaginaram que todas as modificações ideológicas estavam imediata e diretamente ligadas à base econômica. Isso nada tem a ver com marxismo.

De que maneira se exterioriza a muito mencionada e pouco compreendida "retroação da ideologia sobre a base"?

A mulher condicionada rigorosamente para o casamento e o lar torna-se ciumenta quando o marido começa a tomar parte na vida política. Teme que ele começará a namorar outras mulheres. O homem patriarcal, ciumento, comporta-se da mesma maneira quando a mulher começa a participar em atividades políticas. Teme que se torne infiel a ele. Os pais, inclusive os próprios proletários, não gostam que as filhas adolescentes compareçam às reuniões políticas. Temem que podem "perder-se", isto é, começar a viver sexualmente. Embora as crianças devam ir para organizações pioneiras ou coletivas, os pais continuam a reclamar os seus antigos direitos de posse sobre elas; ficam horrorizados quando a criança começa a lançar-lhes olhares críticos. Os exemplos se multiplicam interminavelmente.

Muitas tentativas de lidar com tais questões terminavam com o lema vazio de "elevação da cultura e da personalidade humana".

A antítese entre cultura e natureza deveria ser abolida, a natureza deveria ser colocada em harmonia com a cultura. Opiniões revolucionárias corretas. Mas já nos primórdios para a solução

prática dessas questões, os velhos conceitos anti-sexuais e moralistas insinuaram-se novamente.

Assim até Batkis, o dirigente do Instituto de Higiene Social de Moscou escreveu em seu trabalho *A Revolução Sexual na União Soviética*:

... Durante a revolução, o elemento do erotismo, do sexualismo, desempenhou um papel secundário, pois a juventude *se* deixou arrebatar completamente pelo ânimo revolucionário e vivia apenas para as grandes idéias. Mas, quando vieram os tempos calmos da construção, temia-se que a juventude, agora sossegada e sóbria, enveredaria pelo caminho do erotismo irrefreado, como no ano de 1905...

Afirmo, com base nas experiências na União Soviética, que a mulher que experimentou a libertação social e se familiarizou com o trabalho social público, isto é, em sua transição de mera mulher para ser humano, sofreu um *certo esfriamento sexual*. A sua sexualidade é, se bem que talvez apenas temporariamente, reprimida... A tarefa da pedagogia sexual na União Soviética é educar os cidadãos da sociedade futura em que haverá completa harmonia entre os impulsos naturais e as grandes tarefas sociais que os esperam; as diretrizes para isso seriam: fomentar tudo o que cria e constrói que se encontra adormecido nos impulsos naturais, mas eliminar tudo o que possa tornar-se pernicioso para o desenvolvimento da personalidade do membro da coletividade...

... o amor livre na União Soviética não é um "desabafo" selvagem, irrefreado, mas a união ideal de duas pessoas livres e independentes que *se* amam mutuamente. (Pág. 23.)

Mesmo Batkis, de outra forma tão lúcido, depois de começar certo, acabou enredando-se em *slogans*.

A sexualidade da juventude é chamada "sexualismo". O problema sexual um "elemento do erotismo". O autor tranqüilizava-se com o fato de que as mulheres sofreram um certo estriamento sexual e de que de "mera mulher" se tornara "ser humano"; tudo o que pudesse ser nocivo ao desenvolvimento da personalidade deveria ser abolido (a intenção era, naturalmente, a sexualidade), e contrapunha-se o "desabafo" selvagem, irrefreado à união "ideal" de "duas pessoas livres e independentes que se amam mutuamente". As massas estavam emaranhadas nesses conceitos como em redes. Quando se analisa isso mais de perto, vê-se sua completa vacuidade, isto é, sua tendência anti-sexual e portanto reacionária. Que quer dizer "desabafo selvagem"? Será que quer dizer que um homem e uma mulher *não* podem desabafar abraçando-se? E qual é a "união ideal"? A união será ideal quando as pessoas se sentirem capazes de se entregar completamente como "animais"? Sim — mas então serão "selvagens"! Em resumo, são palavras que, em vez de apreenderem a realidade da vida sexual e eliminarem os conflitos que a dominam, apenas encobrem a verdade talvez para evitar o contato, na medida do possível, com essas coisas escabrosas.

Onde foi que o raciocínio aí se enredou? Em não distinguir entre sexualidade *doentia* da juventude, que contradizia suas tarefas culturais, e sexualidade *sadia*, que é a base fisiológica mais importante do desempenho social; em contrastar "mulher" (= mulher *sensual*) e "ser humano" (= mulher ativa, *sublimante*), em lugar de ver na consciência *sexual* despertada da mulher o fundamento psíquico de sua atividade e emancipação revolucionárias; em contrastar "desabafo" irrefreado e "união ideal", em lugar de considerar a capacidade de *completa* entrega sexual ao parceiro querido como a base mais segura do companheirismo.

2. MORALIZAR, EM VEZ DE RECONHECER E DOMINAR

Uma das características mais importantes do refreamento foi que o estado desfavorável das coisas e as condições caóticas resultantes da revolução sexual foram julgados moralmente, em lugar de serem concebidos como manifestações de um período de transição revolucionário. Gritava-se que se criara o caos, que tudo se estava desintegrando, que a disciplina teria de ser imposta novamente,

que a "disciplina interna teria que ocupar o lugar da compulsão externa". Acentuava-se o "valor dos laços entre homem e mulher", falava-se de "cultura individual". O velho apresentava-se em roupas novas, quando se falava de "disciplina interna"; pois disciplina interna não pode ser exigida, pois ou existe ou não existe. Quando se exigia "disciplina interna" em lugar da compulsão externa, novamente se exercia uma compulsão externa. Era preciso perguntar: Como conseguiremos que os homens se disciplinem *voluntariamente, sem* termos que os forçar a isso? A "igualdade da mulher" soava como um lema revolucionário. Economicamente, também se havia realizado o princípio: salário igual para trabalho igual; mas, no campo sexual, originalmente não se fazia qualquer objeção à mulher quanto à sua reivindicação de ter exatamente os mesmos direitos que o homem; mas isso não era o mais importante. As mulheres seriam capazes, também *internamente*, de fazer uso da liberdade garantida? E os homens o seriam? Não teriam todos adquirido uma estrutura que era anti-sexual, moralista, inibida, neurótica e doente? Antes de mais nada, era necessário compreender o que estava acontecendo, entender o caos, distinguir claramente entre as forças reacionárias, e nitidamente refreantes, e saber que uma forma mais elevada de vida somente pode ser concebida com dores.

O refreamento da reviravolta sexual espontânea logo se cristalizou em volta de núcleos diversos. As altas autoridades soviéticas a princípio assumiram uma atitude passiva. Das queixas dos funcionários depreende-se que não se escutava ou subestimava aquilo que acontecia. A fórmula "a questão sexual será resolvida mais tarde, primeiro vem o problema econômico" era comumente ouvida. A imprensa estava exclusiva ou predominantemente à disposição dos interesses econômicos. Se havia jornais que se dedicavam especificamente aos problemas da revolução sexual, não sei.

Muito importante foi a influência dos intelectuais. De acordo com as suas tradições familiares, origem e pensamento, tinham que tomar posição *contra* a revolução sexual. Adoravam os antigos revolucionários que, por motivo de suas tarefas difíceis, não tinham podido levar uma vida sexual satis- fatória e transferiam essa maneira de viver imposta do líder revolucionário, sem escrúpulos, como ideal para as massas. Esse procedimento resultou nocivo. Nunca pode ser exigido das massas aquilo que as tarefas exigem dos líderes. Mas também por que deveria ser exigido? Fanina Halle elogia essa ideologia no seu livro *Die Frau in Sovietrussland* ("A Mulher na Rússia Soviética"), em lugar de explicar como foi catastrófica para a influência e reconstrução das massas. Escreve ela sobre as antigas revolucionárias:

... eram todas jovens, *essas* revolucionárias, algumas esculturalmente belas e artisticamente talentosas (Vera Figner, Ludmila Wolkenstein), completamente femininas e como que destinadas à felicidade individual. Apesar de toda a intensidade da capacidade de experiência, também com os homens revolucionários, o pessoal, o erótico, o feminino sempre cedia ao geral, ocultando-se por trás do amor à humanidade que fazia sombra a todo o resto: E o traço fortemente saliente da castidade e pureza nas relações mútuas entre os sexos, que se refletia sobre toda a geração de então, e a seguinte, de intelectuais russos, bem como nos círculos de estudantes soviéticos, o tom de camaradagem, freqüentemente mal compreendido na Europa ocidental, ainda hoje predominam entre homem e mulher na União Soviética e continua a causar espanto aos estrangeiros que têm uma atitude completamente diferente com respeito a *esse* problema... .. Esse completo desligamento de tudo o que é arquiburguês, essa negação absoluta de todas as barreiras sociais, pelas quais os homens na liberdade *se* acham cercados, fomentaram o desenvolvimento de relações extremamente estreitas e puras de camaradagem no campo dos interesses espirituais comuns e de uma amizade calorosa, séria, de uma maneira como muito raramente pode florescer na liberdade...

... Com entusiasmo ainda maior foi que, entretanto, urna parte dos prisioneiros se dedicou à Matemática, e alguns desses fanáticos ficaram em tal estado de tensão que até mesmo à noite *se* preocupavam com os problemas... (*Die Frau* etc., págs. 101, 110, 112.)

Novamente, não está concreta e inequivocamente claro para qualquer simples mortal se tal relação "pura" entre homem e mulher permite ou proíbe o ato genital; se uma relação "pura" inclui ou exclui uma entrega vegetativa, irrefreada, temporariamente despida de qualquer elemento cultural e intelectual. É um verdadeiro contra-senso estabelecer um ideal para a grande massa da população

segundo o qual a Matemática deva tornar-se uma sensação absorvente e portanto substituir a necessidade mais natural de qualquer ser humano. Não podemos admitir que uma ideologia tal seja sincera e fiel à realidade. A vida não tem esse aspecto! E a revolução não deve defender e assegurar ideais mentirosos, mas a vida real da sexualidade e do trabalho!

No ano de 1929 ouvi dizer em Moscou que a juventude estava sendo esclarecida sexualmente. Pude perceber logo que o esclarecimento era anti-sexual; davam-se informações sobre doenças venéreas, a fim de afugentar completamente a juventude das relações sexuais; nem vestígio de um debate franco sobre os conflitos sexuais da juventude — apenas ciência de procriação.

No Narkomsdraw, o Comissariado do Povo para Saúde, à pergunta de como tratavam o onanismo dos jovens, responderam-me que "naturalmente" eles eram "desviados" disso. O ponto de vista médico, que nos consultórios sexuais austríacos e também em muitos alemães se tinha tornado aceitável, de que se devia aconselhar o onanismo satisfatório a um rapaz cheio de sentimentos de culpa, foi recusado como horrendo.

A diretora do Departamento de Saúde Maternal, Lebedewa, respondeu à pergunta de se se estava instruindo os adolescentes sobre a necessidade e uso de meios anticoncepcionais que não se podia conciliar tal medida com a disciplina comunista. Na mesma noite em que o representante de Narkomsdraw tinha propalado seu temor sexual, visitei o grupo juvenil de uma fábrica de vidro nos limites de Moscou e conversei com os jovens sobre diversas questões. Chegamos finalmente à questão das moças e contei o ponto de vista do representante de Narkomsdraw. Os jovens riram alegremente e declararam tranquilizadores que nem se importavam com tais coisas e eles mesmos já sabiam o que tinham de fazer. Era essa a opinião deles. Ficou ainda patente que não sabiam onde encontrar-se com suas pequenas, que também tinham fortes escrúpulos de recorrer à auto-satisfação; resumindo, apresentavam os conflitos típicos da puberdade.

De maneira especialmente nociva recorria-se, para o refreamento da revolução sexual, a algumas frases mal compreendidas de Lênin. Lênin era muito reticente no que concerne à expressão de pontos de vista sobre questões sexuais. A sua versão acertada da tarefa da revolução nesse campo confirma isso quando ele disse: "O comunismo não deve trazer ascetismo, mas alegria de viver e força vital também por meio de vida amorosa satisfeita." Mas o que realmente mais se popularizou, graças aos pensamentos sexualmente reacionários dos círculos responsáveis, foi aquele trecho de Lênin, na conversa Com Clara Zetkin, que se ocupa da vida sexual "caótica" da juventude.

A atitude modificada da juventude face às questões da vida sexual é naturalmente "fundamental" e depende de uma teoria. Alguns denominam tal atitude "revolucionária" e "comunista". Achem sinceramente que é assim. Ao velho que sou, isso não impressiona. Apesar de não *ser* nada mais que um asceta empedernido, a chamada "nova vida sexual" da juventude me parece — também às vezes a dos velhos —, bem freqüentemente nada mais que tipicamente burguesa, é como que uma ampliação do bom bordel burguês. Tudo isso nada tem em comum com a liberdade do amor, como nós, comunistas, a compreendemos. Certamente você conhece a famosa teoria segundo a qual na sociedade comunista a satisfação da vida impulsional, da necessidade de amor, é tão simples e inconseqüente como tomar um copo d'água. Essa teoria do "copo d'água" enlouqueceu completamente uma parte da nossa juventude. Para muitos rapazes e moças isso foi um desastre. Seus adeptos afirmam que ela é marxista. Agradeço tal marxismo que faz todos os fenômenos e modificações na superestrutura ideológica da sociedade derivar imediata e diretamente de sua base econômica. As coisas não se apresentam tão simples *assim...*

Seria racionalismo, e não marxismo, querer derivar a própria modificação *dessas* relações, sem qualquer ligação com a totalidade da ideologia, das bases econômicas da sociedade. Está certo! A sede precisa ser aplacada. Mas será que o homem normal sob condições mais normais se deitará na lama da rua para beber de uma poça d'água? Ou mesmo de um copo cuja borda está gordurosa de muitos lábios? Mais importante que tudo isso, porém, é o lado social. Beber água é realmente um ato individual. Para o amor são necessárias duas pessoas, podendo resultar daí uma terceira vida. Nesse estado fátual de coisas encontra-se um interesse social, uma obrigação para *com a* comunidade.

Procuremos compreender o que Lênin queria dizer aqui. Primeiramente, negou o economismo, que quer derivar tudo imediata e diretamente da base econômica. Lênin reconheceu que a negação das relações carinhosas na vida sexual pela juventude era apenas o velho ponto de vista conservador com sinal negativo. Além disso, que uma vida segundo a teoria do copo d'água nada mais era que o oposto diametral da ideologia eclesiástica do ascetismo. Lênin também reconheceu que não era a vida sexual-economicamente regulamentada desejada que se apresentava aqui; era anti-social e *insatisfatória*. Que é que faltava, então, na formulação de Lênin? Primeiramente, um ponto de vista *positivo* sobre o que devia tomar o lugar da velha vida na juventude. Como apenas existem três possibilidades: renúncia, auto-satisfação ou vida heterossexual satisfatória, o comunismo claramente teria que estabelecer uma dessas três como diretriz. Lênin não tinha assumido uma atitude programática, mas tinha recusado nitidamente os atos sexuais vazios de amor, apontando na direção de uma "vida amorosa feliz"; e isso exclui tanto a abstinência como a auto-satisfação. De modo algum Lênin tinha dado seu beneplácito ao ascetismo! Mas, como já foi dito, justamente essa passagem de Lênin sobre a teoria do copo d'água era apresentada repetidamente pelos covardes e moralistas em apoio de seus pontos de vista nocivos na luta contra a sexualidade juvenil.

A conhecida comunista Smidowitch escreveu no *Pravda*:

A juventude parece pensar que justamente o ponto de vista mais primitivo em relação à questão da vida sexual é comunista. Tudo o que ultrapassa os limites de uma concepção primitiva, que talvez seja adequada para um hotentote ou algum representante ainda mais primitivo do homem original, somente significaria pequeno-burguesismo e atitude burguesa perante o problema sexual.

Nada de positivo tinha a dizer, a não ser expressar profundo desprezo contra os hotentotes e zombar da titânica luta da juventude por uma nova forma de vida no campo sexual. Em vez de compreender e ajudar, em vez de desenvolver o novo das formas antigas, Smidowitch resumiu a, ideologia sexual dos Komsomolets, para ironizá-la, como se segue:

1. Todo Komsomolets, membro da Juventude Comunista, todo Rabfakowets, estudante da faculdade do trabalhador, e qualquer outro pilantra pode e deve dar vazão ao seu impulso sexual. Por motivos desconhecidos, isso passa por ser uma lei irretorquível. A abstinência sexual é amaldiçoada como "pequeno-burguesismo". 2. Toda Komsomolkazinha, membro da Juventude Comunista, toda Rabfakowka ou outra qualquer estudante, sobre a qual recaia a escolha deste ou daquele rapaz, do macho — como tais paixões africanas se desenvolveram entre nós do Norte é coisa que não consigo compreender — deve estar à disposição da sua vontade, senão é uma "pequena-burguesa", não merece o título de estudante proletária. E agora vem a 3. última parte desta trilogia esquisita: a face pálida, emaciada, de uma moça grávida. Na sala de espera da "Comissão de Licenciamento de Abortos" pode-se ver um grande número dos resultados de tais romances dos Komsomolets...

Tais atitudes traem o orgulho do indivíduo "nórdico", sexualmente "puro", ou seja da Smidowitch, comparando-se com um sub-humano típico, ou seja, o hotentote. Não ocorreu ao indivíduo nórdico, porém, que tais estados de gravidez e abortos podiam ser evitados instruindo-se os jovens sobre o emprego dos meios anticoncepcionais e proporcionando-lhes condições higiênicas para a vida sexual, a fim de que a cultura soviética pudesse concorrer com a cultura americana. Isso, contudo, nada adiantou. Essas palavras da Smidowitch luziam em cartazes alemães como a "ideologia sexual comunista"!!

E como sempre, quando não se ousa enfrentar a realidade da sexualidade juvenil, também na União Soviética, no fim de um período de graves conflitos com a juventude, o *slogan* passou a ser: *Abstinência!* Um *slogan* que é tão conveniente quanto catastrófico e irrealizável. Fanina Halle relata:

... A geração mais velha que foi chamada ao debate, cientistas, higienistas sexuais, funcionários do partido, defendia um ponto de vista semelhante ao de Lênin, que Semashko, o Comissário do Povo para a Saúde, resumiu da seguinte forma numa carta dirigida à juventude:

"Camaradas, vocês vieram às faculdades e institutos técnicos a fim de estudar. Isso agora é a meta principal da vida de vocês. E como todos os impulsos e atitudes de vocês estão subordinados a

essa meta principal, como não raramente vocês têm de abster-se de muito divertimento por ser prejudicial à sua meta principal — que é o estudo e a intenção de se educarem para *se* tornarem colaboradores conscientes na reconstrução do Estado — portanto vocês devem subordinar também todos os outros aspectos de suas atividades e de suas existências a essa meta. O Estado ainda é muito pobre para poder encarregar-se do sustento de vocês, da educação dos filhos e da assistência aos pais! Por isso lhes aconselhamos: Abstinência!"

E repetiu-se na União Soviética o que sempre acontece em consequência da abstinência: a delinqüência sexual.

Urge protestar energicamente contra essa referência enganadora a Lênin. Nunca Lênin defendeu a abstinência por parte da juventude. Quem acredita que Lênin tenha sido tão tolo a ponto de entender "força vital, alegria de viver" e também "vida amorosa satisfeita" como o ascetismo dos cientistas impotentes e dos higienistas sexuais aleijados?

Não devemos acusar os líderes da União Soviética, que naqueles anos decisivos tinham a responsabilidade, de não conhecer a solução das dificuldades existentes. Mas devemos acusá-los de terem evitado enfrentar as dificuldades, adotando a linha de menor resistência e do maior fracasso. De que, como revolucionários, nunca perguntaram a si mesmos o que tudo isso significava; de que, se bem que falassem da revolução da vida, não procuraram essa revolução na vida ou tentaram dominá-la; de que consideravam o caos que realmente existia como um "caos de costumes" no sentido da reação política e não como o caos de um período transitório para outras formas sexuais, comunistas; finalmente, devemos acusá-los por recusarem certas contribuições para uma compreensão dos problemas da vida sexual tais como as que o movimento da política sexual revolucionária alemã tinha a oferecer.

Quais foram, então, essas dificuldades que afinal se tornaram tão grandes que levaram ao refreamento?

Primeiramente, uma revolução sexual se desenrola de maneira diversa duma revolução econômica; não em formas, que podem ser estabelecidas por leis ou planos, mas em todos os detalhes da vida pessoal cotidiana, complicada por todas as espécies de sentimentos complexos e subterrâneos. Dominar o caos sexual procurando cuidar desses detalhes é impossível em virtude da complexidade e abundância de tais detalhes. Dessa impossibilidade depreende-se a teoria: "A vida particular dificulta a luta de classes; logo, não deve existir vida particular!" Naturalmente, não se pode tentar dominar o caos procurando-se dominar cada caso particular. Isso não corresponderia ao nosso ponto de vista fundamental de que os problemas têm de ser resolvidos no sentido das massas e não individualmente; no entanto, entre as dificuldades individuais existem algumas que atingem a milhões de pessoas. A elas pertence, por exemplo, a questão que, quase sem exceção, ocupa e preocupa ao extremo cada jovem aproximadamente sadio de qualquer parte do mundo: como ficar só com a sua pequena. É fora de qualquer cogitação que só a solução desse problema, isto é, a possibilidade de permitir que um casal de jovens pudesse passar algum tempo sexualmente junto sem ser perturbado, conquistaria toda a juventude porque ela se sentiria compreendida: De um golpe só também acabaria com parte considerável do caos. Pois quando num bairro quatro mil jovens não sabem onde podem abraçar sua pequena, então o fazem mesmo nas esquinas, no escuro dos muros, e assim perturbam uns aos outros, provocam ciúmes e brigas, sentem-se insatisfeitos, ficam zangados e são levados a excessos; em suma, preparam o "caos". Mas em nenhuma das organizações políticas e associações existentes, em nenhuma delas, sem exceção, até hoje se encontra um comunicado inequívoco pela provisão de aposentos para a juventude *exclusivamente com o fim de que um casal de jovens possa ficar sexualmente junto sem ser perturbado*. Isso é apenas um detalhe daquilo que a Sexpol tentou resumir no lema "Politização da vida particular".

3. CAUSAS OBJETIVAS DO REFREAMENTO

Os refreamentos até aqui descritos originaram-se da ignorância e preconceitos dos funcionários responsáveis. Mas o ímpeto da revolução era tão grande que esses refreamentos por funcionários isolados e velhos professores reacionários não teriam podido impor-se, se não tivesse havido dificuldades no próprio processo *objetivo* que auxiliavam a insegurança dos funcionários. Seria, pois, falso dizer que a revolução sexual e com ela a revolução cultural, na União Soviética, teriam fracassado pela irracionalidade, temor e preocupação dos círculos liderastes. Esta seria uma concepção subjetivista e contraditória ao materialismo histórico. O refreamento de uma revolução, de um movimento de proporções tais como as da revolução sexual soviética, somente pode realizar-se por empecilhos poderosos e objetivos. Eles podem ser mais ou menos resumidos nos seguintes grandes grupos:

1. A reestruturação laboriosa do velho para o novo, de maneira geral, principalmente em vista do atraso cultural da velha Rússia, da guerra civil e da fome.

2. A falta de uma teoria da revolução sexual, que estivesse à altura da reviravolta que se estava processando. Não esqueçamos que a revolução sexual soviética foi a *primeira* revolução dessa espécie.

3. A própria estrutura sexualmente negativa do homem, isto é, a forma concreta, na qual se conservara um patriarcado sexualmente oprimido durante milênios.

4. As complicações e complexidades concretas de um campo de vida tão explosivo e rico, como é o da sexualidade.

Esses quatro grupos ainda não abrangem tudo, mas possibilitam uma visão panorâmica daquelas pressuposições objetivas nas quais se pôde apoiar a ação refreadora dos funcionários isolados.

Não há dúvida de que a guerra civil entre 1918 e 1922, seguida de uma guerra desastrosa que durou três anos, contribuiu para que a desintegração das formas de vida antigas pela revolução social assumisse formas perigosas. Os terríveis anos de fome de 1921 e 1922 fizeram as massas populares sofrendoras cair verticalmente em seu nível psíquico e material e provocaram, para dizer pouco, migrações de populações inteiras.

Segundo os relatos de Kollontay, Trotski e muitos outros, milhares de famílias, habitantes de povoações inteiras, tiveram que abandonar as suas localidades, para procurar um pedaço de pão em outro lugar. Acontecia, não raramente, que mães deixavam os filhos, homens as mulheres, pelo caminho. Muitas mulheres tiveram que vender seu corpo a fim de poder manter sua simples existência e a dos filhos. O número de crianças abandonadas elevou-se ao incalculável. Sob essas circunstâncias, naturalmente a ânsia da juventude por liberdade sexual assumiu formas diferentes do que teria acontecido sob condições normais. Em lugar de uma luta dolorosa e inquieta por clareza e nova organização, veio o embrutecimento da vida sexual. Imagens sobre aquilo que deveria ocupar o lugar do "velho" não havia. No fundo apenas apareciam nesse embrutecimento uma estrutura, que desde tempos arcaicos é próprio dos homens patriarcais, que vive mais ou menos escondida ou então se manifesta em excessos ocasionais, Este assim chamado "caos sexual" tampouco tinha de ser levado ao débito da revolução quanto por exemplo a guerra civil ou a fome. A revolução não tinha desejado a guerra civil. Apenas tinha destronado o tzarismo e afugentado os capitalistas e teve de defender-se quando os derrotados quiseram reconquistar o solo e o poder perdidos. E o caos sexual que irrompeu então era, entre outras coisas, consequência de que os funcionários envelhecidos não sabiam como dar conta das estruturas antigas que eram incapazes de gozar a liberdade.

Quando analisamos agora os pontos de vista e juízos dos círculos liderantes e responsáveis soviéticos sobre o caos que se desenvolveu, constatamos inequivocamente que o medo da liberdade sexual, muito nosso conhecido, cegou-os para as reais dificuldades e suas causas. Os defensores e as vítimas da revolução sexual eram acusados de terem perdido o senso de responsabilidade; mas há milênios uma moral sexual apodrecida não deixava desenvolver-se a capacidade de responsabilidade sexual, que se acha indissoluvelmente ligada a uma estrutura sexualmente integral. Acusava-se especialmente a juventude de que as ligações sexuais se tornavam cada vez mais frouxas. Esquecia-se aqui que na realidade nunca tinha havido ligações realmente sadias e eficientes, sexualmente satisfatórias; e aquilo que nunca tinha existido também não podia ser afrouxado. O que na realidade se estava afrouxando era a compulsão da dependência econômica nas relações familiares e a pressão de uma consciência anti-sexual na juventude. O que se estragara, portanto não foram as relações sexuais sadias, mas uma moral autoritária imposta ao povo e adotada sob revolta. Uma moral que tinha conseguido sempre exatamente o oposto daquilo que pretendia. Ninguém precisava lamentá-la.

Ninguém era capaz de explicar as condições existentes. Por exemplo, as relações sexuais fortuitas, que logo apareceram na juventude, e que na juventude alemã se apresentaram um pouco mais tarde com naturalidade, eram explicadas como decorrentes da miséria econômica. Era uma interpretação errada. A miséria econômica sozinha jamais leva a relações fortuitas, a não ser na prostituição. Não se distinguem, pois, os descabros resultantes da guerra civil e da situação econômica difícil, dos fenômenos de uma nova vida, que sadia e esperançosa no futuro em si tinha que parecer um "caos sexual" a qualquer um que estivesse imbuído de conceitos antigos; as relações sexuais entre um rapaz de 17 anos e uma moça de 16 anos podem *tanto* ser uma coisa *quanto* outra. As relações sexuais são caóticas, sexualmente anti-econômicas, prejudiciais e socialmente perigosas, para os jovens, quando se realizam sob más condições externas, com uma estrutura interna doentia, sob medo e a pressão de uma consciência moral, e portanto são insatisfatórias, curtas e embebidas do caos do nosso tempo. É uma parte da sexualidade realizadora da vida do futuro quando o ato sexual é realizado sob condições externas favoráveis, com uma estrutura jovem, capaz de uma vida amorosa feliz, com plena consciência da magnitude e importância da vida amorosa, sem sentimento de culpa e medo de autoridades e filhos que são desejados e que não poderiam ser adequadamente criados. Há uma grande diferença entre dois homens sexualmente famintos que violentam uma mulher ou a convencem com aguardente, e, por assim dizer, apenas se aliviam nela, e entre dois indivíduos, capazes de sua sexualidade e conscientes, independentes, de sexos diferentes, que por ocasião de umas férias passam conscientemente *apenas uma* noite feliz juntos. É diferente se um homem abandona irresponsavelmente a mulher e os filhos por causa de uma relação superficial, ou se ele, por ser sexualmente sadio, torna um matrimônio insuportável, opressivo, que ele não pode dissolver, mais suportável mantendo relações secretas, felizes, com outra mulher. Estes exemplos bastarão para demonstrar o que queremos dizer aqui:

1. O que aos olhos das pessoas envenenadas pela ordem sexual autoritária aparece como caos não deve necessariamente ser caos; pelo contrário, deve ser a exteriorização de um organismo psíquico relutando contra condições de vida insustentáveis.

2. Muito do que é realmente caos não é culpa moral da juventude, mas a expressão de uma contradição insolúvel entre necessidades sexuais naturais e um mundo circundante, que impede, de todo modo possível, a sua satisfação.

3. A transição de uma maneira de vida interiormente caótica, que exteriormente parece ordenada, para uma interiormente ordenada, mas que exteriormente parece caótica ao burguês, não pode realizar-se de outra forma que não pela experiência de uma fase de emaranhadas confusões sérias.

Mas aqui não vale apenas a consideração pela manutenção da vida social. Precisamos compreender que os homens de nossa época têm um medo desmedido justamente daquela vida que anelam vigorosamente, mas para a qual, no entanto, não estão emocionalmente preparados. A

resignação sexual, à qual aderiu a maioria esmagadora dos homens, realmente significa embotamento, vacuidade da vida, aleijamento de toda atividade e iniciativa, ou a base dos excessos brutais, sadistas; no entanto, pelo outro lado também oferece uma calma relativa na vida. É como se a morte já fizesse parte da própria maneira de viver; vive-se para a morte! E essa morte em vida é preferida quando a estrutura psíquica não se encontra à altura de enfrentar as dificuldades e incertezas de uma vida realmente viva. Pensemos apenas no ciúme, com o qual a alta política não costuma preocupar-se, mas que apesar disso nos bastidores dos grandes acontecimentos políticos desempenha um papel muito mais importante do que se imagina. Pensemos no medo dos homens de não encontrar um parceiro adequado, quando perdem o atual, por mais tormentoso que possa ter sido. Pensemos ainda nos milhares de assassinatos de parceiros sexuais que apenas são perpetrados porque a idéia de que o parceiro possa abraçar sexualmente outra pessoa é simplesmente insuportável. Tais fatos desempenham um papel infinitamente maior e mais efetivo na vida real do que mesmo as viagens de um Laval; porque os parlamentos só podem representar e espezinhar o povo, os ditadores só podem fazer o que querem com o apoio das massas tolerantes enquanto os homens travam uma luta constante, consciente e desesperada contra essas dificuldades e misérias altamente pessoais que atacam o âmago da vida deles. Procuremos encontrar num bairro de cem mil pessoas todas as mulheres que se acham em dificuldades por causa da criação dos filhos, da infidelidade do marido, de sua própria incapacidade ou insatisfação sexual, e que se martirizam, e perguntemos a elas o que é que acham das viagens diplomáticas de Laval. A resposta delas provará que milhões de mulheres, homens e jovens nem têm cabeça para compreender que aqui se faz de gato-sapato deles.

CAPÍTULO IV

LIBERAÇÃO E REFREAMENTO DO CONTROLE DA NATALIDADE E DA HOMOSSEXUALIDADE

1. CONTROLE DA NATALIDADE

No campo do controle da natalidade, desde o princípio, havia a maior clareza. Os traços fundamentais da reviravolta na ideologia legislativa e a atitude social-higiênica eram os seguintes:

Enquanto a sociedade não tiver a possibilidade ou a vontade de zelar pela criação dos filhos, também não terá direito algum de exigir das mães que, apesar da miséria reinante ou contra a sua vontade, ponham filhos no mundo. Somente quando a criação de filhos fica completamente subordinada à sociedade geral é que se pode começar a pensar em estabelecer-se um controle consciente da natalidade e uma política demográfica. Por isso deu-se a *todas as mulheres, sem exceção*, o direito de realizar, dentro dos primeiros três meses, uma interrupção da gestação. A interrupção da gestação deveria ser realizada nas clínicas oficiais de auxílio à natalidade. Era severamente castigada apenas a pessoa que desautorizadamente praticava abortos secretos. Com essas medidas esperava-se, em primeiro lugar, trazer à superfície o aborto ilegal e arrancá-lo do charlatanismo. Nas cidades, o êxito foi quase geral, mas no campo as mulheres eram mais difíceis de convencer a desistir dos seus pontos de vista antigos. É que o problema do aborto não é somente uma questão legal, mas também depende do temor sexual das mulheres. O segredo e receio de que se acha cercada a vida sexual há milênios fazem que uma mulher simples de operário ou camponês corra antes a uma parteira charlatã do que à clínica, quando esta se encontra à disposição dela.

Nunca se pensou em tornar o aborto uma instituição social permanente; desde o início, os soviets perceberam claramente que a legalização do aborto era apenas um meio de enfrentar o charlatanismo. O mais importante era a *prevenção de aborto* por meio de um esclarecimento minucioso e completo sobre o uso de anticoncepcionais. Os soviets que consistiam em operários e camponeses e exerciam pressão poderosa sobre os intelectuais e médicos sabiam muito bem que às medidas legais e sanitárias ainda deviam juntar-se outras, para fazer parecer à mulher que a chegada de uma criança era realmente uma felicidade.

O estigma da mãe solteira logo desapareceu. A participação progressiva da mulher no processo de produção deu-lhe independência material e segurança, que não só lhe facilitavam tornar-se mãe, mas lhe faziam parecer ser isso mais desejável. Introduziram-se férias de gravidez que começavam dois meses antes e terminavam dois meses depois do nascimento. As mulheres durante essas férias continuavam a receber remuneração integral. Progressivamente as fábricas e fazendas coletivas instalaram creches, adquiriram roupas de bebê e formaram boas amas-secas que tiravam às mães a preocupação pela criança durante o seu trabalho. As mães em estado de gravidez adiantada não deviam fazer trabalhos pesados; tinham também a certeza de que não precisavam preocupar-se pelos filhos quando voltassem ao trabalho. Quem viu com seus próprios olhos as creches soviéticas de bebês e crianças ("*Jasli*") não podiam mais duvidar da enorme produtividade social-higiênica do sistema social soviético. As mulheres recebiam prêmios de amamentação durante todo o período desta, pausas de amamentação pagas, nas quais descansadamente podiam amamentar os filhos. No início da gestação era proibido encarregar as mulheres de trabalhos pesados. O orçamento para auxílio de mães e bebês aumentou de ano para ano em progressão quase geométrica. Dessa forma não é de admirar que não somente não se verificou a diminuição do número de nascimentos, profetizada por todos os filisteus temerosos e moralistas, mas que na União Soviética dos últimos dez anos o excesso de nascimentos alcançou 3 a 4 milhões anuais em média.

A União Soviética envidou todos os esforços para também alcançar os rincões mais obscuros do imenso país. Assim, por exemplo, instituíram-se ambulâncias de controle da natalidade voadoras; trens, equipados com todo o material necessário, viajavam pelas províncias. O fato de ter levado dez a doze anos de trabalho árduo, antes de se reduzir o aborto ilegal a um mínimo, demonstra que força representa o temor sexual das massas; impede de aceitar mesmo medidas úteis imediatamente.

Como em todo lugar, também aqui tivemos a mescla de princípios sexual-higiênicos naturais com a mentalidade reacionária justamente dos velhos higienistas. Como em todo lugar, também aqui se mostrava que as massas têm um instinto imediato e certo para essas questões vitais; o higienista social "estudado", ao contrário, diante de tantos argumentos "contra e a favor", no fim se comporta como a centopeia que não podia mais andar quando soube que tinha cem pés. Vejamos em que ponto da questão do aborto a reação em primeiro lugar logrou insinuar-se secretamente e finalmente conseguir o refreamento.

É desnecessária aqui uma demonstração histórica com comprovantes numéricos; para isso há inúmeros bons livros. Novamente tentaremos apenas compreender a dinâmica do conflito entre os elementos que impelem para a frente e os refreadores ou inibidores. O argumento ético, mais ou menos disfarçadamente religioso, conseguiu não apenas preservar-se, mas afirmar-se cada vez mais com o correr do tempo. Como sempre, também aqui pode-se reconhecer a ética reacionária pela sua profusão de frases. A reação sexual-política, desde o princípio, lutou contra a completa revolucionarização da questão do aborto, em parte com argumentos velhos, extraídos do tzarismo, em parte com argumentos novos, adaptados ao soviétismo, mas argumentos nem por isso menos reacionários. Ouvia-se dizer que a "humanidade acabaria morrendo", que os "costumes se deteriorariam", que a "família devia ser protegida" e o "desejo pela criança" fortalecido. Falava-se do abalo psíquico e físico das mulheres. A maior preocupação da reação sexual-política era, como sempre e em todo lugar, e também na União Soviética, se o número *de* nascimentos iria decrescer.

Nesses argumentos é preciso distinguir aqueles que eram honestamente intencionados e pensados pela reação sexual-política daqueles outros que subjetiva e objetivamente nada mais são que desculpas vazias para não tratar dos problemas reais da vida sexual. Muitas pessoas estão intimamente preocupadas com a manutenção da "decência", isto é, a não-satisfação da necessidade amorosa, e também com o fato de que a família não desapareça. No debate do aborto torna-se sempre mais claro: o horror inconsciente da operação genital de maneira irracional embota a visão das necessidades.

Uma desculpa é a preocupação de que a humanidade não acabe; da mesma forma, a frase da proteção da vida em gestação. As pessoas que defendem isso esquecem que na natureza tudo se multiplica milhões de vezes, talvez justamente porque não há políticos demográficos formados. Não é pedantesco nem errado, mas, pelo contrário, absolutamente certo, afirmar: A política demográfica, como é exercida hoje, em sua falta de foco e desonestidade, é um *instrumento da negação sexual, um meio de distrair a atenção dos problemas de criar as oportunidades para a satisfação sexual*.

Tendências inequivocamente fascista-nacional-socialistas se manifestaram nas atitudes das próprias pessoas cuja primeira obrigação e tarefa teria sido preocupar-se menos com "o Estado" e mais com as mães, pois assim automaticamente protegem o Estado revolucionário.

No Congresso de Kiev, em 1932, o Dr. Kirillow expressou-se como se segue:

...consideramos a interrupção da primeira gravidez como especialmente perigosa no sentido da esterilidade subsequente da mulher. Por isso, consideramos sempre nosso dever dissuadir a mãe de abortar e ao mesmo tempo determinar a origem do desejo de aborto. Mas *nas* respostas *difícilmente* se encontra *algo materno*, ou algo da *luta interna e procura*; em pelo menos 70 por cento o motivo mais profundo é o amor "fracassado". Um breve: "Ele me abandonou", "Eu o abandonei", e no fim algum comentário jocoso sobre "ele" e sobre si mesma: "Mas que espécie de homem que ele é". *Quase nunca*

se encontra nas respostas apenas um vestígio de uma família em embrião como unidade inicial da sociedade.

Não amor livre como o antigo matrimônio burguês e caseiro, não amor livre como escolha inconsciente de eugenia, mas compreensão e engano do sentimento com a decisão préconcebida: para a casa de saúde. *Disposição irreprimível de entregar o corpo jovem crescido*, como resultado da transição para formas novas, mas ainda não-cristalizadas do caos sexual... ... *Tenho de comparar o trabalho na questão do aborto com uma exterminação, com o massacre egípcio dos primogênitos pelos pecados de seus pais*, que arrasam o homem e a sociedade. Um aborto assim deve ser eliminado como fenômeno de vida socialmente negativo, malformado. Seu lugar deve ser ocupado por uma atividade esclarecedora perseverante. É uma transformação das disposições psicológicas no sentido do reconhecimento da maternidade como sua função social que se faz necessária...

...Conclusões finais:

1. O aborto criminoso é um mal *de costumes* que se fundamenta na consciência da legalidade do aborto.

2. O aborto social freqüentemente serve de medida protetora contra *a distorção do problema sexual* e das formas de vidas novas, ainda não-cristalizadas. O aborto obstrui o caminho para a maternidade e freqüentemente diminui os êxitos na vida pública da mulher. É, portanto, estranho à *real comunidade*.

3. O aborto aparece como meio de massas para a destruição da descendência. Não abriga a intenção de servir à mãe e à comunidade e é, portanto, estranho às metas nítidas da proteção à maternidade...

Em contraste com esses criadores de frases, que a qualquer tempo, de acordo com a sua estrutura e seu pensamento, poderiam revelar a sua mentalidade fascista, há políticos sexuais revolucionários e médicos que, sem muito conhecimento teórico, somente pelo instinto acertado adquirido com a sua prática representam o ponto de vista revolucionário correto. A esta classe pertence, por exemplo, Klara Bender, de Breslau, que no Congresso do Grupo Alemão da Sociedade Internacional de Criminologia, de 11 a 14 de setembro de 1932, em Frankfurt (sobre o Meno), tomou uma atitude corajosa contra os hipócritas quando estes tentaram apresentar declarações dos políticos demográficos reacionários da União Soviética; contra a política de aborto revolucionária.

Essa conversa sobre danos físicos e psíquicos era sem sentido, gritava ela com razão, quando a interrupção da gestação se realiza sob condições corretas. A preocupação pelo declínio do índice de natalidade é neutralizada pela prática na União Soviética. A conversa sobre "instinto primordial da mulher com respeito ao filho" é pura tolice quando se a contrapõe à brutalidade com a qual se impossibilita às mulheres a criação adequada dos filhos. No capitalismo, o aborto era uma questão puramente de dinheiro, e a lei do aborto portanto era claramente uma lei para favorecer certas classes e levava as mulheres sem meios ao charlatão. Na Clínica para Controle da Natalidade, de Moscou, em 50.000 abortos em um ano não houve um só óbito.

Ficamos freqüentemente admirados com a ineficácia de argumentos assim tão claros. Quem assistiu aos debates sobre o controle da natalidade e o aborto na Alemanha, por volta de 1930, não pôde furtar-se à impressão de que com os políticos demográficos e higienistas reacionários, por exemplo da espécie de um Grothjan, nem se tratava de argumentos racionais. Sem querer tinha-se que pensar na discussão sobre a teoria racial reacionária dos nazistas. Aqui se viu bem claramente o seguinte: tagarelas idiotas, professores impotentes, e por isso tanto mais vaidosos, não podem ser enfrentados com os argumentos dolorosos de que a raça germânica nórdica *não é* a melhor do mundo; de que, por exemplo, o bebê de um negro não é menos inteligente e menos encantador do que o de um burguês alemão. Se aqui se tratasse da questão de inteligência, a argumentação revolucionária de há muito teria vencido a ideologia dos políticos demográficos reacionários, bem como a dos teóricos racistas. Ambos, porém, tinham do seu lado forças irracionais no pensamento das massas, com os quais não se pode lidar apenas com a inteligência. Os políticos demográficos

reacionários têm êxito porque, na Alemanha, centenas de milhares e milhões de mulheres têm medo inconsciente de danos genitais e por isso, mesmo contra seu próprio interesse, votaram contra a abolição da cláusula do aborto. Isso também se mostrou na coleta cristã de assinaturas contra a revogação da cláusula do aborto na Dinamarca em 1934. Os teóricos racistas só podem existir porque o burguês alemão, sentindo-se inferiorizado, compensa seu complexo de inferioridade quando ouve que pertence à raça "superior", "mais inteligente", "criadora", isto é, à raça nórdica. Acentuamos, pois, que estruturas irracionais, como a teoria racista e a eugenia de hoje, não podem ser combatidas apenas com argumentos inteligentes; que os argumentos inteligentes apresentados contra elas têm que fundamentar-se firmemente em sentimentos vigorosos e naturais. Não se trata de "impor" uma teoria elaborada da economia sexual; a vida social revela os fatos que a concepção sexual-econômica descreve, por si só, quando a revolução deixa jorrar de novo a fonte da vida humana. Nem se trata da procriação, mas primeiramente de assegurar a felicidade sexual. Já o fato de que a questão do controle da natalidade na União Soviética não foi discutida em associações e círculos particulares, mas socialmente, estatalmente, oficialmente, de forma *positiva*, foi um passo gigantesco para a frente. Só assim foi possível que um revolucionário valente e inteligente como Zelinsky dissesse o seguinte às autoridades que haviam permanecido conservadoras:

Na totalidade dos discursos desse congresso sobre a perniciosidade do aborto, meu pronunciamento será herético. Mas uma boa dúvida vale uma crença má. É difícil acreditar na honestidade social daqueles oradores que, de toga abotoada até o último botão, afastando-se da realidade da vida e dos fatos, descaradamente despejam aqui diante de nós verdades abstratas sobre o aborto. É como *se* aqui imperasse uma cegueira evidente, uma miopia social ou hipocrisia social. Essa gente não vê. ou não quer *vê*, aquele estado de coisas real, aquelas condições sócio-econômicas e psicológicas das massas, em que ocorre a epidemia de abortos. As declarações sobre o aborto contêm mais preconceito moralizante do que imparcialidade e objetividade. Em torno dessa questão contou-se uma porção de estórias de espantar. Fomos atemorizados com tudo: com a infecção e perfuração do útero, com abalos do sistema nervoso, com o declínio do controle da natalidade, até com a extinção do instinto materno e com a desnaturação da nação, mas dir-se-ia com Tolstói: "Assustam-me, mas não tenho medo." Operação no escuro, operação em volta de esquinas, trabalho com pés-de-cabra. Mas *a* introdução da sonda no estômago, ou mesmo no duodeno, não é um trabalho no escuro? E as manipulações com o esofagoscópio (aparelho para exame de garganta) não será também trabalho de pê-de-cabra? E quando *se Injeta nas* veias tudo, até o sublimado, agindo-se com isso sobre os tecidos delicados das partes mais íntimas, será que *se* sabem de antemão as conseqüências da sua intervenção? E quando com propósitos diagnósticos, completamente *sem* base medicinal, *se* sopra pelas trompas (condutores de ovulação) e *se* introduzem soluções ácidas nelas para a roentgenoscopia (exame de raios X) — isso decorre sem castigo para o organismo? De qualquer forma, não nos declaramos nem ficamos livres de tudo isso. Será que agora a relação entre perturbações hormonais e o aborto já é fato incontestável? Por que então continuam as cidadinas, sistematicamente abortantes, depois da idade balzaquiana (cerca de 30 anos), a concorrer eficientemente na flexibilidade e beleza de *seus* corpos com suas amigas de 20 anos, ao *passo* que suas irmãs camponesas, dando à luz conscienciosamente, depois de seis a oito partos aos 30 anos *se* transformam em cadáveres ambulantes, em limões espremidos? Aparentemente, o caso dos hormônios não é assim tão simples. E quem é que diz que a diminuição dos partos seja sempre prejudicial à aparência? Confirmo que sob certas circunstâncias poderá ser até útil. Os jardineiros sabem que, quando um pé de crisântemos tem flores demais, é preciso cortar uma parte para salvar o pé da morte e para conseguir flores grandes e cheias. Enquanto o coeficiente de nascimentos e o "coeficiente de satisfação" não coincidirem, terá que existir uma diferença que deve ser eliminada. De que maneira se realiza essa eliminação, externamente *isso* é indiferente. No entanto, para a mulher individualmente, suponho que será mais fácil suportar abortos psicologicamente do que acompanhar um pequeno caixão após outro, enterrando com eles sua juventude e sua força. Naturalmente também se pode obrigar o pé de crisântemos a produzir mais flores lindas, mas para isso tem que se modificar a composição do solo e melhorar a cultura do pé. Melhorem as culturas e *nesses* quadros figurarão cifras diferentes, de grandeza maior e com outros setores dos círculos que falarão outra língua, sobre o aborto. Olhem francamente nos olhos da vida, vejam em que condições sócio-econômicas e psicológicas as mulheres vivem e têm de dar vida a novos *seres*. A família com sua pouca resistência e extraordinária brevidade de vida não garante às mulheres as condições necessárias para a criação dos filhos. A pensão de alimentos nem sempre atinge seu alvo. O indivíduo obrigado a

alimentas, mas incapaz de pagar, tem mais interesse teórico para o jurista do que prático para as mulheres. Os preservativos são de pouca confiança. O direito de maternidade livre nem sempre é realizável, pois uma parte das mulheres pertence às desempregadas, enquanto com 40 a 50 rublos mensais de salário estão em condições de fazer uso desse direito. Quero lembrar-vos aqui como em Zola uma abortadeira clandestina critica o médico diplomado: "Vocês empurram a mulher para a prisão e para o Sena, mas nós a tiramos de lá." Querem que o "tirar do Sena" passe novamente para as mãos das abortadeiras clandestinas? Um dos oradores, assustado, exclamou aqui: "Bastam a receita do médico e o desejo da mulher, e o aborto está concluído." Sim, exatamente assim é que deve ser: Basta o desejo da mulher, porque o direito de determinar seus anúncios sociais pertence à mulher e a mais ninguém. Nenhum de nós homens suportaria que a questão do seu casamento fosse resolvida perante qualquer comissão, que o casaria ou não, de acordo com seus conceitos sociais. Por isso também não devemos impedir a mulher de dispor sobre si mesma e de decidir por si mesma sobre a questão cardinal de sua vida. A mulher tem direito à vida sexual e quer realizar esta tão livremente quanto o homem, e deve ter *essa* possibilidade, e com a mesma normalidade, para preservar *sua* integridade social e biológica. Não deve haver uma produção em massa de solteironas, formando-se assim uma classe que só pode ser prejudicial à coletividade.

Ele apareceu, com um instinto certo, no momento em que a reação sexual na União Soviética se preparava para aos poucos abolir o controle da natalidade, já liberado, e o aborto, com comissões, decretos e desculpas humanitárias.

No congresso citado, pois, travou-se uma luta bastante séria entre as linhas sexualmente afirmativa e negativa da política demográfica. Por exemplo, considerava-se seriamente se nova introdução da proibição do aborto não colocaria um paradeiro ao aumento de abortos. O comissário do povo Iefimov achou que o aborto "significava um trauma biológico e psíquico tão óbvio para o organismo feminino que dispensava provas". Apesar disso, ante uma proibição do aborto o considerava o mal menor. Na verdade, o aborto criminoso, a cujo combate se destinavam todos os esforços, pelo menos não havia morrido. Iefimov aderiu à opinião de Selinsky: Com a proibição do aborto não se diminuiria o número dos abortos, mas apenas se relegaria o aborto "novamente ao segredo". Disse ainda: "As condições de vida sócio-econômicas e a elevação do nível cultural exigem irrefutavelmente uma limitação da natalidade." "O que é melhor", perguntava-se, "um comportamento humanitário perante os não-nascidos ainda e com isso um peso a mais para família de hoje ou o controle da natalidade?" A resposta de Iefimov foi correta: "A exigência da vida é mais forte do que as considerações humanitárias. As condições da atualidade determinam assim que uma proibição do aborto não pode entrar em cogitação."

Dez anos depois da liberação do aborto a reação sexual não apenas não estava erradicada, mas, pelo contrário, investia vigorosamente contra a linha revolucionária. Iefimov exigia que se estudassem minuciosamente os meios anticoncepcionais. Queixava-se muito de que os meios em Moscou eram vendidos na rua abertamente, sem que existisse qualquer controle médico; as portas estavam abertas de par em par à especulação e à fraude. Benderskaya e Shinka exigiam que os meios anticoncepcionais comuns fossem fornecidos de graça; Belinsky, Shinka e Selitsky exigiam a prescrição médica. A distribuição indiscriminada dos anticoncepcionais poderia causar danos imprevisíveis à existência da população. A questão da maneira de distribuição dos anticoncepcionais permaneceu indecisa.

Não se conseguia chegar a acordo sobre a maneira de distribuição dos anticoncepcionais. As "preocupações político-demográficas" na realidade eram preocupações pelas conseqüências sobre o comportamento "decente" da população. O prazer da concupiscência sexual parecia inconciliável com o desejo de ter filhos.

O Dr. Benderskaya, de Kiev, por exemplo, defendia os seguintes pontos fundamentais:

1. A volta da punição do aborto nos faria retornar ao tempo do incremento vigoroso dos abortos criminosos praticados por charlatães.

2. O aborto criminoso praticado pelos charlatões tem que ser combatido por meio do aborto legal.
3. O aborto legal tem que ser combatido por meio da propaganda dos meios anticoncepcionais.
4. Sob condições da ordem social socialista a mulher desempenhará sua função maternal de acordo com as exigências da organização coletiva à qual ela pertence.

O ponto 4 de um só golpe derruba a clareza dos três primeiros. Queria assegurar-se à população pelas três primeiras medidas liberdade e alegria na vida sexual; mas a concepção tornava-se uma exigência moral, subordinada à "exigência da coletividade". Deixava-se de perceber que também a alegria com a criança é uma função da concupiscência, da alegria com um novo ser vivo. Jamais será possível forçar-se as mulheres a ter filhos por amor a um poder superior a elas. Ter filhos, pois, ou será parte da alegria geral de viver e então repousará num fundamento firme, ou se tornará uma exigência moral, permanecendo um problema insolúvel, na mesma medida.

Por que será que o interesse da política demográfica em cada época sempre está em desacordo com o interesse sexual dos homens? Será esse conflito eternamente insolúvel? Enquanto as nações se hostilizarem umas às outras; enquanto estiverem separadas por limites nacionais e barreiras alfandegárias; enquanto houver interesse de não ficar para trás em material humano no caso de uma guerra, a política demográfica *não poderá* estar em harmonia com as exigências de higiene sexual. Já que não se pode dizer em voz alta que se necessita de aumento de população, é preciso falar da "decência da função de procriação" e dos interesses da "preservação da espécie".

Na realidade, a greve concepcional das mulheres é apenas uma nas manifestações da crise na vida sexual dos indivíduos. Não constitui prazer ter filhos sob más condições de vida e com parceiros a quem não se ama; ainda mais, a própria vida sexual tornou-se um tormento. Os políticos demográficos não vêem esse conflito, não o podem ver e são órgãos de interesses nacionalistas. Somente quando forem eliminadas as causas sociais da própria guerra, e a sociedade puder dedicar-se a estabelecer e assegurar uma vida feliz para a população, desaparecerá o conflito entre a felicidade sexual e os interesses populacionais, porque então a alegria de ter filhos será parte da alegria geral da sexualidade. Com isso, o motivo da exigência: "Procriai-vos" desaparecerá também.

A liberação do aborto continha simultaneamente — embora não implicitamente — a afirmação da concupiscência sexual. Isso teria exigido uma reestruturação *consciente* de toda a ideologia sexual do negativo para o positivo, da *negação* sexual para a *afirmação* sexual. De acordo com os dados dos obstetras da União Soviética, a maioria das mulheres, 60-70 por cento, era incapaz de sentir prazer sexual. Falava-se de "ausência" do desejo sexual, de uma "diminuição" e afirmava-se que a redução da potência sexual era devida ao aborto artificial. A clínica de distúrbios sexuais contradiz essa opinião. É uma tentativa para encobrir a questão do aborto por todos os meios e para justificar a proibição do aborto. As mulheres são perturbadas sexualmente, nessa porcentagem em geral e em todos os lugares, com ou sem aborto. Acontecia que algumas mulheres realizaram até quinze abortos; o número médio era de sete abortos e muitas mulheres realizaram dois ou três abortos num ano. Isso prova que as mulheres temem o emprego de anticoncepcionais. De outra forma, elas mesmas propugnariam a fabricação de anticoncepcionais suficientes e adequados. Da prática da política sexual na Alemanha sabemos que quase todas as mulheres são dominadas por esse temor e ao mesmo tempo desejam pouca coisa mais ardorosamente do que justamente a regulamentação *dessa* questão. As mulheres devem ser libertadas desse temor. Precisamos externar francamente esse desejo ardente delas e zelar incondicionalmente pela sua realização. Somente a revogação da proibição do aborto ainda não cria o desejo positivo de filhos. Para este é necessário o estabelecimento da capacidade interna e de todas as pressuposições externas para uma vida amorosa feliz. Em vez de se atormentar eternamente com a questão de que os anticoncepcionais só deviam ser distribuídos sob prescrição médica e não de outra forma, seria mais importante e útil mandar efetuar pesquisas por médicos *competentes* e assistentes sobre quais os anticoncepcionais adequados para assegurar a *satisfação sexual*. Que adianta um pessário quando a mulher anda com a impressão de ter um corpo estranho dentro de si e assim não pode chegar à satisfação sexual? Que adianta um preservativo

quando com ele se reduz a satisfação, criando assim males neurastênicos? Que adianta a melhor propaganda de anticoncepcionais quando não há fábricas bastantes para abastecer toda a população com os *melhores* anticoncepcionais? Que adiantam, finalmente, também essas fábricas, quando as mulheres não conseguem livrar-se do temor de usar anticoncepcionais?

A resolução desse congresso ainda defendia o aborto legalizado integralmente; encontrava-se, entretanto, envolta numa atmosfera geral de medo de realmente liberar e assegurar a satisfação sexual.

Uma atmosfera que Fanina Halle descreve em 1932 como se segue: "Sobre os protestos dos bolchevistas mais velhos, dos quais aliás alguns foram muito além de Lênin e pregaram ideais quase ascéticos, o mundo exterior pouco soube. Com empenho tanto maior repisava-se a fábula da "socialização das mulheres na União Soviética", em que ainda hoje muita gente acredita, especialmente quando se trata de propaganda anti-soviética. Nesse ínterim, no entanto, a maré alta do interesse sexual retrocedeu definitivamente, e a juventude soviética que se está desenvolvendo, a guarda avançada da revolução, presentemente se encontra diante de tarefas tão sérias e de tanta responsabilidade que a sua preocupação com os problemas sexuais parece *irrelevante*. Dessa forma, a vida dos sexos na União Soviética alcançou mais uma vez um *estágio de dessexualização*, que se realiza talvez mais radicalmente e em proporções mais vastas do que jamais aconteceu antes. A falta de problemas nas relações entre homem e mulher, que para um pequeno círculo de pioneiros da revolução era característica, agora se tornou característica de extensas massas russas. E a força que conseguiu isso, dessa vez se chama: "plano quinquenal". A ideologia soviética está orgulhosa da "dessexualização da vida e dos homens". Mas essa "dessexualização" é uma figura de fantasia. A vida sexual continua, na falta de imaginação mais clara, de modo doentio, distorcido e prejudicial. A alternativa: sexualidade ou socialidade, não vale. Existe apenas essa única alternativa: vida sexual socialmente afirmada, satisfatória, feliz, *ou* doentia, secreta e socialmente desprezada. Na medida em que a dessexualização aparente, na realidade a desagregação da sexualidade natural, tornará as pessoas na União Soviética doentes e anti-sociais, os funcionários estatais responsáveis se sentirão obrigados a tornarem mais rigorosas as medidas de regulamentação moral, a realizarem novamente a limitação do aborto. Num círculo vicioso inexorável, a sexualidade reprimida exigirá a pressão moral, e a pressão moral aumentará a desintegração da vida sexual. O Prof. Stroganov já se queixava de que as mulheres antes tinham vergonha do aborto, "mas agora começam a insistir nele como seu direito legal"; mas esse direito lhes assegurou a legalização do aborto. A diretora da Organização de Proteção à Maternidade, Lebedewa, notou que a imunidade penal do aborto tinha "*desalgemado* a psicologia da mulher". O aborto já se teria transformado num "hábito da vida", numa "moda"; seria uma espécie de "psicose", que se difundia em todo lugar "epidemicamente". Krivki acha que essa "psicose" está progredindo, que não é previsível quando se iniciará o estágio do regresso. O resultado da "selvagemização" dos "costumes" é que o sentimento da maternidade na mulher se tornou embotado e abalado. Alguns médicos soviéticos chegaram à conclusão acertada de que com a difusão do aborto a miséria material *não* tinha um papel preponderante. Uma conclusão lógica; de outra forma não ocorreria tão freqüentemente que uma mulher que *não* estivesse passando necessidade interrompesse a sua gestação. Na realidade, o aborto é a expressão clara de que as pessoas primeiramente querem o prazer sexual, sem pensar em ter filhos.

No decorrer do segundo plano quinquenal, também com base nessas incertezas, a liberdade sexual foi, de fato, consideravelmente limitada. As gestantes primárias não podiam mais interromper a gestação. Em segredo foi reintroduzida a indicação, as comissões exercendo forte pressão moral. É imprevisível para onde leva esse desenvolvimento. Será decidido inquestionavelmente não somente por si mesmo, mas determinado pelo resultado da luta entre as tendências sexualmente afirmativas, sexualmente revolucionárias, e as sexualmente negativas, sexualmente reacionárias, na União Soviética. É de se temer que a linha sexual-revolucionária não consiga reunir tão depressa forças suficientes para afirmar-se contra a miséria do antigo pensamento incrustado. O resultado então será uma economia brilhantemente tecnificada, impulsionada por neurastênicos e máquinas vivas; mas não *socialismo*.

Solução fundamental

Reunamos os ensinamentos dessa luta a fim de ficarmos melhor armados quando novamente a sociedade se encontrar ante a questão de construir racionalmente a sua vida. Será então indispensável:

1. *A eliminação de todas as desculpas* e explicações desonestas; da preocupação pela preservação da própria espécie ou da explicação de que a miséria material é o único motivo do aborto. A eliminação da separação entre a política demográfica e a política sexual geral.

2. *Reconhecimento da função sexual independentemente* da procriação.

3. *Reconhecimento da vontade de procriação* como função parcial da sexualidade, do desejo de ter filhos como uma expressão da alegria de viver. Reconhecimento do fato de que, com vida material e sexual satisfatória, a alegria de ter filhos se tornará espontânea, pois a criança surge da alegria de viver.

4. Defesa aberta do ponto de vista de que a *prevenção da concepção* praticamente não serve apenas para a eliminação dos abortos, mas em primeiro lugar para a segurança do prazer sexual e da saúde.

5. *Coragem para defender a afirmação sexual* e o *autocontrole sexual*.

6. *Garantia contra a influência prática* de todos os santos, moralistas e outras espécies de neuróticos sexuais disfarçados.

7. *Controle mais rigoroso da prática e da ideologia* dos professores reacionários de Obstetrícia e Higiene Social por meio de órgãos sexual-políticos das mulheres e da juventude.

Combate ao respeito estúpido das massas à ciência de hoje. Raramente ela merece este nome.

O alvo da política revolucionária demográfica somente pode ser despertar o interesse da própria população e não impor-lhe "de cima" a obrigação da "preservação da espécie". Hoje a política demográfica não interessa ao homem médio. A fim de alcançar esse alvo, em primeiro lugar é necessária uma afirmação do prazer sexual e sua segurança para todos os que participam *produtivamente* da vida social que é mesmo indispensável. A população tem de adquirir o sentimento de que é *compreendida* de maneira inequívoca e absoluta nesse ponto, isto é, na questão do prazer sexual, e de que a sociedade está disposta a fazer tudo para assegurar-lhe a felicidade sexual e capacitá-la também a desfrutá-la.

A solução dessas questões será relativamente fácil em comparação com a solução da questão principal: *Como é que o, medo do homem de hoje da concupiscência orgástica orgânica pode ser abolido em proporção das massas?* Um problema inauditamente grande e difícil. Uma vez solucionado, não serão mais os professores sexualmente acanhados, mas os jovens, trabalhadores, camponeses, especialistas científicos — e crianças — que solucionarão a questão política demográfica. Até lá a política demográfica e a eugenia continuarão a ser as estruturas reacionárias que são hoje.

2. A REINTRODUÇÃO DA CLÁUSULA DA HOMOSSEXUALIDADE

A legislação soviética tinha simplesmente riscado a velha cláusula czarista da homossexualidade, que castigava a atividade homossexual com pesadas penas de privação de liberdade. A grande Enciclopédia Soviética oficial, publicada sob controle governamental, em sua

apresentação da sexualidade se apoiava principalmente em Magnus Hirschfeld e em parte também em Freud. A justificativa para a revogação da cláusula da homossexualidade era que a questão da homossexualidade devia ser tratada exclusivamente de maneira científica e portanto não era passível de pena. Os muros que separavam os homossexuais da sociedade tinham que ser derrubados. Esse ato do Governo soviético na ocasião deu enorme impulso ao movimento sexual-político da Europa ocidental e da América. Não era um ato de propaganda, mas baseava-se no fato de que a homossexualidade, quer seja concebida como inata ou como resultado de uma inibição do desenvolvimento, é uma atividade que não prejudica a ninguém. Isso também correspondia inteiramente ao pensamento da população citadina e das aldeias, que se comportava com extraordinária tolerância ante todas as questões sexuais, se bem que ocasionalmente indivíduos homossexuais e mulheres lésbicas, nas aldeias, fossem objeto de "troça bem humorada", como se exprime um correspondente. Em contraste com isso, as massas pequeno-burguesas como em toda parte ainda se encontravam inteiramente sob o feitiço de conceitos sexual-ascéticos e preconceitos medievais. Essas camadas tinham seus representantes também nas camadas médias e mais elevadas do partido, de modo que a sua influência paulatinamente também logrou transmitir-se a partes do operariado. Duas concepções de homossexualidade se constituíam cada vez mais nitidamente:

1. Seria um sinal de "incultura bárbara", uma "indecência de povos orientais semi-selvagens".
2. Seria um fenômeno de "cultura superdesenvolvida da burguesia perversa".

Apesar da revogação do castigo persistiam perseguições homossexuais nos povos orientais da União Soviética. Por volta de 1925, no Turquestão, foi criada uma cláusula adicional ao Código Legal da União Soviética, que já previa penalidades pesadas para os homossexuais.

Os conceitos sobre homossexualidade já citados, em conjunto com a falta de clareza generalizada sobre as condições sexual-políticas e as possibilidades de desenvolvimento, levaram a que se verificassem aqui e ali casos grotescos de perseguições a homossexuais que finalmente se tornaram cada vez mais freqüentes. Com a simples lei, o caso não estava liquidado. De acordo com o conceito da economia sexual, a homossexualidade na maioria preponderante dos casos é conseqüência de uma perturbação muito precoce da função amorosa sexual. Com o refreamento geral da revolução sexual, a homossexualidade necessariamente tinha que propagar-se cada vez mais na juventude, nas forças armadas etc. Havia espionagens e delações, desprezo por parte dos comitês do partido e até mesmo "expurgos do partido". Em casos isolados, velhos bolcheviques, como por exemplo Clara Zetkin e outros, intervinham e conseguiam a absolvição. No entanto, com o decorrer do tempo a onda de homossexualidade cresceu em virtude da falta de solução para a questão sexual, até que em janeiro de 1934 em Moscou, Leningrado, Cracóvia e Odessa verificaram-se prisões em massa de homossexuais. Essas prisões eram justificadas como tendo base política. Entre os presos encontravam-se muitos artistas, atores, músicos, que foram condenados por "orgias homossexuais" administrativamente a diversos anos de prisão ou exílio.

Em março de 1934 apareceu a lei que proibia e castigava relações sexuais entre os homens, assinada por Kalinin. De acordo com um relatório privado, saiu como uma espécie de medida de emergência, pois que modificações da lei somente podiam ser determinadas pelo Congresso Soviético. De acordo com essa lei, as relações sexuais entre homens eram designadas como "crime social", que, em casos mais leves, é castigado com três a cinco anos e, no caso da dependência de um parceiro do outro, com cinco a oito anos. Assim a homossexualidade era novamente enquadrada na mesma categoria que outros crimes sociais: banditismo, contra-revolução, sabotagem, espionagem etc. As perseguições homossexuais encontravam-se em certa relação com o procedimento na Alemanha por ocasião do caso Röhm, em 1932-1933. A imprensa soviética tinha encetado uma campanha contra a homossexualidade como "um fenômeno de desnaturação da burguesia fascista". Como me foi relatado, o conhecido jornalista soviético Koltsov tinha publicado uma série de artigos em que falava das "florzinhas do Ministério de Propaganda de Goebbels" e das "orgias sexuais nos países fascistas". A intervenção de Gorky foi decisiva, quando este escreveu num artigo sobre

"Humanismo Proletário": "A mente reluta apenas em pensar naquelas abjeções que o fascismo cria com tanta profusão." Referia-se ao anti-semitismo e à homossexualidade. Em seguida, literalmente: "Ao passo que nos países do fascismo a homossexualidade, que estraga a juventude, age impunemente, no país em que o proletariado valente e masculinamente conquistou o poder estatal é declarado como crime social e castigado severamente. Na Alemanha já se criou um lema: "Exterminai os homossexuais e o fascismo desaparecerá."

Vemos quão confuso e nocivo era esse conceito sobre a homossexualidade. Confundia-se a homossexualidade de ligas masculinas, que realmente era a base da organização central de Röhm e outros, com a homossexualidade *miserável* de marinheiros, soldados e prisioneiros, que deve ser atribuída à falta de relações heterossexuais satisfatórias. Além disso, deixava-se de ver completamente a posição ideológica do fascismo perante a homossexualidade, que era igualmente negativa; lembremos 30 de junho de 1934, quando Hitler exterminou toda a direção da SA com a mesma fundamentação com a qual na União Soviética tinham começado as perseguições homossexuais. Está claro que com tais imagens *caóticas* das relações da sexualidade com o fascismo e com as questões gerais da própria vida sexual, nada absolutamente pode ser conseguido. Por ocasião das prisões em massa, criou-se uma situação de pânico entre os homossexuais na União Soviética. Consta que no exército verificaram-se numerosos suicídios. Até o ano de 1934, na União Soviética não havia denunciante, mas depois desses acontecimentos reaparecem novamente. A população, ao contrário, mantinha uma atitude tolerante com relação aos homossexuais.

Limito-me a essa descrição resumida. As relações das perseguições de homossexuais com a situação sexual-política geral, especialmente dos povos orientais, necessitaria de uma apresentação detalhada. Mas eu não quis sobrecarregar este trabalho. A atitude sexual-econômica ante a questão da homossexualidade é apresentada em meus trabalhos anteriores, *Die Funktion des Orgasmus*, *Charakteranalyse* e em *Der sexuelle Kampf der Jugend*. Resumindo, pode-se dizer:

1. A homossexualidade não é crime social, não prejudica a ninguém.
2. Pode ser limitada unicamente pelo estabelecimento de todas as pressuposições da vida amorosa natural das massas.
3. Até a consecução dessa meta, deverá ser considerada como uma espécie de satisfação equiparada à heterossexual e (excetuando-se o desencaminhamento de crianças e adolescentes) impune.

CAPÍTULO V

O REFREAMENTO NAS COMUNAS DA JUVENTUDE

A juventude russa tinha conquistado para si nos anos da guerra civil o principal papel, o papel que lhe cabia na luta. Lênin, em completa apreciação do significado da vontade vital juvenil pela revolução, tinha voltado sua atenção especialmente para a organização da juventude, a elevação de sua situação econômica e segurança de sua força.

O reconhecimento da independência juvenil no processo social e diante da geração mais velha já chegara a plena expressão na resolução do II Congresso das Organizações Juvenis:

"O Komsomol é uma organização autônoma com regulamentação própria." Lênin já em 1916 tinha acentuado: "Sem independência completa, a juventude não pode criar socialistas aproveitáveis."

Somente uma juventude sexualmente sadia, tornada independente, sem disciplina autoritária, poderia realizar de modo permanente as tarefas incrivelmente difíceis da revolução.

Como exemplo do caráter sexual-político das organizações juvenis revolucionárias, independentes, apresentamos o seguinte caso:

1. JUVENTUDE REVOLUCIONÁRIA

Até há cerca de dez anos, Bacu pertencia a uma das fortalezas mais reacionárias e tenebrosas do império russo. A revolução tinha exigido justamente dos domínios da república russo-turca de Azerbaijã sacrifícios de sangue extremamente numerosos. É verdade que as leis tinham sido modificadas pela revolução, o solo econômico tinha sido reconstruído, a religião tinha-se tornado assunto particular de cada um, mas: "Sob os tetos erigidos de novo, perdurava a velha disciplina cruel do harém" (Balder Olden). As meninas eram enviadas a instituições religiosas; era-lhes proibido aprender a ler e escrever: uma não-analfabeta poderia, por meio de cartas, comunicar-se com o mundo exterior, fugir de casa e trazer desonra para a família. As moças eram servas do pai. Na maturidade sexual, tornavam-se servas do marido que elas mesmas não podiam escolher, e que antes do casamento jamais tinham visto. Mulheres e moças não podiam mostrar o rosto a homem algum. Cobertas de véu e envoltas em vestes olhavam a rua pelas janelas e só podiam ir a qualquer lugar fortemente vigiadas; não podiam realizar qualquer trabalho, tampouco ler um livro ou um jornal; se bem que tivessem o direito de se divorciar, praticamente não o podiam fazer; se bem que a chibata tivesse desaparecido das penitenciárias, no harém as mulheres eram castigadas. Essas mulheres tinham que realizar o parto sozinhas, pois não existiam parteiras e médicas e elas eram proibidas pela religião de se mostrar a um médico do sexo masculino.

Então, em meados da década de 1920, as mulheres russas fundaram um clube feminino central, que organizou a educação. Pouco a pouco a instrução se alastrou; as salas de aula se enchiam cada vez mais e as moças escutavam os professores encanecidos (homens jovens não podiam ensinar a elas); muitos anos depois da irrupção da revolução social começou a "revolução dos costumes". Essas moças vieram a saber que havia países em que rapazes e moças eram educados juntos, nos quais mulheres praticavam esportes, iam ao teatro sem véu, tomavam parte em reuniões, apareciam mesmo publicamente e tomavam parte na vida da época.

O movimento sexual-político se espalhava. Os pais de família, os irmãos e maridos se sentiam ameaçados em seus interesses quando escutavam o que estava sendo propalado no clube feminino. Espalharam o boato de que o clube feminino era um prostíbulo; tornou-se por conseguinte perigoso para as mulheres visitá-lo. Segundo Balder Olden, acontecia que se jogava água fervente sobre as moças que iam para o clube, ataçavam-se cachorros contra elas, e ainda mais: em 1923, a moça era ameaçada de morte se aparecesse em público ou usasse um traje esportivo que deixasse à mostra pernas e braços; dessa forma, é compreensível que o pensamento de uma união amorosa sem casamento estava longe mesmo das mulheres mais corajosas. Apesar de tudo, houve algumas poucas moças que resolutamente quebraram todas as tradições e, dispostas a tudo, iniciaram a luta pela libertação sexual da juventude feminina. Em virtude disso, sofreram terrivelmente. Com efeito, foram imediatamente reconhecidas, hostilizadas e consideradas abaixo de prostitutas, de forma que nenhuma delas podia ousar pensar que algum homem contrairia matrimônio com ela.

No ano de 1928, Zarial Haliliva, de vinte anos, fugiu da casa dos pais e começou a convocar reuniões a fim de conseguir a emancipação sexual das mulheres; ia ao teatro sem véu e em jornais murais dos clubes apelava para as mulheres; ia à praia em traje de banho e a campos esportivos. Seu pai e seus irmãos realizaram um julgamento sobre ela e condenaram-na à morte. Foi cortada em pedaços viva. Isso foi em 1928, onze anos depois do início da revolução social na Rússia. O assassinato dela deu um enorme ímpeto ao movimento sexual-político das mulheres. Seu cadáver foi tirado dos pais, posto em câmara ardente no clube com uma guarda de honra de rapazes e moças que o velava dia e noite. Moças e mulheres acorreram em massa ao clube. Os assassinos de Zarial foram executados, e desde então nem pais nem irmãos ousaram mais tomar medidas semelhantes como os movimentos de emancipação das mulheres e dos jovens.

Balder Olden descreve esses acontecimentos como um movimento cultural em geral. Temos que expressar-nos mais concretamente. Era inequivocamente uma revolução sexual-política que apenas secundariamente contribuiu para a elevação da consciência cultural das moças e mulheres. Em 1933, já havia 1.044 moças estudando nos ginásios, 300 parteiras no país e 150 clubes de mulheres e moças. Muitas escritoras e jornalistas surgiram então; o presidente da corte judiciária mais alta é uma mulher, outra é presidente da junta soviética. As mulheres têm postos de engenheiras, médicas e aviadoras. A juventude revolucionária tinha conquistado seu direito de existência.

2. COMUNAS DA JUVENTUDE

As comunas da juventude prestam-se especialmente bem para demonstrar o papel da revolução sexual juvenil. Foram a primeira expressão natural da vida coletiva juvenil em desenvolvimento. Um comuna constituída de homens mais idosos logo depara com as dificuldades apresentadas pelas reações psíquicas e costumes rígidos. Na juventude, porém, especialmente na puberdade, tudo é movediço, as inibições ainda não se tornaram estruturas rígidas. Justamente as comunas jovens tinham expectativas especialmente favoráveis para se imporem e assim provarem a utilidade e o grande progresso oferecidos pela vida coletiva. O que é que se impunha às comunas em matéria de vida progressista revolucionária? Quais as inibições que frearam esse progresso?

Muito cedo se reconheceu na União Soviética que a organização política da juventude e a melhoria de sua situação de vida material tinham que ser realizadas em primeiro lugar. Admitiu-se também que somente isso ainda não era o suficiente. Bucharin procurou resumir a situação na frase: "A juventude necessita de romance". Era-se forçado a chegar a essa conclusão em virtude do retrocesso do movimento proletário juvenil que se iniciou quando a guerra civil tinha terminado e o período NEP dos acontecimentos tumultuosos dos primeiros anos enveredava pelo caminho real pouco romântico do árduo trabalho de reconstrução. "Não devemos apelar unicamente para o

cérebro, pois antes que o homem entenda alguma coisa tem que senti-la também", dizia-se no V Congresso do Komsomol. "Todo o material romanticamente revolucionário tem de ser aproveitado para a educação da juventude; o trabalho subterrâneo antes da revolução, a guerra civil, a Cheka, as lutas e os feitos revolucionários dos trabalhadores e do Exército Vermelho, as invenções técnicas e as expedições." Antes de mais nada, dizia-se, tinha-se de criar uma literatura em que o ideal socialista fosse apresentado "de forma entusiástica" e em que se tinha de exaltar o heroísmo do operariado, a luta dos homens contra a natureza e a dedicação incondicional ao comunismo. O entusiasmo da juventude deveria, pois, ser despertado e mantido com o auxílio de ideais *éticos*. Os ideais e idéias burgueses deviam ser substituídos pelos ideais e idéias revolucionários.

Concretamente: A juventude da sociedade burguesa, em virtude do seu sensacionalismo, gosta de ler romances policiais. Por certo que é inteiramente viável substituir um romance de conteúdo comum por um romance policial de conteúdo revolucionário; em lugar da perseguição de um criminoso, por exemplo, coloca-se a perseguição de um tira da Guarda Branca por um homem da GPU. No entanto, a experiência do jovem aí permanece a mesma: horror, calafrios, tensão e perseguição; o resultado são fantasias sadistas, que se ligam à excitação sexual não-libertada. A formação estrutural psíquica agora não depende do conteúdo da vida, mas da espécie das excitações vegetativas acompanhantes. Um conto de terror tem o mesmo efeito tanto quando relata sobre Ali Babá e seus quarenta ladrões como quando descreve a execução de espiões da Guarda Branca. O importante para o leitor são os *calafrios* e não se são quarenta ladrões ou quarenta contra-revolucionários os decapitados. Se o movimento revolucionário queria apenas impor os seus conceitos e atrair adeptos, então a substituição de um ideal ético por outro bastaria. Quando, porém, além disso, queria reestruturar os homens, capacitá-los a pensamentos e ações *independentes*, em resumo, eliminar a natureza de súditos, então também tinha de pensar que não se podia simplesmente substituir o Sherlock Holmes conservador por um Sherlock Holmes vermelho, o romantismo conservador não podia ser superado por um romantismo revolucionário. Na resolução do V Congresso consta: "Demonstrações, desfiles de archotes, bandeiras, concertos de massa, devem ser empregados em extensão completa para influência poderosa da juventude." Isso era necessário, mas era apenas a continuação de *velhas formas* de entusiasmo e influencia ideológica. Na Alemanha hitlerista, da mesma forma se realizam manifestações, desfiles de archotes e bandeiras, e concertos de massa para influenciar poderosamente a juventude. O jovem hitlerista certamente não é menos entusiasmado e dedicado que o Komsomol. É decisivo aqui que a juventude hitlerista alemã em seu programa promete lealdade incondicional e sem críticas ao eterno Führer, que nem mesmo ousa pensar criar, por ela mesma, "uma nova vida, de acordo com regulamentação própria"; o Komsomol, em contraste, tinha a tarefa de criar uma nova existência para toda a juventude trabalhadora ativa, de acordo com a sua própria vida e suas necessidades; torná-la independente, anti-autoritária, alegre no trabalho, capaz de satisfação sexual, capaz de tomar decisões, pensando criticamente por convicção própria, não por obediência cega; tinha de saber que não lutava por um "ideal comunista" que se encontrava num lugar muito distante, mas que essa *meta comunista era a realização de sua própria vida independente*. É típico da sociedade autoritária que a sua juventude não tem consciência de sua vida real e por isso ou vegeta indolentemente ou obedece cegamente; a juventude revolucionária, ao contrário, desenvolve, em virtude de ter consciência de suas necessidades, a espécie mais poderosa e duradoura de entusiasmo: a *alegria de viver*. Ser "juvenil" e "independente", portanto, significa também ser sexualmente afirmativo. O Estado soviético tinha de escolher entre apoiar-se na disposição ascética para o sacrifício ou na alegria de viver sexualmente afirmativa. A extensa massa da juventude somente podia ser conquistada duradouramente, e reestruturada no sentido do socialismo, com o auxílio da afirmação da vida.

O Komsomol de Lênin abrangia em 1925 um milhão de membros, em 1927 dois milhões, em 1931 cinco milhões; em 1932 o número cresceu para quase seis milhões. A organização da juventude operária era, pois, um grande êxito. Será que essa juventude foi *reestruturada* também no sentido da formulação principal do II Congresso, isto é, para a "*independência completa*"? Ao mesmo tempo, apenas 15 por cento dos jovens camponeses pertenciam ao Komsomol. De 500.000 jovens

camponeses em idade do Komsomol, que viviam em comunidades agrícolas e podiam ser mais facilmente recrutados, apenas 25 por cento se achavam no Komsomol. Por que os restantes 75 por cento *não* estavam organizados? A atração da juventude se encontra em relação direta com a capacidade das organizações juvenis de compreender as necessidades da juventude, exprimir tais necessidades em favor da juventude e fazer tudo para a sua satisfação. Novas formas de vida só surgem de *novos* conteúdos da vida. E novos conteúdos devem ter novas formas. Com a juventude camponesa, a modificação da estrutura tem de se realizar de forma diferente que na proletária; pois suas atitudes sexual-políticas são fundamentalmente diferentes.

a) A Comuna Sorokin

No decorrer da transformação revolucionária formaram-se estruturas sociais que, apesar de serem bastante significativas para o período de transição, não podem ser consideradas células germinativas da futura ordem comunista. Procuremos, baseados, na "Comuna Sorokin", tornada célebre, descobrir em que consiste sua particularidade.

É o protótipo de uma comuna disciplinada autoritariamente, antifeminista, constituída sobre ligações homossexuais, e *não* estruturada de forma especificamente *comunista*.

Num engenho a vapor no Cáucaso setentrional trabalhava um jovem operário, *Sorokin*. Ele leu nos jornais a notícia sobre a construção do "Autostroj", a grande fábrica de automóveis da União Soviética. Sentiu então o desejo de trabalhar lá. Frequentou curso técnico na cidade mais próxima e organizou entre os estudantes uma brigada de choque. Depois da conclusão do curso, todos os quarenta e dois formandos, inflamados pelo entusiasmo de Sorokin, apresentaram-se para o Autostroj. Em 18 de maio de 1930, ali chegaram. Vinte e dois jovens operários, sob a direção de Sorokin, formaram uma comuna de trabalho. Cada um entregava seu salário a uma caixa comum, que pagava todas as despesas. Era uma comuna da juventude típica, ninguém tinha mais de vinte e dois anos. Dezoito eram filiados ao Komsomol, um ao partido e três eram apertidários.

O entusiasmo juvenil com o qual iam à obra, sua ambição e incansabilidade em breve mexeram com os nervos dos outros operários. Também o diretor dificultava as coisas para eles, colocando-os em lugares separados, em vez de fazê-los todos trabalhar juntos no mesmo lugar, como eles desejavam. Então Sorokin conseguiu a substituição do diretor. O sucessor teve melhor compreensão da comuna. Imediatamente, eles se candidataram para a execução de um projeto especialmente difícil, onde apenas 30 por cento do trabalho havia sido feito. A tarefa consistia em drenar um pântano. Quatro comuneiros, entre os quais a única mulher da comuna, desistiram, porque o trabalho era muito duro. Os dezoito restantes, no entanto, se reuniram num grupo firme, combativo e trabalhavam como loucos. Dominava entre eles uma disciplina férrea. Chegaram até a resolver expulsar da comuna todo aquele que faltasse mais de duas horas ao trabalho. Um comuneiro, que realmente cometeu essa falta, foi excluído sem piedade, apesar de ser estimado por todos.

Em breve o trabalho se achava 100% à frente do programa. A fama da comuna Sorokin chegou aos recantos mais afastados da organização. Agora os seus membros eram enviados sistematicamente para todos os pontos difíceis. Em toda parte, inspiravam os outros operários. Acontecia que os comuneiros trabalhavam 20 das 24 horas do dia. Essa atividade tensa os unia intimamente. Conseguiram arranjar duas tendas onde moravam e comiam juntos. Assim se desenvolveram para uma comuna integral. O exemplo inflamava os demais. Quando Sorokin e seus camaradas chegaram, havia em toda a fábrica 68 brigadas de choques com 1.691 Udarniki; a única comuna era a constituída por eles. Meio ano mais tarde, no outono de 1930, já existiam 253 brigadas, entre as quais 7 comunas. Na primavera de 1931, o número de brigadas de choque elevou-se para 339, os dos Udarniki para 7.023, o das comunas para 13. Em reconhecimento pelos seus serviços, o Brigadeiro Sorokin recebeu a Ordem da Bandeira Vermelha.

Esses comuneiros nos lembram os grupos coletivistas de muitas divisões de lutadores da Frente Vermelha na Alemanha. Já a própria exclusão das mulheres as marca como *não* modelares para a organização coletiva comunista futura. Sua estrutura é estranha aos tipos médios da população. As exigências que fazem a si mesmos são heróicas e indubitavelmente indispensáveis e modelares para as árduas lutas do período de transição; mas não são apropriadas para nos revelarem os germes do desenvolvimento futuro. Temos que distinguir se uma comuna surge pela necessidade e pelo fato de uns se acostumarem aos outros, como nas brigadas de choque, ou se é formada segundo necessidades vitais naturais. O desenvolvimento de muitas comunas na União Soviética distinguia-se justamente pelo caráter de transição; trabalho comum e miséria comum na fábrica, no exército, no *kolkhoz*, constituíam a pedra fundamental. Nas brigadas de choque acostumavam-se uns aos outros, como se acostumam uns aos outros os soldados na trincheira. Justamente a primitividade da vida apagava as diferenças de particularidades. A organização coletiva operária se desenvolvia até formar uma organização coletiva integral quando se juntava a co-habitação. Mas essa organização coletiva ainda não é uma comuna real; porquanto somente uma parte do salário individual é colhida pela caixa comum. Em algumas organizações coletivas, cada um, independente do valor do seu salário, contribui com importância igual a todos os outros. Segundo outra regulamentação, os membros têm uma contribuição mínima e além disso uma porcentagem dos seus vencimentos. Nas comunas integrais, isso é diferente. Os comuneiros se obrigam a entregar seu salário integral à caixa comum. A comuna integral era considerada como "forma mais elevada da coexistência humana". A formação dessa comuna integral mostrou que a falta de atenção aos problemas estruturais e pessoais levava a uma forma de organização compulsória, autoritária e coerciva.

Na Biblioteca Estatal de Moscou formou-se uma comuna integral, na qual os sobretudos, sapatos e até a roupa de baixo estavam à disposição de qualquer comuneiro. Se um dos comuneiros quisesse usar seu próprio sobretudo e sua própria roupa, isso era condenado como "pequeno-burguês". A vida pessoal particular não existia. Era proibido, por exemplo, ter mais amizade a um dos comuneiros que a outro. O amor era vedado. Quando certa vez se percebeu que uma moça se sentia mais atraída por um dos comuneiros, ambos foram atacados numa sessão como "destruidores da ética comunista". A comuna depois de pouco tempo desintegrou-se (Mehnert).

Para quem considera a comuna como a "forma familiar futura", como a futura unidade da sociedade humana, é importante estudar e compreender o fracasso de tais comunas. *Toda distorção contraditória à natureza do homem e de suas necessidades, toda espécie de direção autoritária, moral ou ética da vida, forçosamente destruirá a comuna.* O problema fundamental é como poderia a comuna desenvolver-se com base em condições *naturais* e não morais. Como prova de que o conflito entre a estrutura e as formas de vida pode aprofundar-se até chegar a fenômenos grotescos temos o exemplo da comuna da Academia Berg em Moscou. Esta resolveu planejar não somente o dinheiro, mas também o tempo dos membros. Foi estabelecido um horário que, de acordo com Mehnert, era o seguinte:

7,30	levantar
7,30 — 8,45	vestir, tomar café, arrumar
8,45 — 14,00	ginásio
14,00 — 15,30	almoço e descanso
15,30 — 21,00	ginásio e estudo em casa
21,00 — 21,30	jantar
21,30 — 23,00	descanso, leitura
23,00 — 24,00	leitura de jornal

Em total:

Estudo	10 horas e 45 minutos
Deveres de casa	4 horas e 45 minutos
Comer, descansar, ler jornal	1 hora

A comuna da fábrica AMO chegou até a organizar, baseada em observação minuciosa e prolongada, a seguinte estatística sobre a utilização média das 24 horas do dia por parte dos comuneiros:

1. Trabalho na fábrica	6 horas e 31 minutos
2. Sono	7 horas e 35 minutos
3. Estudo	3 horas e 1 minuto
4. Alimentação	1 hora e 24 minutos
5. Atividade político-social	53 minutos
6. Leitura	51 minutos
7. Distração (cinema, clube, teatro, passeios)	57 minutos
8. Trabalho doméstico	27 minutos
9. Fazer visitas	25 minutos
10. Higiene	24 minutos
11. Indeterminado	1 hora e 32 minutos
Total	24 horas

Isso é cólera estatística doentia compulsória. Tais fenômenos são de natureza expressamente patológica, aliás sinais neuróticos compulsórios de uma existência obrigatória, contra o que todo o íntimo dos comuneiros tinha de revoltar-se. A conclusão que se deve tirar disso não é a de Mehnert, que põe em dúvida a própria possibilidade de uma vida coletiva, mas: *Deve-se encontrar um meio de se estabelecer uma forma de vida coletivista que seja compatível com a estrutura das pessoas.* Enquanto os sentimentos e pensamentos dos comuneiros estiverem em desacordo com a vida coletiva, a necessidade social prevalecerá na forma de consciência e compulsão. Deve-se fechar a brecha entre a estrutura humana e a forma de vida não por compulsão, mas de maneira orgânica.

b) A comuna operária "Bolchevo", da GPU, para delinqüentes

Era a primeira comuna de trabalho estabelecida por iniciativa de Dzerjinski, o diretor da GPU, para jovens delinqüentes. Isso foi no ano de 1924. O princípio fundamental era que os pequenos criminosos deveriam ser educados em completa liberdade. O problema fundamental consistia em saber como organizá-los. Foi solucionado como se segue: Dois dos fundadores da comuna "Bolchevo", antes de adotarem a inovação, tiveram uma conversa com os detentos da prisão Butyrki em Moscou. Eram jovens que estavam presos por furto, roubo, vagabundagem etc. A proposta da GPU era: Nós lhes damos liberdade, possibilidade de desenvolvimento cultural, ensino, participação na construção da União Soviética. Vocês querem acompanhar-nos e fundar uma comuna? Os delinqüentes a princípio ficaram desconfiados. Não queriam e não podiam acreditar que a GPU, que os havia prendido, agora lhes queria dar a liberdade. Supunham que era uma cilada e inicialmente rejeitaram a proposta. Como ficou evidenciado mais tarde, resolveram enfim aceitar a proposta com

a intenção de fugir depois para continuar a furtar e roubar. Quinze adolescentes receberam um líder, dinheiro para a condução e a comida. Também receberam inteira liberdade para irem e virem como e quando quisessem. Quando chegaram aos terrenos da comuna a ser estabelecida, revistaram todos os arbustos e cantos em busca de soldados escondidos. Quando viram uma velha grade de ferro, ficaram desconfiados e quiseram fugir; supunham que era uma cerca. Foram tranqüilizados e convencidos de que nada disso tinha sido proposital; resolveram ficar. A ampliação do número dos membros da comuna para 350 e em seguida para 1.000 realizou-se exclusivamente com o auxílio desses 15 rapazes. Primeiramente, organizaram uma lista de outros 75 rapazes pelos quais ficaram responsáveis. Eles mesmos mandaram uma delegação à prisão para buscar os novos 75.

Surgiu então o problema de como o trabalho poderia ser organizado melhor. Ficou resolvido estabelecer uma fabricação de sapatos para a população da vizinhança. Os rapazes organizaram tudo sozinhos. Estabeleceram comunas para o serviço doméstico, para o trabalho, para saraus culturais. O salário a princípio era de cerca de 12 rublos por mês com comida e moradia pagas.

A população rural protestou vigorosamente contra o estabelecimento da comuna dos delinqüentes. Redigiram petições ao Governo soviético para evitar isso; fecharam-se em casa, tinham medo.

Aos poucos iniciou-se o trabalho cultural. Organizou-se um clube e fundou-se um teatro, o que passou a ser freqüentado também pelos camponeses. As relações entre os delinqüentes e a população, com o decorrer dos anos, tornaram-se tão boas que os rapazes começaram a "casar" com as moças das aldeias e cidadezinhas vizinhas.

Aos poucos as pequenas empresas se transformaram em fábricas de aparelhamento esportivo. Em 1929, existia uma fábrica de sapatos, que produzia 400 sapatos e 1.000 patins diariamente, bem como vestidos, suéteres etc. O salário agora era de 18 rublos para os novatos até 100-130 rublos para os veteranos. Os operários pagavam 34-50 rublos por sua recreação, alimentação, moradia, vestimenta; 2% do seu salário iam para instituições culturais. Para os novatos, existia o problema de como tinham que conseguir viver com 18 rublos. A resposta era: Nós lhes damos crédito até que vocês estejam ganhando integralmente.

Na fábrica, dominava o mesmo sistema de auto-administração adotado em todas as fábricas da União Soviética. Havia um diretório de três membros, eleito pelos componentes da organização, e uma instituição encarregada de zelar pelas funções do diretório.

Na divisão político-cultural, existiam algumas comissões que tinham de atrair novos criminosos. A comuna aumentava constantemente em número. Se entre 1924 e 1925 os delinqüentes ainda tinham medo de entrar para a comuna livre, agora o afluxo de candidatos era tão grande que o pessoal teve a brilhante idéia' de realizar uma prova com os recém-vindos antes da aceitação. Essa prova deveria mostrar que se tratava realmente de delinqüentes e não de trabalhadores não-delinqüentes. Averiguava-se exatamente onde a pessoa em questão tinha sido presa; qual o crime que cometera; como tinha praticado seus crimes; que prisões conhecia; como eram organizados por dentro etc. Se o recém-chegado não conseguisse responder a essas perguntas satisfatoriamente — e os examinadores da comissão se orientavam excessivamente bem — a sua aceitação era negada. Não-delinqüentes não eram, pois, aceitos. A lista dos candidatos era apresentada à reunião geral da comuna. Na reunião, o candidato tinha de relatar fatos de sua vida. Se era desconhecida, dois membros da comuna tinham de responsabilizar-se por ele. A experiência durava seis meses; se o candidato fosse aprovado nesse prazo, era aceito definitivamente na comuna; se não fosse aprovado, podia ir embora espontaneamente.

Paulatinamente, surgiram uma biblioteca, um clube de xadrez, uma pequena coleção de arte, um cinema, os quais eram dirigidos não por elementos de cima, mas pelos próprios comuneiros eleitos para tal fim. Surgiram também as chamadas comissões de conflito. Se alguém faltava ao trabalho ou chegava atrasado, recebia uma advertência pública; quando se tornava ineficiente, era-lhe

descontado dinheiro do salário. Nos casos mais difíceis, recorria-se ao seguinte expediente: a comuna condenava a pessoa em questão a um ou dois dias de prisão. Dava-se ao "preso" um bilhete com o endereço da respectiva prisão em Moscou. Sem qualquer acompanhamento ou supervisão, ele viajava para lá, ficava um ou dois dias e voltava sistematicamente.

No decorrer dos primeiros três anos juntaram-se 30 moças aos 320 rapazes. Consta que não houve dificuldades sexuais, pois os rapazes tinham relações com as moças da vizinhança. O dirigente da comuna em resposta à minha pergunta me declarou que os membros da comunidade se aconselhavam mutuamente em dificuldades sexuais, mas que excessos rudes eram extremamente raros. A vida se regulamentava por si mesma porque o amor podia ser desfrutado ilimitadamente.

A comuna "Bolchevo" é um exemplo da educação de jovens delinquentes baseada no princípio da auto-administração e da reestruturação não-autoritária. Lamentavelmente, tais comunas permaneceram exemplos isolados, e por motivos desconhecidos o princípio deixou de ser aplicado nos anos seguintes, como mostram os relatórios de 1935. Não devemos esquecer que em 1935 o retorno geral aos métodos sociais autoritários já tinha ido muito longe.

c) A juventude à procura de novas formas de vida

Ao mesmo tempo em que, com o auxílio da NEP a economia estava sendo reconstruída, o estabelecimento de comunas particulares tinha um papel preponderante. Em lares de moradia coletiva, os jovens deviam tornar realidade a forma comunista de vida em comunidade. Mehnert relata que esses esforços mais tarde foram novamente relegados a segundo plano, e, ao que sei, nisso não foi contestado. "Ficou-se mais sóbrio", escreve ele em 1932: "Confessa-se abertamente que tem pouco sentido realizar já agora, em pequenas ilhas, o último estágio do socialismo, o comunismo, enquanto o país inteiro ainda se encontra na fase de liquidação da NEP, nos primeiros passos do socialismo. A criação de comunas, apesar do grande empenho com que era feita, foi mais uma medida de emergência. Hoje não há mais necessidade delas." Essa informação de Mehnert não é satisfatória. É possível que as experiências de estabelecer comunas da juventude, em meados da década dos vinte, ainda fossem prematuras. Quais os motivos por que fracassaram? O desenvolvimento soviético, até o dia de hoje, se caracteriza pela luta vigorosa entre as formas de vida novas e as velhas. O resultado dessa luta é que determinará o destino da revolução russa. A questão das comunas da juventude é apenas uma peça parcial do problema total. Que sua fundação tenha sido uma "medida de emergência" é afirmação que não nos convence. É muito mais provável que esse passo extremamente sério e significativo da juventude tenha fracassado por razões ainda desconhecidas. O novo aparentemente não pôde suplantar o velho. Apesar disso, já se fala em "socialismo realizado" na União Soviética.¹

Ouçamos o relato que Mehnert nos faz, extraído do diário de uma comuna:

Era o inverno de 1924. Reinava miséria aguda na União Soviética, especialmente nas grandes cidades como Moscou. Fome comum, privações comuns e falta comum de residências tinham aproximado os homens uns dos outros. O sentimento de solidariedade que surgiu dessas experiências comuns se tinha tornado tão forte que alguns amigos que estavam para concluir o curso não puderam mais separar-se. Ainda não tinham muita clareza sobre seus planos, mas depois dos anos de colaboração em camaradagem coletiva o retorno a famílias individuais lhes parecia impossível. Surgiu então a idéia de permanecer também para o futuro juntos como uma grande família — a idéia de fundar uma comuna. Era grande o número daqueles que queriam participar, mas a seleção — eram bastante inteligentes para considerá-la necessária — era rigorosa; houve lágrimas dos recusados. Depois de longa procura infrutífera, no segundo andar de uma casa da cidade velha de Moscou, num ex-albergue, vagaram alguns quartos. No primeiro andar, estava instalada uma lavanderia chinesa, cujo vapor passava para cima pelas frestas; apenas de madrugada das duas às seis

horas, quando o trabalho ficava paralisado, era possível respirar mais livremente. Mas isso não fazia mal. Estava-se contente por ter-se encontrado um teto.

Em abril de 1925 realizou-se a mudança. O apartamento: dois dormitórios, uma sala de estar, chamada "clube", e uma cozinha; a mobília: catres, duas mesas e dois bancos. Dez pessoas, cinco moças e cinco rapazes, queriam construir aí uma nova vida.

Inicialmente tencionavam executar sozinhos todos os trabalhos caseiros. Em breve, porém, os comuneiros estavam tão absorvidos em suas tarefas fora do seu lar que começaram a relaxar o serviço de casa, depois de evaporado o primeiro entusiasmo. O desleixo começou a imperar. Depois de poucos meses pode-se ler no diário:

Na União Soviética o socialismo, sob a direção do KPdSU, do seu comitê central leninista, sob a liderança do grande chefe dos trabalhadores de fábrica, o camarada Stalin, venceu definitiva e irrevogavelmente." (Manullskl em seu discurso diante dos ativos do Partido de Moscou e Leningrado, sobre os resultados do VII Congresso do Komintern.)

"28 de outubro. O serviço de quarto dormiu demais. Não houve desjejum. A comuna não foi arrumada. Depois do jantar a louça não foi lavada (aliás, está faltando água).

29 de outubro. Novamente nenhum desjejum. Também nada de jantar. A louça ainda está sem lavar. A dispensa não está arrumada; do mesmo modo, não se limpou a privada (a privada, aliás, quase nunca está limpa). Em toda parte, há uma grossa camada de poeira. Quando nos deitamos para dormir, a porta permaneceu aberta. Em dois quartos, a luz ficou acesa. (Um fenômeno comum.) À noite, às duas horas, o nosso fotógrafo amador, contrariando todas as determinações, estava revelando seus filmes.

30 de outubro. Começamos com a arrumação: tudo está no chão, nas janelas, sobre as cadeiras, jogado sobre e sob a cama. No clube, os jornais, tinteiros, cartas, canetas, estão espalhados por todo o aposento. Sobre a mesa impera o caos. Na cozinha ainda se encontra louça suja; limpa nem existe mais. A mesa da cozinha está cheia até o limite de sua capacidade. O ralo está entupido com uma camada de sujeira gordurosa. A dispensa é um inferno. Os comuneiros estão apáticos, calmos e alguns até satisfeitos. — É assim que construímos uma nova vida?"

Alguns dias depois, é tomada a decisão de empregar-se uma governanta (empregada). Isso não é exploração aberta? Depois de deliberações minuciosas, chega-se à seguinte conclusão: "Toda pessoa a cada passo é obrigada a utilizar os serviços de outras mediante retribuição em dinheiro no campo da economia doméstica: manda roupas para a lavanderia, procura uma arrumadeira para limpar o assoalho, encomenda uma camisa a uma costureira. O emprego dessa governanta em princípio é o mesmo, apenas com a diferença de que aqui esses serviços individuais se encontram reunidos numa só pessoa." Assim a governanta Akulina chega à comuna e com ela uma certa ordem e limpeza.

Apesar disso, o diário no fim do primeiro ano da comuna pinta um quadro sombrio. As relações mútuas entre os comuneiros não são animadoras. "A pressão da época difícil criou nervosismo e irritabilidade." Já se verificaram quatro desistências; Uma moça saiu porque, como dizia, estava estragando sua saúde na comuna; a segunda justificou sua retirada alegando o caráter insuportável de um dos rapazes; a terceira casou e foi morar com o marido; o quarto caso foi o de um rapaz que foi expulso por esconder parte dos seus vencimentos, uma importância de 160 rublos, dos camaradas da comuna. Assim ficaram apenas duas moças e quatro rapazes. Isso era maré baixa e crise decisiva. Quando veio o verão, a comuna progrediu novamente; logo se alcançou um efetivo de onze camaradas — quase todos estudantes. Finalmente dos 10 fundadores originais da comuna, restaram apenas quatro. Todos da mesma idade, 22 e 23 anos. Cinco moças, seis rapazes.

Cada questão, mesmo a mais ínfima, era debatida nas sessões plenárias da comuna. "Comissões" isoladas tinham que zelar pelos diversos aspectos da vida: a comissão de finanças tinha a tarefa difícil de conservar em equilíbrio proventos e despesas; a comissão de economia era responsável por alimentação, compras e ordem no lar; a comissão estudantil-política se dedicava às

questões de colégio dentro da comuna, tratava de biblioteca e jornais e mantinha a conexão entre a comuna e as organizações juvenis, em primeiro lugar com o Komsomol. A comissão de vestimenta superintendia ternos, roupas em geral, sapatos e a comissão de higiene zelava pela saúde dos camaradas e abastecia-os de sabão e pasta de dentes.

Organizacionalmente, a comuna se caracterizava pela aceitação de medidas diretivas formais estatais, as "comissões". Mas também as dúvidas morais apareceram quando os membros da comuna tinham superado as primeiras dificuldades da ordenação de sua existência puramente material, e a chamada vida particular se fez sentir.

Sob as dificuldades que pesavam sobre a comuna, podem-se distinguir coisas desfavoráveis que eram conseqüências de miséria material imediata e outras que eram expressão de temor sexual estrutural. Exteriormente parecia que o "egoísmo", o "individualismo" e os "costumes pequenoburgueses" prejudicavam o espírito coletivista da comuna. Procuraram eliminar essas "más propriedades" por meio da disciplina moral. Colocaram um ideal, um princípio moral de "vida coletiva", contra a "inclinação egoísta". Tentaram, pois, construir uma organização cujo princípio deveria ser a auto-administração e a disciplina voluntária interna, com auxílio de medidas ético-morais, aliás, autoritárias. A que se devia a falta de disciplina interna? *Será que uma comuna podia suportar duradouramente o contraste entre o princípio da auto-administração e a disciplina autoritária?*

A auto-administração de uma comuna pressupõe saúde psíquica; esta, por seu lado, exige todas as condições internas e externas de uma vida amorosa satisfatória. A contradição entre a auto-administração e a disciplina autoritária tinha suas raízes na vida coletiva almejada e a estrutura psíquica dos camaradas era incapaz disso: *Fracassaram na ordenação das relações sexuais na comuna*. A comuna deveria proporcionar à juventude cansada da casa paterna e da vida em família uma *nova pátria*; essa juventude, porém, tinha, *ao mesmo tempo, aversão à família e amor a ela*. Os problemas de rachar lenha e das pequenas tarefas cotidianas somente se tornaram insolúveis pelo emaranhamento das relações sexuais. Inicialmente os comunistas apresentaram exigências bem acertadas. As relações tinham que ser de "camaradagem". Mas, que significa "camaradagem"? Isso nunca ficou claro. Estabeleceram, acertadamente, que a comuna não era um mosteiro e que os comuneiros não eram ascetas. Nos estatutos da comuna até constava *ipsis litteris*:

"Somos de opinião de que não deve haver restrições às relações sexuais (do amor) . As relações sexuais devem ser trancas. Devemos ter uma atitude consciente e séria com respeito a elas. Do contrário, haverá o desejo de segredo e cantos escuros, flerte e outros fenômenos conseqüentemente indesejáveis." Nessas poucas frases, os comuneiros aprenderam intuitivamente um dos fundamentos da economia sexual: a falta de liberdade para as relações sexuais leva a sexualidade a atos clandestinos e depravados. Será que os comuneiros teriam sido educados de tal forma, teriam tal consciência de sua sexualidade, seriam tão sadios que poderiam seguir esse princípio coletivista sexual-economicamente exato? Não, tal não era o caso.

Logo ficou patente que com exigências e palavras não se poderia resolver essa difícil questão estrutural. Descobriu-se que o desejo de um casal de ficar sozinho, de dedicar-se ao amor sem ser perturbado, de modo algum era conseqüência de relações "sem companheirismo". Imediatamente se manifestou a primeira questão da vida juvenil de todas as camadas e de todos os países: *A falta de espaço de moradia próprio*. Todo quarto estava cheio de gente. Onde é que a vida amorosa poderia desenvolver-se sem sofrer perturbação? Na fundação da comuna ninguém tinha pensado na quantidade de tarefas que resultariam apenas da questão da coexistência sexual. Essas realidades da vida não podiam ser contornadas com nenhuma ordem e nenhuma disciplina. O estatuto da comuna mais tarde recebeu um adendo que pretendia eliminar a dificuldade de um só golpe. Dizia o seguinte: *"As relações sexuais dos comuneiros são indesejáveis nos primeiros anos da comuna!"*

O protocolo afirmava que foi possível cumprir-se essa resolução durante dois anos. De acordo com tudo o que sabemos da sexualidade juvenil, consideramos isso inteiramente impossível. Não há dúvida de que as relações sexuais se realizavam secretamente, invisíveis aos olhos da "comissão"; e dessa forma um pedaço de mundo reacionário tinha que invadir o novo. O primeiro princípio acertado da comuna, de ser franco e liberal em questões sexuais, tinha sido quebrado.

d) A contradição insolúvel entre família e comuna

As dificuldades da vida na comuna não consistiam apenas em decidir se somente as moças ou também os rapazes tinham de passar a ferro e cerzir meias; no fundo tratava-se das questões da coexistência sexual. Isso prova a maneira nova revolucionária e em parte espasmodicamente tímida pela qual os comuneiros procuravam resolver os problemas sexuais. No fim do grave conflito estava o resultado: *família e comuna são organizações inconciliáveis*.

Em princípio de 1928, essa dificuldade se apresentou de maneira aguda. Em 12 de janeiro, de acordo com a ata, se travou o seguinte debate na reunião da comuna convocada por Vladimir:

Vladimir: — Eu caso. Katja e eu resolvemos casar. Queremos viver juntos de qualquer maneira e na comuna, já que não podemos pensar numa vida fora da comuna.

Katja: — Proponho minha entrada para a comuna.

Semjon: — Como é que Katja quer ser aceita, como mulher de Vladimir ou simplesmente como Katja? Nossa decisão depende disso.

Katja: — Há muito tempo que tenho a intenção de ingressar, conheço a comuna e quero pertencer a ela.

Sergej: — Sou pela aceitação. Se Katja fizesse sua proposta independentemente do casamento com Vladimir, eu teria que pensar seriamente no caso. Mas aqui não se trata somente de Katja, mas também de um dos nossos camaradas. Não podemos esquecer isso.

Leija: — Sou contra isso de *se* aceitar um parceiro matrimonial qualquer na comuna. *Em primeiro lugar, deve ser considerado até onde a família, que assim se cria, se enquadra na comuna(!)*. Para *essa* experiência, aliás, considero Katja extremamente adequada, pois de acordo com a sua índole ela se encontra qualificada para a vida da comuna.

Mischa: — Nós nos encontramos na comuna, presentemente, em meio a uma crise. Um casamento significaria uma formação de um grupo dentro da comuna e abalaria a unidade da comuna ainda mais; por isso sou contra o ingresso.

Leija: — Se não aceitarmos Katja, perdemos Vladimir. **Já** agora quase o perdemos, mal pára em *casa*. Sou pela admissão.

Katja: — Peço considerar meu caso sem "circunstâncias atenuantes", quero tornar-me um membro real da comuna, não apenas a mulher de um comuneiro.

Resolução: Katja é admitida na comuna.

Colocou-se novo catre no dormitório das moças. Nem nas atas da comuna nem no relatório de Mehnert se encontra alguma informação concreta sobre como se realizavam as relações sexuais entre os jovens comuneiros. O problema do casamento de um dos comuneiros foi teoricamente decidido em princípio, mas as dificuldades só apareceram posteriormente. Após longos debates, chegou-se à conclusão de que crianças, devido à falta de espaço e escassez de material da comuna, eram indesejadas. A existência de crianças privaria os estudantes de qualquer possibilidade de trabalharem em casa sossegadamente. Na ata encontram-se as seguintes sentenças:

"O casamento na comuna é possível e permitido; no entanto, o casamento, em vista da difícil situação de moradia, tem de permanecer sem descendentes. *Aborto não deve ser praticado.*"

Estas três sentenças contêm mais dos problemas da reviravolta histórica ocorrida na União Soviética do que em milhares de páginas de protocolos formalistas.

1ª sentença: *O casamento na comuna é possível e permitido.* Tinha-se duvidado que um casamento fosse possível e finalmente tinha-se permitido; já que não era possível proibir a relação amorosa. Ninguém pensou no fato de que era necessário realizar primeiro um "casamento" para manter uma relação amorosa; porque o conceito de casamento na União Soviética cobria qualquer relação sexual; não se fazia distinção entre uma relação que também era entrosada com o desejo de ter filhos e uma relação que se originava apenas da necessidade de amar. Também não se fazia distinção entre a relação curta, passageira, e a durável; não se pensava no fim de uma relação curta, no estabelecimento paulatino de uma duradoura.

2ª sentença: *O casamento, em vista da difícil situação de moradia, tem de permanecer sem descendentes.* Por um lado, os comuneiros reconheciam que se podia contrair matrimônio sem ter filhos já que estes não poderiam ser acomodados. Mas a questão de onde se deveriam realizar as relações sexuais era o problema real seguinte. No movimento da juventude alemã, aqui e ali a questão de lugar era resolvida pelo costume de um jovem que dispunha de um quarto o ceder ao seu camarada para a finalidade de união sexual sem perturbação. Por avassaladora que fosse a necessidade de tal resolução, nenhuma entidade partidária oficial ousaria defendê-la oficialmente como medida de emergência.

3ª sentença: *Aborto não deve ser praticado.* Nessa sentença se exprime a tendência conservadora de permitir uma relação amorosa, mas de não permitir um aborto; praticamente a abstinência estava escolhida como solução. Corretamente a resolução deveria ter sido: "Já que, por motivo de falta de espaço, por enquanto não podemos permitir crianças, vocês não podem ter filhos. Se quiserem estar juntos, usem anticoncepcionais e nos digam quando quiserem ficar sem ser perturbados."

Quão indefesamente os comuneiros se achavam emaranhados na imagem de identificação de procriação e satisfação sexual é demonstrado pelas discussões depois dessa resolução. Nem todos os comuneiros estavam de acordo com ela, alguns a consideravam acertadamente como uma ingerência forte demais nas leis da natureza, grosseira, confusa e prejudicial à saúde. Quando depois de um ano apareceu a possibilidade de conseguir espaço novo e maior para a moradia da comuna, a citada resolução foi substituída por, outra: "A comuna permite o nascimento de crianças." A questão da imperturbabilidade das relações sexuais mais uma vez não tinha sido tocada. A atitude de que os filhos dos comuneiros deveriam ser considerados como crianças da comuna, devendo ser criadas a expensas comuns, era revolucionária.

Aqui surgiu a contradição: A comuna era indubitavelmente a nova forma da "família", uma organização coletiva de pessoas não-aparentadas consanguíneamente, que devia substituir a família antiga. A organização coletiva devia sua existência ao protesto contra as restrições familiares impostas à vida; mas era, por sua vez, também a expressão do desejo de viver numa comunidade semelhante à família. Fundava-se, pois, uma nova forma de família e ao mesmo tempo conservava-se dentro do seu contexto a velha forma familiar. A confusão era grande. Depois da situação ter-se consolidado dentro da comuna, surgiu a idéia da possibilidade de casamento, o que levou a um debate com a seguinte resolução:

Se algum dos comuneiros desejar casar-se, estando tudo em ordem, a comuna não deve impedi-lo. Pelo contrário, a comuna deve esforçar-se para criar as condições necessárias a uma vida familiar.

A contradição entre família e vida coletiva agora se expressava concretamente nas seguintes perguntas: E se um comuneiro quiser casar com uma moça de fora da comuna, uma moça que não se

enquadre na comuna? Terá que ser admitida pela comuna ou não? E se essa moça de fora não quiser entrar na comuna? Marido e mulher deverão então viver separados? Dessa forma, uma pergunta levava à outra. Os comuneiros não sabiam:

1. Que existia uma *contradição* entre a *nova forma da comuna* e a *velha estrutura dos comuneiros*.
2. Que *as comunas são inconciliáveis com a velha forma de casamento e a família*.
3. Que era preciso alterar a *estrutura* das pessoas que viviam numa comuna e como deviam fazer.

O conceito conservador de "casamento" estava entrosado com a indissolubilidade da relação; ele atrapalhava os comuneiros, que não encontravam saída.

Mal tinha havido tempo para alegrar-se com as resoluções de direito familiar quando aconteceu uma coisa grave. O diário assinala:

Vladimir deixou de amar Katja. Ele mesmo não soube explicar o fato. Quando casou, amava Katja, mas agora não lhe restou mais nada que um sentimento de camaradagem, e continuar viver como marido e mulher, sem amor, é difícil e desnecessário.

A conseqüência foi o divórcio, mas os camaradas ficaram muito contrariados com isso e especialmente as moças falavam exaltadamente.

"Vladimir é um porco", era o que se ouvia. Antes do casamento devia ter pensado nisso! Não pode casar primeiro e depois de algum tempo dar o fora. Isso tem muita semelhança danada com o romantismo pequeno-burguês: quando quero amo, e quando não quero mais, deixo de amar. Hoje não posso viver sem você, vamos casar, e depois de um mês: sinto muito, não te amo mais, vamos ser apenas camaradas.

Quão pouca influência tinha no fundo a lei matrimonial soviética sobre a estrutura psíquica dos comuneiros! Considerava-se pequeno-burguês aquilo que o próprio pequeno-burguês tanto teme: a dissolução de uma comunhão matrimonial. Dialética!

Os rapazes mostraram muita compreensão: Sem dúvida, Vladimir tinha amado Katja, e não era culpa dele se' este sentimento tinha desaparecido. O assunto foi ventilado numa reunião plenária da comuna. Algumas moças acharam esquisito que Katja não tivesse dito nada a pessoa alguma de toda essa estória e agora a trouxesse ao plenário. Houve discussão prolongada. Uns diziam: "Vladimir tem razão em querer o divórcio, e não devemos censurá-lo. Afinal de contas, não é por uma resolução da comuna que se pode obrigá-lo a amar". A maioria, no entanto, condenou Vladimir, porque tinha entrado irresponsavelmente no casamento e se tinha comportado de maneira indigna *de* um Komsomolets e um comuneiro. Não foi possível chegar a um acordo. O caso todo se solucionou por si mesmo, pois Katja saiu de Moscou por alguns meses. Quando voltou, Vladimir ligou-se novamente a ela, mas o problema do divórcio não estava ainda resolvido. No decorrer do tempo, cinco dos onze comuneiros casaram.

Nas condições de moradia nada tinha sido modificado, isto é, rapazes e moças tinham dormitórios separados por sexo. Uma situação impossível do ponto de vista sexual-higiênico.

A comuneira Tanja escreveu uma carta desesperada ao marido:

Quero ter uma pequena, bem simples e completamente legal felicidade pessoal. Anseio por um cantinho sossegado só com você, para poder estar junto a você quando o quisermos, para que não precisemos esconder-nos dos outros, para que nossas relações se tornem mais ricas, livres e felizes. Será que a comuna não é capaz de compreender que isso é uma necessidade humana?

Afirmamos que Tanja tinha uma estrutura genital sadia. Vemos agora claramente contra o que naufragou a comuna. Os comuneiros compreendiam Tanja muito bem, e eles próprios sofriam com as condições de moradia e a confusão ideológica, mas nada podiam modificar. As anotações terminaram, o problema afundou e continuou a existir subterraneamente. Na realidade, o problema das relações entre os sexos nem de longe teria sido resolvido, se a questão da moradia tivesse sido resolvida. Não é apenas disso que se trata. Quando se soluciona a questão de espaço, apenas se cria uma pressuposição importante *externa*. Nosso casal de comuneiros não teve a idéia (e por falta de assistência não podia chegar a concebê-la) que não se pode entrar em qualquer relação permanente quando não se averiguou se também se combina sexual, rítmica e psiquicamente ao mesmo tempo; que, pára averiguar isso, é necessário ter vivido em comum durante algum tempo, sem maiores obrigações; que a adaptação de um ao outro freqüentemente leva muito tempo; que é necessário ser capaz de separar-se de novo quando não existe harmonia sexual. Que não se pode exigir amor, mas que a felicidade sexual vem espontaneamente ou falta por completo. Tudo isso, esses rapazes vivazes e moças teriam descoberto indubitavelmente por si sós, depois de algumas lutas ferozes, se não tivessem tido no sangue o conceito de matrimônio e a equiparação de sexualidade e procriação. Esses conceitos não lhes eram inatos, apenas não tinham sido erradicados de sua ideologia social.

3. PRESSUPOSIÇÕES ESTRUTURAIS NECESSÁRIAS

Resumamos a questão:

1. A situação familiar por volta de 19%) era relativamente simples. Os homens viviam encasulados em suas famílias; não havia organização coletiva que fazia exigências que contradiziam tanto a situação familiar quanto a estrutura familiar humana. A família também não se encontrava em contradição à ordem social do Estado patriarcal-autoritário. A sexualidade reprimida somente se aliviava por meio de histerias, enrijecimentos do caráter e esquisitices, visitas a prostitutas, perversões, suicídios, atormentações de crianças e fanatismo guerreiro pequeno-burguês.

Em 1930 a situação já é um pouco mais complicada. A família compulsória se desintegra na forma do conflito entre a produção coletivista e a destruição da base econômica da família. A instituição familiar apenas é menos consolidada economicamente, mas em compensação é mais vigorosa estruturalmente. Não pode viver nem morrer. Os homens não podem viver mais *dentro* da família, e *sem* família também não. Não podem viver permanentemente com um parceiro, nem viver sozinhos.

2. Na União Soviética, foi criada uma forma nova. Era a *nova forma familiar da vida coletiva de gente não-aparentada consangüineamente*. Exclui a velha forma de casamento. A questão seguinte agora é como se apresentarão as relações sexuais em tal comunidade. Não podemos determinar isso de antemão, e também não devemos querer isso. A única coisa que podemos fazer é acompanhar detalhadamente o processo de reviravolta que representa a revolução sexual do presente e auxiliar o nascimento daquela linha que não se encontre em qualquer contradição com as formas organizacionais econômicas e sociais da democracia trabalhista. Expresso de forma geral: *Afirmção da felicidade sexual concreta e ilimitada dos homens*. Nem a monogamia normativa, nem a relação vazia de amor, ocasional, insatisfatória ("promiscuidade") correspondem a essa exigência. O comunismo soviético exclui como normas tanto o ascetismo quanto a monogamia vitalícia. As relações sexuais entram numa fase de condições completamente novas; a vida coletiva multiplica as relações humanas da pessoa isolada de tal forma que não há possibilidade de uma segurança contra troca de parceiros ou contra encetamento de relações com um terceiro. É preciso ter pessoalmente experimentado a dor e a gravidade da imaginação de que o parceiro amado abraça outro, compreender completamente, passiva e ativamente, para convencer-se de que esse problema não é de natureza econômica ou mecânica, mas estrutural, da vida real. Com número igual de moças e

rapazes, homens e mulheres, numa organização coletiva, existe uma escolha mais fácil de parceiros e também maior possibilidade de troca de parceiros.

Não procurar compreender e dominar a partir de hoje o processo doloroso do parto de uma nova ordem sexual seria uma omissão perigosa. Compreender e dominar não de modo moral, mas de modo *afirmativo da vida, de modo a assegurar a felicidade*. A juventude soviética pagou bem caro para aprender. Que não tenha sofrido em vão.

A estrutura humana tem que ser adaptada à maneira de existir coletiva. Essa adaptação indubitavelmente demandará a diminuição do ciúme e do medo de perder um parceiro. As pessoas em geral são incapazes de independência sexual; acham-se presas ao parceiro por laços pegajosos, sem amor, e, portanto, são incapazes de separar-se dele; temem não encontrar outro parceiro se perderem o que possuem agora. Esse temor é sempre suportado por ligações infantis à mãe, ao pai, aos irmãos mais velhos. A substituição da família pela organização coletiva sem dúvida não deixaria aparecer tal apego já na criança. Com isso desapareceria o núcleo da indefensabilidade sexual. Com o estabelecimento do modo de vida coletivo desde a infância e a destruição da indefensabilidade sexual dos homens, a possibilidade de encontrar parceiros adequados aumentaria imensamente. Talvez o problema do ciúme não desaparecesse, mas ficaria bastante reduzido. A capacidade de troca incólume de relações permanentes é uma das questões básicas. A reestruturação teria como tarefa capacitar as pessoas à reunião de amor carinhoso e sensual genital, teria a capacidade de entrega e dedicação integral, para experiência sexual ilimitada (*potência orgástica*), estabelecida desde a infância. A profilaxia das perturbações sexuais, da poligamia neurótica, insatisfatória, das exigências sexuais pegajosas, da sexualidade inconsciente etc., demandará esforços inauditos. Não se trata de dar aos homens diretrizes de como devem viver; desde a infância têm de ser educados de modo que eles próprios sejam capazes de ordenar sua própria existência sexual sem dificuldades socialmente perigosas no curso da vida coletiva. Isso pressupõe, em primeiro lugar, o desenvolvimento irrestrito, socialmente fomentado, da genitalidade natural. Somente então se desenvolverão a capacidade de um entendimento franco com o parceiro e a capacidade de suportar excitações de ciúme, sem descambar para violências. Os conflitos da vida sexual não terão sido eliminados do mundo, mas a solução desses problemas pode e deve ser facilitada.

Uma prevenção de neuroses, social e consciente do seu alvo, teria que zelar para que os homens não complicassem neuroticamente os conflitos diários a que estão expostos. A consciência sexual das massas marcará a hipocrisia moral como crime social apoiado na riqueza material da sociedade. A luta, a dor, o prazer sexual etc. são partes da vida. Mas é importante que a estrutura humana seja capaz de experimentar o prazer e a dor e de dominar também essa experiência. Tais pessoas serão incapazes de servidão. Somente homens genitalmente sadios são capazes de trabalho voluntário e autodeterminação não-autoritária da vida. A tarefa da reestruturação não poderá suceder, nem mesmo será compreendida, se isso não for tornado claro. A não-adaptação da estrutura sexual humana à forma existencial coletiva tem que levar a resultados objetivamente reacionários. Qualquer tentativa de impor isso pelo caminho de exigências morais, autoritárias, tem que sofrer um fiasco. Não se pode *exigir* disciplina sexual "voluntária". Essa disciplina existe ou não existe. Pode-se apenas auxiliar o homem a alcançar o pleno desenvolvimento de suas capacidades naturais.

CAPÍTULO VI

ALGUNS PROBLEMAS DA SEXUALIDADE INFANTIL

Os jardins da infância da Rússia Soviética que visitei em 1929 se distinguiam por uma organização coletiva excelente. Um jardim da infância tinha seis professores que trabalhavam cinco horas com as crianças e durante uma hora deviam preparar-se para isso. A diretora e a governanta eram operárias de fábrica; os seis professores possuíam uma secretária. Entre cerca de trinta crianças aproximadamente quinze eram filhos de operários de fábrica; as demais eram filhos de estudantes de escolas técnicas superiores. A fábrica pagava 28 rublos por criança. O conselho do jardim da infância constava de uma diretora, um professor, dois representantes dos pais, um komsomol, uma representante do distrito e um médico. As crianças eram educadas anti-religiosamente; nos feriados se trabalhava. No ensino escolar apareciam temas como, por exemplo, "Que significado tem a floresta para os homens?", ou "Que significado tem a floresta para a saúde?" As crianças faziam muitos trabalhos em madeira. Até nisso as instalações estavam absolutamente sob a direção da formação da estrutura coletiva comunista.

Com relação à situação sexual, entretanto, a coisa não era tão satisfatória. Os professores se queixavam do nervosismo das crianças. Frequentemente era possível constatar que se adotavam cerimônias de dormir para defesa contra o onanismo. As crianças onanistas frequentemente eram levadas pelos pais. O professor acrescentou: "Até filhos de médicos se masturbam." Para finalizar ainda uma pequena observação: Eu me achava na janela de um quarto do jardim da infância que dava para o jardim. Estávamos conversando com a diretora. Lá fora as crianças brincavam, e vi que um menino tirava seu membro enquanto uma menina olhava para ele. As crianças se encontravam ao lado, perto de uma árvore. Isso ocorreu justamente no momento em que a diretora nos assegurava que no *seu* jardim da infância "uma coisa assim" como onanismo infantil ou sexualidade não acontecia.

1. ESTRUTURAÇÃO COLETIVA

A história da formação da ideologia ensina que todo sistema social, consciente ou inconscientemente, se serve da influência das crianças de cada geração no seu próprio sentido para se enraizar na estrutura dos homens. Se acompanharmos a espécie desse enraizamento da ordem social na estrutura psíquica das crianças da sociedade matriarcal para a patriarcal, podemos constatar que no centro da influência se encontra a educação *sexual* da criança. Na sociedade matriarcal, que se baseia na ordem social do comunismo primitivo, as crianças não estão sujeitas a nenhuma limitação de sua liberdade sexual. No mesmo ritmo do desenvolvimento das células germinativas patriarcais na economia e na estrutura social, também se desenvolve a ideologia asceta para a vida infantil. Essa reversão na atitude com respeito à vida sexual das crianças se encontra a serviço da geração de estruturas orientadas autoritariamente em lugar das presentemente não-autoritárias. Na sociedade matriarcal, a sexualidade *coletiva* das crianças corresponde de modo geral à vida *coletiva*; isto é, a criança não é forçada por quaisquer normas a adotar formas determinadas de vida sexual. A sexualidade livre da existência infantil fornece uma base estrutural firme para o enquadramento voluntário na vida coletiva e para a disciplina de trabalho voluntária.

Com o desenvolvimento da família patriarcal que entra em contradição com a *Bens* se desenvolve então a repressão sexual da criança. Jogos sexuais com companheiros são proibidos. O onanismo aos poucos fica submetido à pressão do castigo para ações sexuais. De um relato de

Roheim sobre as crianças da Pitchentara se depreende claramente a maneira trágica pela qual a natureza geral da criança se modifica quando não pode mais viver a sua sexualidade natural. Torna-se apreensiva, retraída, tímida, temente da autoridade, e desenvolve impulsos sexuais antinaturais, como por exemplo inclinações sadistas. Em lugar da natureza livre, "destemida", sobrevêm a obediência e facilidade de ser influenciada. A contenção dos impulsos sexuais demanda muita energia, atenção, "autocontrole". Na medida em que as forças biológicas da criança não podem mais se voltar inteiramente para o mundo exterior e para a satisfação dos impulsos, ela também perde a força motora, a mobilidade, a coragem e o sentido da realidade. Fica "inibida". No centro dessa inibição regularmente se encontra a inibição motora, da corrida, traquinagens, enfim da atividade muscular em geral. De modo geral, é possível observar como as crianças dos círculos culturais patriarcais sempre, por volta dos quatro, cinco ou seis anos de idade, se tornam inflexíveis, "quietas", frias e começam a se encourçar contra o mundo. Perdem assim a sua graça natural e muito freqüentemente se tornam desajeitadas, tolas, emburradas e "de trato difícil"; isso por sua vez provoca novamente novos rigores dos métodos de educação patriarcais. Sobre essas bases estruturais também se desenvolvem geralmente as inclinações religiosas, bem como a forte adesão aos pais e a dependência deles. Aquilo que a criança perde em motilidade natural, começa agora a substituir por ideais imaginários. Torna-se introspectiva e neurótica, "sonhadora". Quanto mais fraco seu ego se torna na realidade, tanto mais rigorosas as exigências ideais que faz a si mesma para apesar de tudo se conservar eficiente. Temos que distinguir fundamentalmente entre os códigos ideais que resultam da mobilidade biológica natural da criança e os ideais que se desenvolvem pela necessidade de autodomínio e da repressão de impulsos. Aos primeiros corresponde o trabalho produtivo livremente fluente, aos segundos o trabalho por obrigação. Em lugar do princípio do autocontrole da adaptação social e da realização alegre de trabalho, entra portanto o princípio da obediência autoritária juntamente com a rebelião contra a carga de trabalho. Por enquanto nos damos por satisfeitos com essa descrição geral. Na realidade, a situação é muito complicada, podendo ser explanada apenas em investigações especiais caráter-analíticas.

Aqui nos interessa principalmente a questão de como se reproduz uma sociedade autogovernada nas crianças. Há diferenças específicas entre a reprodução educacional dos sistemas autoritário e autogovernado? Procuremos apreender isso em princípio, com base em exemplos isolados. Existem duas possibilidades:

1. A de implantar na criança em lugar de ideais de moral compulsória o *ideal* do autogoverno.
2. A de desistir de tal implantação de ideais e, em lugar disso, formar a estrutura da criança de forma tal que ela mesma se regule, *assimilando sem recalitrância* a atmosfera trabalhista-democrática geral.

É lícito afirmar sem remorsos que a segunda maneira de reprodução corresponde ao princípio do autocontrole almejado, mas a primeira não.

Se em todos os períodos históricos a reestruturação das crianças se realizou pela transformação de sua estrutura sexual, a estruturação trabalhista-democrática não pode abrir uma exceção. Também na União Soviética havia muitos princípios isolados dessa espécie de estruturação. Assim muitos professores, especialmente os analiticamente orientados, como por exemplo Vera Schmidt, Spielrein e outros, procuraram instituir a educação sexualmente *positiva* das crianças. Mas essas tentativas permaneceram isoladas, e, de modo geral, a educação sexual das crianças na União Soviética permaneceu sexualmente negativa. Deve-se atribuir grande significação a essa circunstância. Necessariamente, a estrutura das crianças tinha que ser adaptada à vida coletiva almejada. Era impossível essa adaptação sem a afirmação da sexualidade infantil, pois, não se pode educar crianças numa organização coletiva e reprimir ao mesmo tempo a mais viva de suas manifestações, a sexual. Se, apesar de tudo, se faz isso, a criança, se bem que exteriormente viva na organização coletiva, internamente tem que despende muito mais energia do que na família, para reprimir sua sexualidade, criar muito mais conflitos e sentir-se mais isolada. Para o isolamento extremo na vida

coletiva, então existe apenas uma saída para o educador, isto é, o da disciplina rigorosa, da "ordem" exteriormente imposta, do estabelecimento de diques e ideais contra a mobilidade sexual especialmente incrementada na vida coletiva. Os argumentos contra a educação coletiva mais freqüentemente se baseiam no medo de se "estragar" as crianças, isto é, de que elas mostrem seus impulsos sexuais etc.

As impressões colhidas nos jardins de infância eram muito contraditórias. Formas patriarcais arcaicas imperavam ao lado das novas, incomuns e muito promissoras. As próprias crianças tinham de aconselhar-se mutuamente sobre seus assuntos, sob a direção de um professor ("autogoverno"). A unificação de trabalhos manuais e aprendizagem espiritual agia sem dúvida não exteriormente, mas modificando a estrutura. As chamadas *escolas profissionais*, nas quais as crianças, ao lado de Matemática, Geografia e outras matérias também aprendiam algum ofício, são indubitavelmente as formas básicas das instituições de ensino para produção de estruturas coletivas. Ainda até há poucos anos existia entre alunos e professores uma relação não de frases ocas, mas de genuína camaradagem. No "Diário do Aluno Kostya Ryabtsev" lêem-se anedotas significativas da vida das crianças em suas relações para com o professor, que nos mostram o viço de sua crítica e inteligência. Especial impressão como exemplo de formação estrutural de vivência positiva eram os chamados "jardins da infância volantes" moscovitas no Parque Cultural. Os visitantes do Parque Cultural podiam deixar as crianças, durante o tempo de sua visita, num jardim da infância onde professores e governantas especializadas brincavam com elas. Dessa forma desaparecia a imagem desolada, desanimadora, da criança que entediada e contra a vontade perambula pelo parque arrastada pela mão dos pais. Assim crianças estranhas chegavam a conhecer-se, faziam amizade umas com as outras e se separavam tão rápida e facilmente de novo; ocasionalmente continuavam a alimentar a amizade encetada. As crianças de 2 a 10 anos eram reunidas completamente "à vontade" numa sala, dando-se a cada criança qualquer instrumento da espécie mais primitiva, como uma chave, uma colher, um prato etc. Um professor de Música sentava-se ao piano e ensaiava quaisquer acordes ou ritmos. Sem qualquer incentivo, convite ou direção, as crianças começavam aos poucos a entrar no respectivo ritmo e dentro de poucos minutos tinha-se formada a orquestra mais maravilhosa. Não apenas o fato de existir um Parque Cultural é especificamente revolucionário. Parques culturais existem também nos países mais reacionários; mas que nesse parque cultural se reúnam crianças de uma forma tão fabulosa e divertida é especificamente uma coisa de vivência positiva. As necessidades rítmicas e motoras da criança nesse caso são completamente levadas em conta. E crianças que sentem assim a alegria de tal brincadeira aparentemente desorganizada serão estruturalmente capazes e estarão dispostas a não papaguear a ideologia trabalhista-democrática, mas a desenvolvê-la por si mesmas.

A questão do manejo da atividade motora infantil nos leva ao centro dos problemas pedagógicos.

O movimento revolucionário na realidade tem a tarefa geral de libertar e satisfazer os impulsos biológicos até então presos e reprimidos dos homens. Esta é a função da democracia trabalhista natural. Pela possibilidade suficiente e cada vez maior da satisfação de necessidades, os homens devem ser colocados em situação de desenvolver suas inclinações e necessidades naturais. Uma criança que é desimpedida e desinibida em sua motilidade, de acordo com suas necessidades, provavelmente não será receptiva a ideologias ou costumes de vida reacionários. Uma criança inibida em sua motilidade, entretanto, é capaz de aceitar qualquer espécie de ideologia. Pertencem ao campo da motilidade livre da criança, por exemplo, também os esforços do Governo soviético, nos primeiros anos depois da revolução, a fim de oferecer às crianças completa liberdade na crítica aos pais. Uma medida que nos países da Europa ocidental a princípio não era compreendida e parecia inimaginável, mas que nos Estados Unidos era conhecida. Aqui e ali podia-se ouvir uma criança se referir aos pais pelo primeiro nome; esse fato estava em completo acordo com a linha de relações livres não-autoritárias. Tanto a escola quanto a casa paterna, portanto, começaram a modificar-se na direção do autogoverno das crianças. A essa tendência, que ainda poderíamos ilustrar com muitos exemplos, se opôs uma segunda, que lamentavelmente nos últimos anos se impôs cada vez mais.

Recentemente, esta última triunfou pelo fato de que novamente se deu aos pais a responsabilidade pela educação. Portanto, também aqui houve uma reversão a formas patriarcais da educação infantil. De uma continuação dos problemas complicados da educação coletiva das crianças, nos últimos anos, se ouviu falar cada vez Menos. A educação familiar adquiriu novamente preponderância. É difícil avaliar quanto da direção original ainda permanecia de pé. A direção para as formas patriarcais da educação das crianças indubitavelmente recebeu vigorosa assistência pela espécie de ensino político das crianças na escola. Assim vemos, por exemplo, nos relatos pedagógicos, que as crianças nas escolas realizam competições políticas. Perguntas da espécie "Qual o teor da enésima tese do VI Congresso Mundial?" mostram que predominava a forma externa de implantação da ideologia comunista. Nem se pode duvidar de que uma criança não tem as mínimas condições de compreender realmente e julgar internamente qualquer tese de um Congresso Mundial. E, se bem que possa vencer tais competições e reproduzir brilhantemente de memória as teses, não está libertada no mínimo de possíveis influências fascistas. Também se deixará doutrinar por fórmulas fascistas com a mesma facilidade. Em contraste a isso, uma criança, cuja motilidade se encontrava completamente libertada e na qual se liberou sua sexualidade natural no jogo, resistirá às influências rigorosamente autoritárias e ascéticas. Na influencia autoritária, superficialmente externa das crianças, a reação política sempre poderá concorrer com a educação revolucionária. Isso no campo da educação sexual é completamente impossível.. Nunca uma ideologia ou direção política reacionária poderá conseguir oferecer às crianças com relação à sua vida sexual o mesmo que a revolução social. Mas desfiles, marchas, bandeiras, canções, uniformes, indubitavelmente poderão oferecer melhor.

Vemos de que se trata fundamentalmente: *A estruturação revolucionária da criança tem que servir-se da liberação de sua motilidade sexual biológica.* Nisso, ela não tem concorrente.

2. REESTRUTURAÇÃO NÃO-AUTORITÁRIA NO BEBÊ

A tarefa nuclear da reestruturação não-autoritária do homem é a educação sexualmente afirmativa da criança.

Em 19 de agosto de 1921, a psicanalista moscovita Vera Schmidt fundava um lar de crianças no qual realizou uma experiência de educação correta do bebê. Os conhecimentos que publicou em 1924, em seu pequeno trabalho *Educação Psicanalítica na União Soviética*, provaram que aquilo que a economia sexual ensina hoje, para o desenvolvimento infantil, na época resultou espontaneamente de uma atitude bastante realista do amor e afirmativa do prazer. A direção que Vera Schmidt tomou encaminhava-se inteiramente no sentido da afirmação da sexualidade infantil.

As bases fundamentais do lar de crianças eram as seguintes: As educadoras eram instruídas a não aplicarem qualquer castigo. Foram instruídas a nem mesmo falar em tom severo com as crianças. Tinham que abster-se de qualquer juízo subjetivo sobre as crianças. Elogio e crítica eram considerados manifestações de juízos incompreensíveis para as crianças por parte dos adultos; elas na realidade apenas se destinavam a satisfazer sua ambição e seu amor-próprio. Com esses poucos fundamentos, de um golpe só o princípio autoritário tinha sido eliminado da educação. Que foi que ocupou seu lugar?

O que era julgado era o resultado do objetivo da ação infantil, e não a própria criança. Qualificava-se, pois, por exemplo, uma casa construída pela criança como bonita ou feia, *sem* elogiar ou criticar a criança por isso. Numa briga, por exemplo, não se criticava o agressor, mas mostrava-se a ela a mágoa que tinha causado à outra criança. As educadoras, na presença das crianças, tinham que impor a si mesmas o maior comedimento: não podiam fazer comentário algum de natureza avaliativa sobre as idiosincrasias e o comportamento das crianças. Da mesma forma, as educadoras

tinham que ser extremamente parcimoniosas, no que concerne a agrados e carinhos, com relação às crianças. No lar das crianças eram rigorosamente proibidas erupções tempestuosas de amor por parte dos adultos, como, por exemplo, beijos quentes, abraços apertados etc. Vera Schmidt acentua muito corretamente que tais exteriorizações amorosas são muito mais úteis à satisfação dos adultos do que à necessidade das crianças.

Assim tinha-se quebrado um segundo princípio nocivo da educação infantil moral-autoritária: quem se acha com direito de bater numa criança pensa ter igualmente o direito de gastar nisso sua sexualidade insatisfeita; aqui os paladinos da educação familiar costumam ser modelares. Quando se acaba com o rigor e com a avaliação moral da criança, também se torna desnecessário consertar com beijos aquilo que se cometeu com pancadas. Todo o meio ambiente da criança foi adaptado à sua idade e às suas necessidades. Os brinquedos e materiais eram escolhidos de maneira a levar em conta a ânsia de atividade, tendo que despertar as forças criadoras da criança; se novas necessidades aparecessem nas crianças, também o brinquedo e material de trabalho eram trocados de acordo.

O princípio da adaptação do material à necessidade, em lugar da necessidade ao material, corresponde inteiramente ao ponto de vista básico da economia sexual; fora do jardim da infância, pode ser aplicado a toda a existência social. *Não são as necessidades da economia, e sim os dispositivos econômicos que devem ser adaptados às necessidades.* Dessa forma, é que o princípio sexual-econômico se revelou no jardim da infância de Vera Schmidt, em contraste com o princípio autoritário-moralista nos jardins da infância Montessori, nos quais as crianças têm, por assim dizer, de servir a um material uma, vez estabelecido, de maneira uniforme.

Vera Schmidt defendia o ponto de vista: "Se a adaptação da criança às condições externas reais deve realizar-se sem maiores dificuldades, o mundo exterior não lhe deve parecer uma força inimiga. Por isso nos esforçamos para tornar-lhe a realidade tão agradável quanto possível e substituir-lhe todo prazer primitivo, de que deve abster-se por alegrias racionais e inteligentes."

Quer dizer que a criança em primeiro lugar tem de chegar a conhecer e a amar a realidade à qual tem de adaptar-se. Deve poder identificar-se alegremente com o mundo em volta: este é o princípio *sexual-econômico*; em contraste com este, encontra-se o princípio *autoritário-moralista*, pelo qual se tenta adaptar a criança a um mundo envolvente adverso e contrário em princípio não com identificação amorosa com este mundo ambiente, mas com uma obrigação, se não mesmo com o auxílio da pressão moral. O fato de uma mãe ou educadora se comportar de maneira que a criança a ama espontaneamente é sexual-econômico. O fato de existir uma exigência social, religiosa ou legal: "Você tem de amar sua mãe", mesmo que não se comporte amavelmente, é regulamentação autoritário-moralista.

A necessidade de enquadrar-se na coexistência social era facilitada de diversas maneiras. As exigências resultaram das condições da vida cotidiana e da ordem de vida na comunidade infantil, e não da vontade de adultos neuróticos, doentes, ambiciosos, sedentos de amor. Explicava-se racionalmente às crianças o que e por que se exigia delas alguma coisa; não se lhes dava ordens. Evitavam-se satisfações de impulsos, que corretamente tinham de eliminar, trocando-se por outra satisfação de impulso, por exemplo a satisfação de um impulso imediatamente superior, o amor do adulto ou dos colegas etc. O amor-próprio e o sentimento de independência da criança ficaram elevados e amparados, pois as crianças que se enquadram mais facilmente às necessidades da vida são aquelas que não são guiadas, mas que são senhoras de si e independentes. Tais fatos são completamente incompreensíveis para um educador tipo sargento, apesar de serem axiomáticos. O princípio sexual-econômico da abstinência voluntária de satisfação de impulsos socialmente já inviável também foi empregado na educação para a limpeza. Proibições de qualquer natureza, por parte dos educadores, eram rigorosamente excluídas. Os educandos do lar da infância não sabiam que seus impulsos sexuais podiam ser julgados de forma diferente de suas outras necessidades físicas naturais. Assim, pois, as satisfaziam sem temor e calmamente diante dos olhos das educadoras de modo idêntico como fome e sede. Isso poupava às crianças todo mistério, fortalecia sua confiança e

seus elos para com as educadoras, fomentava a *adaptação à realidade* e criava desse modo um fundamento favorável para todo o desenvolvimento. As educadoras, nessas condições, tinham integral possibilidade de acompanhar o desenvolvimento sexual das crianças passo a passo e de fomentar e assistir a sublimação de manifestações isoladas de impulsos.

Vera Schmidt, de maneira útil, chamou a atenção para a necessidade que o educador tem de trabalhar a si próprio. Constatou-se que invariavelmente inquietação ou desordem nas crianças era consequência de um comportamento neurótico inconsciente dos educadores. Uma educação sexual-econômica da criança pequena é impossível enquanto os educadores não estiverem livres de impulsos irracionais ou pelo menos não os conheçam e os dominem. Isso se mostra imediatamente quando se presta atenção ao conteúdo concreto dessa educação.

Nos chamados círculos culturais ocidentais, as mães e educadoras não suportam que a criança aos seis meses *não* esteja ainda acostumada a usar o pinico. No jardim da infância de Vera Schmidt, apenas por volta do segundo ano de vida se passava a colocar as crianças no pinico "em determinados intervalos de tempo"; nunca porém eram compelidas, nem mesmo com vestígios de violência, a satisfazer suas necessidades justamente dessa forma. Não eram criticadas quando se urinavam. Passava-se por cima disso, como se fosse coisa natural.

Esse fato central na educação de limpeza infantil nos mostra por sua natureza quais as pressuposições que devem ser preenchidas antes de se poder mesmo pensar numa estruturação sexual-econômica da criança. Na família é irrealizável, é viável apenas na vida *coletiva* infantil. Diante dos pontos de vista nocivos e intervenções de médicos não-escolares e ignorantes e educadores que pensam ter que acenar com castigos do inferno para uma criança que molha a cama (com o que apenas fortificam inerradicavelmente o mal), Vera Schmidt relata: Uma menina de cerca de três anos sofreu uma recaída de molhar a cama. Não se prestou atenção a essa recaída. Demorou três meses, e a criança por si só tornou-se limpa de novo. Também esse fato será completamente incompreensível para um educador que raciocina autoritariamente. Nem por isso é menos axiomático.

"A atitude das crianças com respeito à questão da limpeza é inteiramente calma e consciente; resistência e manhas não podem ser percebidas. Esses procedimentos não estão ligados a qualquer sentimento de vergonha ou conceito de "desgraça". Nosso método nos parece apropriado para poupar as crianças às graves experiências traumáticas, que de outra forma tão freqüentemente são o resultado da educação para o domínio dos fenômenos de ereção", escreve Vera Schmidt. O motivo largamente predominante das mais sérias perturbações da potência orgástica dos adultos é, conforme ensina a experiência clínica, a rigorosa educação de limpeza. Subentende ela um entrosamento de sentimento de graça e culpa com a função genital. É lógico que dessa forma fica destruída a capacidade de regulamentar a economia energética vegetativa. O procedimento de Vera Schmidt estava completamente correto: Crianças pequenas, que não ligam às funções de excreção nenhum sentimento de culpa ou vergonha, também não terão fundamento para desenvolverem mais tarde tais perturbações genitais.

As crianças do lar de crianças de Schmidt de nenhuma maneira foram impedidas de satisfazer sua vontade de movimentação, tiveram oportunidades de brigar, pular, correr e fazer o que lhes agradasse. Assim, puderam não somente desgastar esses anelos naturais, mas também valorizá-los culturalmente. Isso está de pleno acordo com o conceito sexual-econômico de que a *liberdade* do impulso infantil é a pressuposição para a sua sublimação, e portanto de seu aproveitamento cultural, e de que sua inibição o afasta da sublimação por ser reprimido.

Nos nossos jardins da infância nos quais crianças são tornadas "capazes de cultura" e "adaptadas à realidade" pela inibição de sua atividade motora, crianças de quatro, cinco ou seis anos de idade mostram uma nefasta transformação em todo o seu comportamento, o qual deixa de ser natural, vivo, ativo para ser quieto, obediente; as crianças *esfriam*. Anna Freud, em seu trabalho

Psicanálise para Professores, confirma esse fato, mas não o critica, aceitando-o como uma necessidade, porque quer educar a criança conscientemente para a pessoa *burguesa*. Isso se baseia na concepção errônea de que a motilidade natural da criança se acha em contraste com a sua capacidade de absorver cultura. Justamente o contrário é que é o certo.

Muito importantes são os relatos de Vera Schmidt sobre o *onanismo* dos seus educandos. As crianças se masturbavam "relativamente pouco". Ela corretamente distingue onanismo condicionado por excitações puramente corpóreas, partindo das partes genitais e que serve para a satisfação da necessidade do prazer genital, e o outro onanismo, que aparece como "reação contra uma mágoa, menosprezo ou limitação de liberdade experimentado do mundo externo". A primeira forma não apresenta qualquer dificuldade à educação. A segunda forma é o resultado da excitabilidade vegetativa aumentada em consequência de medo e teimosia, dos quais a criança procura libertar-se por meio da excitação genital. Vera Schmidt viu as coisas mais acertadamente que Anna Freud, que é de opinião que o chamado onanismo excessivo das crianças é consequência do "desgaste na vivência impulsional". É de salientar o fato, para nós natural, de que a atividade onanista das crianças, sob condições de uma educação afirmativa dos impulsos, se realiza "sem segredo, diante dos olhos das educadoras". É preciso conhecer o medo do onanismo dos educadores para compreender que "primeiro o educador deve ser educado", antes de se capacitar a assistir calmamente ao comportamento impulsivo natural da criança.

Do mesmo modo, as crianças tinham inteira liberdade de satisfazerem entre si a sua curiosidade sexual. Podiam contemplar-se mutuamente à vontade; de acordo com isso, suas opiniões sobre o corpo nu, o seu próprio corpo como o dos companheiros, eram "completamente ponderadas e calmas". "Podemos constatar que o interesse pelos órgãos genitais não se manifestava durante o estado de nudez, mas somente quando as crianças estavam vestidas." As crianças recebiam as suas respostas de natureza sexual, respostas claras e verdadeiras. Não conheciam, como Vera Schmidt acentua, nenhuma autoridade paternal, domínio dos pais ou coisa parecida. Para elas, pai e mãe eram seres ideais belos e amados. "Também não é impossível", escreve Vera Schmidt, "que essas boas relações entre pais e filhos possam ser estabelecidas apenas exatamente onde a educação se realiza fora da casa dos pais."

Enquanto a prática do lar de crianças era manejada completamente no sentido da afirmação sexual-econômica da vida, a conceituação teórica disso divergia. Na motivação das frases introdutórias ao trabalho no jardim da infância, ela fala da "superação do princípio do prazer" e da necessidade de substituí-lo "pelo princípio da realidade". Vera Schmidt estava enredada pela conceituação inexata da psicanálise da antítese mecanística entre o prazer e o desempenho, em vez de ver justamente na realização do princípio do prazer momentaneamente dado naturalmente a melhor base da sublimação e adaptação social. Seu trabalho prático contradizia sua convicção teórica.

Importante para a avaliação de tais experiências de reestruturar a nova geração é o destino que o lar de crianças sofreu. Logo depois da fundação do lar diversos boatos se espalharam pela cidade. Dizia-se que as coisas mais horríveis ocorriam no estabelecimento, que os educadores, com fins de observação, excitavam as crianças sexualmente antes do tempo, e outras coisas mais. A autoridade com permissão, da qual o lar de crianças tinha sido fundado, iniciou uma investigação. Alguns educadores e pediatras se pronunciaram a favor, os psicólogos naturalmente contra. O comissariado da educação declarou, por intermédio de seus representantes, que o lar de crianças não podia mais ser mantido, mas baseou a resolução apenas nas despesas excessivas de manutenção do estabelecimento. A verdadeira razão era outra. No Instituto Neuropsicológico, ao qual o lar de crianças estava anexo, realizou-se uma mudança de direção. O novo diretor, que também estava na comissão de investigação, deu uma sentença condenatória. Insultou até a direção, os colaboradores e as crianças do laboratório. Depois disso, o Instituto Psiconeurológico não somente cancelou qualquer assistência futura ao lar de crianças, mas também se apressou a desligar-se dele ideologicamente.

Quando o lar estava para ser fechado, precisamente no dia em que a resolução deveria ser publicada, apareceu um representante da Associação dos Mineiros Alemães "Union" e em nome da Liga de Mineiros alemães e russos fez a proposta de subvencionar a nova organização científica material e economicamente em nome da Liga. A partir de abril de 1922, o lar de crianças foi suprido de alimentos pela associação alemã "Union" e de material de aquecimento pelos mineiros russos. O lar de crianças mudou seu nome para "Laboratório Lar de Crianças Solidariedade Internacional". Não pôde, porém, continuar por muito tempo. Comissões, vigilâncias e retiradas de qualquer auxílio determinaram seu fim. Significativamente, a dissolução do lar de crianças ocorreu aproximadamente na mesma época em que o refreamento geral da revolução sexual russa começou a se impor.

Não devemos deixar de mencionar que a "Associação Psicanalítica Internacional" teve também uma atitude em parte cética e em parte muito condenatória com relação à experiência de Vera Schmidt. O desenvolvimento posterior da psicanálise para um ensinamento *antissexual* já naquele tempo se caracterizou nessa condenação. Apesar disso, o trabalho de Vera Schmidt foi a primeira experiência educacional na história a conferir sentido prático à teoria da sexualidade infantil. Pode-se comparar calmamente essa experiência, se bem que em outras medidas quanto à sua significação histórica, com a comuna de Paris. Vera Schmidt indubitavelmente foi a primeira educadora que compreendeu puramente por intuição tanto a necessidade quanto a natureza da reestruturação socialista do homem. E, como sempre e em todo lugar no decorrer da revolução sexual russa, autoridades, "sábios", psicólogos e educadores famosos fomentaram a vitória do retrocesso, ao passo que as associações dos mineiros de carvão praticamente demonstraram que tinham compreendido o problema em seu integral significado, sem compreender teoricamente muito daquilo.

Vamos contrapor a essa experiência acertada da reestruturação da criança pequena aquilo que um educador alegadamente revolucionário, ao mesmo tempo e também depois, podia fazer sem sofrer qualquer perturbação. Ensinar-nos-á que nós, quando houver novamente uma oportunidade revolucionária, temos de dirigir-nos às ligas de mineiros e não aos psicólogos de formação reacionária.

3. FALSOS REVOLUCIONÁRIOS, EDUCAÇÃO PASTORAL

Quando o educador se dispõe a enfrentar as tarefas que lhe apresenta a educação da criança em desenvolvimento, dificilmente em outro setor encontrará questões tão difíceis como no da educação sexual. É verdade que ela não pode ser separada da educação em geral, mas colateralmente apresenta suas dificuldades especiais. O próprio educador deve ter tido uma educação sexual negativa; casa paterna, escola, igreja e todo o meio ambiente conservador o imbuíram de conceitos sexualmente negativos; estes entram em choque com seus próprios pontos de vista afirmativos da vida. Apesar disso, ele tem de se libertar da visão reacionária, se quiser educar positivamente e não hostilmente à vida, tem de formar sua própria conceituação fundamental e impô-la na educação das crianças. Nisso tomará de empréstimo uma grande parte da ciência educativa conservadora, rejeitará muito disso como antissexual e adaptará outras coisas. Esta é uma tarefa grande e difícil. A maior dificuldade é representada pelos pastores no campo revolucionário. Na maioria das vezes, são intelectuais sexualmente distorcidos, revolucionários por motivos neuróticos, os quais, em vez de ajudar com o saber, apenas criam confusão. A estes pertence o comunista Salkind, membro simultaneamente da Academia Comunista e da Associação Psicanalítica Internacional. Seus pontos de vista foram acirradamente combatidos pela juventude revolucionária na União Soviética, mas dominavam a ideologia oficial, também na Alemanha. Seu artigo "Algumas Questões da Educação Sexual dos Jovens Pioneiros", em *Das proletarische Kind* (Ano 12, n.o 1/2, 1932) deu ao Sexpol alemão muito trabalho. Queremos demonstrar com isso como é sem esperança a mistura de forma revolucionária e conteúdo sexualmente inamistoso.

Salkind começa com a constatação verdadeira de que o movimento pioneiro exerce influência sobre as crianças no seu "período de desenvolvimento mais importante"; ele tem os meios que faltam à família e à escola. Mas ele tem uma idéia da sexualidade infantil que se pode coadunar inteiramente com a cristã. Todos os erros seguintes de Salkind e de todos os seus correligionários derivam dessa idéia. Escreve ele:

Por isso (porque o movimento de pioneiros tem melhores condições de educação do que a família) tem de ser a força principal na luta *contra a canalização sexual parasita da energia das crianças em desenvolvimento*.

Salkind então considera a sexualidade infantil "parasitária"? Como é que chega a essa conclusão? Que quer dizer com isso? Que conclusões tira ele disso para a educação? "Parasita" quer dizer uma coisa estranha ao organismo. Esse filósofo sexual, que a União Soviética tolera, acha seriamente que se deve *evitar* a "canalização" da energia para o "parasita", "sexual".

Quando os Chefes pioneiros sabem apresentar o material do trabalho pioneiro numa forma que corresponde às necessidades da idade de transição, não resta mais energia para dominantes parasitas.

Salkind acredita, pois, que os interesses sexuais das crianças e jovens podem ser eliminados cem por cento. Não pergunta como é que os interesses coletivos devem ser colocados em harmonia com os sexuais, onde entram em conflito uns com os outros e onde isso não acontece.

Que diferença existe aqui entre Salkind e qualquer padre católico ou pedagogo reacionário, que estão convencidos da possibilidade do desvio cem por cento da energia sexual. Já não se pode mais negar a própria existência de sexualidade infantil e juvenil. Isso era mais cômodo. Hoje se chama desviar cem por cento o que é o velho conceito sob outra forma. Salkind nem de longe teve a idéia de perguntar por que é que a Igreja não permite a vida sexual infantil. Não pensou que, se quiser dar regras de educação, antes de mais nada tem de fundamentar por que defende o mesmo ponto de vista que o educador reacionário. Certamente ele tem uma idéia vaga da coisa quando vê um contraste entre a vida sexual e o coletivismo; ele quer eliminar a sexualidade no interesse do coletivismo.

São vítimas precoces dos impulsos sexuais principalmente as crianças solitárias, selvagizadas, crianças que não têm ligações ativas, vivas, com companheiros da mesma idade, que frequentemente ficam entregues a si mesmas... Quanto mais se fica isolado da vida coletiva, entregando-se à solidão, tanto mais próximo se fica de um parasitismo sexual precocemente amadurecido.

Isso são palavras ocas, ignorantes. Pois que quer dizer aqui "precocemente amadurecido"? Será precoce que uma criança de quatro anos masturbe? Será precoce que um jovem de 13 ou 15 anos, que se encontra na madureza sexual, se satisfaça? Será precoce que mais cedo ou mais tarde também deseja relações sexuais? Os Salkinds provam com a sua argumentação abstrata, à maneira de *slogans*, que fracassaram em descer das regiões da ética abstrata para as realidades da vida infantil e juvenil. E tinham razão cem vezes (não como Salkind achava que "estavam completamente errados") aqueles chefes pioneiros que imediatamente dirigiam sua atenção para o esclarecimento tão logo percebiam em seus grupos fenômenos sexuais não-sadios. Todo líder sensato da juventude ou da infância sabe que não é a falta de "coletivismo" a causa das chamadas "situações sexuais", mas, pelo contrário: a obscuridade da vida sexual infantil, que entre outras coisas é criado pelos pontos de vista de Salkind, é a causa principal da vida comunal perturbada. Nunca será possível estabelecer o coletivismo com base na completa repressão da vida sexual, a não ser autoritariamente. O "controle coletivo ininterrupto do comportamento sexual e outro comportamento das crianças deve constituir a base de um desenvolvimento sexual sadio", escreve Salkind. Aqui, bem entendido, "sadio" quer dizer "sem sexualidade". Essa "ética pioneira", Salkind pretende alcançar por "hábil organização do trabalho". Mas agora não queremos mais fazer frases, mas imaginar concretamente o que aqui se propõe. Quanto tempo os jovens devem trabalhar? Ininterruptamente? Quer dizer, também de noite, quando estão deitados nas camas? Para que não peguem nas partes genitais? E sobre os jogos de crianças e jovens teremos que exercer "controle coletivo ininterrupto" para que as crianças não

fiquem enamoradas, para que não se desenvolvam "aventuras amorosas"? Salkind expressamente se refere também a "crianças" na idade de 13-16 anos. De jovens na maturidade sexual, portanto! Por que então *não* deveriam essas "crianças" enamorar-se? Por que perturba o coletivismo? Ou por que os Salkinds não podem vê-lo? Jovens comunistas berlinenses em saraus de debates públicos constataram irretorquivelmente que os grupos tendem a desintegrar-se justamente quando há poucas moças no grupo; permanecem unidos justamente quando moças e rapazes estão presentes em número aproximadamente igual. Talvez porque então "exercem controle coletivo ininterrupto" e não deixam aparecer "idéias fúteis de amor"? Ou porque quando então se encontram parceiros, e a vida amorosa deixa de ser um assunto perturbador da vida coletiva? Os Salkinds chegam aos absurdos porque não fazem *distinção* entre vida amorosa *perturbada* e *imperturbada*; porque não examinam as causas da vida amorosa "selvagizada"; porque não vêem que justamente a inibição da vida amorosa, porque os impulsos sexuais nunca podem ser mortos, é que causa essa selvagização; uma cooperação coletiva então se torna completamente impossível. Como soa inexpressiva, burocrática e inimiga da vida a seguinte tese:

Um coletivismo ativo é o melhor meio para a educação do sentimento da Igualdade sexual; um colaborador não provoca idéias fúteis de amor; em compensação não restam forças desnecessárias e supérfluas nem tempo livre.

Que significa aqui "igualdade sexual"? Propagamos direitos iguais para os sexos: lutamos com a ideologia da liberdade sexual contra a reação política. Os Salkinds propagam a "igualdade dos sexos" na *não-permissão da vida amorosa*. Exatamente isso e nada diferente, exatamente a mesma coisa que dirigentes de uma liga da juventude católica, apenas com a diferença de que não negam a co-educação dos sexos, *ainda*¹⁸ não negam. Mas justamente por isso chegam a absurdos. Concretamente: Que devemos fazer então, de acordo com a ideologia de Salkind, quando um rapaz e uma moça realizam juntos qualquer trabalho político ou organizacional importante e, apesar dos dez mandamentos de Salkind, se enamoram um do outro? Que devemos fazer? Exercer controle coletivo? Ou "sufocar" o namoro arranjando mais trabalho para eles? Ou impor a igualdade sexual na abstinência? E isso na idade que o próprio Salkind qualifica como a "fase mais importante do desenvolvimento infantil" — "a fase dos impulsos sexuais em amadurecimento". Que desfaçatez e hipocrisia, depois de tudo isso, estão contidas nas seguintes palavras:

Completa confiança mútua e consideração mútua, completa franqueza mútua — esta é a condição principal sem a qual, na divisão de pioneiros, um sistema educacional sadio é impossível.

Como é que os pioneiros poderão conseguir confiança e consideração entre si e perante o líder se não compreendem as crianças e jovens numa de suas questões mais candentes?

A criança na idade de pioneiro sabe bastante sobre questões sexuais, demais até (portanto, de acordo com Salkind, "saneamento sexual das crianças"), mas não sabe isso e não o sabe da maneira como seria necessário. E o líder não deve calar esse desencaminhamento, mas tem de falar. Mas como deve falar?

Como, pois, deve o líder de pioneiros falar? Estamos muito curiosos. Mas já vem, na linha seguinte:

De qualquer forma não deve fazer às crianças preleções sobre a questão sexual. Mais do que isso: não deve falar com as crianças de forma alguma sobre temas sexuais especiais.

Quer dizer, apenas em conexão com questões políticas e sociais? Isso estaria em ordem, mas não assim:

¹⁸ (1949) A co-educação na União Soviética foi sustada há alguns anos. Nos Estados Unidos, ela está-se ampliando cada vez mais.

Em crianças isoladas, pode-se notar onanismo, com observação minuciosa. (Em crianças "isoladas", apenas na idade de 13 a 16 anos, na fase dos impulsos sexuais em amadurecimento.)

Apenas com observação "minuciosa"! A seguir:

Aqui o maior cuidado por parte do líder é necessário, pois as crianças são especialmente sensíveis (com razão, W. R.), quando se procura combater nelas tais *hábitos nocivos* ...

Exatamente assim se expressava nosso Padre Carola alemão!

Em cada caso, a ingerência na esfera imediatamente sexual da criança é permitida ao líder apenas naqueles casos em que nessa questão teve antes instrução pedológica-pedagógica. (Podia perguntar: Cem quem? E que espécie? Que o onanismo é um hábito pernicioso?) Um debate em massa de tais males sob a direção do líder na seção é absolutamente inadmissível. A coisa tem de ser sufocada na semente sob quatro olhos (que coisa? O "escândalo" de que crianças masturbam?) em que é lícito apoiar-se nos melhores ativistas de cuja "*inatacabilidade sexual*" se esteja convencido.

Assim se deve apresentar, pois, a "completa sinceridade mútua"! Não admira que se encontre nos grupos pioneiros "abandono sexual", isto é, uma vida sexual controvertida, obscurecida e contraditória!

Os Salkinds jamais compreenderam o que qualquer rapaz, embora não "sexualmente inatacável" pela sua própria vida, sabe a respeito de si mesmo: que nunca a atividade sexual em si, mas sempre apenas as inibições e os métodos de educação à *la* Salkind, que entram em conflito com as exigências sexuais naturais, é que criam a delinquência sexual.

não... sem necessidade premente, sem sinais prévios de alarma, pode e deve o líder tocar, entre outras questões, na questão sexual.

E nesse turbilhão de pontos de vista algum líder de grupo de juventude que se oriente!

Tais pedagogos se evadem das imensas dificuldades que resultam imediatamente quando se segue *até o fim* o raciocínio da vida sexual infantil e juvenil. Não é possível esclarecer crianças e jovens e ao mesmo tempo proibir-lhes jogos sexuais e onanismo. Não é possível esconder-lhes a verdade sobre a função da satisfação sexual. Tudo o que se pode fazer é dizer a verdade e finalmente deixar que a vida siga um curso completamente desimpedido. Potência sexual e frescor e beleza corporal têm de tornar-se ideais duradouros do movimento revolucionário. A revolução não deve querer o boi de carga, mas o touro, não pode querer o capão, mas o galo. Os homens ficaram bois de carga por tempo demasiado. Castrados não são lutadores revolucionários.

4. NOVAMENTE A QUESTÃO DOS DELINQUENTES

A revolução russa não teve que lutar somente contra as situações deterioradas que herdara do tzarismo e contra os resultados da guerra civil e da fome; não dispunha de educadores, especialmente instruídos corretamente no campo sexo-lógico, em quantidade suficiente para dar conta do problema monstro da delinquência juvenil. Além disso, os castrados de alma se apegavam ao seu movimento como pesos aos pés de um saltador. O resultado final da incompreensão da revolta sexual da juventude foi um agravamento da questão dos delinquentes em 1935. Não se pode afirmar que a nova onda de delinquência se tenha originado da situação nos anos da guerra civil, pois os delinquentes de 1934/35 já eram crianças nascidas no novo sistema social. Em questões tais não adianta nenhuma falsa consideração e nenhuma mistificação de fatos. A União Soviética tinha feito todo o imaginável para resolver a questão dos delinquentes. O filme *O Caminho para a Vida*, que constitui um documentário permanente do trabalho educativo revolucionário, mostra como eram excelentes os trabalhos no campo da cultura e da educação trabalhistas. Mas, temos que perguntar, por que é que a

solução do problema dos delinquentes acabou fracassando? Que fracassou provam as resoluções do Conselho dos Comissários do Povo da URSS e do Comitê Central do Partido Comunista sobre a liquidação da delinqüência e a supervisão insuficiente das crianças em junho de 1935:

O Conselho dos Comissários do Povo da URSS e o Comitê Central do Partido Comunista constataram que a existência de delinquentes juvenis nas capitais e em outras cidades do país agora que a situação material e cultural dos trabalhadores da cidade e do campo melhora sensivelmente, e o Estado sanciona meios poderosos para a manutenção das instituições para crianças, é explicável principalmente pelo trabalho inadequado dos órgãos soviéticos locais, das organizações do partido, sindicatos e Komsomol para a liquidação e prevenção da delinqüência juvenil e pela ausência de participação organizada do público soviético nessa questão.

a) A maioria dos lares de crianças é economicamente insatisfatória e educacionalmente insuficiente;

b) a luta organizada contra o banditismo das crianças e de elementos criminosos entre crianças e jovens está sendo travada de maneira completamente inadequada, não existindo absolutamente em diversos lugares;

c) até agora não se tomaram medidas para que as crianças que por quaisquer motivos estão entregues às ruas (que perderam os pais ou os abandonaram, que fugiram de alguma instituição e outras coisas mais) sejam acomodadas imediatamente em instituições adequadas ou levadas de volta aos pais;

d) contra pais e tutores que se comportam indiferentemente perante as crianças e permitem que elas se entreguem ao banditismo, roubo, deterioração dos costumes e vagabundagem, não estão sendo tomadas medidas, e eles não estão sendo chamados à responsabilidade.

Não era o "trabalho inadequado" que tinha a culpa!

Recorria-se novamente à responsabilidade dos pais e a medidas que não se encontravam mais na linha dos princípios anteriores de educação. Será que esses mesmos princípios de educação tinham fracassado? Não, apenas apresentavam lacunas, não tinham incluído o problema principal; sim, freqüentemente o transtornavam conscientemente. Era o problema da vida sexual das crianças. Pois a ideologia social coletiva e vida coletiva dos adultos *com a conservação de exigências ascéticas para as crianças? hipocrisia sexual e educação familiar têm de, necessariamente, levar à delinqüência juvenil.*

É totalmente inacreditável que, com o desenvolvimento liberal generalizado, as exigências sexuais das crianças não pudessem ser reprimidas sem prejuízo para a sociedade e para a criança. O Governo soviético em 1935 envidou imensos esforços materiais para o combate à delinqüência. Na Portaria n.º 3, "Sobre a Organização da Luta contra o Banditismo das Crianças na Rua", a administração principal da milícia de operários e camponeses devia intensificar a luta. Os comissariados do povo para educação das repúblicas da União deviam abrigar as crianças sem protesto nas respectivas instituições. Os órgãos da milícia foram autorizados a multar os pais por distúrbios e banditismo das crianças na rua até 200 rublos. Ficou determinado que pais e tutores fossem responsabilizados materialmente por ações de crianças que causassem danos materiais. Se os pais não zelassem "pela supervisão adequada sobre o comportamento dos filhos", os filhos deviam ser apreendidos e instalados num lar de crianças às custas dos pais.

O *Arbeiderbladet* norueguês de 16 de junho de 1935 noticiou que o Governo soviético teve de recorrer à medida das prisões em massa dos delinquentes juvenis. Além de furto, arrombamento, sãques, o *Arbeiderbladet* salienta a infestação dessas crianças de doenças venéreas: "Como uma onda de peste, as crianças levavam consigo a matéria de infecção de local para local." Certo é que depois dessa notícia os banhos públicos, lares de crianças e hospitais foram postos t disposição das crianças, mas elas se recusaram a fazer uso dessas instituições. Ficou evidente que as crianças fugiam em

massa dos lares infantis. Quase diariamente, relata o *Arbeiderbladet*, podem-se ler anúncios no *Istvestia*, em que se procuram crianças fugidas. "Até há pouco tempo, essa espécie de anúncio jamais aparecia na imprensa russa, mas agora é bem comum", escreve o *Arbeiderbladet*. O jornal também salienta as medidas do Governo soviético contra isso: fornecimento de professores qualificados, de ferramentas e máquinas, filmes educativos e livros didáticos especiais. Além disso, procura-se mobilizar toda a população a fim de se resolver a questão.

Em conversa com os educadores russos Vera Schmidt e Geshelina, em 1929, esforcei-me exaustivamente para chamar a atenção para a insuficiência e desesperança de tais tentativas quando feitas sem quaisquer outras ajudas. Já naquele tempo estava completamente claro que o problema dos delinquentes na União Soviética, se bem que se tivesse desenvolvido por motivo de situações da guerra civil, derivava sua alimentação continuamente da falta de clareza da vida sexual. Trabalho havia em quantidade suficiente na União Soviética. A terapia do trabalho estava altamente desenvolvida. O desemprego desaparecera. Os lares infantis e as organizações coletivas em sua maioria tinham instalações modelares. E, *apesar disso*, as crianças continuavam a fugir, preferindo a vida perigosa e destruidora das ruas e a insocialidade à vida nos lares de crianças. Esse gigantesco problema não pode ser resolvido apenas com educação para o trabalho nem explicado com referência à curiosidade romântica da alma infantil ou juvenil. Tivemos na Alemanha as mais amplas possibilidades de estudar a verdadeira natureza da delinqüência e da conseqüente educação assistencial. Quando meus esforços em prol da cura sexual da juventude se tornaram conhecidos, um número cada vez maior de jovens fugidos da assistência social veio a mim, falando-me de modo franco e honesto, porque eu os compreendia em seu problema principal, em sua miséria e nos verdadeiros motivos de seu comportamento anti-social. Posso assegurar que eram rapazes excelentes, entre eles alguns muito inteligentes e capazes. Frequentemente constatei quanto mais vitalmente vigorosos são esses chamados delinquentes do que os jovens hipócritas e bem comportados na escola, justamente por isso, porque se rebelaram, porque se amotinaram contra uma ordem social que lhes negava o direito mais primitivo da natureza. Não há muitas variantes do seu tema. Sempre e sempre é a mesma estória: não tinham sabido lidar com as suas fantasias e suas excitações sexuais. Os pais jamais os tinham compreendido, os professores e autoridades tampouco. Jamais conseguiram falar com alguém sobre isso. Pelo contrário, tinham-se tornado mais fechados, desconfiados e maldosos. Tinham conservado o segredo para si mesmos, tinham que conservá-lo, encontrando compreensão para essas suas preocupações apenas com outros da mesma idade, de estrutura semelhante e dificuldades similares. Já que não os compreendiam na escola, boicotavam a escola; já que os pais não os compreendiam, amaldiçoavam os pais. Por estarem ligados profundamente ao mesmo tempo aos pais e inconscientemente, apesar de tudo, esperem auxílio e redenção, resvalaram para os mais graves conflitos de teimosia acentuados por sentimentos de culpa. Assim vieram para a rua. Lá também não eram felizes, mas sentiam-se livres. Até que a polícia os apanhara e metera na assistência social, frequentemente apenas porque alguns, sendo moças de 15, 16 e 17 anos, tinham sido apanhados com rapazes. Em muitos desses jovens pude constatar que eram fisicamente sadios, criteriosos e rebeldes com razão, até o momento em que a polícia e a assistência social lhes deitaram as garras. Desse momento em diante tornaram-se psicopatas, socialmente execrados. Os crimes da sociedade contra tais crianças são incomensuráveis. Era possível, e isso é prova adicional para a exatidão dos meus pontos de vista, recuperar ou corrigir tais "delinquentes" juvenis e realmente orientá-los quando se lhes provava praticamente que eram compreendidos.

Se mesmo na Alemanha o problema das crianças e dos jovens era imensamente complicado; é evidente então que o conflito entre as exigências prementes da sexualidade tormentosa e a sabotagem da sociedade num país como a União Soviética tinha que agravar-se já que se anunciava liberdade completa, permanecendo no entanto a repressão sexual. Vida coletiva generalizada e manutenção da educação infantil familiar necessariamente tinham de levar a explosões sociais. Também não devemos esquecer que as mães soviéticas cada vez mais eram absorvidas pelo processo de produção, despertavam como membros ativos da sociedade e em conseqüência criavam um novo conflito em sua relação com as crianças. Já que as mães estavam trabalhando fora de casa, os filhos também

queriam ir para a vida. O caminho para a vida lhes tinha sido aberto, mas muitos deles não queriam trilhar esse caminho, quando se lhes fechava o da sexualidade. Este tem sido constantemente o fundamento atuante da delinqüência na União Soviética, e não a situação da guerra civil em 1935, e de forma alguma o sistema soviético. Pode-se afirmar sem constrangimento: a delinqüência juvenil é a manifestação visível da crise sexual subterrânea na vida infanto-juvenil. E pode-se profetizar que em tempo algum qualquer sociedade conseguirá resolver o problema da delinqüência, o problema da psicopatia das crianças e adolescentes, se não conseguir a coragem e o saber para ordenar a vida sexual infanto-juvenil no sentido sexualmente afirmativo.

Hoje de modo algum podemos predizer quais as medidas individuais que adotaremos quando nos for apresentado o problema de resolver essa questão. Novamente apenas podemos mostrar correlações gerais e necessidades generalizadas.

A solução da questão dos delinqüentes em especial, como a da educação infantil em geral, depende de se e como será possível eliminar a formação de ódio incestuoso e carregada de sentimento de culpa dos filhos pelos pais na formação da estrutura psíquica. É uma consequência lógica que isso não pode obter êxito se as crianças não forem para a educação coletiva *antes* de terem sido capazes de formar essas ligações mentalmente destruidoras aos pais, aproximadamente, pois, *antes* do quarto ano de vida. Isso *não* significa a destruição das relações amorosas naturais entre pais e filhos, mas apenas das ligações neuróticas, doentias. A solução desse problema certamente fracassará se não se resolver o conflito lato entre a vida coletiva e a família numa ampla escala social. Os pais devem poder amar e gostar inteira e desimpedidamente dos filhos e vice-versa. Mas, por contraditório que possa parecer, é justamente isso que pressupõe a abolição da família compulsória e da sua educação. Fracassaremos se não destruímos a marginalização da sexualidade infantil e o sentimento dela decorrente de marginalização pela sociedade por desejos e ações sexuais. Temos que impedir, por todos os meios, que ainda exista a possibilidade de um noticiário da seguinte espécie:

"Garrik, de seis anos: 'Pelo amor de Deus, que aconteceu?' Algo completamente incrível. Lubka, de oito anos, mal aprendeu a escrever 'enamorado-se' e passou a Pawlik, de oito anos, um bilhete: 'Meu docinho, meu confeitinho, meu brilhante dourado...' 'Enamorar-se! Que pequenoburguesismo! Os tempos do Tzar Nicolau já passaram!' — A coisa é discutida acaloradamente, e Lubka, por castigo, tem de deixar de ir ao *playground* durante três dias." Assim escreve Fanina Halle, para provar a moralidade do sistema soviético, para reabilitar o comunismo perante todo o mundo "decente", em sua famosa obra, *A Mulher na União Soviética*, pág. 235.

Educadores e cientistas sexuais "socialistas", que não suportam a visão de duas crianças que se acarinham, que não conseguem apreender a graça e a naturalidade axiomática da sexualidade infantil, são completamente inúteis para a educação revolucionária da nova geração; por mais bem intencionados que sejam. No impulso sexual infantil, na prova de amor sexual infantil, há infinitamente mais decência, veracidade, força e energia de vida que em milhares de análises e teses insípidas. Aí, na vivacidade da natureza infantil, encontra-se a garantia de construção de uma sociedade de homens verdadeiramente livres, e somente aí.

Isso está assegurado; mas seria perigoso novamente se com essa simples constatação se quisesse considerar que todos os problemas já estão solucionados. Temos que estar preparados para que a alteração da estrutura humana da vida patriarcal, autoritária, para a voluntária, capaz de alegria, nos apresentará os problemas mais difíceis de serem resolvidos. Muitas vezes pronuncia-se mecanicamente a frase marxista de que "o próprio educador tem de ser educado". Já é tempo de imaginar-se concretamente e dominar na prática como essa frase deve ser compreendida: os educadores da nova geração, pais, pedagogos, dirigentes estatais, políticos, economistas, têm de ser, eles mesmos, sexualmente sãos em primeiro lugar antes de poderem permitir que se eduquem as crianças e jovens corretamente no sentido sexual-econômico.

CAPÍTULO VII

O QUE SE CONCLUI DA LUTA SOVIÉTICA POR UMA "NOVA VIDA"

O funcionário trabalhista, o educador, o conselheiro da juventude e todos aqueles que se encontram diante da execução de tarefas cotidianas agora exigirão diretrizes concretas para seus trabalhos. É compreensível, mas de forma alguma possível. Dos fracassos e das reviravoltas revolucionárias primeiramente só se pode aprender que os esforços humanos fracassaram; somente se podem indicar esquematicamente um esboço dos meios e caminhos do desenvolvimento revolucionário que nos mostram a direção aproximada na qual temos que procurar. Não podemos saber como, no caso de uma nova reviravolta revolucionária neste ou naquele país, a situação se apresentará concretamente. Mas sempre se trata apenas de aplicar fundamentos gerais a situações concretas. De modo algum, devem-se criar imagens utópicas no indivíduo; apenas barram qualquer caminho para a realidade concreta no momento em questão.

Um dos muitos fundamentos gerais, que resultam da investigação do refreamento da revolução sexual na Rússia, é indubitavelmente a explícita *garantia de todas as pressuposições e condições para a felicidade sexual do homem*. Já que a legislação soviética de 1917-1921 estava inteiramente na direção certa, adotaríamos essas leis provavelmente com apenas algumas modificações mínimas. Há necessidade de medidas sérias para que as leis baixadas cheguem realmente a uma ação prática, isto é, se tornem parte da estrutura humana. Além disso, na União Soviética faltou uma série de medidas que teriam dirigido a revolução surgida espontaneamente na vida sexual para rotas ordenadas.

A fim de assegurar a legislação revolucionária para todos os tempos, é indispensável tirar a responsabilidade pela saúde sexual da população das mãos dos urólogos e velhos professores de higiene. Para cada trabalhador, cada mulher, cada camponês, cada jovem, tem de ficar claro que, nesse campo, na sociedade conservadora não existem autoridades; que aqueles que se consideram higienistas e médicos sexuais se encontram imbuídos de atitudes ascéticas e de medo pelo "comportamento decente dos seres humanos". Com base no trabalho com a juventude e nas organizações operárias, está estabelecida a conclusão de que qualquer rapaz operário médio sem instrução, porém sadio, tem um melhor sentimento e um juízo mais acertado das questões da vida sexual do que qualquer dessas autoridades. Com base nesse ponto de vista acertado, a gente trabalhadora conseguirá sem dificuldade criar dentro do seu próprio meio os funcionários e as organizações que terão de lidar com as questões da revolução sexual.

A nova ordenação da vida sexual tem que começar pela educação da criança. Por esse motivo é indispensável que os professores sejam reeducados e que a massa da população aprenda a usar seu instinto acertado nessas questões para criticar os velhos educadores sexualmente mal instruídos. A reeducação dos professores provavelmente será mais fácil do que convencer os higienistas e políticos demográficos. Na Europa ocidental e na América multiplicam-se constantemente os sinais de que os educadores do campo progressista procuram espontaneamente novos rumos na educação de crianças e jovens e em muitos casos já estão desenvolvendo o ponto de vista *sexualmente afirmativo*.

A nova ordenação da vida sexual fracassará se os líderes políticos do movimento operário não derem a devida atenção a esse setor. Líderes trabalhistas orientados sexualmente de maneira ascética são grandes empecilhos. Teremos que incutir nos líderes políticos, mal instruídos no campo da vida sexual e muitas vezes co-sofredores, a convicção de que têm de *aprender* antes de poderem liderar.

Além disso, será imprescindível não colocar de lado como uma "distração da luta de classes" as discussões sobre "A questão sexual", mas enquadrá-las na tarefa geral para a construção da sociedade livre. Nunca mais um movimento trabalhista vitorioso deverá permitir que socialistas pastorais, intelectuais éticos, neuróticos compulsórios ou mulheres sexualmente perturbadas tenham que decidir sobre a nova ordenação da vida sexual. Deve-se saber que essas camadas da população, justamente nos momentos em que tudo exige maior clareza, se imiscuem no debate, compelidas por sentimentos inconscientes. Assim, comumente o trabalhador mal instruído é calado porque, pelo respeito que dispensa ao intelectual, concede o que não tem justificativa alguma, porque aquele saberia melhor. Toda organização de massa terá que ter funcionários sexologicamente bem instruídos, empregados exclusivamente para observarem o desenvolvimento da organização com vista ao comportamento sexual, para aprenderem com essas observações e, em entrosamento com uma divisão sexológica central, procurarem resolver as dificuldades.

Além de uma legislação positiva e medidas para segurança da sexualidade, há necessidade de uma série de providências que resultam das experiências do passado.

Assim, por exemplo, deve ser proibida qualquer literatura produtora de temor sexual. A esta pertencem histórias pornográficas e de crime e mistério, bem como contos de terror para crianças. Essa literatura terá de ser substituída por outra que, em vez de provocar calafrios, descreva e debata o sentimento genuíno para os mananciais infinitamente abundantes da natural alegria de viver.

A experiência ensina inequivocamente que qualquer impedimento da sexualidade infantil e juvenil pelos pais, professores ou autoridades tem de ser eliminado. De que maneira isso deve ser realizado ainda não é possível dizer hoje. *Mas não é mais lícito duvidar da necessidade de proteção legal para a sexualidade infantil e juvenil.*

As melhores providências legais não valem mais que o papel sobre o qual estão escritas enquanto não se tem certeza sobre as dificuldades que criarão — sob as condições políticas dadas e a estrutura hodierna do homem — em virtude da afirmação da sexualidade das crianças e dos jovens. Se os próprios pais e professores das crianças não tiverem sido educados erroneamente, se eles próprios não estivessem doentes e se às crianças e adolescentes se pudessem fornecer imediatamente as melhores condições educacionais, as coisas seriam simples. Mas já que este não é o caso, duas medidas se tornam simultaneamente necessárias.

A) Instituições educacionais modelares para educação coletiva terão que ser estabelecidas em diversas regiões. Nelas, educadores bem instruídos, realistas e sexualmente sadios devem observar detalhadamente o desenvolvimento da geração adolescente e ao mesmo tempo procurar resolver os problemas práticos que surgirão. Essas instituições constituirão o núcleo a partir do qual os princípios da nova ordem se difundirão na sociedade. Isso é um trabalho longo, árduo e penoso, mas com o tempo é a única possibilidade de dominar o problema de submissão dos homens. Além dos educandários-modelo, *institutos de pesquisa* determinariam, de forma completamente diversa da adotada até agora, a fisiologia da sexualidade, a prevenção das doenças mentais e as condições da higiene sexual. Não considerariam, como até agora, sua principal tarefa colecionar falos indianos e curiosidades sexológicas de diversas espécies.

B) Fora desses centros tratar-se-á de preparar a regulamentação sexual-econômica natural da vida sexual em termos de massa. O primeiro princípio que provavelmente teria de ser reconhecido aqui é que a vida sexual *não é* assunto particular; isso não deve ser compreendido no sentido de que então qualquer funcionário público teria o direito de se imiscuir nos segredos da cama de alguém. Significa que a preocupação pela reestruturação sexual do homem para o estabelecimento de sua integral capacidade de prazer sexual não pode ficar entregue à iniciativa privada, mas representa uma questão cardinal da totalidade da vida social.

Para a totalidade em geral, na medida das possibilidades econômicas existentes, poderiam ser realizadas imediatamente algumas providências que preparariam a ordenação posterior da vida

sexual. Pressuposição para isso será que não se considere a vida sexual da massa como assunto de segunda ou até de última ordem. Assim, por exemplo, fabricar-se-ão bons anticoncepcionais da mesma forma e com o mesmo cuidado que as grandes máquinas. O estabelecimento das melhores fábricas de anticoncepcionais centralmente organizadas sob direção científica, com a exclusão de qualquer comercialismo, será uma das primeiras providências que têm de ser tomadas quando se visa a higiene sexual da massa. A propaganda do controle da natalidade não pode ficar somente no papel, *mas* tem de ser realizada *praticamente*.

Não se pode pensar em evitar uma repetição da catástrofe sexual soviética se não se atacar, imediatamente depois de assumir o poder, a solução da *questão de espaço* para a juventude e os solteiros. Como conheço bem os jovens, sei que eles alegremente solucionarão praticamente a questão de espaço sem esperar providências de cima.

A construção de lares de emergência para a juventude é necessária e realizável. Pressuposição para isso será que não se encontre nenhuma entidade competente que se coloque contra tal coisa de maneira moralista. A juventude tem de adquirir o sentimento de que possui todas as possibilidades de construir sua própria vida. Por isso certamente não se evadirá aos seus trabalhos sociais gerais. Pelo contrário, se resolver o problema de espaço por si só aos poucos, também realizará os trabalhos sociais gerais com alegria decuplicada. Toda a população tem de adquirir o sentimento seguro de que a administração estatal revolucionária está fazendo tudo para assegurar a felicidade sexual, sem condições e sem restrições. O esclarecimento das massas sobre a nocividade do aborto e o perigo das doenças venéreas será desnecessário na mesma idade em que progredir o esclarecimento das massas sobre o valor da sexualidade natural, sadia.

Se a população se sentir imediatamente compreendida de modo prático em suas necessidades sexuais, também construirá máquinas prazerosamente — sem compulsão. Uma população vivendo sexualmente feliz será a melhor garantia da segurança social geral. Com alegria construirá sua vida e a defenderá contra qualquer perigo reacionário.

Se não se quiser ser forçado mais tarde, por causa do "caos sexual" no exército e na marinha, reverter à cláusula da homossexualidade, é necessário, desde o princípio, tratar da solução de um dos problemas mais difíceis da economia sexual social: *A inclusão da juventude feminina na vida do exército e da marinha*. Por inconcebível que isso possa hoje parecer ao especialista militar: não existe caminho diverso deste, quando se quer evitar a deterioração sexual pelo serviço militar. Evidentemente, esse problema não é fácil de se resolver; mas em princípio vale o que ficou dito.

Teatro, cinema e literatura não poderão mais ser colocados exclusivamente à disposição de problemas econômicos, como na União Soviética. Não se podem eliminar do mundo os problemas da vida amorosa, que na literatura de todos os tempos dominam 90 por cento de toda a produção, e também não se pode substituí-los pela exaltação e canto às máquinas. Em lugar da espécie de cultura amorosa reacionária, patriarcal, na literatura, no cinema etc., terá de entrar **simplesmente** a espécie afirmativa de vida. Com isso evitaremos a reversão à forma burguesa neste campo, ao sentimentalismo barato.

O trabalho geral no campo sexual-político não ficará entregue à iniciativa ou confusão de médicos mal instruídos ou mulheres insatisfeitas, mas como qualquer espécie da vida social, será *organizado* coletivamente e *solucionado* sem burocracia. Seria fútil quebrar desde já a cabeça com os detalhes dessa organização. A questão de organização se solucionará por **si** mesma quando a vida sexual da população passar à primeira linha do trabalho social.

De forma alguma uma repartição central poderá decretar a nova organização da vida sexual. Uma rede de organizações sexual-políticas, de malhas bem grandes, mediará entre a vida real da massa e os centros especificamente instruídos; de acordo com os serões de instruções da Sexpol alemã, colocará em discussão os problemas da vida das massas e voltará à vida das massas com as soluções já possíveis. Os pesquisadores e políticos sexuais liderantes de qualquer forma terão de ser

examinados quanto à sua saúde sexual e à ausência de qualquer forma de conceituação ascética moralizante. Não combateremos a religião; mas não nos deixaremos tomar o direito de assegurar a felicidade sexual das massas e levar os conhecimentos da ciência às massas. Verificar-se-á então se a Igreja, com a sua afirmação da natureza sobrenatural do sentimento religioso, está com a razão. Não escondemos, entretanto, que protegeremos as crianças e os jovens contra a implantação de sentimentos de temor e culpa sexuais.

No processo da revolução sexual, a família impreterivelmente desmoronará. Uma volta à velha ordem familiar será impossível. Os sentimentos e liames familiares das massas têm de ser levados em conta, debatendo e dominando a questão familiar sempre *diante de todo o público* à medida que surjam os problemas. Nosso ponto de vista é o seguinte:

A meta do trabalho sexual-político, revolucionário e cultural se cristaliza em virtude dos acontecimentos sem racionalizações.

A vida vegetativa do homem, que ele reparte com toda a natureza, almeja desenvolvimento, atividade, prazer e evita desprazer e experimenta a si mesma em forma de sensações empolgantes; compelidoras. Dão os elementos nucleares de qualquer ideologia avançada e portanto revolucionária. Também a chamada "experiência religiosa" e o "sentimento oceânico" se baseiam em fenômenos vegetativos da vida. Há pouco tempo conseguiu-se reconhecer em alguns desses impulsos vegetativos fenômenos de carga bioelétrica dos tecidos. É compreensível, pois o homem nada mais é que um pedaço da natureza, que é impulsionada bioeletricamente.¹⁹

Ao sentimento religioso de unidade existencial com o cosmos, assim, pois, corresponde um fato da natureza. No entanto, a mistificação da oscilação orgânica em lugar de desenvolvimento trouxe uma paralisia completa. Cristo guiou os pobres crentes contra os ricos. O cristianismo primitivo no fundo era um movimento comunista cuja força impulsionadora para a frente, afirmativa da vida, foi invertida, pela simultânea negação sexual, para o ascético e sobrenatural. Tornando-se Igreja estatal, o cristianismo internacional, que almejava a redenção da humanidade, negava sua própria origem. A Igreja deve sua força às modificações poderosas, negadoras da vida, da estrutura humana pelo contexto metafísico da vida: Ela deve sua vida à vida que a mata.

A teoria econômica marxista abriu caminho para as pressuposições econômicas da vida progressista. A União Soviética provou sua exatidão. Mas a sua limitação por pontos de vista grosseiramente economistas e mecanísticos causou uma modificação perigosa para a negação da vida com todos os seus sintomas bem conhecidos. O economismo nesses anos sucumbiu às mais pesadas lutas políticas porque condenou a formação da vontade de viver vegetativa como "psicologia", deixando-a para os místicos.

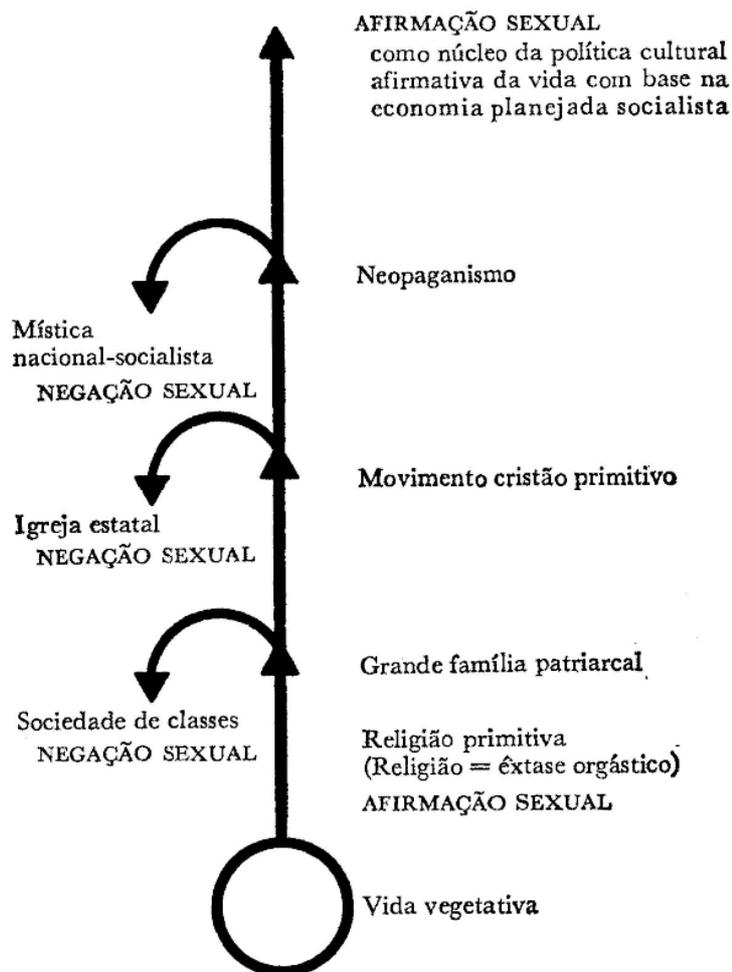
No neopaganismo do nacional-socialismo alemão novamente a vida vegetativa abriu caminho. A oscilação vegetativa foi apreendida melhor pela ideologia fascista do que pela Igreja e trazida para o campo da realidade. A mística nacional-socialista da "ebulição do sangue" e o "entrosamento com sangue e terra", portanto; significa um *progresso* perante o conceito cristão do pecado original; mas mergulha novamente em mistificação e em política econômica reacionária. A afirmação da vida novamente volta à negação da vida, torna-se no refreamento do desenvolvimento da vida, na ideologia do ascetismo, da servilidade, da obrigação e da comunidade de raça. Nem por isso pode condenar-se o ensinamento de pecado contra o ensinamento da "ebulição de sangue"; é preciso levar avante a "ebulição de sangue", endireitá-la.

Dessa relação entre velha cristandade e neopaganismo originam-se muitos mal-entendidos. Uns proclamam o neopaganismo como a religião revolucionária; percebem a tendência progressista, mas não vêem a sua distorção mística. Outros querem proteger a Igreja contra a ideologia fascista e

¹⁹ (1949) Desde a descoberta da energia orgone essa estruturação modificou-se bastante. (Cf. *The Discovery of the Orgone*, Nova York, 1942, 1948.)

acham, portanto, que estão agindo revolucionariamente. Pode ser que isso esteja atual e politicamente certo, mas com o tempo estará errado. Entre os socialistas há muitos que não gostariam de perder completamente a "experiência religiosa"; têm razão até onde querem dizer tendência de desenvolvimento vegetativo; estão errados quando não vêm o desvio real e o refreamento da vida. Ninguém ainda ousa tocar no núcleo sexual do desenvolvimento da vida, e cada qual aproveita seu próprio temor sexual para, embora afirmando a vida na forma de experiência religiosa ou revolucionária, praticamente no fôlego seguinte a inverter em negação da vida pela negação, sexual. Dessa forma completam-se socialistas religiosos e marxistas econômicos.

O esquema seguinte ilustra o que ficou dito.



Esquema do desenvolvimento político-cultural

A pesquisa sexual-econômica tirou a conclusão correta de sua base de ciência natural e dos fenômenos sociais: *É preciso auxiliar a afirmação da vida, em sua forma subjetiva, como afirmação do prazer sexual, e, em sua forma objetivamente social, como democracia trabalhista, a chegar à consciência subjetiva e ao desenvolvimento objetivo.* A afirmação da vida tem de ser conquistada *organizadamente*. O medo do prazer do homem é seu inimigo estrutural mais forte.

O temor do prazer orgânico, originado pela perturbação social do curso normal do prazer, na forma de modéstia, moralidade, servilismo ao líder etc., representa o núcleo das dificuldades de qualquer natureza que a prática de psicologia das massas e política sexual encontra no dia-a-dia. É verdade que se fica envergonhado de ser impotente, ou incapaz da distribuição de felicidade da vida, como se fica envergonhado de ser politicamente reacionário. A potência sexual permaneceu o ideal elevado, ser revolucionário do mesmo modo; todo reacionário apresenta-se hoje como

revolucionário. Mas ninguém quer admitir que perdeu as possibilidades de ter a sua felicidade na vida, de que tem um futuro desperdiçado *no passado*. Por isso a velhice se defende cada vez mais contra a afirmação concreta da vida pela juventude. Por isso a juventude envelhecida se tornou conservadora. Não se gosta de reconhecer que teria sido possível arrumar as coisas melhor, que agora se nega o que antigamente se afirmava; que para a realização dos próprios desejos vitais é necessária uma completa reorganização de todo o *processo* de vida que destruirá muitas satisfações de substituição e muitas ilusões valiosas. Ninguém quer amaldiçoar os executores do poder estatal autoritário e da ideologia asceta porque são chamados de "pai" e "mãe"; se bem que se fique resignado, nunca se desiste.

No entanto, o desenvolvimento da vida não pode ser sustado. Não é sem razão que se considerava o processo social como um processo da natureza. A volta para o ascético, autoritário, negador da vida talvez possa acontecer novamente; mas no final se verificará a vitória das forças da natureza no homem: a *unidade de natureza e cultura*. Todos os sinais denotam que a vida entrou em rebelião candente contra as amarras da maneira de vida que lhe foram impostas. A luta pela "nova vida" somente agora começava de verdade, primeiro ainda em forma da desagregação mais grave, material e psíquica, da vida individual e social. Mas quem é capaz de compreender a vida não desiste. Quem está satisfeito não rouba. Quem é sexualmente feliz não necessita de nenhum "esteio moral" e tem a sua "experiência religiosa" mais verdadeiramente natural. A vida é tão simples como esses fatos. Apenas torna-se complicada pela estrutura humana caracterizada pelo temor à vida.

A consecução geral teórica e prática da função vital e da segurança de sua produtividade chama-se revolução cultural. Sua base somente pode ser a democracia do trabalho natural. Amor, trabalho e saber são as fontes de nossa existência. Deverão regê-la também.

GLOSSÁRIO

Democracia do Trabalho — A democracia do trabalho não é um sistema ideológico, nem tampouco um sistema político que é imposto à sociedade pela propaganda de partidos, personalidades políticas ou grupos ideológicos. É a soma total das funções vitais desenvolvidas naturalmente, e em desenvolvimento, que organicamente governam as relações humanas racionais.

O que é novo na democracia do trabalho é que pela primeira vez na história da Sociologia uma possível futura ordem da sociedade humana é deduzida dos processos, que ocorrem naturalmente e que sempre estiveram em funcionamento, e não de ideologias ou de condições ainda por ser criadas. O que é novo é a renúncia e a rejeição de qualquer espécie de política e demagogia. Em tal ordem social, as massas trabalhadoras são realmente incumbidas de suportar o peso da responsabilidade social, em vez de serem aliviadas de tal peso. As ambições políticas são evitadas. Além disso, a democracia do trabalho modifica conscientemente a democracia formal — que consiste simplesmente em votar em representantes ideológicos sem qualquer responsabilidade subsequente por parte do eleitor — tornando-a uma democracia autêntica, concreta e prática, em escala internacional; uma democracia que se desenvolve organicamente das funções naturais do amor, trabalho e conhecimento. Também opõe-se ao misticismo e ao conceito do Estado totalitário não com ideologia, mas com as funções da vida prática governadas pelas suas próprias leis naturais,

Em suma, a democracia do trabalho não é um programa político, mas uma recém-descoberta função biossociológica básica da sociedade.

Economia Sexual — A economia sexual diz respeito à maneira de regulação da energia sexual, isto é, à economia das energias sexuais do indivíduo. "Economia sexual" significa a maneira pela qual o indivíduo manobra a sua energia biológica; quanta energia ele represa e quanta ele descarrega orgasticamente. Os fatores que influem nessa regulação são de natureza sociológica, psicológica e biológica. A ciência da economia sexual consiste no conjunto de conhecimentos que se originaram do estudo desses fatores. Esse termo foi aplicado ao trabalho de Reich desde a época de sua reputação da filosofia cultural de Freud até a descoberta da energia *orgone* quando foi então substituído por *Orgonomia*, a ciência da energia da vida.

Estrutura. Carácterica — A soma total das atitudes características típicas e das atitudes musculares (espasmos musculares crônicos) que o indivíduo estabelece como um bloqueio às suas excitações emocionais e sensações orgânicas. A maneira típica do indivíduo agir e reagir.

Política Sexual — O termo *política sexual* refere-se à aplicação prática dos conceitos da economia sexual no cenário social. Esse trabalho foi feito principalmente dentro dos movimentos da liberdade revolucionária e higiene mental, na Áustria e Alemanha, de 1927 a 1933.

Sexpol era o nome da organização alemã encarregada das atividades sexual-políticas das massas. O termo era usado também como uma abreviação de *política sexual*.